

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUANA FERREIRA DO NASCIMENTO

**O DESTINO DO CONCEITO DE PULSÃO NA OBRA DE FREUD:  
UM PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO A PARTIR DOS TRÊS PASSOS NA  
TEORIA PULSIONAL**

CURITIBA

2017

LUANA FERREIRA DO NASCIMENTO

**O DESTINO DO CONCEITO DE PULSÃO NA OBRA DE FREUD:  
UM PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO A PARTIR DOS TRÊS PASSOS NA  
TEORIA PULSIONAL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia, departamento de Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Maurício José d'Escragnolle  
Cardoso.

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação  
Mariluci Zanela – CRB 9/1233  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Nascimento, Luana Ferreira do

O destino do conceito de pulsão na obra de Freud: um percurso de investigação a partir dos três passos na teoria pulsional / Luana Ferreira do Nascimento – Curitiba, 2017.

190 f.; 29 cm.

Orientador: Maurício José d'Escragnolle Cardoso.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Energia psíquica (Psicanálise). 2. Trieb – Psicanálise. 3. Teoria das pulsões. 4. Metapsicologia. I. Título.

CDD 150.1952



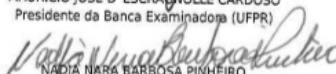
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Setor CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós Graduação em PSICOLOGIA  
Código CAPES: 40001016067P0

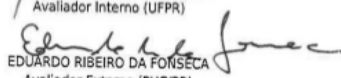
### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LUANA FERREIRA DO NASCIMENTO**, intitulada: **"O DESTINO DO CONCEITO DE PULSÃO NA OBRA DE FREUD: UM PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO A PARTIR DOS TRÊS PASSOS NA TEORIA PULSIONAL"**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa.  
A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 30 de Agosto de 2017.

  
MAURICIO JOSE D'ESCRAGNOLLE CARDOSO  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

  
NADYA NARA BARBOSA PINHEIRO  
Avaliador Interno (UFPR)

  
EDUARDO RIBEIRO DA FONSECA  
Avaliador Externo (PUC/PR)

Para S.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço ao meu orientador, o professor Maurício d'Escragnolle Cardoso, por ter acreditado em meu potencial para realizar este trabalho de dissertação. Potencial que eu mesma, muitas vezes, duvidei.

Agradeço à banca composta pelos professores Eduardo Fonseca e Nadja Pinheiro que acompanharam a escrita deste trabalho e colaboraram com suas pontuações honestas e gentis.

Tantas outras pessoas fizeram indiretamente parte deste trabalho. Podem não ter colaborado efetivamente em suas linhas, mas tornaram a mim possível concretizar este árduo trabalho de pesquisa. Aqui agradeço:

À minha “abriga” Aline que me incentivou com tanto carinho desde o começo e sempre.

À Rita e Jonny que acompanham e apóiam minha trajetória há tantos anos com sua valiosa amizade.

Ao “Mãozinha” e à Chaiane pela parceria no grupo de leitura de Freud – além dos bate-papos e ótima companhia nos estudos e no “para além” dos estudos.

Aos “psicoparsas” pela amizade que rende boas risadas e fez esquecer um pouco das preocupações que o trabalho de dissertação pode trazer.

À Shiva, sempre presente com sua companhia felina enquanto eu escrevia esta dissertação.

À minha família que torceu por mim, mesmo não compreendendo absolutamente nada sobre esta pesquisa.

“Era uma vez um homem que vivia fora dos muros da cidade.  
E a cidade era ele próprio.”

José Saramago – Deste mundo e do outro

## RESUMO

Sabe-se que as teses de Freud não são lineares, sua escrita é marcada pela descontinuidade e constante revisão de suas proposições. Apesar disso, este trabalho de dissertação busca propor um percurso de leitura que situa a origem e o desenvolvimento do conceito de pulsão – *Trieb* – na obra de Freud. Tal percurso é balizado a partir dos três passos na teoria pulsional: o primeiro deles é relativo à noção de sexualidade; o segundo refere-se à tese sobre o narcisismo; e o terceiro passo diz respeito à pulsão de morte – que leva a uma fundamental revisão da metapsicologia. Ao partir da noção de destino que orienta o estudo de 1915 sobre as pulsões, esta dissertação tem como objetivo compreender o próprio conceito à luz desta noção – ou seja, qual o destino do conceito de pulsão na obra de Freud. Das primeiras análises, logo se revela o caráter ambivalente como a noção que possibilita vislumbrar o que é fundamental às pulsões. Desse modo, o destino do conceito de pulsão pode ser desvelado pelo destaque aos elementos de ambivalência que revelam aquilo que é essencial ao conceito: a cisão, a dualidade e a contradição. Portanto, esta dissertação propõe evidenciar as ambivalências que marcam a origem e o desenvolvimento da noção de pulsão para, assim, compreender o destino que atravessa a construção deste conceito ao longo da obra de Freud.

Palavras-chave: Pulsão. *Trieb*. Metapsicologia. Psicanálise. Teoria pulsional



## ABSTRACT

It is known that Freud's theses are not linear, his writing is marked by the discontinuity and constant revision of his propositions. In spite of this, this work of dissertation seeks to propose a course of reading that places the origin and development of the concept of drive – *Trieb* – in the work of Freud. This path is marked out from the three steps in the drive theory: the first of them is related to the notion of sexuality; the second refers to the thesis on narcissism; and the third step concerns the death drive – which leads to a fundamental revision of metapsychology. Starting from the notion of destiny that guides the study of 1915 on the drives, this dissertation aims to understand the concept itself in light of this notion – that is, what is the destiny of the concept of drive in Freud's work. From the first analyzes, the ambivalent character is soon revealed as the notion that makes it possible to glimpse what is fundamental to the drives. In this way, the destiny of the concept of drive can be revealed by highlighting the elements of ambivalence that reveal what is essential to the concept: the split, the duality and the contradiction. Therefore, this dissertation proposes to highlight the ambivalences that mark the origin and development of the notion of drive to understand the destiny that goes through the construction of this concept throughout Freud's work.

Keywords: Drive. *Trieb*. Metapsychology. Psychoanalyse. Drive theory.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1	O ESTATUTO DA NOÇÃO DE PULSÃO – <i>TRIEB</i> .....	15
1.2	DO <i>DESTINO</i> AOS DESTINOS DE PULSÃO .....	20
1.3	DAS AMBIVALENCIAS PULSIONAIS A PARTIR DA NOÇÃO DE 1915.....	25
<b>2</b>	<b>PRIMEIRO PASSO NA TEORIA PULSIONAL: A SEXUALIDADE .....</b>	<b>30</b>
2.1	O SEXUAL NO <i>PROJETO DE UMA PSICOLOGIA</i> DE 1895.....	30
2.1	A noção de superinvestimento psíquico .....	31
2.1.2	A histeria, o excesso e a sexualidade .....	33
2.1.3	O caso de Emma.....	35
2.2	A SEXUALIDADE INFANTIL .....	37
2.2.1	A noção de sexualidade ‘ampliada’ .....	38
2.2.2	O carácter perverso da sexualidade: a parcialidade das pulsões .....	42
2.2.3	As zonas erógenas e o autoerotismo .....	46
2.2.4	As organizações pré-genitais .....	50
<b>3</b>	<b>SEGUNDO PASSO: O NARCISISMO .....</b>	<b>57</b>
3.1	O CONCEITO DE NARCISISMO .....	58
3.1.1	O narcisismo entre a dor, a hipocondria e o amor.....	62
3.1.2	O narcisismo primário e a formação do Ideal .....	64
3.1.3	A teoria da libido.....	66
3.2	DO NARCISISMO NA METAPSICOLOGIA.....	68
3.2.1	Um caso de narcisismo como destino pulsional: a melancolia .....	69
<b>4</b>	<b>UMA INTERPOLAÇÃO: A METAPSICOLOGIA .....</b>	<b>75</b>
4.1	AS PULSÕES E SEUS DESTINOS .....	76
4.1.1	Os quatro termos da pulsão .....	79
4.1.2	A dualidade pulsional .....	82

4.1.3	Os destinos pulsionais.....	84
4.1.4	As polaridades pulsionais e o princípio de prazer .....	87
4.1.5	A perenidade das ambivalências: as relações entre amor e ódio .....	91
4.2	O RECALQUE .....	94
4.2.1	O recalque primário e o recalque secundário.....	96
4.2.2	O recalque entre a ideia e o afeto .....	98
4.3	O INCONSCIENTE.....	101
4.3.1	Os pontos de vista dinâmico e topológico e seu papel nos destinos pulsionais .....	104
4.3.2	O representante da pulsão entre o investimento e o contrainvestimento: o ponto de vista econômico.....	107
4.3.3	A metapsicologia das psiconeuroses .....	109
<b>5</b>	<b>TERCEIRO PASSO NA TEORIA PULSIONAL: PULSÃO DE MORTE.....</b>	<b>113</b>
5.1	ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER.....	114
5.1.1	O princípio de prazer e sua relação com as duas fontes principais de desprazer .....	115
5.1.2	Uma ruptura no princípio de prazer: a repetição .....	117
5.1.3	A pulsão de morte .....	121
5.1.4	A teoria da libido à luz da nova dualidade pulsional.....	125
5.2	O EU E O ISSO .....	128
5.2.1	Da dualidade consciente-inconsciente à dualidade Eu-Iso.....	129
5.2.2	A gênese do Supereu: o papel das identificações nos destinos de pulsão .....	133
5.2.3	As relações entre o Eu e o Iso e a dualidade pulsional .....	139
5.2.4	As relações entre o Eu e o Supereu.....	142
5.3	O PROBLEMA ECONÔMICO DO MASOQUISMO .....	145
5.3.1	A revisão do princípio de prazer.....	146
5.3.2	O masoquismo à luz da dissociação entre pulsões de vida e pulsões de morte. .....	148
5.4	INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA.....	156
5.4.1	As inibições e os sintomas .....	156

5.4.2 O pequeno Hans: a fobia entre a inibição, o sintoma e a angústia .....	163
5.4.3 A formação de sintoma como primeiro passo na compreensão da angústia .....	169
5.4.4 Os tipos de angústia .....	174
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>181</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>188</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação toma como objeto o conceito de *Trieb* em psicanálise – que se tornou difundido em língua portuguesa pelo neologismo “pulsão”. Nosso objetivo consistirá na circunscrição da origem, desenvolvimento e desfecho deste conceito na obra freudiana. Para cumprir com tal objetivo, nos concentraremos na análise dos textos que tocam na gênese e desdobramentos do conceito de pulsão, visando a desvelar as características essenciais à sua compreensão no contexto da obra de Sigmund Freud.

Como é sabido, são numerosas as referências que influenciaram a Freud: das Ciências Naturais à Filosofia, passando pela Arte e a Literatura, até a Antropologia. Tais referências foram e continuam sendo exemplarmente discutidas por diversos autores como Assoun (1983), Garcia-Roza (1986), Safatle (2007), Fonseca (2012), Simanke (2014). E bem pontuadas foram as suas relações, aproximações e distanciamentos da psicanálise.

Uma vez que o conceito de pulsão é definido pelo próprio Freud como um conceito metapsicológico, então nosso olhar deve se voltar também para esta característica conceitual. De modo a contemplar tal particularidade, buscaremos percorrer os principais textos metapsicológicos escritos pelo nosso autor. Com isso, gostaríamos de compreender o modo como Freud progressivamente expandiu e retificou sua metapsicologia, ou mesmo distanciou-se de si mesmo.

Mas, antes de tudo, pretendemos defender certa hipótese que nos serve como um critério de reconhecimento da especificidade doutrinal da metapsicologia. Há um argumento bastante conhecido referido às leituras realistas ou naturalistas da metapsicologia – aquelas que se baseiam na naturalização do conceito de pulsão. Por outro lado, há também outro risco não menor, uma posição doutrinal não menos equivocada de cunho fortemente idealista ou espiritualista.

Não somente devemos nos precaver de leituras de Freud enviesadas por um caráter biologizante, como também devemos ser cautelosos para não incorrer no erro oposto, igualmente realista, mas relativo a uma leitura de cunho puramente ideal. A pulsão não é como um ímpeto natural que segue, portanto, o determinismo da natureza, tal como seria um instinto biológico. Mas, tampouco nos parece ser a

pulsão um élan espiritual, inteiramente livre e emancipado de toda forma de natureza.

Pelo contrário. Freud destaca no canônico texto de 1915 sobre o conceito de pulsão, que este possui um caráter invariavelmente dependente do que é de ordem natural e biológica. A nós parece que o cerne da questão consiste justamente no ponto em que este conceito designa o que se pauta no que é biológico para, então dali se desprender – mas, nunca completamente.

Portanto, compreendemos que a pulsão significa não a anulação da biologia do corpo, mas a introdução de uma problemática, um embaraço no seu funcionamento natural. Um estranho e enigmático inconveniente no que se espera do adequado e bom funcionamento orgânico. O âmbito pulsional é uma premissa que Freud buscará sempre circunscrever a cada momento de sua obra, e cuja primeira fundamentação encontramos, por exemplo, nos *Estudos sobre histeria* de 1893. A histeria é o grande modelo clínico no qual

A palavra silenciada tinha que se converter em um sintoma corporal (paralisia, tremor, convulsão, etc.) para que fosse vista e percebida. Já em seus inícios, o método freudiano se pautava na “tradução” da linguagem dos sintomas corporais para a linguagem verbal. A *talking cure* já envolvia, portanto, uma tradução do sofrimento, dando o estatuto discursivo ao que se confundia com o anatômico-fisiológico (TAVARES, 2014, p. 73 in FREUD, 1915a).

Com isso, gostaríamos de destacar que o conceito de pulsão parece apresentar fundamentalmente um caráter *ambivalente*<sup>1</sup>, como algo situado *entre* a ordem anatômico-fisiológica e a dimensão das palavras do discurso. Neste sentido, se a pulsão está ‘entre’ o orgânico e o simbólico, compreendemos que ela não é orgânica nem simbólica. Contudo, o conceito de pulsão não existe sem uma referência a ambos, simultaneamente.

Uma pulsão designa, ao mesmo tempo, o que *é* e *não é* natural. Este conceito que, visando circunscrever uma estranha e peculiar característica humana,

---

<sup>1</sup> Nesta dissertação tomaremos o termo *ambivalência* propriamente em seu sentido usual no senso comum. Portanto, compreendemos que o que é definido como ambivalente remete àquilo que apresenta simultaneamente valores antagônicos, sendo relativo à coexistência de opostos, e que oscila entre valores diversos, ambíguos e mesmo contraditórios entre si.

Em breve pesquisa relacionada aos termos que remontam a tais características, observamos algo curioso, relativo a certa circularidade do próprio sentido ambivalente. Ou seja, noções tais como a de *equivoco*, *ambiguidade*, *contradição* e *antinomia* aludem, em suas definições dicionarizadas, sempre àquilo que é da ordem de uma ambivalência. Por exemplo, todos estes termos carregam em si o sentido da dúvida, da incerteza, da oposição, da duplicidade e do engano (MICHAELIS; PRIBERAM, 2017).

acaba por repetir esta estranheza em sua própria definição. Figura ser justamente nessa ambivalência que consiste o fundamento da pulsão e de toda a sua complexidade – que, conforme buscaremos demonstrar com este trabalho de dissertação, não deve ser resolvida, mas *explicitada*.

Ou seja, o conceito de pulsão é paradoxal e necessita ser compreendido neste âmbito que lhe é peculiar. É preciso manter duas perspectivas que, apesar de conflituosas entre si, se apresentam voltadas ao mesmo objeto. Tal condição desvela uma situação fortemente incômoda e mesmo incompatível com o saber médico à época de Freud (e mesmo hoje em dia). Entretanto, nosso autor continuamente demonstrará que tal condição, apesar de aparentemente inoportuna ou mesmo inconveniente, é também insuperável.

Mas porque o conceito de pulsão é não outro daqueles conceitos que compõe a metapsicologia? Como inconsciente ou recalque, por exemplo.

Bem, primeiramente porque o próprio Freud atribui particularmente à pulsão o caráter de ser um *conceito metapsicológico fundamental*. Acreditamos nele, ou seja, buscaremos acompanhar a Freud e reconhecer que existe aí uma particularidade conceitual da noção de pulsão em psicanálise que, como dissemos, não deve ser superada, mas sim conservada e explicitada. Em segundo lugar, seu caráter de *fundamento* circunscreve também as relações e dinâmicas situadas em cada um dos outros conceitos metapsicológicos, a partir dos quais Freud já manejava sua clínica.

Parece que assim aconteceu, por exemplo, nos artigos metapsicológicos de 1915 sobre os conceitos de *inconsciente* e *recalque*. Pudemos constatar e, igualmente, buscaremos demonstrar que nos respectivos artigos tais conceitos ganharam, em relação à dinâmica psíquica a partir da qual se situam, um contorno metapsicológico bastante aprimorado à luz do conceito de pulsão.

Mas nem mesmo a noção de pulsão esteve livre de transformações ao longo da obra de Freud, ao contrário. Como já dissemos no início, será também nosso objetivo com este trabalho dar uma breve contribuição ao vasto rol de trabalhos realizados sobre o tema da pulsão em psicanálise. Nesse sentido, buscaremos situar os principais momentos da teoria pulsional em Freud e, para tanto, nos orientaremos por aquilo que nos parece essencial a este conceito fundamental de psicanálise: o seu já referido caráter ambivalente.

Serão, pois, as ambivalências que guiarão nosso percurso na elaboração dos elementos que nos parecem essenciais à construção da teoria pulsional. Ambivalências às quais Freud tanto chamou a atenção e que tão facilmente podem ser tomadas como um óbvio pressuposto.

Ora, sabemos que a psicanálise não trata do que é óbvio e pré-concebido. Seu interesse se volta para o que é obscuro e mesmo desconhecido da consciência, revelando-se somente de maneira negativa nos fenômenos clínicos. Portanto, assim buscaremos proceder em nossas análises dos principais textos de Freud que remetam ao conceito de pulsão, com um olhar singelo que, no entanto, sabe o que busca: as ambivalências que se revelam no caráter pulsional como seu traço essencial. Acreditamos que a partir daí poderemos situar-nos relativamente à teoria pulsional em Freud e propor certo percurso para compreendê-la.

No entanto, primeiramente parece-nos importante realizar tal intento com a própria noção de pulsão, para além de seus desdobramentos em psicanálise. Isto é, propomos um trabalho de reflexão sobre a ambivalência própria ao termo. Com isso poderemos melhor fundamentar nossa proposição de que seria o caráter de ambivalência aquele que marcaria o mais essencial ao conceito de pulsão em psicanálise.

No entanto, primeiramente parece-nos importante realizar tal intento com a própria noção de pulsão, para além de seus desdobramentos em psicanálise. Isto é, propomos um trabalho de reflexão sobre a ambivalência própria ao termo que, segundo buscaremos demonstrar a seguir, é característica da palavra alemã em seu uso coloquial ela mesma, e também em seu sentido comum tal como conhecemos a partir de sua definição dicionarizada mais ordinária.

Em suma, o emprego de *Trieb* em alemão não nos parece ter sido uma escolha ingênua de Freud, pois conforme ao que veremos, o termo já traz consigo esta espécie de opacidade em sua própria conotação. Com isso poderemos melhor fundamentar nossa proposição de que seria o caráter de ambivalência aquele que marca o mais essencial ao conceito de pulsão em psicanálise.

### 1.1 O ESTATUTO DA NOÇÃO DE PULSÃO – *TRIEB*

Se voltarmos nossa atenção à palavra que designa o termo pulsão em língua alemã – *Trieb* – notamos que a ambivalência lhe é constitutiva. Fonseca



(2012) destaca que seu uso em alemão é bastante antigo e empregado na linguagem comum nos mais diversos contextos: no comércio, na religião, na filosofia, na literatura, na ciência, etc.

No entanto, apesar da pluralidade semântica do termo *Trieb*, há um núcleo de sentido para esta palavra. Ela provém da união de dois termos arcaicos que significam, *ao mesmo tempo*, o que impele e o que é impelido – *trip* e *trift*, respectivamente. Assim, notamos que já em sua origem a noção à qual Freud designa o estatuto de conceito fundamental é carregada de um sentido ambivalente.

Interessante o fato de Freud ter se apropriado de uma palavra bastante usual em língua alemã para fazer dela um conceito. Não qualquer conceito, mas o conceito fundamental de psicanálise. Fonseca (2012) lembra que mesmo usada em tão diferentes conjunturas, denotando aspectos tão distintos, o sentido do termo *Trieb* sempre está vinculado a noções como ímpeto, propulsão, movimento e aguilhoamento.

Em seu uso corrente, o termo *Trieb* sempre designa aquilo que *estimula* ou *incita* a alguma coisa. Traz consigo a ideia de uma força interna constante e contínua que impele à ação. Igualmente, também se relaciona à ideia de uma tendência ou inclinação a algo; de um instinto; de uma força dirigida a uma finalidade; de uma pressão que visa um objetivo; ou ainda, de uma enérgica vontade. Em sua profusão de sentidos, o *Trieb* pode caracterizar, em botânica, o broto que nasce; em física, a mecânica da propulsão, a força motriz. Pode também designar a ação de encurralar uma presa ou mesmo ser empregado como sinônimo de tiro na técnica de artilharia (FONSECA, 2012).

Contudo, mudanças puderam ser observadas no uso do termo alemão ao longo dos séculos: na filosofia e literatura do século XVII predominava o uso de *Trieb* para designar os sentidos de estímulo; propulsão externa; coerção; objetivo; força de sentido. Um século mais tarde, no XVIII, o termo aparece na psicologia e filosofia principalmente com o sentido de instinto, designando o que é de ordem natural e primitiva (FONSECA, 2012). Eis o ponto de grande controvérsia relativamente à tradução do termo para o português. Pode-se argumentar que “instinto” caracteriza apenas um caso particular de *Trieb*. A semântica para o termo alemão é, como podemos notar, muito mais abrangente.

Roudinesco e Plon (1998) discutem que, em francês, optou-se pela tradução de *Trieb* por *pulsion* – termo derivado do latim *pulsio*: impulsionar – de forma a evitar

a possível confusão do sentido do termo com noções como instinto ou tendência. Os autores lembram que a etimologia do termo *Trieb* remete a impulso, mais do que a instinto, por exemplo. O que nos traz a ideia de que a força ou energia de um *Trieb* opera independentemente de sua orientação e objetivo.

Tanto que notamos em Freud o emprego distinto entre *Trieb* e *Instinkt* ao longo de sua obra. O segundo termo, nosso autor emprega sempre para designar o sentido de algo adaptado à espécie, mais restrito a respostas consideradas naturais e, portanto, *irrefletidas*. Dadas as críticas às traduções de *Trieb* por instinto, seu emprego em língua portuguesa foi sendo gradativamente substituído e disseminado pelo neologismo “pulsão” derivado da tradução francesa.

Será, portanto, esta proposta de tradução para o termo *Trieb* que empregaremos no presente trabalho de dissertação. Concordamos com Pedro Heliodoro Tavares (2014 *in* FREUD, 1915a) que o emprego desta tradução não implica num mero exercício de substituição do termo instinto pelo de pulsão. Tavares nos lembra que Freud é um autor que deve ser compreendido em sua complexidade, pois,

Do texto de Freud, traduz-se também o substrato teórico que sustenta uma *prática clínica* amparada nas capacidades *representacionais* e *transformadoras* da palavra. A questão é que na estilística de Freud e nas suas opções de vocabulário, via de regra, *forma* e *conteúdo* confluem (TAVARES, 2014, p. 74 *in* FREUD, 1915a).

Gostaríamos de enfatizar que, no tocante às pulsões, sua compreensão não pode se dar unilateralmente – a ambivalência precisa ser necessariamente mantida. Tavares (2014 *in* FREUD, 1915a) destaca que este é o termo alemão mais controverso em relação às traduções do vocabulário freudiano. Por conta disso, conforme o termo empregado em português, o discurso de Freud pode vir a situar-se ou mesmo alinhar-se a um determinado campo de saber.

E é isso que devemos buscar evitar. O vocábulo *Trieb* é acompanhado de uma ambiguidade que lhe é inerente. O que, inclusive, se reflete na própria definição outorgada por Freud em 1915, de que pulsão é um conceito de *fronteira* entre o somático e o psíquico.

Concordamos com Tavares (2014 *in* FREUD, 1915a) que, para além dos exercícios de substituição terminológica, a tradução de *Trieb* por instinto em língua portuguesa incorre numa problemática que nos parece fundamental. A do rompimento com a ambiguidade necessária à apreensão do conceito.

Decidir-se de modo acrítico por uma tradução descomprometida pode fazer desse *Trieb* uma espécie de clandestino que cruza as fronteiras para o “lado” biológico-corporal ou para o psíquico-cultural, naturalizando-se em uma ou outra região. Acontece que Freud não pretendeu naturalizá-lo em qualquer território previamente definido, mas antes preservar sua característica seminal fronteiriça e portanto, apátrida (TAVARES, 2014, p. 77 in FREUD, 1915a).

Portanto, em psicanálise, notamos que o emprego de *Trieb* por Freud não pode ser redutível ao puramente biológico. Mas este é um âmbito de suma importância para compreendermos o alcance deste conceito. Freud correntemente destaca que a pulsão se vincula fundamentalmente ao que é de ordem natural. Tal é o exemplo citado por Fonseca (2012), da importância das fontes de excitação pulsional que se transmudam em “zonas erógenas” no curso do desenvolvimento psíquico sexual.

Sugerimos que aqui se situa o grande passo de Freud: ele transforma um termo de uso comum em um conceito fundamental de psicanálise. E isso ocorre pela via da clínica, pois é nela que se revela a ambiguidade e ambivalência do que é uma pulsão em psicanálise. A ambiguidade que este termo carrega em sua pluralidade de sentidos, se situa de maneira bastante particular quando e na medida em que remete à clínica psicanalítica. E Freud frequentemente nos guiará através de suas análises clínicas ao longo de seu desenvolvimento sobre a teoria pulsional.

É no texto canônico de 1915 sobre as pulsões que Freud nos apresenta este conceito de modo bastante interessante: a partir dos destinos pulsionais que envolvem o que poderíamos denominar de uma mescla entre elementos ambivalentes. Ali nosso autor descreve os casos em que a libido retorna ao Eu; em que um elemento se torna o seu contrário; relações complexas entre exibicionismo e voyeurismo, sadismo e masoquismo, amor e ódio.

A ambivalência pulsional se revela na existência simultânea de elementos que, uma vez relacionados, fazem emergir um conflito pela não-coincidência entre os termos envolvidos. Dada a sua relevância conceitual, encontramos referências à noção de ambivalência como caráter teórico fundamental também em outros textos de Freud.

Por exemplo, em *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas* (1910), nosso autor busca a referência linguística do final do XIX para discutir a peculiaridade de que nos sonhos a negativa não existe. Ou seja, ali elementos

opostos são expressos através de uma única representação. A contradição só aparece posteriormente com o trabalho de interpretação.

Podemos citar, ainda, o clássico texto *O inquietante* (1919) ou também conhecido pela tradução como 'O estranho'. Ali Freud realiza um trabalho de elucidação do fenômeno de inquietação ou estranhamento que diz da relação com uma impressão terrível. Impressão esta que repele, mas que, no entanto, também exerce uma proporcional força de atração naquele que é tomado pelo estranhamento.

Como já pudemos destacar no início desta introdução, disporemos, então, da noção de *ambivalência* como característica que marca fundamentalmente a definição de pulsão como conceito metapsicológico. Em relação a isso, notamos que não é a toa que Freud (1915a) mesmo atribuiu a este conceito o caráter de ser *fronteiriço*. E isso não quer dizer que a pulsão ora se localize num âmbito, ora em outro. A pulsão está *no limiar*, vincula-se ao que é de ordem natural e biológica ao mesmo tempo em que concerne à ruptura com esta mesma ordem. A noção de pulsão em psicanálise opera na ambivalência e por meio dela.

Por isso, assumiremos tal noção como *necessárias* à compreensão do percurso de Freud no desenvolvimento de sua teoria pulsional. É neste registro que a pulsão entra em jogo e opera segundo leis particulares. Fora da ambivalência o próprio conceito se torna inoperante do ponto de vista metapsicológico e, conseqüentemente, também do ponto de vista clínico.

Mas há ainda um outro elemento que não deixa de nos chamar a atenção e que também se relaciona intimamente com a ambivalência. Ele é abordado por Freud no texto de 1915 e diz respeito à noção de *destino pulsional*. Ali nosso autor propõe pensar as pulsões a partir dos destinos que sofrem no âmbito dos processos psíquicos. Isso porque é impossível falar das pulsões propriamente, pois elas somente se tornam acessíveis à observação indiretamente, de forma negativa através dos seus destinos, tal como se desvelam na vida psíquica consciente. Portanto, para compreendermos sobre as pulsões, é preciso voltarmos a atenção para seus destinos e para as ambivalências que os constituem.

Se ampliarmos nossa perspectiva da obra de Freud, notamos que diversas vezes a noção de *destino* foi para ele um referencial. Nosso autor a empregou em várias ocasiões ao longo de sua obra, frequentemente acompanhando o sentido

relativo à noção de destino na cultura grega antiga. Sabemos que Freud não era um autor descuidado, tampouco incauto em sua escrita. Por isso, sugerimos que empregar a noção de destino para referir-se a uma dinâmica própria das pulsões, em nada seria uma escolha accidental ou despropositada. Pelo contrário, gostaríamos de propor que a decisão de Freud em usar o termo 'destino' indica umas das características essenciais para compreendermos mais profundamente sobre a teoria pulsional.

Assim como fizemos com o termo pulsão, nos parece ser também interessante dedicar certo tempo para a análise do sentido que carrega a noção de destino. Acreditamos que desse modo nos será possível ampliar nosso entendimento sobre o que se coloca em jogo quando Freud nos diz que as pulsões sofrem diferentes destinos na vida psíquica.

## 1.2 DO *DESTINO* AOS DESTINOS DE PULSÃO

Analisemos as primeiras linhas do texto de 1915 sobre os destinos de pulsão. Ali o conceito fundamental é definido por Freud como uma ideia abstrata, uma convenção *a posteriori* dos fenômenos clínicos. Isto é, a atividade de conhecimento se pauta primeiramente na descrição dos fenômenos observados aos quais, então, se aplicam as ideias abstratas.

Segundo Freud, uma ideia abstrata é voltada à análise dos fenômenos no intuito de explicar as suas relações, de torná-los compreensíveis. É por isso que, apesar da ideia abstrata ser posterior aos fenômenos, estes parecem se tornar submetidos a ela. O processo de conhecimento faz parecer que a convenção já estava presente nos fenômenos desde a origem, como se dali tivesse emergido e sendo, por fim, descoberta.

No contexto que nos interessa, podemos dizer que é como se a pulsão – ideia abstrata que adquiriu o estatuto de conceito fundamental de psicanálise – estivesse desde sempre nos sintomas, nos atos falhos, nas formações substitutas, na angústia, etc.. Contudo, estes fenômenos é que estão submetidos à noção de pulsão proposta por Freud *a posteriori* de suas observações clínicas.

Disso depreendemos outro elemento que pode agregar em nossa investigação sobre a noção de destino de pulsão. Junto à ambivalência, notamos que tudo ocorre seguindo um *caráter regressivo*. O exemplo mais claro aparece

quando Freud (1915a) descreve o destino de retorno de pulsão em direção ao Eu, derivado da sua tese sobre o narcisismo escrita um ano antes. Portanto, a análise dos fenômenos clínicos à luz do conceito de pulsão, revela uma inter-relação entre ambivalências e destinos pulsionais de caráter regressivo. Desse modo, compreendemos que, assim como as ambivalências se desvelam nos destinos de pulsão, também os destinos se desvelam *a posteriori*, regressivamente, no sentido da busca pela origem da neurose.

Com isso notamos que o próprio trabalho de análise se dá regressivamente. Freud investigava as origens da neurose a partir de suas manifestações clínicas atuais, tal como se davam à observação do analista. O grande diferencial de Freud, foi ter-se dado conta de que o movimento regressivo parecia surtir certos efeitos clínicos. O retorno, *a posteriori*, aos eventos passados parecia mobilizar certas mudanças ou transformações psíquicas. Tudo ocorre como se algo da ordem de um efeito regressivo mudasse a conduta do sujeito em relação à própria história – seja no sentido da cura, seja no sentido de uma crescente resistência a ela.

Retornando à discussão com a qual iniciamos este tópico, sugerimos que a escolha de Freud em designar os caminhos percorridos pelas pulsões como *destinos* parece ser carregada de um sentido conceitual que já era bastante conhecido do autor. Parece-nos que o destino designa um modo de operar peculiar, próprio das pulsões. E isso nos abriu uma possibilidade de investigação mais profunda.

Percebemos que uma pulsão somente pode ser *re*-conhecida através dos seus destinos, dos caminhos por ela trilhados na vida psíquica. Por isso Freud define o conceito de pulsão como fundamentalmente vinculado aos seus destinos. a partir disso se delineou para nós a necessidade de antes buscar compreender o que é um destino. No entanto, várias são as maneiras de se abordar tal noção como, por exemplo, pela tragédia grega ou pelo cristianismo. Nada mais condizente com nosso intuito neste trabalho do que buscarmos as referências necessárias a uma aproximação da noção de destino na obra do próprio Freud. Para nossa surpresa, não foram restritas as referências do autor a esta noção ao longo de sua obra.

Por exemplo, em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud menciona a noção de destino situando-a na mitologia grega – *Moirá* (destino-fatalidade) e *Ananke* (destino-necessidade). É em relação ao destino que o homem constata que não há

como remediar o sentimento de desamparo. Os deuses são impotentes em relação ao sofrimento humano. A impotência divina evidencia que o destino está acima dos deuses e inclusive os subjugam. O destino-fatalidade, *Moiras*, designa uma *predisposição* aos acontecimentos que fogem ao controle tanto dos homens quanto dos deuses.

Sobre o destino-necessidade – *Ananke*, mãe das *Moiras* – Freud lhe faz referência ao fim do artigo de 1927. O contexto é o da discussão sobre o primado da vida pulsional sobre o intelecto. Ao intelecto humano e aos deuses recai a mesma exigência: ser submetido à *Ananke* ou, como propõe Freud, “realidade externa”. *Ananke* é o destino que limita, restringe o campo das ações.

Podemos citar ainda outro emprego da noção de destino por Freud. Em *A interpretação dos sonhos* (1900) Freud se refere ao destino para designar a inevitabilidade dos fatos. Neste texto, o destino também é indicativo da força do trabalho do sonho. Tal força psíquica faz com que certos elementos do material onírico e não outros se tornem significativos e, então, passíveis de interpretação.

Além destas referências, não podemos desconsiderar a relevância da tragédia de Édipo a partir da qual Freud pensa o complexo psíquico em sua clínica. Desse modo, tomaremos estas referências de Freud à noção de destino para fundamentar nossa escolha em realizar uma breve incursão sobre o destino na tragédia grega – tema tão caro a nosso autor.

De pronto, nos deparamos com certa caracterização do destino trágico que o denota como *a posteriori*. Ou seja, o destino não é como uma vocação seguida aprioristicamente, que busca se realizar premeditadamente através de ações voltadas ao futuro. A inevitabilidade do destino trágico somente pode ser apreendida pelo olhar que se volta ao passado e desvela a série de atos que o constitui. Desta perspectiva, o passado só existe *a posteriori*.

Fundamentalmente vinculado ao caráter regressivo e às ambivalências, o destino trágico se realiza nas escolhas passadas – daí o seu caráter de inevitabilidade, pois o passado, enquanto tal, já passou. Regressivamente, é como se o destino já estivesse escrito desde a origem. Porém, o sentido do passado é múltiplo e seus elementos se justapõem num encadeamento lógico que é próprio do trabalho regressivo.

Do ponto de vista linguístico, a tragédia grega é caracteristicamente *ambivalente* e *equívoca*. A mesma palavra adquire sentidos distintos quando

pronunciada por diferentes personagens. A linguagem trágica desvela uma *divisão*. Uma cisão interna que, marcada pela ambivalência, pode fazer de uma ação o seu contrário. O produto do destino é o próprio equívoco – ao tentar evitá-lo, se o realiza (DORT, MOREL & VERNANT, 2015).

Portanto, a questão que se coloca no destino trágico caracteriza-se pela ambivalência e cisão. Daí a sua transmissão por meio de enigmas, cujo duplo sentido revela a multiplicidade de possibilidades de decifração. Diante do destino toda ação é precipitada, ou seja, portadora de um sentido que a ultrapassa. Por isso na tragédia o sentido da ação se desvela *a posteriori*, regressivamente. O sentido do destino jamais se revela aprioristicamente. Apesar disso, o destino *parece* pré-determinado. Esta ilusão de determinação emerge das consequências ignoradas, aquelas que ultrapassam a predição racional. O destino é um *efeito*, um produto e, portanto, não pode ser previsto, mas apenas descoberto regressivamente (CLÉMENT, 2015; DORT, MOREL & VERNANT, 2015).

Situa-se aí sua ambivalência e duplicidade determinantes. Ao mesmo tempo em que o destino regula e ordena as ações humanas, ele também se constitui das rupturas e disjunções na ordem temporal dos acontecimentos. O destino está no *limiar*, na fronteira entre a ordem e sua subversão; puro paradoxo. O princípio que governa e orienta as ações se dá pelo império do excesso, daquilo que por definição é desordenado e contraditório no homem, que o ultrapassa (ROSSET, 2010; CLÉMENT, 2015).

O destino trágico é marcado, portanto, pelo complexo jogo de oposições, inversões e ambivalências. A dinâmica que o rege é da ordem do *conflito* e das *tensões*. É no limiar entre autonomia-singularidade e determinação-universalidade que é tecido o destino trágico e assim se constitui sua *dupla causalidade* (ROMILLY, 1998; VERNANT, 2002; ROSSET, 2010).

Desta breve passagem pela definição de destino trágico, podemos notar certas aproximações com a noção de destino de pulsão. Ambos operam por meio das ambivalências, do conflito e das tensões. Ao designar a fronteira que marca uma divisão, o destino revela uma realidade que escapa à racionalidade.

Pulsão e destino são indicadores da realidade na qual impera o excesso, aquilo que ultrapassa as ações humanas e lhe concedem o caráter desmedido. No caso do destino trágico, aquilo que ultrapassa o homem pertence à ordem divina. No



que tange à psicanálise, a sexualidade é o que ultrapassa o homem, é o que foge à predição racional – sendo a pulsão o seu maior representante. Por isso, nos parece próprio do destino revelar certa instabilidade ou embaraço na compreensão racional. Além de ser constitutiva e fundamentalmente ambivalente, o destino tem seu sentido construído regressivamente – do atual ao passado. O destino segue uma ordem inversa, imprevisível que, ao mesmo tempo, é determinante das ações *a posteriori*.

Tal como ocorre no destino trágico, os destinos de pulsão também somente podem ser desvelados regressivamente. Desde os primórdios da psicanálise Freud nos ensina a percorrer o passado a partir dos sintomas e outros fenômenos psíquicos que advêm na atualidade clínica psicanalítica. E então, o passado se reconstrói ou mesmo vem a ser construído pela primeira vez. Este último aspecto, particularmente Freud o demonstra em sua *História de uma neurose infantil* – “O homem dos lobos” (1918). Neste famoso caso clínico, a primitiva infância do paciente, impossível de ser efetivamente resgatada pela memória consciente, vem a ser construída em análise para, assim, assumir *a posteriori* e *regressivamente* seu papel no sentido dos sintomas do homem dos lobos.

A partir do que pudemos elucidar nesta breve análise da noção de destino, propomos elaborar o modo como a presente dissertação será apresentada. Nós buscaremos ir dos destinos de pulsão ao destino do conceito de pulsão na teoria pulsional construída por Freud. Ou seja, buscaremos propor um percurso de compreensão sobre os destinos que este conceito sofreu ao longo das construções e reconstruções de Freud sobre a sua teoria pulsional.

O que Freud aplicou aos fenômenos clínicos, nós tentaremos empregar na análise do próprio conceito de pulsão, chamando a atenção para as ambivalências que marcam o que lhe é essencial. Propomos que as construções e revisões de Freud em sua teoria pulsional, possam ser tomadas como destinos do próprio conceito de pulsão na metapsicologia.

Em mais de uma ocasião falamos aqui em teoria pulsional. Devemos esclarecer que o que nos orienta em relação a esta é a menção de Freud em *Além do princípio do prazer* (1920a) sobre os três passos de sua teoria pulsional. O primeiro passo diz respeito à ampliação da noção de *sexualidade*; o segundo é relativo à tese sobre o *narcisismo*; e o último e terceiro passo na teoria pulsional diz respeito ao além do princípio do prazer – a *pulsão de morte*.

Buscaremos, então, seguir os três passos na teoria pulsional para propor aqui certo percurso de elaboração para cada um destes movimentos. Situiremos nossa proposição em quatro capítulos. Três deles são correspondentes a cada um dos passos de Freud na construção da teoria pulsional. No entanto, tornou-se necessário interpolar um capítulo especial, entre o segundo e o terceiro passo.

Acreditamos que os textos de 1915 – sobre as pulsões e seus destinos, sobre o recalque e sobre o inconsciente – merecem uma apreciação especial na transição entre o segundo passo e o terceiro passo na teoria pulsional. Como buscaremos mostrar, são textos chave para nos situarmos na transição e inter-relação entre o narcisismo e a pulsão de morte.

Pulsão, inconsciente e recalque são conceitos metapsicológicos essenciais que acompanharam a Freud ao longo de todo o seu desenvolvimento sobre o conceito de pulsão. Por isso nossa proposta de apresentá-los em um capítulo à parte. No todo, guiaremos nosso olhar para as ambivalências, pois estas – como buscaremos de demonstrar – revelam o que há de fundamental na construção e reelaboração de Freud em sua teoria pulsional.

### 1.3 DAS AMBIVALÊNCIAS PULSIONAIS A PARTIR DA NOÇÃO DE 1915

Através do que buscamos demonstrar com nossa incursão sobre a noção de destino na tragédia grega, tornou-se possível destacar os elementos essenciais que a caracterizam. São eles a ambivalência, o conflito, a dualidade e o caráter regressivo. Os mesmos elementos já foram destacados relativamente à própria noção de pulsão – *Trieb*. Buscaremos introduzir agora de que modo tais noções se inter-relacionam na proposição canônica de Freud para o conceito de pulsão propriamente.

O âmbito de investigação das pulsões é aquele que implica que nunca saibamos exatamente onde nos situamos – se no que tange ao corpo ou ao psiquismo. Sendo por definição o âmbito do limiar e da fronteira, devemos assumir que o campo das pulsões trata simultaneamente de ambos os aspectos, nunca sendo redutível a um ou a outro. Desse modo, compreendemos que o conceito fundamental de psicanálise não diz respeito à negação, mas sim ao reconhecimento da ambivalência. A pulsão revela seus efeitos numa dualidade onde nenhum dos elementos é anulado, mas persiste na medida da relação com seu oposto.

No entanto, de que forma podemos localizar as ambivalências pulsionais? Em *As pulsões e seus destinos* (1915a), Freud cita quatro destinos de pulsão: o recalque, a sublimação, a reversão no contrário e o retorno em direção ao Eu. Os dois primeiros não são objeto das análises de Freud no referido texto. Em relação aos dois últimos, nosso autor é bastante elucidativo. Mas, antes de tudo, devemos ter claro que a compreensão sobre os destinos pulsionais refere-se especificamente aos destinos das pulsões sexuais. Pois estas é que são acessíveis à investigação através das relações objetais que revelam descompassos nos processos conscientes.

A ambivalência é inerente ao que buscamos aqui marcar como destinos pulsionais. Assim é porque, segundo Freud, os destinos derivam do *conflito* entre as forças das pulsões do Eu em contraposição às exigências das pulsões sexuais. Sendo assim, podemos compreender os destinos de pulsão como produtos do conflito que os fundamenta. O primeiro destino pulsional que Freud nos apresenta é o da reversão da pulsão no seu contrário. Esta se desdobra ainda em dois processos investigados pelo nosso autor: a passagem da atividade para a passividade e a inversão de conteúdo.

A passagem da atividade à passividade diz respeito aos processos psíquicos que podemos encontrar nos pares sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo. Nestes casos, a satisfação alcançada ativamente experimenta uma reversão, sendo substituída pela satisfação na via passiva. Por exemplo, o desejo de atormentar ou olhar é deslocado para o desejo de ser atormentado ou ser olhado.

A inversão de conteúdo da pulsão, Freud a exemplifica no caso da relação entre o amor e o ódio. Neste par a ambivalência se revela de maneira exemplar, pois amor e ódio são voltados para o mesmo objeto. Por exemplo, o amor que está em primeiro plano na relação objetual pode sofrer uma regressão pulsional a uma fase primitiva de desenvolvimento sexual. Dessa forma, o ódio pode vir a ser o protagonista na relação com o antigo objeto de amor. É a simultaneidade entre amor e ódio para com o mesmo objeto sexual que caracteriza o que Freud denomina de *ambivalência de sentimentos*.

Tamanha é a complexidade da ambivalência de sentimentos que Freud nos mostra que este é um destino de pulsão que se revela não apenas em um, mas em três pares a partir dos quais emerge o conflito pulsional: amar – odiar; amar/odiar – indiferença; amar – ser amado. O primeiro par já foi brevemente destacado acima. O

segundo par designa o amor e o ódio conjugados em relação à indiferença ou desinteresse pelo objeto. Na terceira oposição, a inversão de conteúdo se conjuga com a reversão no contrário, pois marca uma passagem da atividade – amar, para a passividade – ser amado.

O retorno da pulsão ao Eu pode ser mais claramente compreendido pela investigação dos casos de sadismo-masochismo. No texto de 1915, Freud compreende que o masochismo é um sadismo que retornou ao Eu. O mesmo acontece no caso de voyeurismo-exibicionismo, no qual o exibicionismo integra também a contemplação do próprio corpo. Nestes casos de retorno de pulsão ao Eu, a ambivalência relativa à dinâmica pulsional é bastante evidente. O masoquista desfruta do ódio do outro contra si, bem como o exibicionista desfruta da própria nudez perante o outro.

Freud destaca que a conjugação entre o retorno da pulsão ao Eu e a inversão de conteúdo participa de muitos destinos pulsionais. As ambivalências reveladas pelos destinos pulsionais podem ser ainda mais complexas do que podemos verificar nos casos mais evidentes, como os destacados acima. Além disso, nosso autor destaca que as transformações que decorrem dos destinos de pulsão nunca esgotam toda a quantidade ou energia pulsional. Isto é, a ambivalência sempre se mantém, apesar de tantas permutas. Mesmo que uma meta se reverta de ativa a passiva, a atividade de pulsão continua operando conjuntamente à passividade, e vice-versa. Não ocorre anulação de um dos elementos, o conflito decorrente da ambivalência permanece e se torna o próprio fundamento dos sintomas.

As fases e momentos que constituem um destino pulsional coexistem entre si. Segundo Freud, isso se evidencia quando a investigação se volta para os mecanismos de satisfação e não às ações concretas. O olhar parte dos fenômenos clínicos; mas deve ir além destes. Na busca pelas origens do que se mostra na consciência se desvelam, regressivamente, os modos de satisfação e as ambivalências que configuram os sintomas e que lhes dão continuidade na dinâmica psíquica.

Então, partiremos do que apresentamos até aqui para iniciar nossa investigação sobre os destinos do conceito de pulsão na obra de Freud. Como já pudemos destacar, voltaremos nossa atenção aos elementos ambivalentes, dada a

sua importância na dinâmica psíquica. Acreditamos que as ambivalências podem nos fornecer as pistas para traçarmos certo percurso de compreensão sobre a evolução do conceito na teoria pulsional de Freud.

Como já explicamos, o nosso referencial nesta dissertação será o dos três passos na teoria pulsional: respectivamente, a sexualidade, o narcisismo e a pulsão de morte. No capítulo dedicado ao passo relativo à noção de sexualidade em psicanálise, abordaremos certos textos fundamentais à construção desta noção por Freud e situados a este momento da elaboração metapsicológica de nosso autor. Dentre eles, se incluem as seções finais do *Projeto de uma psicologia* de 1895, onde Freud propõe *ampliar* a noção de sexualidade.

Também será abordado o canônico texto sobre o tema – *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), no qual Freud deslinda sobre os elementos psíquicos e clínicos que sustentam a premissa de uma noção de sexualidade ampliada. Isto é, uma sexualidade para além do puramente biológico e reprodutivo. Além destes dois textos, acreditamos que um dos casos presentes nos *Estudos sobre histeria* (1893) também pode acrescentar à nossa discussão e compreensão sobre este primeiro passo na teoria pulsional.

O segundo capítulo será dedicado ao segundo passo na teoria pulsional e nele buscaremos situar a tese sobre o narcisismo presente em *Introdução ao narcisismo* de 1914. Neste capítulo adiantaremos nossa análise do texto metapsicológico *Luto e melancolia* (1917), tendo em vista tomar a melancolia como o exemplo para compreendermos sobre a dinâmica envolvida no destino do narcisismo. Tal empreitada se mostrará bastante complexa, pois da tese de Freud sobre o narcisismo decorrem desdobramentos que se mesclam à própria proposição de uma metapsicologia. Por isso, nossa incursão no segundo passo da teoria pulsional será seguido de um capítulo especial que prenunciará o terceiro passo na teoria pulsional – aquele relativo à pulsão de morte.

Sendo assim, dada a relevância de três dos artigos metapsicológicos de 1915, optamos por dedicar o terceiro capítulo desta dissertação à discussão sobre as teses elaboradas por Freud no artigo sobre as pulsões e seus destinos – que já tivemos a oportunidade de introduzir brevemente – e também nos artigos sobre o recalque e o inconsciente.

O quarto e último capítulo desta dissertação será dedicado ao *Além do princípio de prazer* (1920a). Começaremos pela proposição sobre a pulsão de morte

e sua relação com a compulsão à repetição presente no referido texto. Serão também discutidas neste último capítulo a tese sobre o Supereu presente no artigo sobre o *Eu e o Isso* de 1923; a problemática imposta pelo *Problema econômico do masoquismo* (1924) à teoria pulsional; e, por fim, as teses que fundamentam *Inibição, sintoma e angústia* (1926) em suas relações com a pulsão de morte.

O que buscaremos propor através destes quatro capítulos é a sugestão e apresentação de certo percurso para a compreensão sobre a teoria pulsional, tal como se desvelássemos os destinos do conceito de pulsão na obra de Freud. Nosso intuito será mais didático do que prescritivo ou mesmo determinante sobre como ler a teoria pulsional. Inclusive, sabemos que tal procedimento não é possível, pois Freud é um autor complexo, descontínuo e não linear. Sempre revisitava as suas teses, alterando o que se fizesse necessário ou mesmo mudando sua posição relativamente ao que havia proposto anteriormente.

Assim, gostaríamos de dispor nossa dissertação sobre o destino do conceito de pulsão em psicanálise como uma sugestão de leitura da metapsicologia. Leitura que, sabemos, é sempre muito particular a cada um que se propõe a tal empreitada pelo discurso de Freud. Além disso, devemos manter claro em nosso horizonte que a discussão sobre a teoria pulsional não se esgota nos textos que escolhemos apresentar aqui. Pelo contrário, a metapsicologia pode inclusive ser estendida para toda a obra de Freud, constituindo até mesmo um trabalho de pesquisa para toda uma vida.

## 2 PRIMEIRO PASSO NA TEORIA PULSIONAL: A SEXUALIDADE

Sabemos que a noção de sexualidade é das mais importantes em psicanálise. Dentre, por exemplo, as noções de inconsciente, recalque e pulsão, a sexualidade também é uma das balizas que orientam o trabalho em psicanálise.

Portanto, foi pela problematização sobre a sexualidade humana que Freud fundou uma clínica psicanalítica. No entanto, tal noção de sexualidade extrapola muito do que sobre ela se compreende no senso comum. A sexualidade em psicanálise vai além da concepção biológica. O que é da ordem do sexual permeia a vivência humana de maneira generalizada, tanto consciente quanto inconscientemente. Sendo assim, em que consiste a proposição de Freud sobre a sexualidade em psicanálise? O que o fez propor uma noção de sexualidade tão ampliada em comparação ao âmbito biológico e reprodutivo?

São as respostas a estas perguntas que buscaremos elucidar no presente capítulo. Acreditamos que a compreensão sobre aquilo que diz respeito ao sexual em psicanálise delinea os primeiros passos de Freud na sua teoria pulsional. Para compreendermos aquilo que envolve o conceito de pulsão neste momento teórico-metapsicológico acreditamos ser preciso, primeiramente, voltarmos-nos à origem da noção de sexualidade mesma em psicanálise.

### 2.1 O SEXUAL NO PROJETO DE UMA PSICOLOGIA DE 1895

Usualmente se considera o *Projeto de uma psicologia* de 1895 um dos textos pré-psicanalíticos escritos por Freud. Porém, como buscaremos aqui destacar, já em 1895 é possível encontrar referências de nosso autor a uma noção de sexualidade bastante particular. Neste texto se encontra já o esboço de uma trajetória metapsicológica que afastaria, cada vez mais, o saber psicanalítico da tradicional prática médica.

Assim nos parece fundamental considerar esta “pré-história” da psicanálise para construirmos certo percurso de compreensão sobre a teoria pulsional. Ainda mais porque do Projeto de 1895 tanto se aproximam os Estudos sobre histeria, escritos contemporaneamente; quanto a investigação sobre os sonhos que culmina na *Interpretação dos Sonhos* publicada cinco anos depois. Parece-nos que o início da psicanálise se situa, principalmente, a partir da mescla com a sua “pré-história”.

### 2.1.1 A noção de superinvestimento psíquico

No *Projeto de uma psicologia*, o objetivo de Freud é bastante claro: situar a psicologia num modelo científico-naturalista. Nosso autor descreve os processos psíquicos em termos *quantitativos*. Freud propõe que as excitações – as quantidades – que de fora atingem o aparelho psíquico, têm seu curso determinado pela inter-relação entre 3 sistemas de neurônios: o sistema  $\Phi$  (fi),  $\Psi$  (psi) e  $\omega$  (ômega).

Notemos que o fundamento do que é proposto por Freud em seu Projeto situa-se em sua experiência clínica. Nosso autor define que histeria e compulsão são decorrentes de uma excitação superintensa que atinge o aparelho psíquico. É esta particularidade que, para nosso autor, caracteriza o estado patológico.

Assim como em *As pulsões e seus destinos* (1915a), no Projeto o modelo do qual parte Freud para nos explicar o funcionamento psíquico também é o do arco-reflexo. Porém, à diferença do texto escrito vinte anos depois, no Projeto tal modelo não é transposto. O intuito de Freud em 1895 é complementar a compreensão sobre o sistema nervoso com suas proposições sobre os sistemas  $\Psi$  e  $\omega$ . O que é da ordem do movimento reflexo mantém-se relativo ao sistema  $\Phi$ , ou seja, o que visa à imediata descarga da excitação que chega pela percepção ao aparelho nervoso.

É, portanto, das relações entre os sistemas  $\Phi$ ,  $\Psi$  e  $\omega$ , e da transmissão de informações sobre as quantidades de excitação entre eles, que procedem as complexas suposições de Freud sobre o funcionamento psíquico. Tudo decorre em resposta aos estímulos que chegam à percepção. A quantidade que da percepção inunda o aparelho nervoso é processada entre os três sistemas. O objetivo do processo é destinar as quantidades influentes para vias de escoamento da excitação por meio da ação no mundo externo.

Desse modo, Freud compreende que normal é o aparelho que restabelece o estado de homeostase inicial. Importante destacar que a inter-relação entre neurônios de diferentes sistemas se dá a partir de uma noção de investimento ou ocupação. Isto é, um neurônio livre – desocupado – é ativado pela quantidade que ali chega e, assim, sua ação influi no curso dos processos psíquicos. Todo neurônio executa sua função tendo em vista retornar ao estado inicial de desocupação, livre de quantidades.



Não é nosso intuito aprofundarmos as questões do Projeto de 1895 como um todo, pois isso extrapolaria em muito nosso esforço em situar algo mais particular: a pré-história da noção de sexualidade em psicanálise. Sendo assim, após esta breve contextualização da tese geral presente no Projeto, buscaremos nos ater mais detalhadamente ao modo como nosso autor situa a questão da sexualidade neste momento de sua obra.

Não causa surpresa que a noção de sexualidade surja no Projeto justamente a partir da análise da histeria. E a investigação de Freud quando a isso é bastante pontual. Ele busca compreender os destinos da elevada quantidade de excitação que atinge o aparelho psíquico e o *superinvestimento* das representações psíquicas, ambos característicos dos casos de histeria.

Segundo Freud, uma representação superinvestida é aquela que o aparelho não logra suprimir nem, portanto, compreender. Mas, sempre há representações superintensas. Freud observa que o que atribui o caráter de superinvestimento à representação na histeria é uma elevada importância a processos que em outras pessoas nada causariam. Isso marca a particularidade de caráter desmedido e mesmo incompreensível da histeria. É justamente a partir deste excesso que nosso autor busca compreender as origens dos sintomas histéricos.

No Projeto de 1895, a histeria é definida por Freud segundo as características dos sonhos e os chistes: como manifestações de uma ausência de sentido marcada pelo estranhamento. É mesmo contraditório que uma representação psíquica superinvestida apresente como produto a ausência de sentido. O excesso marca algo da ordem de um arrebatamento da própria possibilidade de significação.

Porém, mesmo que do ponto de vista da consciência o sintoma histérico careça de sentido, Freud acredita que este pode ser encontrado em níveis mais profundos do funcionamento psíquico. Nosso autor aposta que o enigma apresentado pelo sintoma histérico seja passível de decifração. Que no excesso e mesmo confusão entre diversas representações, a histeria guarda um sentido que lhe é próprio e que não deve ser reputado como menor em relação ao saber consciente.

### 2.1.2 A histeria, o excesso e a sexualidade

Para nos esclarecer sobre o sentido dos sintomas, Freud recorre a uma de suas análises de um caso de histeria. Nosso autor nota que um sintoma tal como uma compulsão histérica se expressa a partir de duas vertentes: uma conhecida da consciência e outra que lhe é oculta, mas que pode ser desvelada pelo trabalho de análise mostrando seu vínculo com a face consciente do sintoma.

Nosso autor sugere que consideremos uma dada cena 1 na qual se manifesta certo sintoma cuja relação com o contexto consciente da cena é absurda. A manifestação deste sintoma é incontrolável, vai além do absurdo e foge à capacidade de autodomínio. Esta seria a face consciente do sintoma, que se revela como incongruente em relação à cena na qual ocorre. Além disso, Freud notar ser impossível para a pessoa controlar ou mesmo compreender a emergência do sintoma. Portanto, o seu caráter compulsivo revela que a cena 1, na qual emerge o sintoma, caracteriza-se como uma representação superinvestida.

O trabalho de análise parte da cena 1 e, por associação, traz à tona uma dada cena 2, que em nada justifica conscientemente o vínculo com a primeira cena. Por outro lado, o contexto da cena 2 torna compreensível a emergência de um sintoma tal como aquele manifesto na consciência. Mas curiosamente Freud observa que, no entanto, o sintoma esteve ausente na cena 2, tendo emergido apenas em 1 como um *sem-sentido*. A partir disso nosso autor questiona, então, se as cenas 1 e 2 não estariam psiquicamente vinculadas de alguma maneira. Como se o conteúdo de ambas tivesse sido condensado fazendo com que a reprodução da cena 2 se desse *a posteriori* em 1, fazendo emergir ali o sintoma *deslocado* regressivamente.

Segundo Freud, tudo ocorre como se a cena 1 simbolizasse a cena 2 na consciência. Mas o paciente histérico nada sabe desta relação. Até mesmo é capaz de afirmar que 2 não tem relevância em sua vida e por isso não se lembrava desta cena. Como se a cena 2 viesse à tona por acaso, apesar da sua dita irrelevância. Porém, o caráter de compulsão ou repetição do mesmo sintoma absurdo no contexto da cena 1 faz Freud desconfiar da relação tal como aparece na consciência. A nosso autor parece que a cena 2 foi *recalcada*, de alguma maneira afastada da consciência. Ela foi aproximada, vinculada com a cena 1 pelo trabalho de análise.

E Freud nos explica que tal vínculo, mesmo que fortuito, não é irrelevante. A cena 2, apesar de recalçada, continuou exercendo influência *inconsciente*. Foi a partir do vínculo com cena 1 – não recalçada e, portanto, aceita na consciência – que a cena 2 gera *a posteriori* a reação sintomática que foge ao controle e à capacidade de racionalização. Tamanha é a importância da associação inconsciente entre as duas cenas, que o sintoma se manifesta compulsivamente, para além do autocontrole do paciente.

Esta é a relação que caracteriza a cena 1 como uma *representação superinvestida*, pois é ali que o sintoma se manifesta. Uma vez recalçado, o seu conteúdo retorna na consciência como uma falha, uma reação que não parece ter relação com o contexto no qual surge. É na cena 1 que Freud localiza o excesso marcado repetidamente pelo sintoma. O recalque da cena 2 não impediu que seus efeitos continuassem a operar psiquicamente, estes emergem regressivamente à revelia da capacidade de consciência.

Para nosso autor, a cena 1 é um símbolo. A partir de sua análise se torna possível descobrir o elemento que conserva o processo de recalque sempre relativo a algum afeto suprimido da consciência. Segundo Freud, este afeto é o que caracteriza a cena 2 como desprazerosa, ou seja, condutora de elevada quantidade de excitação ao aparelho psíquico. É o aumento da quantidade que mobiliza o processo de recalque, fazendo com que a cena 2 apenas exerça seu efeito desprazeroso *a posteriori* em 1, como seu excedente.

Portanto, Freud nos explica que toda a defesa erigida e transposta para a cena 1 ocorre por causa de um afeto originariamente relativo à cena 2, mas recalçado. Mas dentre tantos afetos, qual seria aquele tão fortemente recusado na consciência, a ponto de mobilizar uma dinâmica psíquica que complica todo o processo de funcionamento psíquico?

Para nosso autor, as representações superintensas provem de afetos relativos à sexualidade. É o afeto de origem sexual que tem maior papel no processo de recalque. Lembremos que ser recalçado não implica em uma neutralização e completo esquecimento, pois a representação se mantém no inconsciente gerando um *complexo psíquico*. Ou seja, em termos do Projeto de 1895, os neurônios relacionados à recordação se tornam superocupados ou superinvestidos. Porém, uma vez que o trabalho do recalque é impedir o acesso à consciência, gera-se uma tensão entre forças contrárias. Por um lado a resistência à emergência da

recordação na consciência e, por outro lado, a pressão do sintoma para trazer à consciência o conteúdo sexual recalcado, mesmo que deslocado.

### 2.1.3 O caso de Emma

Conforme pudemos compreender, toda uma gama de complexas relações de processos psíquicos desencadeia-se de modo a evitar que um excesso de ordem sexual advenha como representação consciente. Mas Freud lembra que nem todo afeto sexual chega a ultrapassar o limiar de intensidade de excitação a ponto de gerar um complexo psíquico. Então, para nosso autor, é preciso investigar se há outro fator relativo à representação sexual que colabore na explicação de porque somente os afetos sexuais mobilizam o processo de recalque.

O que nosso autor apresenta sobre isso deriva de suas observações clínicas. O trabalho de análise frequentemente revelou a Freud que o recalque em seus pacientes recaía especialmente sobre dois conteúdos: um de ordem infantil e outro de ordem sexual. Resta compreender de que maneira estes dois conteúdos vem a ser conjugados na formação de um sintoma histérico.

De forma a elucidar esta questão, Freud nos apresenta no Projeto a sua análise do caso Emma. Para nosso autor, este caso é esclarecedor na compreensão sobre o processo de recalque do afeto sexual e do superinvestimento aí implicado. Além disso, algo da ordem do infantil se revela presente na origem da neurose de Emma, mobilizando todo um complexo psíquico relacionado, simultaneamente, ao âmbito sexual e infantil.

Emma é uma paciente que se queixa da impossibilidade de ir a uma loja sozinha. Ora, tal sintoma é incompreensível e mesmo absurdo. Emma encontra uma justificativa para seu sintoma na lembrança de quando, aos doze anos, foi a uma loja e viu dois balconistas rirem entre si. Neste momento ela é tomada de terror e abandona a loja. Na época, a paciente pensou que ambos riam de seu vestido e que um deles lhe era atraente.

Porém, para Freud mesmo esta explicação mantém algo de incompreensível na relação entre o atual sintoma e a lembrança relatada por Emma. Tal desconfiança deriva de vários questionamentos. Primeiramente, porque há tempos a paciente já não mais se veste como se tivesse doze anos. E também o fato de estar

ou não acompanhada de modo algum influencia em seu vestuário. Igualmente, que um dos balconistas lhe chame a atenção também não altera em nada se está ou não acompanhada. Então, os motivos que justificam conscientemente o receio de rirem de sua vestimenta e, portanto, seu atual sintoma, já não mais existem.

No curso do trabalho analítico, uma nova cena é recordada por Emma. Aos oito anos de idade ela foi sozinha a uma loja para comprar doces. O merceeiro lhe beliscou os genitais por cima do vestido que usava. Apesar disso, Emma voltou à loja uma segunda vez em outra ocasião para, então, não mais retornar. Ao relatar a lembrança, a paciente de Freud se recrimina por ter voltado à loja. Ela julga que com esta conduta parecia querer provocar a mesma experiência outra vez.

Quando relacionada à cena 2 – aquela ocorrida aos oito anos – a cena 1 que ocorreu aos doze se torna compreensível. Mas isso ainda é apenas uma suposição. Freud marca que é necessário existir um elo associativo entre ambas as cenas relatadas por Emma. Segundo a própria paciente, é o riso – dos balconistas e do merceeiro – o elemento que estabelece a ligação entre ambas as cenas.

Assim o processo pode ser reconstruído por Freud. O riso dos balconistas na cena 1 remonta inconscientemente à cena 2. O sexual recalcado aos oito anos emerge *a posteriori* na vivência da cena 1, mas sob a forma de angústia. O trabalho de análise desperta a recordação consciente daquilo que aos oito anos ainda não podia ser compreendido sexualmente. A angústia ao entrar na loja e notar o riso dos balconistas sinaliza um deslocamento do temor em sofrer um novo assédio sexual. Emma repete a vivência deste afeto recalcado por meio do sintoma que a impede de entrar sozinha em quaisquer lojas.

Com este exemplo Freud nos mostra que a sexualidade infantil é um elemento *a posteriori* da vivência traumática. Uma experiência sexual não pode ser significada enquanto tal no período de infância, pois para uma criança é impossível atribuir caráter sexual a uma cena infantil, seja qual for. A ausência de significação relaciona-se com o fato da experiência de ordem sexual gerar uma quantidade de excitação tão intensa e elevada que não encontra vias de escoamento pela ação consciente. É por isso que o afeto sexual é o principal alvo do recalque que, em certo momento da vida adulta, eclode na forma de um sintoma que, apesar de deslocado da vivência infantil, repete-a.

É trabalho da análise estabelecer os elos associativos entre as lembranças do paciente e, assim, reconstruir os nexos entre suas vivências infantis e os temores

e sintomas na vida adulta. Por isso Freud destaca que o sexual emerge regressivamente e *a posteriori*. O sentido sexual recalcado vem à tona quando, através da análise, um paciente pode fornecer os elementos que possibilitam estabelecer as ligações entre vivências e afetos suprimidos pelo trabalho de recalque.

Notamos que os elementos aqui destacados por Freud já denotam os fundamentos do que virá a configurar a noção psicanalítica de sexualidade. Com a análise do caso de Emma, nosso autor já destaca o vínculo especial entre aquilo que é de ordem sexual e seu caráter infantil. O que de principal podemos destacar de nossa breve análise do Projeto de 1895, é que Freud nos apresenta uma noção de sexualidade particular e bastante diversa daquela naturalista. Em psicanálise, o sexual não é vivido enquanto tal na infância, mas o é *a posteriori* na vida adulta.

Situa-se em seu caráter regressivo a relevância da sexualidade infantil na compreensão dos processos e complexos psíquicos na vida adulta. O traço essencialmente excessivo e desmedido da sexualidade infantil concede à neurose o seu aspecto muitas vezes absurdo e despropositado. Por isso Freud sempre nos lembra que toda neurose remonta a algo de ordem sexual. Não a qualquer sexualidade, mas uma sexualidade infantil que é, por definição, psicanalítica. Em 1895, na “pré-história” psicanalítica, nosso autor já propõe uma grande transformação na concepção sobre os processos psicopatológicos. A sexualidade infantil torna-se o elemento que guia, portanto, as investigações em psicanálise.

Contudo, é dez anos depois, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905 – e que dá sequência à nossa investigação sobre a teoria pulsional – que Freud apresenta os elementos clínicos e metapsicológicos que determinam a sexualidade infantil como pressuposto clínico de psicanálise.

## 2.2 A SEXUALIDADE INFANTIL

*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* foi escrito por Freud em 1905 e pode ser considerado o texto canônico sobre a teoria da sexualidade em psicanálise. A clínica psicanalítica revela a Freud que a sexualidade humana ultrapassa em muito o âmbito biológico e, além disso, revela que aquilo que é de ordem sexual orienta-se segundo modelos infantis.

O que Freud propõe em 1905 é que compreendamos que a sexualidade humana é, por definição, infantil. Os destinos que regem as fases de organização das pulsões sexuais se caracterizam regressivamente, sempre remontando ao modo infantil de experienciar a sexualidade. Nosso autor organiza sua teoria da sexualidade em três ensaios. O primeiro deles é relativo às aberrações sexuais. Tal denominação é desmistificada por nosso autor ao afirmar que a sexualidade humana é no fundo perversa e, portanto, desviante de qualquer sentido biológico-reprodutivo.

O segundo ensaio da teoria sexual refere-se à discussão sobre o caráter infantil da sexualidade. Ali, Freud descreve os destinos da pulsão sexual ao longo do desenvolvimento humano, desde o autoerotismo até as organizações pré-genitais e seus traços de satisfação parcial. Por fim, o terceiro ensaio Freud o dedica à discussão sobre as transformações que ocorrem na sexualidade quando esta começa a atingir sua configuração final, desde a puberdade até a sexualidade do adulto.

Para o que buscamos destacar neste trabalho de dissertação, nos interessam as discussões presentes no primeiro e no segundo ensaio. Neles encontramos as proposições de Freud sobre uma noção de sexualidade ampliada, cujos destinos geram produtos psíquicos que marcam todo o desenvolvimento psíquico humano. Portanto, os Três Ensaios são fundamentais para compreendermos de que modo a noção de pulsão se conjuga ao desenvolvimento sexual infantil, constituindo um dos elementos mais importantes da metapsicologia.

### 2.2.1 A noção de sexualidade ‘ampliada’

Dando início a nossa investigação, chamamos a atenção para o que está contido no prefácio à terceira edição dos Três Ensaios. Ali, Freud marca que há uma diferença fundamental entre a sexualidade biológica animal e a sexualidade humana. E o fundamento de tal diferença provém da clínica psicanalítica – é o método psicanalítico que possibilita vislumbrar resultados que se afastam substancialmente do que a biologia poderia fornecer como explicação para a sexualidade humana.

Justamente essa particularidade faz com que Freud sugira uma ampliação da noção de sexualidade. Os resultados do método psicanalítico revelam uma sexualidade que vai muito além do âmbito biológico. O modo como Freud

fundamenta esse *excedente* sexual é através da proposição de compreender a sexualidade como algo da ordem de um atravessamento, uma transposição daquilo que já está posto como natural.

Este é o sexual em psicanálise – o sexual que ultrapassa o que é tido como natural. Tanto as análises sobre a sexualidade do adulto quanto, principalmente, das crianças e dos chamados perversos, marcam que o sexual alastra-se por todas as experiências humanas. Freud propõe, então, investigar a sexualidade a partir de duas noções: objeto sexual – a pessoa que exerce força de atração para um sujeito; e meta sexual – a ação para a qual o sujeito é impelido pela pressão da pulsão sexual. Segundo nosso autor, o método psicanalítico revela desvios tanto em relação ao objeto quanto em relação à meta sexual.

O mais claro exemplo de desvio quanto ao objeto se dá na investigação dos casos de inversão sexual – conforme a denominação à época. De acordo com Freud, tais casos são bastante frequentes e consistem em que para um sujeito, o objeto sexual não seja uma pessoa do sexo oposto, mas sim uma do seu próprio sexo. Nos casos de inversão a meta sexual varia basicamente entre boca, ânus e masturbação. Mas as particularidades dos casos de inversão sexual são muitas e, de acordo com Freud, a meta sexual pode inclusive chegar a ser completamente restringida. Seria o exemplo dos casos em que a satisfação sexual é alcançada apenas através da manifestação de sentimentos e afetos homossexuais.

Ocorre ampla variação também em relação ao objeto sexual dos sujeitos homossexuais. Nosso autor destaca que o objeto pode ser restrito ao mesmo sexo; pode ocorrer escolha ocasional de objeto homossexual ou mesmo um sujeito pode apresentar uma disposição bissexual, recorrendo ora ao objeto do mesmo sexo, ora ao do sexo oposto. O importante a ser ressaltado é que Freud observa que, independentemente da relação objetual ou da meta sexual, o sujeito sempre encontra possibilidade de satisfação da pulsão sexual.

Freud nota, ainda, que não há uma regra biológica que delimite o surgimento, oscilação ou o recuo da disposição homossexual ao longo da vida. Esta parece emergir nos mais diversos períodos da vida dos sujeitos e todos podem vir a efetuar uma escolha de objeto homossexual. Aliás, Freud destaca que, na verdade, todos já fizemos uma escolha homossexual inconsciente. Todo sujeito, em sua tenra infância, dirigiu seus impulsos sexuais infantis ao cuidador do mesmo sexo.



Em relação a esta particularidade da pulsão sexual, a ulterior análise de Freud sobre o caso da jovem homossexual – *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, escrito em 1920 – nos parece exemplar sobre o caráter bissexual originário que nosso autor nos apresenta em 1905.

Apresentemos este caso resumidamente: a jovem aceita ser tratada por Freud a pedido dos pais que desejavam que ela abandonasse sua disposição homossexual. Já de início Freud esclarece ser esta uma tarefa marcada pela impossibilidade. No tratamento que durou curto período de tempo, a própria jovem informa a Freud que não lhe parece haver outro tipo de relação possível que não aquela na qual toma outra mulher como objeto de seu amor.

Dos relatos da jovem, Freud compreende que seu caso marca uma escolha de objeto sexual feminino com a assunção de uma postura masculina em relação a este objeto. As atitudes da jovem com as mulheres maduras pelas quais se apaixonou eram sempre marcadas pela atividade. Ela buscava os lugares frequentados pelas amadas e as cortejava segundo o protótipo do amor cortês.

No entanto, sabemos que o intuito de nosso autor não é meramente constatar tudo aquilo que já se enuncia como óbvio nos relatos da sua paciente. Freud busca compreender de que modo a jovem chegou a tal modelo para sua sexualidade, quais foram os destinos da sua pulsão sexual e de que forma vieram a configurar a sexualidade adulta da jovem.

Para isso, Freud remonta sua investigação à época em que a sexualidade infantil é vivida em sua forma edípica. A partir daí, nosso autor percebe que foi bastante comum a atitude edípica da jovem. Os primeiros objetos de seu amor foram o pai e o irmão mais velho, sendo que com este a jovem compartilhou a brincadeira infantil de comparar os genitais. Na ocasião a menina já estava em idade na qual despontava a entrada de sua pulsão sexual na fase de latência – mais além, elucidaremos os aspectos envolvidos em dita fase de organização sexual infantil.

Há um momento digno de nota na história de vida da paciente de Freud. Quando contava cerca de catorze anos, ela dispôs intenso afeto a um menino de três anos que encontrava no parque que costumava frequentar. Chegou mesmo a se tornar amiga dos pais da criança. Na mesma época a sua mãe engravida do último filho – temporão – e isso traz uma reviravolta na sexualidade manifesta pela jovem. O que parecia certa disposição maternal pelo afeto ao menino de três anos, se

converte, pouco a pouco, em indiferença. É neste momento que a jovem começa a mostrar interesse por mulheres mais velhas que ela, principalmente jovens mães.

O objeto de satisfação da sua pulsão sexual se torna expressamente um objeto homossexual. Assim, Freud conclui que o atual objeto de amor da jovem – cuja relação tanto revoltava principalmente a seu pai – revela ser um substituto da mãe. No momento de seu tratamento, a jovem estava apaixonada por certa mulher mais velha do que ela. Freud observa que tal objeto sexual conjuga ainda outra tendência, para além do caráter homossexual. Para a jovem, a mulher que ama também remete a seu irmão mais velho. Portanto, seu objeto sexual combina dois fatores: a primitiva tendência heterossexual que foi abandonada e a tendência homossexual manifesta.

Através deste breve excerto do caso da jovem homossexual, acreditamos poder exemplificar uma das principais teses de Freud apresentada nos Três Ensaio: que toda sexualidade é, inicialmente, bissexualidade. Nosso autor busca destacar que todo sujeito porta os germens de uma escolha de objeto homossexual. O destino da pulsão sexual somente se revela *a posteriori* e em codependência dos fatores e experiências vividas particularmente.

Por exemplo, apesar de a mãe ser o modelo da escolha de objeto sexual da jovem paciente de Freud, esta pouco falou de sua mãe durante o tratamento. No entanto, foi possível a nosso autor entrever que a relação entre ambas sempre foi bastante marcada pela ambivalência – umas das grandes características da pulsão sexual. A mãe sempre fora muito rígida e restrita em relação à sua única filha, mostrando-se, em contrapartida, bastante permissiva com os filhos homens. Para Freud, no caso da jovem é justamente a força da ambivalência que facilita o regresso da pulsão sexual ao modelo de amor primitivo com a mãe. A força do amor pela mãe compensa uma hostilidade proporcional. Desse modo, o que marca a escolha objetual no caso da jovem é a intensa *fixação* da pulsão sexual na figura da sua mãe e no seu amor edípico a ela.

Este famoso caso clínico de Freud nos possibilita entrever os destinos, as reviravoltas da pulsão sexual em relação ao seu objeto no decorrer do desenvolvimento psíquico. Os destinos se mesclam e interpõem entre si até que a configuração da sexualidade assuma sua forma mais determinante na vida adulta. O que, como pudemos aprender, não implica em seja uma sexualidade despojada de seus componentes mais primitivos e infantis.

### 2.2.2 O caráter perverso da sexualidade: a parcialidade das pulsões

Como pudemos notar até aqui, a noção de sexualidade ampliada proposta por Freud implica na conjugação entre diversos elementos: a variabilidade do objeto da pulsão sexual, a amplitude de possibilidades de satisfação sexual, a regressão da pulsão a fases primitivas ou infantis da sexualidade, a ambivalência, o caráter das experiências vividas, etc.. Enquanto o elemento no qual a pulsão sexual se aferra de maneira tão singular, o objeto da pulsão é o grande ponto a partir do qual Freud investiga a sexualidade humana. Em 1915 nosso autor definirá que o objeto é aquilo que mais varia, mas que, ao mesmo tempo, é também o que parece ser especialmente determinado pela pulsão sexual.

Um objeto sexual tanto pode ser exaltado na sua relação com a pulsão sexual, quanto pode também ser rebaixado. Os dois extremos podem ser observados nos mais variados exemplos de aberrações sexuais, como no fetichismo e na zoofilia. Porém, não é menor a amplitude de variabilidade de casos que se situam entre os dois extremos do vínculo entre a pulsão sexual e seu objeto.

Segundo Freud, tamanha variabilidade não encontra correlato com nenhuma outra pulsão. Por exemplo, o objeto da fome é o alimento, seu rebaixamento ou variação só acontece em casos muito extremos. O que nosso autor observa como a regra no que tange à pulsão sexual designa sempre casos de exceção no âmbito natural das pulsões. O mais comum em relação aos modos da pulsão sexual é justamente o seu caráter antinatural.

Freud destaca que, apesar de todo desenvolvimento cultural, a sexualidade continua sendo o ponto fraco da humanidade – “destacaríamos a percepção de que em grande número de condições e numa quantidade extraordinária de indivíduos a espécie e o valor do objeto sexual passam a segundo plano. O essencial e constante no instinto [pulsão] sexual é *outra coisa*” (FREUD, 1905, p. 40 grifo nosso). E para compreendermos em que consiste este elemento *outro* da pulsão sexual, é preciso investigar antes sobre o segundo elemento ao qual se vincula a pulsão sexual – a sua meta.

Segundo Freud, todo desvio na relação com o objeto sexual é acompanhado de desvios da meta sexual considerada normal – a de união dos genitais. Tais desvios consistem, portanto, em metas sexuais intermediárias e provisórias como, por exemplo, o tocar, o olhar e o beijar o objeto sexual antes de consumir a meta de

união genital. Tais metas vão de encontro com a noção de sexualidade ampliada proposta por Freud porque apresentam um caráter particular e muito relevante: as metas sexuais intermediárias são prazerosas *em si mesmas*.

Freud define como *perversas* as metas sexuais intermediárias e assim o faz com base nas suas características: elevam o nível de excitação pela postergação e desvio da relação sexual genital. A isso se soma o fato de possibilitarem prazer em si mesmas, sem o envolvimento dos genitais. Assim, toda concepção natural sobre a sexualidade é transgredida e o essencial se torna a busca pelo prazer sexual por meio do aumento de excitação. Somente este aspecto já impõe um problema na premissa – presente já no Projeto de 1895 – sobre o funcionamento do aparelho psíquico: o objetivo é alcançar a homeostase, ou seja, a diminuição da quantidade de excitação.

O caráter perverso implica no que é mais característico da sexualidade ao mesmo tempo em que contradiz o que seria relativo a certa “normalidade”. Ao nos dizer que a perversidade é prerrogativa do desenvolvimento da pulsão sexual, Freud questiona a própria noção de patologia. Segundo nosso autor, a perversão não é uma característica exclusiva daqueles considerados doentes mentais, pois ela define o próprio modo da pulsão sexual. Que a sexualidade seja perversa implica em nada mais do que reconhecer que as mais diversas partes do corpo, independentemente umas das outras, servem efetivamente à satisfação sexual.

O caráter perverso significa que a satisfação de pulsão sexual acontece pela estimulação dos mais diferentes órgãos e partes do corpo. Mas se o prazer se torna restrito, fixado na meta sexual intermediária, então se revela um modo particular de prazer: o fetichismo. Este pode ser executado em substituição à relação sexual genital, como um fim em si mesmo. Nesta permuta, objeto sexual é o próprio objeto de fetiche e não guarda nenhuma relação evidente com a meta sexual de união dos genitais. O objeto é superestimado em detrimento da relação sexual, elevando-o ao estatuto de meta sexual. Objeto e meta sexual são uma e mesma coisa.

Freud considera este tipo de substituição como inadequada ao fim sexual genital. Os pés, as mãos, os cabelos ou mesmo as peças do vestuário podem ser objeto de desejo sexual do fetichista; e não propriamente a pessoa que porta tais caracteres. O fetichista renuncia da meta considerada normal para supervalorizar sexualmente o objeto de seu fetiche.

A pessoa alvo da meta sexual do fetichista deve corresponder às exigências do objeto de seu fetiche – usar determinado calçado, agir de determinada maneira, etc.. Se tal norma não for correspondida, a satisfação e o prazer sexual não ocorrem. Por isso Freud o considera inadequado, pois a pulsão sexual fetichista está particularmente *fixada* no objeto, limitando sua variação e, portanto, também as possibilidades de satisfação. A meta sexual se torna *restrita* a um objeto específico sob determinada condição e a satisfação sexual pela via da perversão se expande para a sexualidade como um todo.

Apesar de permeada por elementos perversos – mas que não chegam a tamanha fixação e exclusividade, como notamos ocorrer no fetichismo – são diferentes os destinos que marcam as características da vida sexual dos neuróticos. Freud observa que na neurose a substituição ocorre pela via do sintoma. Este adquire o caráter de atividade sexual para os neuróticos.

O sintoma substitui os processos psíquicos relativos a desejos e afetos recalcados que, uma vez subtraídos da atividade consciente, têm sua excitação psíquica impossibilitada de descarga. Em outras palavras, o neurótico manifesta em seus sintomas características pulsionais que seria perversas caso não fossem recalçadas. Por isso que Freud diz ser a neurose o negativo da perversão.

A pulsão sexual do neurótico apresenta todos os elementos que caracterizam uma perversão sem, no entanto, realizá-la na consciência. No inconsciente o sujeito vivencia suas tendências à inversão, à fixação da libido em certas partes do corpo, à satisfação sexual pelas pulsões parciais – aquelas relativas às metas intermediárias – e prazer na ambivalência, pois toda perversão ativa é acompanhada do seu oposto e vice-versa.

Notamos que Freud nos apresenta um termo que em muito pode nos ajudar a elucidar o caráter perverso da sexualidade: a satisfação das *pulsões parciais*. Nosso autor esclarece que há diversas pulsões parciais e cada uma delas pode, por sua vez, proporcionar satisfações parciais. Outra relevante característica relativa às pulsões parciais é o fato de serem desprovidas de qualidades. Ou seja, cada uma pode gerar uma parcela de prazer, sem que haja algo da ordem de uma “hierarquia” entre as pulsões parciais. Freud nos explica que, então, o que torna possível diferenciá-las é a análise dos seus atributos particulares, relativos principalmente à *fonte* pulsional.

A fonte de uma pulsão é sempre somática, ou seja, diz respeito a um processo de excitação relativo a certo órgão ou parte do corpo. Da excitação do órgão decorre que uma meta seja alcançada. Esta que sempre diz respeito à satisfação ou, em outros termos, ao apaziguamento da excitação no órgão. Portanto, a excitação na fonte é o que define uma pulsão parcial. Esta decorre de uma mudança no órgão ou parte do corpo, em sua transmutação em *zona erógena*. Mas isso não significa que o órgão pára de funcionar segundo sua orientação biológica.

O caráter parcial da pulsão diz de algo da ordem de um *acréscimo* à sua função natural – a boca, para além de prover a nutrição, passa a ser fonte também de puro prazer sexual. Contudo, tal suplemento erógeno pode vir a influenciar até mesmo o funcionamento natural, inserindo ali uma desordem. O órgão ou parte do corpo passa a operar integralmente como uma zona erógena – tal como nos exemplos de sintomas de conversão.

No caso das perversões – que já sabemos fazer parte do desenvolvimento sexual psíquico de todo sujeito – é bastante claro o papel das pulsões parciais e das zonas erógenas. Ali, elas se evidenciam na atribuição sexual a outras partes do corpo que não os genitais. Nas perversões a boca e o ânus, por exemplo, adquirem significação sexual. Convertem-se em zonas erógenas cuja excitação e satisfação se dão correlativamente ao órgão propriamente sexual.

Segundo Freud, as partes do corpo mais predispostas a se tornarem zonas erógenas são justamente aquelas envolvidas na atenção e nos cuidados às necessidades da criança. A boca – chupar e sugar – pelo ato de mamar no seio e a limpeza do ânus na época de educação para o controle dos esfíncteres.

Em relação à neurose, Freud nos explica ser principalmente a histeria o exemplo de caso no qual se revela mais claramente o papel das zonas erógenas. Porém, paranoia e neurose obsessiva também as apresentam, mas de maneira menos evidente. Assim é porque, nestes dois casos, os sintomas se manifestam relativamente mais afastados das fontes corporais relativas às zonas erógenas. Por exemplo, o prazer em olhar e/ou em ser olhado revela que a visão ali atua como uma zona erógena. A força da pulsão parcial de olhar atribui à visão o caráter de zona erógena. O ato de ver adquire o papel de um órgão sexual que pode ser excitado e gerar satisfação.

### 2.2.3 As zonas erógenas e o autoerotismo

Compreendemos, portanto, que é preponderante o papel da sexualidade perversa na origem das neuroses. Freud nota que a tendência à perversão está presente em toda neurose em graus diferentes, a depender da particularidade de cada sujeito. Porém, como nosso autor destaca, na neurose o que se manifesta é uma perversão negativa. A partir disso, podemos entender que a sexualidade perversa é fortemente recalcada e mantida inconsciente no neurótico. Este, apesar de não atuá-la, a vivencia psiquicamente. O caráter perverso das zonas erógenas só pode ser desvelado no sintoma neurótico e, ainda assim, conjugado a diversas outras tendências psíquicas. É preciso o trabalho de análise para resgatar o papel das zonas erógenas que se encontra recalcado para o neurótico.

Partindo desta hipótese, Freud esclarece ser possível distinguir a multiplicidade da constituição perversa na neurose. Tal distinção é traçada conforme a predominância de uma ou outra zona erógena, de uma ou outra pulsão parcial. É a partir daí que nosso autor constrói uma teoria sobre a sexualidade infantil do neurótico. Segundo observado por Freud, o sintoma neurótico manifesta um estado infantil de sexualidade, sua pulsão sexual regrediu a estágios primitivos de desenvolvimento psíquico.

Apesar de recalcada, a pressão de uma pulsão sexual é constante. Isso implica em que haja um aumento da excitação no interior do aparelho. Tal condição, como sabemos, requer uma resposta, que algum destino seja dado a este excedente pulsional que inunda o aparelho. A excitação sexual é, então, dispersa entre as zonas erógenas do corpo, caracterizando, então, as pulsões parciais. Cada parte do corpo irá derivar uma parcela de satisfação. O caráter parcial provém da *multiplicidade* das fontes de excitação sexual. Como pudemos compreender até este momento, é a partir deste ponto que Freud se propõe investigar a sexualidade infantil.

As partes do corpo estimuladas com vistas à satisfação da meta sexual parcial transmudam-se em zonas erógenas. A influência destas se evidencia em algumas condutas particularidades. Por exemplo, o ato de chupar ou sugar aparece no bebê e pode se prolongar até a vida adulta. Tal ação consiste numa *repetição* rítmica com vistas não à nutrição, mas puramente ao prazer.

Aqui nos deparamos com o que caracteriza uma zona erógena: o fato de que sua estimulação não visa à satisfação de uma exigência natural, mas extrapola esta função. Uma área do corpo se torna uma zona erógena na medida em que passa a ser repetidamente estimulada com o objetivo de obter prazer *no órgão*. Por isso Freud define este prazer como um prazer parcial, decorrente da satisfação de uma pulsão parcial. Diferentes partes do corpo são estimuláveis e geram satisfação independentemente umas das outras.

As fontes das pulsões parciais são variáveis e particularizam as metas de satisfação. Em sua multiplicidade também variam os objetos das pulsões parciais. Freud esclarece que no caso do ato de chupar ou sugar, os objetos de pulsão podem variar entre lábios, língua, ou mesmo alguma outra parte do corpo.

Aqui encontramos o esclarecimento de uma das principais confusões relativas à psicanálise no senso comum. Através dos exemplos acima, Freud demonstra que o sexual infantil em nada tem a ver com a genitalidade. E esta característica se estende à teoria sobre a sexualidade infantil como um todo. O sexual em psicanálise não se restringe ao genital, pois designa justamente uma transposição do âmbito biológico-natural. É também por isso que Freud sugere ampliar o conceito de sexualidade. A análise do desenvolvimento infantil desvela uma sexualidade que se manifesta sob as mais distintas formas, muitas vezes extremamente afastadas do que se poderia considerar natural.

Dentre a pluralidade das pulsões parciais, é o chuchar que, segundo Freud, revela ser o melhor exemplo de manifestação sexual infantil. Assim, nosso autor propõe orientar a investigação pela análise deste ato que parece correlato da masturbação genital – tamanha a satisfação que proporciona. Desta investigação surge outra das características fundamentais para compreendermos este momento da teoria pulsional: o *autoerotismo*.

O que é essencial à satisfação autoerótica? Aqui o papel do objeto da pulsão volta ao primeiro plano de análise. É pela investigação das relações com o objeto que podemos compreender o que é o autoerotismo para a psicanálise. Em sua forma autoerótica, a pulsão não se orienta para outras pessoas tomando-as como objetos sexuais. Uma pulsão autoerótica se satisfaz no próprio corpo. Daí o seu caráter estritamente parcial.



Enquanto manifestação sexual infantil autoerótica, o chuchar é determinado pela busca em reviver o prazer outrora experimentado. Uma vez que não é possível reviver o que já passou, então a busca pela satisfação se volta para o que o infans têm à disposição – o seu próprio corpo. O mamar sofre um deslocamento para uma parte do próprio corpo. O infans passa ao chuchar repetitivo quando o seio já não se encontra à disposição.

Neste ponto podemos notar que o autoerotismo marca a íntima relação entre uma função natural e a transgressão desta mesma função. No caso do chuchar, a zona labial está ligada à satisfação da necessidade de nutrição. Porém, na medida em que a satisfação relativa à sobrevivência encontra restrições, a zona labial se transmuta em zona erógena. A estimulação da mucosa labial é significada sexualmente, ela se torna um fim em si mesma para alcançar a satisfação. Ao se tornar independente da função de nutrição, os lábios se convertem em zona erógena. O que se busca repetir no autoerotismo é da ordem de uma satisfação sexual e não mais a satisfação da necessidade de alimento.

Freud destaca que é na sintomatologia neurótica que se manifestará o enlace entre a pulsão de nutrição e a pulsão sexual autoerótica. Quando a tendência oral é recalcada ela pode vir a se revelar, por exemplo, no nojo dos alimentos ou mesmo nos vômitos histéricos. Eis aí a marca do recalque que conserva o sintoma e desvela por trás dele o caráter ambivalente, parcial e autoerótico da zona erógena. Portanto, aprendemos que a pulsão autoerótica se define por três elementos: se apóia em uma função vital; não tem propriamente um objeto; e sua meta sexual se orienta pelas zonas erógenas. Tais características dominam as manifestações sexuais infantis.

Outro dos mais claros exemplos de zona erógena é o ânus. Neste caso, a pulsão autoerótica se apóia da região anal para se satisfazer. O órgão da necessidade vital de excreção é fonte dos mais diversos estímulos que se mantêm não só durante a infância, mas perduram na vida adulta de muitos sujeitos. Segundo Freud, cabe aos distúrbios intestinais o principal papel na excitação da zona anal no neurótico. Cabe também a esta zona erógena a perpetuação do vínculo ambivalente entre a dor e o prazer.

Por fim, há a influência da zona erógena genital autoerótica. A importância desta zona erógena se dá pelo início da atividade de masturbação. É através das atividades de limpeza, lavagens e fricção que ocorre a estimulação da região genital

em meninos e meninas. Assim, esta região assume o primeiro plano no desenvolvimento psíquico sexual infantil. Freud esclarece, ainda, que a amnésia infantil – relativa ao período de latência da pulsão sexual, no qual todas as pulsões parciais experimentam certo abrandamento – se situa em relação à derradeira fase genital de desenvolvimento da sexualidade infantil, antes que advenha a puberdade.

Notamos que as proposições de Freud sobre as zonas erógenas já elucidam algo sobre as conhecidas fases de organização da pulsão sexual. Segundo o autor, cada etapa é caracterizada por intenso desenvolvimento psíquico, sendo a cada uma delas atribuídos os mais variados destinos ao longo da vida dos sujeitos neuróticos. Contudo, apesar do predomínio das zonas erógenas e da satisfação autoerótica, as pulsões parciais também apresentam elementos que se orientam a outras pessoas tomadas como objeto sexual.

No tocante às pulsões, sejam elas parciais ou não, é preciso que sempre tenhamos em mente a questão da ambivalência. Desta perspectiva, nosso autor lembra que mesmo uma pulsão parcial resulta de uma conjugação entre pulsão autoerótica e uma pulsão objetual bastante primitiva. Isso pode ser elucidado através da mescla entre, por exemplo, pulsão de olhar e pulsão de crueldade. Segundo Freud, tais pulsões estão inicialmente desvinculadas. Somente mais tarde é que se manifestam as tendências erógenas das regiões visual e anal mesclando, assim, pulsão objetual e autoerotismo. É daí que nosso autor deriva o caráter *perverso polimorfo* da sexualidade infantil.

Que a sexualidade infantil seja descrita por Freud como perverso polimorfa, significa nada mais do que a criança ser mais predisposta às variadas extensões pulsionais. A realização das pulsões infantis encontra pouca resistência – justamente porque neste momento da vida o Eu ainda está em desenvolvimento. Desse modo, não se impõem tantas barreiras ao desenvolvimento sexual tal como ocorre nos adultos. Por exemplo, uma criança não barra a sua curiosidade em ver os genitais alheios ou mostrar o seu próprio. Ela apenas o deixa de fazer quando já bastante influenciada pela moralidade da educação que lhe é transmitida pelo adulto. Assim, a sexualidade infantil alcança a satisfação através das mais diversas vias, desde o autoerotismo até as primeiras tendências objetuais.

#### 2.2.4 As organizações pré-genitais

A partir do que pudemos apresentar, compreendemos que a sexualidade humana é permeada por elementos perversos. Estes dizem respeito ao caráter parcial da satisfação obtida pela estimulação das zonas erógenas. O que as caracteriza é o fato de, inicialmente, apoiarem-se em uma função vital para dali desprenderem-se, ultrapassando sua função biológica.

O papel das zonas erógenas é tão fundamental no desenvolvimento psíquico sexual que Freud propõe compreendê-lo à luz das fases de organização pré-genital. Cada estágio é relativo à ênfase dada ao papel de determinada zona erógena na configuração psíquica sexual. Freud destaca três estágios que, cada um a seu tempo, regem o desenvolvimento da sexualidade a partir da tendência pulsional que se manifesta como dominante em certo período da vida.

A zona erógena mais primitiva, a boca, situa o *estágio pré-genital oral*. Este momento do desenvolvimento psíquico remete à fase de lactância, na qual o vínculo entre a mãe e o bebê é marcado pela amamentação e pela necessidade de nutrição. A fase oral designa o início da atividade sexual ainda não desvinculada da função de nutrição. A incorporação do objeto marca a meta sexual deste estágio. A satisfação vivenciada pela estimulação oral é buscada repetitivamente mesmo na ausência do objeto, o seio. É desse modo que a região da boca se transmuta em zona erógena. Assim, passa a ser estimulada autoeroticamente – marcando relativa independência do objeto – sendo capaz de satisfação em si mesma, independentemente de outras partes do corpo.

O estágio seguinte é o da *organização pré-genital anal-sádica*. O papel da analidade é o que marca a configuração sexual nesta fase de desenvolvimento. Por ser relativamente posterior ao estágio oral, já revela o desenvolvimento de *antagonismos* pelo surgimento do dualismo nas relações entre o Eu e o mundo externo. Aqui já se notam as influências das primeiras relações com objetos.

A oposição ou antagonismo que rege o estágio sádico-anal é aquela entre atividade e passividade. Desse modo, a fase anal-sádica é marcada pela ambivalência em relação ao objeto. Segundo Freud, o papel da ambivalência nesta fase é tão forte que a pulsão de crueldade pode se desprender e vir a atuar independentemente das demais tendências pulsionais. Neste caso, tanto as

relações objetais quanto a atividade sexual posterior do sujeito se revelam pautadas no sadismo.

Aqui cabe abrir um parêntesis. Sabemos que Freud não é um autor linear. Nosso intuito de investigar sobre os destinos da teoria pulsional nos faz, muitas vezes, avançar na cronologia de seus textos para, então, retornar ao ponto de partida. Vários anos depois dos Três Ensaio, Freud inclui um elemento à investigação sobre o desenvolvimento sexual infantil que até então permanecera suprimido. Em *A organização genital infantil – um acréscimo à teoria da sexualidade*, escrito em 1923, Freud destaca que há um momento do desenvolvimento infantil marcado pela ascensão do falo como órgão que permeia e orienta a investigação sexual infantil.

Assim, há uma fase que precede a organização genital da sexualidade e se caracteriza pela primazia do falo como órgão imaginário. Desse modo, nosso autor revela que a passagem da vida sexual infantil para a configuração da sexualidade adulta não se dá em consideração apenas ao objeto externo da pulsão – pois o falo é uma elaboração, um símbolo psíquico.

A fase fálica marca o que ainda se situa no âmbito de organização sexual infantil. Antes que as pulsões sexuais sejam conjugadas sob o primado genital, a criança atravessa uma fase na qual suas investigações sexuais se pautam pela presença-ausência do falo. É nesta fase que Freud situa a emergência do complexo de castração no curso do desenvolvimento psíquico. Portanto, em 1923 Freud nos apresenta a fase fálica como uma fase intermediária fundamental. De certo modo, podemos dizer que este estágio surge como um momento de elaboração psíquica para a ascensão da sexualidade genital.

Voltando aos Três Ensaio, compreendemos que a sexualidade infantil opera inicialmente através de múltiplas pulsões parciais, derivando a satisfação da estimulação das zonas erógenas. A partir desta configuração se caracterizam as fases de organização pré-genital da sexualidade. As mesmas são seguidas, portanto, pela fase fálica na qual todo interesse sexual infantil se volta para a ausência-presença do falo. Decorrida esta etapa do desenvolvimento, as pulsões parciais são conjugadas e voltadas ao alcance da nova meta sexual: obter satisfação e prazer na relação com um objeto privilegiado. Sendo assim, as zonas erógenas se tornam, em certa medida, subordinadas à primazia genital que se impõe e prevalece nas manifestações da pulsão sexual.

A fase de organização genital da pulsão sexual é o último estágio descrito por Freud nos Três Ensaio. Tal estágio é caracterizado pela superação da parcialidade das satisfações proporcionadas pelas zonas erógenas. Sob o primado dos genitais, estas assumem um novo papel: o de proporcionar prazer preliminar. Assim, as satisfações parciais são conjugadas sob o primado genital tendo em vista a satisfação de apenas uma meta sexual: aquela relacionada ao ato sexual e não mais à estimulação das zonas erógenas como um fim em si mesmo.

Freud descreve que a organização genital sexual se caracteriza pelo fato de as metas da pulsão sexual se concentrarem na relação com um único objeto. E tal objeto é aquele privilegiado no curso do complexo de Édipo: a figura paterna e/ou a figura materna. Assim se caracteriza, segundo nosso autor, a entrada na fase propriamente genital. Nesta, as pulsões parciais convergem numa só e ocorre a primazia dos genitais e das relações objetais sobre as pulsões autoeróticas e satisfações parciais. Segundo Freud, é neste ponto que a sexualidade começa a se aproximar de sua organização final.

Este momento da organização sexual é também marcado por uma fundamental ambivalência. Com o primado genital a tensão ou excitação sexual se concentra em um único órgão. O papel das zonas erógenas não é anulado, mas estas continuam a operar independentemente umas das outras. A diferença é que, uma vez situadas na fase genital, as múltiplas satisfações das zonas erógenas conjugam-se em relação à meta final sexual.

Assim, o prazer sentido na excitação de cada zona erógena é como que somado à excitação genital. Isso faz com que ocorra o aumento da tensão que significa desprazer para o psiquismo, mas que, no entanto, é sentido como prazer sexual. Freud se pergunta como conciliar tais premissas opostas entre si. Aqui, se insere uma das mais paradoxais questões em psicanálise, aquela relativa ao funcionamento psíquico do princípio de prazer.

Os prazeres preliminares parciais aumentam a excitação sexual como um todo, impelindo à consumação do ato sexual. O destino da pulsão sexual não implica mais no prazer múltiplo pelo estímulo das zonas erógenas, mas sim no acúmulo de prazeres parciais voltados apenas a uma meta sexual. Assim, a demanda psíquica visa mais e mais prazer. Freud nos explica que, como um todo, o processo é sentido como prazeroso, mas, conjuntamente a isso se impõe a questão de como o psiquismo lida com tamanho acúmulo de excitação que só pode gerar desprazer

psíquico. Ao fundo de todo processo de desenvolvimento sexual mantém-se a expressiva ambivalência.

Aqui sugerimos apresentar um exemplo que elucide as principais teses de Freud sobre a sua teoria da sexualidade infantil. Nosso autor já mencionara que a histeria é o grande exemplo no qual se revela de forma mais clara a influência das zonas erógenas na formação de sintomas. Portanto, buscamos nos *Estudos sobre Histeria*, escritos entre 1893 e 1895, um caso que pudesse esclarecer sobre este aspecto tão fundamental à compreensão sobre a teoria da sexualidade infantil. O caso por nós selecionado foi o de Katharina, uma jovem de cerca de dezoito anos que aborda Freud durante seu período de férias. Ela busca uma resposta para os sintomas que manifesta desde dois anos antes.

O caso de Katharina é bastante peculiar, pois a relação de Freud com a jovem consiste apenas neste breve encontro. Apesar disso, nosso autor não recua da oportunidade de investigação do caso e decide acolher a jovem e escutar o que esta tem a lhe dizer.

Katharina sofre de faltas de ar. Há momentos em que a fadiga que lhe consome é tanta que parece que vai desmaiar. Não consegue cumprir com suas atividades normalmente. Além disso, a jovem sente uma estranha pressão nos olhos, um peso na garganta, zumbido em seus ouvidos, tontura e a sensação de que algo lhe aperta a garganta e esmaga o peito. Ela pensa que vai morrer. Sente que é acossada por alguém e, por isso, também evita sair.

Não bastasse esta série de sintomas, Katharina também experimenta alucinações ocasionais. A jovem vê diante de si um rosto que lhe causa repulsa e medo, um rosto masculino. Dentre os sintomas que mais se sobressaem, estão a falta de ar, a pressão nos olhos e a alucinação visual. Mas Katharina não consegue explicar a sua origem. Em relação aos sintomas, chama a atenção a eminência do papel da pulsão de olhar que, como vimos, caracteriza uma pulsão parcial por definição.

Freud imagina que deve haver algo, alguma vivência na qual Katharina experimentou uma gama de sensações e afetos semelhantes aos por ela vivenciados atualmente em seus sintomas. Sobre isso, a jovem lhe revela que há dois anos surpreendeu seu pai tendo relações sexuais com sua prima. Katharina vê tudo pela janela, pois o quarto estava trancado e buscava pelo pai e pela prima, já

que o negócio da família urgia pela presença de ambos naquele momento. Ao ver a cena pela janela, ela se assusta e prontamente se afasta já sem ar. A jovem não sabe ao certo se compreendeu o que tinha visto naquela época, lembra-se apenas que foi tomada de nojo e repulsa.

Esta cena parece ser a causa dos sintomas. Mas Freud desconfia de uma explicação tão fácil à consciência da garota. Para ele, deve haver algo por trás desta experiência vivida por Katharina há dois anos. Então, a jovem lhe conta que, relativamente a esta cena, há outras duas histórias precedentes em cerca de três anos. A primeira delas é que foi assediada sexualmente pelo pai quando tinha catorze anos. Ele se deitou junto dela em sua cama e encostou seu corpo ao da menina que respondeu a isso com rispidez, afastando o pai. A segunda história remete a uma noite em que dormia no quarto contíguo ao da prima e o pai entra por engano em seu quarto. Katharina se assustou muito com a chegada do pai à noite naquela ocasião.

A jovem revela que à época não lhe fora possível desconfiar nem reconhecer o conteúdo sexual das duas cenas. Isso somente se tornou possível a ela posteriormente. O que Freud compreende destas histórias? De certo modo, as três cenas se relacionam entre si. As duas cenas mais antigas se tornam compreendidas conscientemente através da vivência de Katharina na primeira cena – aquela na qual surpreende o pai com a prima.

É somente nesta cena vivenciada há dois anos que o conteúdo sexual das duas anteriores pôde ser significado enquanto tal. Antes disso a jovem não era possível atribuir este sentido. Ela ainda não tinha os meios psíquicos para elaborar sexualmente aquelas vivências. No entanto, as mesmas jamais foram esquecidas.

Ao surpreender o pai com a prima, Katharina compreende de súbito as lembranças do passado e, ao mesmo tempo, se assusta com isso e sente repulsa tanto física quanto moral. Portanto, podemos compreender junto a Freud que os sintomas manifestos por Katharina não decorrem propriamente da cena vivida dois anos atrás – como se fosse uma mera relação de causa e efeito – mas sim do que esta mesma cena a fez lembrar e significar *a posteriori*. Assim, os primeiros sintomas da jovem se instalam no intervalo de elaboração psíquica que vincula inconscientemente as cenas entre si.

Ainda gostaríamos de chamar atenção para a manifestação sintomática particular da pressão dos olhos e da alucinação visual. O rosto que Katharina via era

o de seu pai encolerizado com ela e que a perseguia para agredi-la, acusando-a de ser a culpada pelo divórcio com sua mãe. Podemos compreender que estes sintomas marcam a fixação inconsciente da pulsão sexual no modo autoerótico visual de satisfação. É pelo olhar que as lembranças e os sintomas de Katharina são marcados. Ela experienciou e viu coisas que despertaram sua sexualidade num momento em que ainda não podia significá-la enquanto tal.

As suas vivências e o despertar sexual destas se dá *a posteriori* pelo avivamento da pulsão de olhar ao ver o pai e a prima juntos. Sugerimos que, no caso de Katharina, o caráter parcial e autoerótico da pulsão escópica foi o que possibilitou reanimar as cenas em seu conteúdo propriamente sexual, fazendo emergir, então, toda uma gama de sintomas.

Do que foi por nós destacado e elaborado no presente capítulo, situaremos os pontos a partir dos quais gostaríamos de sugerir compreender este primeiro passo na teoria pulsional de Freud. No Projeto de 1895 nosso autor já propõe uma noção de sexualidade ampliada. Esta é relativa ao excesso de excitação que atinge o aparelho nervoso e inunda os neurônios. As quantidades de excitação têm papel fundamental no curso dos processos psíquicos, alastrando sua influência pelos diferentes sistemas de neurônios.

O motor do recalque também se encontra relacionado a este excedente de estimulação que provém da experiência – interna ou externa. Os destinos psíquicos para as quantidades de excitação são o que caracterizam os fenômenos sintomáticos, sendo o maior dos exemplos a conversão histérica.

Nos Três Ensaios revelou-se que a “ampliação” do conceito é relativa à sexualidade infantil. Disso compreendemos que em psicanálise, toda sexualidade é infantil. Os destinos que configuram o sexual no adulto dependem da compreensão das vivências sexuais infantis e os destinos de pulsão aí implicados. No entanto, aprendemos que a sexualidade somente assume seu caráter infantil *a posteriori*, pela regressão da pulsão a momentos primitivos de organização sexual. Assim, revelam-se seus efeitos na vida psíquica do adulto.

No momento em que o sexual se manifesta na infância é impossível que seja compreendido enquanto tal. É pelas manifestações de repetição e fixação da pulsão que Freud constata a existência e relevância da sexualidade infantil na



configuração sexual no adulto. As zonas erógenas são o protótipo da satisfação sexual, sendo esta realizada segundo modelos infantis através do autoerotismo.

Sugerimos que a partir dos pontos aqui destacados se configura o primeiro passo na teoria pulsional. Uma vez que Freud afirmou ser este passo relativo à sexualidade, pudemos verificar que esta consiste numa noção sobre o 'sexual' que é bastante particular à psicanálise. Pelos exemplos apresentados, pudemos constatar o quanto as formulações metapsicológicas derivam da experiência clínica psicanalítica. É dali que emergem os elementos que compõe o sexual para a psicanálise. A sexualidade infantil marca o excesso, a ambivalência, o autoerotismo e a perversão como originários e fundadores do psiquismo.

### 3 SEGUNDO PASSO: O NARCISISMO

Em *Além do Princípio de Prazer* de 1920, Freud diz que o narcisismo é o segundo passo em sua teoria pulsional. Sendo assim, de que forma a *Introdução ao narcisismo* de 1914 contribui na compreensão sobre o conceito de pulsão? E de que forma se torna o conceito psicanalítico que fundamenta este momento do desenvolvimento da teoria pulsional?

Em resposta a estas questões, adiantamos que a teoria da libido apresentada por Freud no artigo de 1914, revela-se como o pilar conceitual que traz uma série de desdobramentos que virão a complexificar a própria noção de sexualidade. Além disso, também fundamenta a necessidade de se pensar o narcisismo como um dos destinos mais determinantes na compreensão sobre a dinâmica das pulsões e sobre o desenvolvimento psíquico como um todo.

Inicialmente, nosso intuito era o de apresentar os textos metapsicológicos de 1915 no presente capítulo. Assim, conjugariamos a discussão entre o narcisismo e os demais conceitos metapsicológicos – inconsciente, pulsão e recalque. Contudo, no decorrer de nossas investigações, esta tarefa demonstrou-se mais complexa e extensa do que imaginávamos. Isso tornaria este capítulo relativo ao segundo passo na teoria pulsional excessivamente extenso em comparação com os demais capítulos. Ao apresentar juntos elementos conceituais tão complexos, poderíamos perder de vista o essencial ao segundo passo na teoria pulsional, o narcisismo.

Por este motivo, conforme ao que já esclarecemos, dedicaremos um capítulo à parte para a apresentação e discussão sobre as teses de Freud nos artigos sobre os destinos de pulsão e sobre o recalque e o inconsciente, todos publicados no ano de 1915. Desse modo, acreditamos que a apresentação dos conteúdos tornou-se mais instrutiva e organizada. Além disso, também pudemos tornar mais claro o vínculo entre a tese sobre o narcisismo e o desenvolvimento de Freud sobre as demais noções metapsicológicas.

Ao proceder desta maneira, acreditamos ser possível destacar o aspecto que, ao longo de nossa investigação, saltou-nos aos olhos: que a tese sobre o narcisismo revelou ser tão fundamental, a ponto de ser o elemento conceitual que lança luz sobre a proposta de Freud com os referidos artigos metapsicológicos de 1915. Ou seja, a noção de narcisismo nos parece ser o que possibilita a Freud

desenvolver toda uma temática sobre os destinos pulsionais, a dinâmica inconsciente e o processo de recalque.

Portanto, buscamos manter este segundo capítulo dedicado apenas à elucidação sobre o narcisismo – tarefa que por si mesma já demonstra ser bastante complexa. No capítulo seguinte, iremos destacar as influências do narcisismo sobre o que Freud desenvolve um ano depois, em 1915, com seus três outros artigos metapsicológicos. Sugerimos, portanto, que é o conceito de narcisismo aquele que atravessa a compreensão dos artigos de metapsicologia que foram escritos por Freud apenas um ano depois. A investigação sobre o narcisismo lançou luz a uma nova visada sobre os artigos de metapsicologia. Visada esta que nos parece fundamentalmente importante para elucidarmos os destinos do conceito de pulsão e localizar os pontos fundamentais no desenvolvimento da teoria pulsional.

Portanto, neste capítulo partiremos da investigação sobre o narcisismo no texto de 1914 e da importância da teoria da libido que Freud ali marca. No entanto, aqui já buscaremos situar o vínculo da noção de narcisismo com os textos considerados propriamente metapsicológicos. Faremos isso a partir do texto *Luto e Melancolia* (1917). Sugerimos que este texto nos fornece, talvez, um dos exemplos mais claros de narcisismo como destino pulsional: a melancolia.

### 3.1 O CONCEITO DE NARCISISMO

Freud não foi o primeiro a empregar o termo narcisismo. O próprio autor atribui a Nöcke a escolha deste termo para designar a conduta clínica na qual o sujeito trata a si mesmo como se fosse um objeto sexual. O narcisista chega mesmo a obter prazer sexual pela contemplação e carícias no próprio corpo. Não existe a necessidade de um outro sujeito para que a satisfação seja alcançada.

A partir desta descrição de Nöcke apresentada por Freud em *Introdução ao narcisismo* (1914) não podemos deixar de reparar o quanto ela se aproxima do que pudemos compreender sobre o autoerotismo nos Três Ensaio. Relativamente a este conceito, devemos lembrar que se caracteriza como um modo de sexualidade infantil que, enquanto tal, se manifesta no caráter perverso polimorfo.

Mas perversão, segundo Freud, não designa uma patologia, mas sim um modo de sexualidade restrita a uma dada relação libidinal. No autoerotismo, a sexualidade é restrita ao modo de satisfação que ainda não é pautado na relação

com os objetos externos. Isto é, o autoerotismo é marcado por um momento da constituição psíquica no qual o prazer é alcançado pela repetição da experiência de satisfação no próprio corpo.

Porém, notamos que ao se referir ao narcisismo, Freud leva em conta outros aspectos. Para nosso autor o narcisismo não designa o caráter perverso da sexualidade infantil. Para além disso, o narcisismo é muito mais comum do que aparenta ser. Do ponto de vista da psicanálise, o narcisismo designa um destino de pulsão no qual o papel da libido narcisista é tão intenso a ponto de se elevar no curso do desenvolvimento sexual regular. Ou seja, o narcisismo é primário na sexualidade e caracteriza etapas ou momentos do desenvolvimento psíquico sexual de todos os sujeitos. É a partir desta conjectura que Freud define o narcisismo não como uma perversão, mas como um *complemento libidinal* da pulsão de autoconservação do Eu.

Para elaborar a noção de narcisismo em psicanálise, nosso autor recorre a uma estratégia de investigação que se mostrará bastante recorrente. Freud parte dos exemplos clínicos mais extremos para compreender a conduta normal e, assim, demonstrar que toda noção de normalidade é atravessada por elementos psicopatológicos. Freud inicia sua investigação sobre o narcisismo pela análise da esquizofrenia. Em outros termos, nosso autor busca compreender de que modo a teoria da libido se relaciona com esta doença mental. E, assim, revelar o que a esquizofrenia tem a contribuir para a teoria pulsional. São duas as características que chamam a atenção de Freud na esquizofrenia: o estado de megalomania e o completo desinteresse do sujeito pelo que diz respeito às suas relações com os objetos do mundo externo.

No entanto, em certa medida, o neurótico também manifesta este mesmo desinteresse pelo mundo externo. Parte da realidade é abandonada em prol do investimento nos sintomas neuróticos. Mas existe um aspecto essencial notado por Freud e que distingue a neurose da esquizofrenia – na neurose ainda se mantém o investimento libidinal dos objetos na *fantasia*, isto é, ocorre a substituição da realidade externa pela fantasia. Isso revela a ambivalência que sempre encontramos no núcleo de toda neurose. Por um lado, o neurótico renuncia ao investimento libidinal dos objetos externos, mas tal investimento libidinal não é anulado, ele continua operando psiquicamente nas relações imaginárias com os objetos. Segundo Freud, esta dinâmica designa uma *introversão* da libido.

À diferença da neurose, na esquizofrenia parece não ocorrer a introversão. Isto é, a libido é retirada da relação com os objetos externos sem que ocorra sua substituição pelo investimento de objetos na fantasia. Pode-se argumentar que o delírio esquizofrênico caracterizaria tal substituição. Mas o que Freud nota é que a formação de delírio parece ser um aspecto secundário, já revelando um movimento no sentido da cura e não propriamente do quadro patológico.

Mas não podemos dizer que na esquizofrenia a libido chega a ser suprimida, pois esta diz de uma pulsão cuja premência por satisfação é constante no psiquismo, jamais chegando a ser anulada. Assim, Freud nota que algo deve ocorrer à libido subtraída dos objetos na esquizofrenia, algum destino deve lhe caber. Para elucidar esta questão nosso autor parte do exemplo da megalomania presente na esquizofrenia. Tal fenômeno parece se originar às custas da libido objetual, sendo esta retirada da relação com os objetos do mundo externo em prol do investimento *no Eu*. Desse modo se manifesta a megalomania nas condutas narcisistas que lhe são características.

Mas Freud lembra que a megalomania não é um estado psíquico novo, que somente se revela pela primeira vez como sintoma na esquizofrenia. Para nosso autor, este sintoma desvela uma condição psíquica que já existia antes, que era primária. Em outros termos, o que se dá à observação na megalomania esquizofrênica seria da ordem de um narcisismo secundário, uma repetição que vem à tona pela regressão da libido ao Eu.

Lembremos aquilo que, apesar de óbvio, não devemos correr o risco de esquecer: que os objetos em si mesmos não são dotados de libido, mas certo destino pulsional é que os vincula libidinalmente. Freud bem explica esta proposição: “Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodos que dele avançam” (FREUD, 1914, p. 12).

Freud nota que, então, existe um estado de *narcisismo primário* do qual partem os primeiros investimentos libidinais em relação aos objetos do mundo externo. O sintoma de megalomania na esquizofrenia revela um caminho para o qual a libido regressa após ser retirada da relação com os objetos: em direção ao Eu. É como se a libido retornasse para o seu lugar de origem, lembrando o estado de

narcisismo primitivo. Freud explicita que este narcisismo secundário só pode ser edificado sobre as bases de um narcisismo primário.

Até o momento, Freud nos apresentou duas proposições em defesa da *ampliação* da teoria da libido. E todas elas sustentam a inclusão do conceito de narcisismo. A primeira destas proposições provém da observação dos casos de neurose. Nestes se revela que o investimento libidinal dos objetos é abandonado e transposto para a fantasia do neurótico. A segunda proposição é relativa à investigação dos casos de esquizofrenia. Nestes, sintomas como a megalomania revelam que a libido objetal é completamente abandonada e regride ao Eu. Há ainda uma terceira proposição em prol da ampliação da teoria da libido. Ela provém das observações sobre a vida psíquica das crianças e dos povos primitivos.

A partir deste âmbito de investigação, Freud elucida que a vida psíquica das crianças e dos povos primitivos é composta por traços análogos àqueles observados no sintoma de megalomania na esquizofrenia. São eles a onipotência de pensamentos e a superestimação do poder dos próprios desejos e atos. A onipotência de pensamentos é um modo de lidar com o mundo externo que está na base da superstição. Ela se pauta na crença de que palavras e ações têm por si mesmas o poder de mudar o mundo e a relação com os seus objetos.

O que podemos compreender destas proposições de Freud? Notamos que assim como ocorre com o conceito de sexualidade, a teoria da libido também sofre uma ampliação. É o conceito de narcisismo que possibilita a Freud esclarecer certas manifestações próprias da neurose e também incluir a investigação sobre a esquizofrenia na teoria da libido. Tudo que se dá à observação provém das emanações da libido manifestas nos sintomas – emanações que são análogas aos pseudópodos da ameba. É isso que faz com que os investimentos de libido avancem no sentido dos objetos e recuem para o Eu. Esta é a instância psíquica de onde a libido parte e da qual jamais se desprende completamente.

Segundo Freud, toda a libido está concentrada no estado de narcisismo primário como se ali fosse indistinguível. Pelo trabalho psíquico de investimento nos objetos e pela ambivalência revelada nos sintomas clínicos, emerge a diferença entre libido do Eu e libido objetal. Esta dualidade torna possível a Freud também distinguir o que é relativo à pulsão sexual e o que é relativo à pulsão do Eu – dualidade na qual se fundamentará a teoria pulsional até o ano de 1920.

A marca da ambivalência que fundamenta a teoria da libido faz notar que quanto mais a libido é empregada no Eu, mais se empobrecem as relações com o mundo externo e vice-versa. É na esquizofrenia que Freud nota os mais claros exemplos de superinvestimento libidinal no Eu em detrimento das relações com o mundo externo. A neurose está para a análise das pulsões sexuais, assim como a esquizofrenia está para a análise das pulsões do Eu.

Conforme ao que já destacamos no início deste capítulo, parece haver certa relação entre o autoerotismo e o estado de narcisismo que agora Freud busca elucidar. Nosso autor esclarece que o Eu é uma unidade psíquica construída *a posteriori*. Ou seja, não existe o Eu desde o começo da vida, ele precisa ser paulatinamente desenvolvido. Como vimos nos Três Ensaio, o início da atividade sexual se dá autoeroticamente. Este é o modo de satisfação que impera no início da vida psíquica, pois o mundo externo ainda não é distinguido completamente. Assim, o bebê responde ao mundo a partir de seu próprio corpo, autoeroticamente.

Porém, é certo que em algum momento algo sobrevém ao autoerotismo, transpondo o modo de satisfação às relações objetais. Em relação a isso Freud compreende que, então, uma nova ação psíquica precisa ser acrescentada ao autoerotismo para que entre em curso o estado de narcisismo primário. E o narcisismo daqueles que assumem as funções parentais adquire aí papel fundamental. Inauguram-se os primeiros passos na construção do que virá a ser o Eu.

### 3.1.1 O narcisismo entre a dor, a hipocondria e o amor

Freud parte de três pontos para investigar sobre os destinos da libido na vida psíquica. Ao analisar as características da dor, da hipocondria e do amor, nosso autor demonstra ser o narcisismo o fio condutor entre eles. Freud nos conduz à investigação do mais primitivo – a dor – ao mais complexo dos sentimentos humanos – o amor.

Primeiramente, de que forma é possível vislumbrar uma dinâmica libidinal que ligue o narcisismo à dor? Freud destaca que os casos de intensa sensação dolorosa são acompanhados de um proporcional desinteresse relativo ao mundo externo. Tal desinteresse ocorre na medida em que os objetos do mundo externo não digam respeito ao sofrimento daquele que é afligido pela dor. Os investimentos

apenas se voltam para os objetos após a cura e a interrupção do mal-estar. Ou seja, Freud nota que quando há dor, toda a libido parece concentrar-se no Eu. O destino da libido e do interesse do Eu é o mesmo, tornando-os indistintos caracterizando um estado de narcisismo.

Na hipocondria todo o processo ocorre à semelhança do que acontece com a libido no caso da dor. Porém, a hipocondria se caracteriza pela ausência de alteração orgânica demonstrável. Freud se pergunta, então, em que consistem as mudanças orgânicas sentidas pelo sujeito na hipocondria e que caracterizam este quadro. Tais mudanças são correlatas àquelas observadas nos casos de histeria de conversão. Assim como nesta, a base do sintoma de hipocondria repousa no papel das zonas erógenas. Nos Três Ensaios aprendemos que a erogeneidade de uma determinada parte do corpo a faz atuar de maneira análoga a um órgão sexual genital. Tal alteração decorre da distribuição de investimento libidinal que, no caso da hipocondria, encontra-se represado no Eu e concentrado sob determinado órgão ou conjunto de órgãos.

O amor é a terceira e última via na investigação de Freud sobre o narcisismo. O olhar deve se voltar às primeiras escolhas de objeto derivadas das primeiras experiências de satisfação. Se mais uma vez lembrarmos dos Três Ensaios, não podemos deixar de notar que as primeiras satisfações são alcançadas autoeroticamente e vinculadas às funções vitais básicas, através da relação com as zonas erógenas. Portanto, no início as pulsões sexuais estão *apoiadas* nas pulsões do Eu – aquelas que servem à autopreservação.

No que tange ao posterior vínculo com os objetos, esta função de apoio se revela no fato de as primeiras escolhas de objeto se pautarem nas impressões deixadas pelas pessoas que se dedicam aos cuidados, alimentação e proteção. Assim, Freud elucida que a mãe ou quem a substitui é a fonte do amor pautado na escolha de objeto do tipo de *apoio*. Além do tipo de escolha anaclítica ou de apoio, a análise dos casos de homossexualidade revela um outro destino para a libido na relação com os objetos sexuais. Freud nota que em tais casos a escolha objetal não segue o modelo do apoio na função materna; mas segue em conformidade à própria pessoa.

No tipo de escolha de objeto *narcísica*, a pessoa busca a si mesma como objeto e não aquele que despendeu seus cuidados a ela. Foi a observação do amor pautado neste tipo de escolha de objeto que guiou a investigação de Freud no



sentido de considerar o narcisismo como parte do processo de desenvolvimento psíquico. Contudo, que a escolha do objeto de amor seja realizada segundo um modelo não significa que não exista a tendência no sentido do outro modelo. Freud esclarece que não é possível dividir as pessoas segundo o modelo de escolha de objeto. O que se pode observar é certa preferência em escolher segundo um determinado modelo, o que não anula a tendência oposta.

Apoio e narcisismo tiveram seu papel nos processos de desenvolvimento do psiquismo. A ambivalência é o que se mantém ao fundo de toda escolha de objeto amorosa. Na origem, se revela a concomitância entre dois objetos: a própria pessoa e o outro que dela cuidou. Na mescla entre estes é que podemos situar o narcisismo primário, momento ao qual a libido retorna pela via da escolha objetual. Mas nos falta ainda compreender a origem de tal narcisismo primário. Até o momento apenas o tratamos como um pressuposto necessário à teoria da libido. É preciso explicar a partir de onde Freud deriva a sua proposição de um narcisismo primário que antecede o investimento libidinal nos objetos do mundo externo.

### 3.1.2 O narcisismo primário e a formação do Ideal

A suposição do narcisismo primário surge da análise regressiva da atenção e cuidado dos pais para com a criança. Freud reconhece na criança a projeção e reprodução do antigo narcisismo dos pais. Os pais superestimam seus filhos, atribuem a eles toda perfeição e beleza, o que caracteriza tal relação como efetivamente marcada pelo narcisismo dos pais sobre a criança. Se busca poupar a criança de todos os males e brindá-la com tudo o que os pais não puderam ter ou ser em relação aos seus próprios pais. O amor da mãe e do pai pela criança se revela como a renovação do narcisismo outrora renunciado.

Então, podemos compreender que narcisismo primário, momento no qual toda libido é narcísica, é construído pelo narcisismo dos pais. Sobre a criança, são projetados ideais de perfeição que terão papel fundamental na formação de seu ideal de Eu. É o narcisismo dos pais o elemento acrescentado ao autoerotismo para que se constitua o narcisismo primário. Assim, se abre caminho para que as primeiras escolhas de objeto sejam feitas, escolhas pautadas na relação de amor e de cuidado recebida dos pais. Por um lado, tais escolhas marcam o modelo de

escolha objetal sexual na vida adulta e, por outro lado, revelam a busca do Eu para voltar a ser o seu próprio ideal e alcançar a antiga satisfação narcísica.

Como pudemos compreender, o narcisismo designa uma etapa no desenvolvimento psíquico marcada pela íntima ligação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, estas operando conjugadas uma à outra. Mas sabemos que no curso dos processos psíquicos ocorre a dissociação entre as duas classes de pulsões. Assim, entra em jogo a teoria da libido que, basicamente, trata das dinâmicas que regem o investimento da libido nos objetos.

O movimento de dissociação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu é acompanhado de uma ruptura no narcisismo primário. A megalomania infantil vai cedendo lugar à realidade externa. Mas Freud percebe que não é possível que neste processo toda a libido tenha sido destinada aos objetos após a dissociação entre as duas classes de pulsões. Se assim fosse, o Eu se encontraria completamente empobrecido, o que não parece ser o caso, dado que existe o narcisismo secundário. A tensão entre externo e interno persiste e algo da libido parece manter-se no Eu.

Aqui sobrevém o papel do mecanismo de recalque pela força do complexo de castração. Este remete seguidamente ao choque com as limitações marcadas pela realidade externa. A criança deixa de ser o ideal que era enquanto imersa no narcisismo primário, aquele que se originou do antigo narcisismo dos pais.

Da realidade externa parte, por exemplo, a moralidade culturalmente aprendida e que tão fortemente se choca com a necessidade de satisfação da pulsão sexual. Freud destaca que é em relação a este choque que a libido sofre o destino de recalque. O recalque marca o conflito de ambivalência entre as exigências pulsionais e as exigências da realidade. Mas como veremos no capítulo seguinte, o recalque parte do Eu. Esta particularidade traz consigo um dos motivos pelos quais o que é rejeitado moralmente – e, portanto, recalcado – por uma pessoa não o seja por outra.

Em relação a isso, Freud nota um importante elemento: que a pessoa para a qual o recalque é um destino de pulsão, parece ser guiada por um ideal fortemente ancorado em seu psiquismo. A partir deste ideal o Eu é medido e comparado. Todo o esforço libidinal se dá no sentido de aproximar o Eu real do seu ideal. Assim, Freud elucida que o ideal vem a se constituir como produto do recalque do narcisismo primário. O Eu é impelido a esta ruptura pela força do complexo de

castração. Tal ideal é uma parcela de libido que se mantém ligada ao Eu, se torna uma parte dele que traz a possibilidade de renovar o amor a si mesmo que caracterizava o estado narcísico que precisou ser abandonado. Então, o ideal do Eu se torna a medida do que é necessário ao Eu para voltar a ser amado narcisicamente, como fora na infância através do narcisismo dos pais. O ideal é o narcisismo *deslocado* pela força do recalque.

Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido na infância, na qual ele era seu próprio ideal (FREUD, 1914, p. 27-28).

Ao percorrer os argumentos de Freud sobre a formação do ideal do Eu, inevitavelmente nos remetemos à instância psíquica do Supereu. Em 1914 Freud não a denomina, mas apenas sugere que poderia haver uma instância psíquica especial. A esta instância diferenciada do Eu caberia o papel de observá-lo e medi-lo a partir do ideal narcísico. O ideal do Eu se aproxima daquilo que Freud nota como a consciência moral de seus pacientes, que os acossa como um ponto de vista onipresente sobre os seus atos e pensamentos.

A formação do ideal do Eu, que em muito nos lembra o ulterior Supereu, se dá pela influência crítica dos pais. Crítica que se perpetua ao longo da vida através do discurso daqueles que vêm assumir posições análogas à dos pais para a criança: os educadores, os cuidadores e demais figuras em posição de poder; estendendo-se para as exigências da sociedade como um todo sobre o sujeito.

A consciência moral expressa as muitas vozes que apontam para o sujeito o que lhe falta para ser seu ideal narcísico. Freud destaca, ainda, que seria tal instância a responsável pelo que na *Interpretação dos Sonhos* (1900) foi denominado como *ensor do sonho*, responsável pela distorção onírica. O ideal do Eu exerce sua influência de maneira generalizada na vida dos sujeitos.

### 3.1.3 A teoria da libido

Pudemos compreender que são muitos os processos que fundamentam o reconhecimento do narcisismo como um conceito de psicanálise; bem como o quanto tal conceito é dependente de uma teoria da libido. Freud destaca o caráter

*necessário* do conceito de narcisismo para se compreender a gênese do Eu. Esta necessidade se dá no sentido de que o Eu apenas pode emergir enquanto uma instância a partir da ruptura do narcisismo primário. Assim entra em curso o investimento libidinal dos objetos externos e toda a dinâmica de processos que daí decorre.

Por outro lado, a ruptura do narcisismo primário desencadeia o esforço do Eu em tentar reconquistar seu antigo posto. Dentre as maneiras de restabelecer o narcisismo, aprendemos que pode ocorrer através do tipo de escolha de objeto amoroso, pelo complemento do que falta ao Eu através da relação objetual. O retorno ao estado de narcisismo também pode ser buscado pelo deslocamento da libido para o ideal do Eu. Este designa a internalização das exigências oriundas de fora – inicialmente pelos pais – sobre o que seria necessário ao Eu para tornar-se o seu próprio ideal e alcançar a satisfação narcísica.

Mas Freud demarca que a dinâmica não cessa por aí. A ambivalência se mantém na medida em que no Eu permanece parte da libido investida no ideal, ao passo em que outra parte é investida nos objetos. O Eu despense libido para investir os objetos e, por consequência, se empobrece. Porém, as relações objetais também podem proporcionar grande medida de satisfação. Com isso notamos que tanto a libido objetual quanto a libido do Eu são capazes de proporcionar satisfação, mas por vias opostas que, uma vez relacionadas, revelam a ambivalência.

Por um lado se investe no Eu e empobrece as relações objetais; por outro lado se investe nos objetos, mas se empobrece o Eu. É nesta constante tensão que a instância do Eu será erigida e desencadeará os mais diversos mecanismos para lidar com a contradição como, por exemplo, através do recalque. Em acréscimo à teoria da sexualidade infantil, Freud insere em 1915 uma breve elucidação sobre a teoria da libido nos Três Ensaio. Nosso autor nos explica que o termo libido vem designar a medida dos processos e destinos ocorridos no âmbito da pulsão sexual – aquela que se vincula aos objetos.

Com a noção de libido se torna possível distinguir os processos psíquicos sexuais dos demais processos psíquicos. Torna-se possível o estabelecimento das diferenças entre investimentos da pulsão sexual e investimentos da pulsão do Eu. A teoria da libido apresenta, ainda, um outro desdobramento apresentado por Freud em seu complemento aos Três Ensaio. Segundo nosso autor, o caráter perverso

polimorfo da sexualidade infantil é relativo aos destinos da libido do Eu – a libido narcísica propriamente. Por isso Freud diz ser o Eu o reservatório da libido.

É a libido narcísica que alimenta o estado de autoerotismo. Porém, somente após transpor o autoerotismo e ser investida nos objetos sexuais, é que ela se torna acessível à observação, convertendo-se em libido objetal. A partir daí os destinos da libido tornam-se passíveis de investigação clínica. Toda a dinâmica pulsional é compreendida à luz da teoria da libido.

[...] essa libido do Eu só se torna convenientemente acessível ao estudo analítico após achar emprego psíquico no investimento de objetos sexuais, ou seja, após se tornar libido objetal. Nós a vemos, então, concentrar-se em objetos, fixar-se neles, ou então abandonar esses objetos, passar deles para outros e, a partir dessas posições, guiar a atividade sexual do indivíduo, a qual leva à satisfação, isto é, à extinção parcial e temporária da libido. A psicanálise das assim chamadas neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) nos proporciona uma visão segura nesse ponto. Quanto aos destinos da libido objetal, podemos também verificar que ela é retirada dos objetos, mantida suspensa em estados especiais de tensão e finalmente reconduzida ao Eu, de modo a se tornar novamente libido do Eu. Também chamamos à libido do Eu, em contraposição à libido objetal, libido narcísica (FREUD, 1905, p. 136).

Esperamos ter logrado cumprir com nosso objetivo de, ao seguir as linhas de Freud, explicitar os principais elementos que balizam e fundamentam a noção de narcisismo na compreensão da dinâmica dos processos psíquicos.

A esquizofrenia foi o modelo do qual partiu Freud para exemplificar e nos apresentar a teoria da libido. Relativa a esta está o narcisismo, noção que se desvela por meio da investigação sobre os destinos da pulsão sexual. Aprendemos que particularmente o movimento de retorno da libido em direção ao Eu caracteriza o narcisismo secundário. Freud considera o Eu como reservatório da libido, pois dele partem as quantidades de libido a serem vinculadas aos objetos externos. O narcisismo primário constitui o momento no qual pulsões sexuais e pulsões do Eu estão conjugadas, sendo ainda impossível distingui-las.

### 3.2 DO NARCISISMO NA METAPSICOLOGIA

O que segue a publicação da *Introdução ao narcisismo* (1914) é a série dos artigos metapsicológicos de 1915. Apesar de estes particularmente receberem esta denominação, sugerimos que a tese sobre o narcisismo também pode ser considerado como parte integrante da metapsicologia. E isso nos parece se revelar inclusive em *As pulsões e seus destinos* (1915), artigo no qual Freud elucida a

dinâmica que se revela no destino pulsional de retorno em direção ao Eu. Tal destino, como buscaremos destacar no capítulo a seguir, diz respeito ao movimento libidinal que caracteriza o estado de narcisismo secundário. Desse modo, notamos que o narcisismo é propriamente um destino pulsional – talvez, um dos mais significativos.

Até o momento traçamos nosso percurso a partir de um elemento que nos serviu de orientação para identificar e, assim, demonstrar os modos da pulsão nos fundamentais desenvolvimentos de Freud sobre a psicanálise. Isto é, este elemento nos possibilitou desvelar que algo relativo à pulsão se assinalava a Freud mesmo antes desta se tornar um conceito de psicanálise. Freud olhou para as ambivalências, trouxe para o primeiro plano de investigação a busca pela origem dos conflitos psiconeuróticos. Conflitos que, *a posteriori* e regressivamente, revelaram ser produtos destas mesmas ambivalências, encobertas sob os mais variados aspectos.

Pelas ambivalências observadas na clínica, a psicanálise se constitui enquanto um campo de saber particular, um campo de saber sobre as pulsões. As ambivalências são nosso guia na construção do percurso metapsicológico que aqui buscamos propor e, acreditamos, o narcisismo é o elemento que mais claramente nos possibilita antever os jogos de ambivalência envolvidos nos destinos pulsionais.

### 3.2.1 Um caso de narcisismo como destino pulsional: a melancolia

Em *Luto e Melancolia* escrito em 1915, Freud nos concede talvez o maior exemplo de um mecanismo psíquico que marca o retorno da pulsão ao estado de narcisismo. A partir de nossa investigação do artigo de 1914 sobre o narcisismo, gostaríamos de propor a melancolia como o exemplo a partir do qual podemos compreender como se estabelece o narcisismo secundário.

Lembremos que este é designado pelas transformações da libido, seus reveses entre o mundo externo e o Eu. O narcisismo secundário ocorre tendo em vista restabelecer um elo com o narcisismo primário. Aquele pode ser compreendido como um movimento regressivo orientado pela busca em reencontrar o primitivo estado de satisfação no qual éramos nosso próprio ideal – ou, pelo menos, assim parecia ser.

Bem como fez na *Introdução ao narcisismo* (1914), partindo do patológico para compreender a normalidade – da análise da esquizofrenia à análise da neurose – Freud realiza um movimento semelhante em *Luto e Melancolia* (1917). A diferença consiste em que, aqui, o percurso de investigação de nosso autor é inverso àquele realizado em 1914. Freud parte da análise sobre o afeto normal de luto, para então compreender o que se coloca em jogo na melancolia.

Da relação entre luto e melancolia, Freud elucida diversas semelhanças das quais emerge a singularidade. Ou seja, diante das mesmas influências, algumas pessoas reagem com o luto, ao passo que em outras se desencadeia uma melancolia. Isso faz Freud suspeitar de que na melancolia haveria certo *pathos* que a distingue do processo de luto.

Freud observa que tanto melancolia quanto luto se caracterizam pelo doloroso abatimento e rebaixamento do interesse pelas coisas do mundo. Além disso, é possível notar uma curiosa inabilidade para amar. Isto é, o Eu restringe-se a tudo que diga respeito à pessoa ou ideal que foi perdido. Por isso, durante certo tempo, é impossível realizar a escolha de um novo objeto.

Relativamente a tudo isso, a melancolia se distingue do luto porque nela se sobreleva uma considerável redução da autoestima. O fato de o sujeito destinar a si mesmo as mais violentas reprovações e críticas faz Freud notar o quanto o luto não implica necessariamente em melancolia. O luto não é acompanhado de rebaixamento da autoestima e desejo de punição tal como é possível notar na melancolia. Portanto, ambos designam processos psíquicos diferentes.

Segundo Freud, o que está em jogo no trabalho de luto é o exame de realidade. Este comprova que, após a perda, o objeto de amor já não mais existe. Do ponto de vista psíquico, se impõe a exigência de que a libido seja retirada da relação com o objeto perdido para ser re-investida em novos objetos. Mas Freud observa que o ser humano não abdica de suas posições libidinais tão facilmente. Então ocorre o árduo trabalho de luto que revela a resistência em desvincular a libido do objeto amado, porém perdido para sempre. Através do luto prolonga-se a existência do objeto no psiquismo. Todo e cada fragmento de lembrança é superinvestido pela libido para somente paulatinamente ser abandonado em prol do exame de realidade.

Diferenças se impõem no que tange à melancolia. Freud observa que muitas vezes é mesmo impossível identificar o que ali se perdeu. A perda chega mesmo a

ser ininteligível para o próprio sujeito. Quando se sabe quem foi perdido como objeto de amor, persiste uma incógnita, um não-saber relativo a *o que* foi perdido com o objeto. Este é o elemento essencial que Freud marca como necessário para compreendermos a melancolia: ela remete a uma perda que foi suprimida da consciência. Houve aí um processo de recalque que relaciona a melancolia a processos inconscientes.

No luto o Eu é absorvido pelo trabalho de superinvestimento de tudo que é relativo ao objeto perdido, o que explica o desinteresse pelo mundo externo. Em relação à melancolia Freud elucida que, no entanto, não é possível identificar o que tanto absorve o Eu do sujeito. Nosso autor observa que tamanha absorção do Eu na melancolia ocorre no sentido de uma autodepreciação predominantemente *moral*. Este fator se destaca na peculiaridade de que o melancólico não parece se envergonhar das características desprezíveis que atribui à sua própria pessoa. É como se o sujeito encontrasse certa satisfação ao revelar o quanto é indigno e egoísta, revelando estereis as tentativas clínicas de questionar tamanho menosprezo por si mesmo.

Portanto, a compreensão sobre a melancolia não repousa na confirmação ou refutação da opinião que o sujeito tem sobre si. Freud parte do ponto de que algo ocorre tal como o sujeito manifesta na sua autodepreciação. É isso que precisa ser elucidado para compreendermos a condição psíquica da melancolia. Neste ponto está o cerne do enigma quanto a *o quê* de si o melancólico perdeu com o objeto. Diferentemente do luto onde ocorre uma perda relativa ao objeto, na melancolia o essencial é que houve uma *perda no Eu*.

É deste ‘algo perdido’ no Eu que se constitui o estado de melancolia. A partir disso podemos começar a compreender, junto a Freud, a gênese da melancolia para, através dela, elucidarmos aquilo que concerne à própria constituição do Eu. O estado melancólico e a constituição do Eu encontram-se intimamente relacionados. A autodepreciação melancólica revela uma oposição *interna* ao Eu. Freud nos explica que uma parte do Eu parece se dissociar, passando a operar como se fosse dele independente. Assim, se facilita o processo no qual o Eu é tomado como um objeto ao qual são direcionadas as reprovações e críticas. A parte dissociada do Eu funciona como uma instância psíquica autônoma que se desvela no que Freud denomina de *consciência moral*.



Freud cita três instâncias do Eu: a censura da consciência; o exame de realidade e a consciência moral. Na melancolia se desvela que apenas esta última instância adquire autonomia a ponto de, como diz Freud, adoecer por si mesma e absorver o Eu de forma a que nele apenas encontre lugar a sua própria depreciação.

Porém, da escuta dos casos de melancolia nosso autor percebe uma interessante característica. Em meio à autodepreciação, se revela que muitas das críticas podem ser relacionadas não ao paciente, mas a outra pessoa – justamente aquela que é objeto de seu amor. Segundo Freud, aí está a chave do quadro clínico da melancolia: as recriminações são, na verdade, direcionadas ao objeto de amor. Mas por meio da introjeção da libido, as críticas se voltam para o Eu e ancoram-se na autodepreciação, como se esta em nada se vinculasse ao objeto. Desse modo, o conflito com o objeto se mantém recalcado. Ou seja, a ambivalência na relação objetal é mantida inconsciente e tudo se passa como se fosse apenas relativo ao Eu.

Assim, Freud afirma que na melancolia “queixar-se é dar queixa” (Freud, 1917, p. 133). Por isso o melancólico exhibe tamanho desembaraço ao emitir tantas reprovações a si mesmo. No fundo, ao depreciar-se está depreciando também o objeto de amor que lhe trouxe tanta frustração. Em termos dinâmicos, a libido investida no objeto retorna para o Eu. Neste processo, não ocorre a interrupção do investimento libidinal de objeto, pois esta se mantém na fantasia do melancólico pela via da *identificação*.

Por força do exame de realidade se renuncia ao objeto de amor, mas não se renuncia ao amor ao objeto – “Refugiando-se no Eu, o amor escapa à eliminação” (FREUD, 1917, p. 141). Pela regressão da libido ao Eu o que ocorre é a identificação deste com o objeto. Por meio do processo de identificação o objeto continua sendo investido libidinalmente, mas por deslocamento no Eu. Por isso Freud nos diz que ao desprezar-se o melancólico está, ao mesmo tempo, desprezando seu objeto de amor. A perda do objeto se transforma em perda do Eu.

O Eu torna-se objeto de investimento libidinal, caracterizando um movimento psíquico fundamental à sua constituição enquanto organização psíquica. E, no caso da melancolia, aprendemos que este movimento é relativo ao narcisismo secundário, um intento de resgatar o narcisismo original. Desta forma, a ambivalência persiste e passa do conflito Eu-objeto para um conflito *interno ao Eu*, entre ele e a sua instância crítica. Pela identificação, se constitui uma cisão no Eu que reaviva o primitivo caráter ambivalente das primeiras relações objetais.

Narcisicamente, o Eu se torna o seu próprio objeto de amor na melancolia. Contudo, o que se manifesta são recriminações e desejos de punição. Disso, Freud elabora que deve ter havido uma forte fixação no objeto, ou seja, que a escolha de objeto tenha sido realizado sobre a base do narcisismo – lembremos do tipo de escolha narcísica de objeto a qual Freud descreve em 1914.

Sendo frustrada a relação com o objeto de amor, o investimento libidinal percorre o mesmo caminho, porém em sentido inverso, regressivo. Assim a libido retorna ao estado de narcisismo do qual partiu. Uma vez que a escolha de objeto tenha sido fundamentada no modelo narcísico, este se torna um caminho facilitado e, portanto, preferencial para a libido.

que a escolha objetal tenha ocorrido sobre base narcísica, de modo que o investimento objetal possa, ao lhe aparecerem dificuldades, regredir ao narcisismo. A identificação narcísica com o objeto se torna, então substituto do investimento amoroso, do que resulta que a relação amorosa não precisa ser abandonada, apesar do conflito com a pessoa amada. Tal substituição do amor objetal pela identificação é um mecanismo importante nas afecções narcísicas [...]. Corresponde, naturalmente, à *regressão* de um tipo de escolha de objeto ao narcisismo original. [...] a identificação é o estágio preliminar da escolha de objeto, e o primeiro modo, ambivalente em sua expressão, com o Eu destaca um objeto (FREUD, 1917, p. 134).

Freud nota, ainda, que a melancolia é duplamente determinada: por um lado ela se caracteriza como o luto e, por outro lado, suas características remontam à regressão da libido. A regressão se realiza pelo predomínio da escolha narcísica de objeto facilitando, então, o retorno da libido ao estado de narcisismo. Então, podemos compreender que a melancolia é o produto de um conflito de ambivalência que sobrevém não só com a perda do objeto de amor – como é o caso do luto – mas que vai além da perda. A melancolia encontra na perda a ocasião para a emergência de uma fundamental ambivalência que fora, até então, fortemente recalcada.

Duplo também é o destino da pulsão na melancolia. Segundo Freud, uma parte da libido regride à identificação com o objeto e outra parte regride ao estágio pré-genital sádico-anal pela força da ambivalência. É do trabalho de regressão que a melancolia deriva seu caráter autopunitivo. Podemos lembrar dos Três ensaios onde Freud marca que no estágio sádico-anal a pulsão se manifesta através de componentes agressivos e hostis direcionados ao mundo externo. Tal estágio é aquele que por definição carrega a característica de ambivalência, que pode ser considerada como uma precondição da melancolia.

Compreendemos que, portanto, a melancolia é um claro exemplo de retorno da libido em direção ao Eu – narcisismo secundário. O estado melancólico deriva da perda de um objeto cuja escolha já havia sido pautada no narcisismo. Uma vez interrompida e impossibilitada a relação com o objeto, a libido retorna pela mesma via da qual partiu. A melancolia revela um destino pulsional no qual o Eu identifica-se ao objeto perdido e se oferece ele mesmo a uma satisfação narcísica, mesmo que regressivamente, pela vida da autodestruição.

Acreditamos que a melancolia também marca um momento essencial ao desenvolvimento da teoria da libido. Este tipo clínico evidencia a dualidade pulsional cuja ambivalência emerge a partir da perda do objeto. Lembremos que a dualidade entre pulsões sexuais e pulsões do Eu é um dos elementos que revela a emergência da dissociação interna ao Eu. Dissociação que se demonstra no caráter autopunitivo do Eu na melancolia e que deriva da instância psíquica autônoma de consciência moral.

Notamos que este aspecto revela já o gérmen do que Freud virá denominar como Supereu – a instância que se diferenciou do Eu e passou a operar independentemente deste, até mesmo contra ele. Considerando estes aspectos, sugerimos que a melancolia pode ser considerada como o produto de um jogo de forças psíquicas que desvela a força do recalque. O estado melancólico resulta tanto da cisão interna ao Eu quanto da regressão da libido ao Eu. A melancolia é o exemplo, principalmente, do poder dos processos que envolvem os destinos da pulsão de autopreservação.

#### 4 UMA INTERPOLAÇÃO: A METAPSIKOLOGIA

A palavra ‘interpolar’ pode ser compreendida a partir de diferentes sentidos. Pode significar a interrupção numa série, o ato de meter algo entre outras coisas ou mesmo uma alternância. Aqui, preferimos o sentido de ‘intercalar’. Nos dicionários, esta definição não deixa de conter certa ambivalência, uma vez que, neste sentido, uma interpolação pode significar tanto o intento de explicar ou fazer ajustes no que já fora realizado, quanto de alterar ou adulterar. A linha é tênue, mas a noção de interpolação bem sobreleva o que buscamos mostrar com a proposição deste capítulo.

Já pudemos elucidar no capítulo anterior que o narcisismo é a tese central do segundo passo de Freud na teoria pulsional. O que agora propomos inserir entre o segundo e o terceiro passo é propriamente o que ficou conhecido como *metapsicologia*. No transcurso e desenvolvimento dos artigos de metapsicologia, notamos que Freud mais uma vez revela aspectos concernentes à noção de narcisismo. Vemo-nos imersos no embrolho com o qual o próprio Freud se deparou uma e outra vez; e de maneira especial em sua elucidação metapsicológica da tese sobre o narcisismo já bastante complexa.

Isso somado às demais discussões que vêm a ser descritas e fundamentadas primeiramente em *As pulsões e seus destinos* (1915a), depois no artigo sobre o mecanismo de recalque e, por fim, em *O inconsciente* (1915c), formase um nó de complexidade que prepara o terreno para nos inserir na *mudança fundamental* que a teoria pulsional sofrerá no seu terceiro passo.

Por isso propomos discutir a metapsicologia propriamente dita como uma interpolação entre o segundo e o terceiro passo na teoria pulsional. Em relação ao segundo passo ela se coloca como uma reapropriação do conceito de narcisismo e do que tanto mais aí se encontra implicado. Como buscaremos demonstrar, isso será fundamental para lançarmo-nos na reviravolta metapsicológica que Freud inaugura com a discussão sobre a noção de pulsão de morte. A interpolação por nós aqui proposta concentra os indícios do que nos parece culminar na fundamental *alteração* na teoria pulsional.

Portanto, o presente capítulo se organizará em três partes, sendo que em cada uma delas nos dedicaremos à investigação detalhada dos três principais

artigos de metapsicologia ora mencionados. Acreditamos que assim se inaugura um movimento no sentido do que virá a ser modificado na teoria pulsional a partir de *Além do princípio de prazer* (1920a).

#### 4.1 AS PULSÕES E SEUS DESTINOS

Neste artigo metapsicológico, Freud nos apresenta o estatuto do conceito fundamental de psicanálise – o conceito de *pulsão*. Apesar de há muito já operar metapsicologicamente com esta noção, em seu trabalho de investigação e descrição dos fenômenos psíquicos, nosso autor ainda não tinha apresentado os fundamentos para tal conceito.

Na verdade, o que a série de artigos metapsicológicos parece nos apresentar como novidade é a gênese e sistematização daquilo que é particular a cada conceito metapsicológico. Ali Freud revela o modo como a pulsão, o recalque e o inconsciente estão inter-relacionados numa descrição metapsicológica dos fenômenos psiconeuróticos. No que tange a *As pulsões e seus destinos* (1915a), Freud nos insere na discussão sobre o conceito por ele denominado de *conceito fundamental de psicanálise* a partir de um ponto de vista bastante específico: o da fisiologia.

Curiosamente, é da fisiologia que nosso autor deriva a noção de pulsão *em psicanálise*, particularmente da noção de *estímulo* e do esquema *arco reflexo*. Este esquema designa nada mais do que o mecanismo instintual de ação de fuga ou de esquiva. Tais reações emergem com vistas a neutralizar o estímulo externo que atinge o organismo e que insere em sua dinâmica um excesso correlato à sensação de desprazer. O mecanismo do arco reflexo em sua relação com o estímulo externo, denota uma *adequação* fisiológica entre a resposta do organismo e a finalidade de sua resposta. Isto é, se o estímulo irrita ou desestabiliza, então o organismo se retira de sua influência. Bastante simples, se tudo sempre funcionasse dessa maneira.

O que Freud nota é que há um tipo de estímulo que não procede do meio externo circundante ao organismo. Estímulos como a sede e a fome caracterizam estímulos *internos*. Sendo assim, não é possível se esquivar ou fugir de tais estímulos, eles exercem uma pressão *constante* no organismo, até que sejam temporariamente apaziguados, pois sua neutralização completa é irrealizável pelos esforços do organismo.

Segundo nosso autor, uma pulsão é relativa a este segundo tipo de estímulo, aquele que parte do interior do organismo. Ela se relaciona com o estímulo fisiológico no sentido de marcar algo que *ultrapassa* as capacidades de reação com vistas a anular o estímulo. A pulsão demanda um trabalho constante. Mas este trabalho não se restringe à ação mecânica, física, para lidar com o estímulo. Segundo Freud, uma pulsão designa um estímulo *para o* psíquico, no sentido de que coloca em marcha uma necessidade de trabalho que extrapola a reação instintual, uma necessidade de *trabalho psíquico*.

Por isso Freud diz que a pulsão não é propriamente um estímulo psíquico, mas um estímulo *para o* psíquico. Dentre os estímulos psíquicos também há aqueles que se comportam mais como os fisiológicos. No caso da pulsão, a diferença está no fato de que ela traz em si a capacidade de *vir a ser* um estímulo psíquico; ela não o é desde o início. Por isso Freud diz que há estímulos internos – pulsionais – mais predispostos a se tornarem estímulos psíquicos.

Por exemplo, por um lado há estímulos fisiológicos externos que exercem pressão interna ao organismo, como a luz que atinge o olho. Mas, por outro lado, há estímulos que partem do interior do organismo – destes não é possível fugir ou esquivar-se. A fome ou a sede estimulam certos órgãos de maneiras particulares, pressionando no sentido do controle deste excesso de estimulação – dado que, como nos ensina Freud, esta não cessa mas apenas pode ser apaziguada.

Este tipo de estímulo incita, concomitantemente ao trabalho de ação externa, um complexo trabalho psíquico interno que virá transformar sobremaneira a relação com o mundo externo. Por isso Freud nos explica que a satisfação ou o apaziguamento do estímulo psíquico, pode ser alcançado “somente através de uma modificação adequada da *fonte* interna de estímulos” (FREUD, 1915a, p. 19 grifo nosso). Esta *fonte* refere-se ao órgão ou parte do corpo do qual parte a pressão de uma pulsão. Assim, a transformação desta fonte não se realiza em si mesma, mas em relação psíquica com o mundo externo. A relação com o mundo é transformada para que algum nível de suspensão da pressão de pulsão seja alcançado, mesmo que provisoriamente.

O mundo deixa de ser restrito aos instintos para ser vivenciado pulsionalmente. Em relação ao caráter dos estímulos internos, podemos exemplificar que a pressão da fome extrapola ou ultrapassa a busca pelo alimento. Uma pulsão faz da necessidade de nutrição uma outra coisa. Aqui se insere um importante fator:

que uma pulsão se torne um estímulo para o psíquico, isso já caracteriza a sua mudança em uma *representação*. Ou seja, o trabalho psíquico que entra em curso a partir do estímulo interno, se caracteriza pela transformação fundamental da relação com aquela pulsão originária que emerge em determinada fonte no corpo.

Assim, Freud esclarece que em psicanálise não se tem acesso às pulsões “puras”, mas sim às suas representações psíquicas. É a partir destas que a uma pulsão se tornará “conhecida”. O trabalho psíquico converte uma pulsão em sua representação, passando a operar a partir daí. Pelas representações psíquicas se torna possível a satisfação das fontes internas de estímulos.

Gostaríamos de destacar que, a partir do que nos explica Freud, uma pulsão – ou melhor, a sua representação – emerge em dependência tanto de mudanças internas quanto daquelas externas. A satisfação de uma pulsão depende das alterações ocorridas nestes dois âmbitos, simultaneamente. Disso, notamos que a ambivalência precisa ser *necessariamente* mantida para que compreendamos o que está em jogo com o conceito de pulsão que, nas palavras de Freud, é definida como um conceito *fronteiriço*.

Ou seja, uma pulsão não se designa pela negação da biologia, como se pudéssemos afirmar que ela “é isso porque *não* é aquilo”. Sugerimos que, pelo contrário, uma pulsão deve ser compreendida pela particularidade de não definir-se nem explicar-se completamente pelo que é de ordem biológica. O conceito de pulsão é marcado pela ambivalência, uma pulsão “é e *não* é” biológica, ela nunca se define completamente por apenas um dos pólos de oposição. Como buscamos destacar, a pulsão marca um *excedente* em relação ao modo instintual do arco reflexo, como se fosse o *limiar* que marca uma transposição para um modo de funcionamento distinto – o trabalho psíquico.

Assim, podemos compreender que a designação de ‘pulsão’ refere-se ao *representante psíquico* de estímulos que se originam *internamente* ao organismo e que tocam o psiquismo. O conceito de pulsão representa uma transformação do estímulo interno – o que fica claro quando nos lembramos dos Três Ensaio (1905) onde nosso autor explica a transmutação de uma parte do corpo em zona erógena. Bem como diz Freud, as pulsões são “como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal” (FREUD, 1915a, p. 25).

Portanto, o conceito de pulsão não concede uma solução, ele não resolve um problema, mas sim constitui uma via para *abordar* um determinado problema. A noção de pulsão em psicanálise é reveladora de um enigma para o qual não existe possibilidade de sentido unilateralmente. Fazendo da pulsão – *Trieb* – um conceito, Freud inaugura uma nova dimensão de compreensão sobre o psiquismo, uma dimensão marcada pela manutenção da *cisão* como seu pressuposto fundamental.

Há saberes que instituem que é preciso separar para bem compreender; o conceito de pulsão, por outro lado, marca a impossibilidade de se anular a ambivalência se o que se busca é compreender profundamente a psique humana. Em psicanálise, a ambivalência não deve ser resolvida, pois ela é precondição para a sua metapsicologia.

#### 4.1.1 Os quatro termos da pulsão

Tendo nos aproximado da definição para o conceito de pulsão, então Freud inaugura a investigação dos elementos que compõem tal noção em psicanálise. Segundo nosso autor, em se tratando de pulsões, é preciso ter em mente os termos que se correlacionam a este conceito. São quatro: *pressão*; *meta*; *objeto* e *fonte*. Toda a pulsão deve ser investigada levando-se em conta sua relação com os quatro termos. São eles que irão situar o alcance metapsicológico do conceito.

Seguindo a Freud, comecemos pela compreensão do primeiro termo, a *pressão* de pulsão. Esta diz respeito ao *fato motor*, ela é a representação da medida de exigência de trabalho imposta pelo corpo ao psiquismo. A pressão é um traço essencial da pulsão, concede-lhe o caráter de *estímulo constante*. Sendo relativa ao fator motor, a pressão da pulsão representa certa *porção de atividade*. Ela é relativa a uma *força* cujo caráter excedente impele ao movimento, a entrada em curso do trabalho psíquico.

Descrita por Freud em termos de força motora e de parcela de atividade, compreendemos que a pressão da pulsão é o principal indicativo de seu fator *quantitativo*. Tal ideia acompanha Freud desde o Projeto de 1895 e é relativa à diminuição ou ao aumento de excitação psíquica. O princípio de prazer se relaciona fundamentalmente com a tensão gerada pela quantidade de excitação. Sua diminuição é prazer, apaziguamento, satisfação; e seu aumento é desprazer, excesso, estímulo.



O segundo termo é relativo à *meta* da pulsão. De acordo com Freud, a meta é sempre a *satisfação* alcançada pela suspensão ou diminuição parcial da excitação na fonte interna. Apesar dos tantos e complexos caminhos psíquicos que uma pulsão pode vir a percorrer, Freud nos lembra que a sua meta final será sempre e invariavelmente a satisfação. Por exemplo, *metas intermediárias* podem ser combinadas ou mesmo substituídas entre si, para que a meta final de satisfação seja alcançada. Este exemplo ao que Freud nos apresentou nos Três Ensaio de 1905 sobre as satisfações intermediárias derivadas das pulsões parciais. Ali nosso autor destaca que, na fase genital, as múltiplas satisfações parciais das zonas erógenas conjugam-se em prol da meta final sexual pelo ato reprodutivo.

Além desta particularidade, Freud nos lembra, ainda, que a experiência demonstra que há pulsões “inibidas em sua meta”. Ou seja, processos psíquicos que, apesar de admitidos por certo tempo, são depois inibidos ou desviados na medida em que se aproximam da meta final. Contudo, mesmo na condição de inibição da meta estaria em jogo uma *satisfação parcial*. Pois, lembremos que um prazer intermediário não é anulado ou inviabilizado pelo fato de a sexualidade ser orientada segundo a busca pela meta final.

O *objeto* da pulsão é o terceiro termo que Freud nos apresenta. O objeto é aquilo por meio do qual a pulsão alcança a meta de satisfação. Ao contrário desta, que designa o que há de mais constante nas pulsões, o objeto é o que há de *mais variável*. Pode ser substituído inúmeras vezes, orientando a pulsão aos mais diversos destinos. Segundo Freud, o objeto não depende nem se vincula originariamente à pulsão. Esta somente é vinculada ao objeto na medida em que ele possibilita o alcance da meta. Para isso, tanto pode ser um objeto externo quanto uma parte do próprio corpo.

Além disso, um único objeto pode servir, ao mesmo tempo, à meta de diferentes pulsões. Bem como se *fixar* de tal modo que limite a mobilidade da pulsão, submetendo-a a um dado tipo de relação objetal para alcançar a satisfação – como nos casos de fetichismo. É justamente por ser tão indeterminado, que podemos considerar que o objeto da pulsão é “especialmente determinado”. Isto é, podem ser quaisquer objetos a satisfazerem uma pulsão, contudo, aquele que é eleito por facilitar o alcance da meta não é qualquer um. Isto é, ao atender a condição de satisfação, o objeto se torna privilegiado em relação aos demais que estão ao alcance. Uma vez ligada a pulsão com um objeto, os destinos pulsionais

serão guiados pelas possibilidades de satisfação nas relações com o objeto escolhido.

O quarto e último termo de pulsão é sua *fonte*. Freud a define como o *processo somático* desencadeado em uma parte do corpo. Lembremos do que aprendemos sobre a definição de pulsão: que ela é o *representante psíquico* de um *estímulo*; e todo estímulo é percebido e sentido na sua relação com o corpo. Para Freud, no entanto, o estudo sobre a natureza do processo somático que ocorre na fonte pulsional não cabe à investigação psicanalítica. O processo somático seria objeto de um estudo específico mais adequado às ciências naturais. Segundo nosso autor, saber especificamente em que consiste a natureza das fontes pulsionais não é o essencial, já que as pulsões apenas são *inferidas retrospectivamente* a partir de suas metas.

Freud se refere a este termo da pulsão como sendo uma *fonte interna* de estímulos. Ou seja, a fonte designa a *parte do corpo* na qual ocorre um *modificação* que possibilitará ou facilitará o alcance da meta de satisfação pulsional. A fonte é relativa ao reconhecimento de que há processos *originados no corpo* que, no entanto, ultrapassam seu funcionamento biológico natural.

Apesar das tantas particularidades, Freud afirma que as pulsões não são distintas entre si, ou que seja diferente o modo como atuam psiquicamente. Neste sentido, todas as pulsões são *qualitativamente iguais*. Seus destinos é que são diferentes. Que as fontes pulsionais sejam múltiplas e que haja diversidade entre os destinos das pulsões, não implica em que existam tantas pulsões quanto há, por exemplo, possibilidades de satisfação. Quanto a isso, Freud sugere notar que as fontes dispõem às pulsões um número *limitado* de possibilidades de satisfação – limite imposto pela própria condição corporal. As pulsões representam justamente a medida de uma demanda de satisfação que *ultrapassa* o que é da ordem do funcionamento fisiológico.

Sobre isso, lembremos que a pulsão representa um estímulo interno cuja pressão constante não pode ser anulada por nenhuma resposta específica do organismo, do contrário, caracterizaria um instinto. Frente ao caráter ilimitado e excessivo das pulsões, o corpo nos parece ser o que, fundamentalmente, impõe limites às exigências pulsionais.

#### 4.1.2 A dualidade pulsional

Até aqui nos referimos a pulsões, no plural. É chegado o momento de buscarmos em Freud o que fundamenta a sua proposição de que não há o *um* das pulsões. No item anterior, nosso autor esclareceu que o número de pulsões não coincide, por exemplo, com a quantidade de fontes para a satisfação pulsional. Segundo nosso autor, seria possível, a partir disso, realizar uma decomposição das pulsões em relação às fontes; levando ao conhecimento sobre as pulsões mais especializadas, aquelas mais primordiais.

De acordo com Freud, o trabalho de investigação psicanalítica se orienta por estas pulsões primordiais. É a partir delas que derivam tantas outras conforme a fonte na qual emergem, dando-nos a impressão de uma pluralidade de pulsões quase ilimitada. Neste momento de sua obra, nosso autor designa que são duas as pulsões primordiais: as *pulsões do Eu* ou de autopreservação e as *pulsões sexuais*. A teoria pulsional é, portanto, dual. Freud esclarece que tal classificação é uma *construção auxiliar* que somente deve ser mantida enquanto for útil. Como poderemos constatar no próximo capítulo desta dissertação, ocorre uma reviravolta nesta dualidade pulsional com a investigação sobre as manifestações da pulsão de morte.

A distinção entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, deriva das investigações de Freud sobre as psiconeuroses de transferência. É da análise dos casos de histeria e de neurose obsessiva que surgem as evidências de um antagonismo entre as exigências sexuais e as restrições impostas pelo Eu. Para Freud, o que se pode observar na origem das psiconeuroses é sempre da ordem de um *conflito* de ambivalência.

O mais importante da proposta de Freud em distinguir as pulsões do Eu das pulsões sexuais repousa na questão de um conflito que longe de ser anulado, parece sempre se deslocar. Isso quer dizer que, relativamente às pulsões, sempre há coexistência entre exigências contraditórias. Trazendo para o primeiro plano a dualidade entre sexualidade e autopreservação, Freud nada mais faz do que revelar a ambivalência essencial à compreensão do conceito fundamental de psicanálise.

Vale lembrar que desde o Projeto (1895) e os Três Ensaio (1905), o sexual ao qual se refere Freud não corresponde a uma noção biológica. A própria noção de pulsão vem destacar aquilo que se revela nos fenômenos psiconeuróticos e que

ultrapassa a sua dimensão biológica, orgânica. A sexualidade imersa nas pulsões é uma *outra* sexualidade; uma sexualidade propriamente psicanalítica.

No tocante àquele lado “oposto” à sexualidade, Freud esclarece que as pulsões do Eu ou de autopreservação são mais próximas às formações conscientes e, portanto, às exigências *individuais*. Pelo fato de se desvelarem na consciência, as realizações das pulsões do Eu são acessíveis pela observação clínica. Contudo, sabemos que Freud sempre esteve atento às intermitências nos processos conscientes. Foi a partir da descontinuidade na consciência, que nosso autor pôde inferir a existência de processos regidos por outra dinâmica. Parecia haver processos funcionando segundo uma ordem contrária àquela dos processos conscientes, como se atuasse à revelia destes.

Ao voltar a atenção àquilo que se manifesta na consciência sem que, no entanto, seja reconhecido enquanto tal, as características das pulsões sexuais – e seus propósitos inconscientes – puderam ser elaboradas por Freud. Na suposta continuidade e objetividade da consciência, nosso autor notou a existência de elementos descontínuos que ali mesmo se revelam. No solo consciente aparecem, contraditoriamente, elementos de irregularidade que parecem forçar sua emergência na consciência. As pulsões sexuais exercem *pressão constante* no sentido de tornarem-se conscientes.

Disso podemos notar que o que Freud elucida sobre o conceito de pulsão se refere aos destinos das pulsões sexuais, ao modo como estas suscitam uma quebra e aparente falha no curso dos processos conscientes. As pulsões sexuais são, assim, acessadas indiretamente pelas suas relações conscientes com os objetos. A sua maior comprovação é, portanto, a sua própria negatividade.

Para chegar ao ponto de desvelar os destinos das pulsões, foi necessário a Freud percorrer o caminho indireto de acesso às manifestações das pulsões sexuais na consciência – do atual às origens. Os destinos pulsionais, dizem respeito fundamentalmente a processos relativos à dimensão psíquica sexual do ser humano. Partindo deste ponto, foi possível ao nosso autor sistematizar a sua metapsicologia. Assim, aprendemos que as pulsões sexuais são muito diversificadas entre si, advêm de múltiplas fontes no corpo e, de início, agem independentemente umas das outras. Somente mais tarde são reunidas como em uma síntese, passando a ser regidas por um primado que, de certo modo, “concentrará” as realizações das pulsões sexuais.

Se prestarmos atenção, tudo isso já foi caracterizado por Freud dez anos antes, nos Três Ensaio. Ali nosso autor explica que, enquanto agem independentemente umas das outras, as metas intermediárias das pulsões sexuais visam ao prazer *do* órgão, caracterizando o autoerotismo e a estimulação das zonas erógenas. Após a síntese que, em certa medida, unifica as pulsões sexuais sob o primado genital, então a satisfação da meta se *liga* à função reprodutiva.

Mas as pulsões sexuais não se desdobram independentemente das pulsões do Eu. Aquelas, inicialmente se *apóiam* nestas, buscando os objetos que possibilitem o alcance da meta a partir dos caminhos trilhados primeiramente pela autopreservação. Ou seja, no início, a meta de satisfação está *ligada* a intuítos mais relativos à sobrevivência do organismo. Tal é o exemplo da relevância e predisposição das regiões oral e anal em se tornarem zonas erógenas e passarem a responder às exigências de satisfação da pulsão sexual. Ou mesmo o exemplo do tipo de escolha anaclítica de objeto sexual.

Mas as coisas não seguem sempre desta maneira. Freud nos explica que parte das pulsões sexuais se mantém ligada às pulsões do Eu. Nunca se desvinculam completamente destas, continuando a operar juntamente aos intuítos da autoconservação. Segundo Freud, é na análise dos fenômenos psiconeuróticos que se revelam as irrupções das pulsões sexuais em seu amalgamento com as pulsões do Eu.

Que as pulsões sexuais se apoiem nas pulsões do Eu, indica que aquelas se tornam componentes libidinais destas. É o fator libidinal que caracteriza, por exemplo, a plasticidade dos objetos aos quais a pulsão se liga para alcançar a meta. É a *libido* que possibilita, e talvez possamos mesmo sugerir que também *incita* a constante substituição entre os objetos que servem às metas pulsionais. Além disso, a *plasticidade* proporcionada pela libido possibilita, inclusive, realizações distanciadas da meta original, a satisfação sexual. Este último seria o exemplo da sublimação, designada por Freud como um destino pulsional, mas ao qual o autor pouco fez referência ao longo de sua obra.

#### 4.1.3 Os destinos pulsionais

Freud menciona a existência de quatro destinos para as pulsões sexuais: a reversão no contrário; o retorno em direção ao Eu; o recalque e a sublimação. Nosso

autor não cogita tratar da sublimação no presente artigo e explica que destina ao recalcque uma apreciação no seguinte artigo metapsicológico. Em *As pulsões e seus destinos* (1915a) apenas são elucidados os destinos relativos ao narcisismo – o retorno da pulsão ao Eu – e a reversão no seu contrário.

Segundo Freud, todo destino pulsional caracteriza uma *defesa* do Eu contra a emergência das pulsões na consciência. Em relação à reversão da pulsão em seu oposto, nosso autor destaca que este destino se desdobra em dois processos psíquicos diferentes: a passagem da atividade para a passividade e a inversão no conteúdo de pulsão. O primeiro dos processos é observado por Freud nos casos de sadismo-masiquismo e exibicionismo-voyeurismo. O que caracteriza estes destinos pulsionais é a reversão em relação à meta da pulsão, sendo a satisfação alcançada pela via ativa ou pela passiva.

Estes mesmos casos também apresentam o destino de retorno da pulsão ao Eu ou retorno à condição narcísica da pulsão – por isso, destacamos que é um destino relativo ao narcisismo. Segundo Freud, o masiquismo é o sadismo que retornou ao Eu, assim como o exibicionismo é o voyeurismo que retornou ao Eu. Mas, que a satisfação da pulsão passe do objeto externo ao Eu e da meta ativa para a passiva, não implica que algo da satisfação relativa à posição anterior desapareça. Muito pelo contrário, a pressão de uma pulsão nunca é esgotada na passagem de um destino a outro. O que Freud nota é que a satisfação continua a ser alcançada em parcelas diferentes através de cada um dos pares de oposição, acontece uma dupla satisfação pulsional.

Particularmente, o exibicionismo é um destino que marca a mudança do objeto de pulsão, mantendo em certa medida a meta sexual. Ou seja, ao retornar ao Eu a atividade mantém-se parcialmente enquanto tal, mas destinada a outro objeto: o próprio Eu. O caso de voyeurismo-exibicionismo dá os indícios do que será o fundamento para compreender o destino pulsional na neurose obsessiva. Assim é porque Freud observa que o exibicionismo inclui certa fase intermediária entre a passagem da atividade para a passividade. Isto é, o exibicionista também desfruta da contemplação do próprio corpo, ele satisfaz-se sexualmente ao ser olhado pelo outro – um objeto externo – mas também satisfaz-se ao olhar a si mesmo.

Mantém-se, portanto, duas vias de satisfação da meta: aquela evidente, a passiva – ser olhado; e a outra mais implícita, a ativa que agora toma o próprio Eu como objeto e que se satisfaz narcisicamente pela contemplação do próprio corpo.

Neste caso, o exibicionista é sujeito e objeto de si mesmo. Segundo Freud, é algo relativo a isso que marca a neurose obsessiva, concedendo toda a série de nuances que a particularizam. Tal neurose revela sobremaneira o papel da ambivalência no destino de pulsão. A neurose obsessiva apresenta o retorno da pulsão sádica ao Eu sem que a meta se transforme em passiva.

Isso quer dizer que na neurose obsessiva não se efetiva a busca por um objeto externo que realize a punição sobre o Eu, satisfazendo a condição masoquista-passiva. Assim, se revela o caráter bastante particular da satisfação sádica na neurose obsessiva: aquilo que era desejo de atormentar se converte em autotortimento e autopunição. E este é um destino caracteristicamente narcísico.

A pulsão regride ao Eu e este se faz objeto para a continuação da satisfação da meta pela via sádica. O antigo sadismo se volta contra o Eu. O neurótico obsessivo é sujeito e objeto de si mesmo, exerce para consigo toda humilhação, censura e recriminações que antes desejava satisfazer sobre um objeto. Segundo Freud, não há passagem da voz ativa para a passiva, mas sim algo da ordem da passagem para a voz reflexiva média: do “eu castigo” para “eu me castigo”.

Segundo Freud, o narcisismo assume um papel importante nos destinos pulsionais. Talvez seja mesmo por esta constatação que nosso autor institui o narcisismo como o conceito que marca o segundo passo na teoria pulsional. Em relação ao presente artigo que nos propomos discutir, sugerimos que o movimento pulsional e sua multiplicidade em vários destinos é um fator dependente da fase inicial de desenvolvimento do Eu, o narcisismo.

O retorno da pulsão ao Eu é um destino envolvido fundamentalmente com a questão do narcisismo. Freud nos explica que a passagem da atividade para a passividade designa, no caso do sadismo-masoquismo, um retorno de pulsão ao objeto narcísico. Disso podemos compreender que o Eu é o primeiro objeto da pulsão. Os destinos se caracterizam como derivados dessa relação primordial na qual o Eu foi o objeto por excelência para a satisfação da pulsão.

O destino de retorno da pulsão ao Eu depende, portanto, da organização narcísica do Eu e dos traços que caracterizam esta fase de desenvolvimento da libido. Freud nos explica que tal destino é um mecanismo de defesa que conduz a pulsão sexual narcísica – ou libido narcísica – por outros meios. Do Eu para os objetos externos e, numa reviravolta, destes para o Eu novamente.

É aqui que o narcisismo se confunde com autoerotismo, ou melhor, que o componente de satisfação autoerótica reaparece junto à pulsão que sofreu um destino narcísico. O autoerotismo se relaciona ao narcisismo no sentido de caracterizar a fase preliminar à formação do Eu. Fase na qual o objeto da pulsão coincide com a sua fonte. Quando uma pulsão experimenta um destino narcísico – como acontece nas passagens do sadismo ao masoquismo e do voyeurismo ao exibicionismo – ela experimenta também a regressão a um modo de satisfação autoerótico. Freud esclarece que é neste ponto que o Eu coincide com o prazer; sendo tomado, então, como objeto de satisfação narcísica da pulsão.

Ainda no que tange à reversão da pulsão no seu contrário, resta-nos mencionar o caso particular da conversão do amor em ódio. Segundo Freud, este é o destino pulsional que mais fortemente revela o caráter ambivalente da pulsão. Isso porque geralmente o que se observa é o amor e o ódio direcionados para o mesmo objeto, simultaneamente. Este é o conhecido caso de ambivalência de sentimentos do qual trataremos a seguir.

#### 4.1.4 As polaridades pulsionais e o princípio de prazer

Em relação à reversão da pulsão no contrário pela inversão de conteúdo, Freud comenta que o ‘amar’ admite não duas, mas três polaridades: amar-ser amado; amar-odiar; e amor-indiferença. A primeira delas caracteriza a passagem da atividade para a passividade. Mas também envolve o recuo da pulsão sexual à situação fundamental de narcisismo, já que o ‘ser amado’ parece ser uma modificação do ‘amar a si mesmo’.

É da investigação dos processos psíquicos envolvidos nos sentimentos de amor e de ódio que Freud deriva a posta em cena do princípio de prazer nos destinos pulsionais. Nosso autor revela que as três polaridades para o ‘amar’ admitem ainda outras três polaridades que regem a vida psíquica e cujas relações são marcadas pela ambivalência. São elas: Sujeito/Eu – objeto/mundo externo; prazer – desprazer e atividade – passividade.

Freud esclarece que da análise destas três polaridades, é possível notar os componentes envolvidos em um destino de pulsão, de modo a que se possa investigar mais profundamente os processos nele envolvidos. A oposição entre o Eu e o não-Eu ou entre sujeito e objeto, é a oposição mais primordial, pois é a que se



impõe mais cedo no desenvolvimento psíquico, sendo relativa ao estado de narcisismo. Tal oposição emerge da já mencionada impotência ou limitação corporal ante a pressão dos estímulos pulsionais, pois é da própria insuficiência orgânica em relação à pulsão que emerge o parâmetro de comparação que possibilita distinguir o mundo interno do mundo externo. Ou seja, a impressão que de fora tocou em algo fundamentalmente pulsional, marcará com intensidade proporcional a quantidade de excitação que chegará ao aparelho psíquico.

Já a polaridade entre prazer e desprazer se vincula às *sensações*, ao que é percebido na *consciência*. O que é sentido como excesso de estimulação é sentido como desprazer, ao passo em que a satisfação advém da sensação de diminuição da estimulação na fonte interna. Os destinos pulsionais ocorrem segundo um balizamento entre os lados opostos que marcam esta polaridade.

A oposição entre atividade e passividade pode gerar confusão em relação à polaridade sujeito-objeto. Facilmente se pode incorrer no erro de vincular o Eu à atividade e o objeto à passividade. Freud nos explica que as coisas acontecem de maneira mais complexa. O Eu mesmo traz em si uma polaridade: é passivo diante dos estímulos externos ou internos e, *ao mesmo tempo*, é ativo quando reage a tais estímulos. E esta ambivalência se mantém e desloca se olharmos a partir de outro ângulo: as pulsões são aquilo diante do qual o Eu é passivo, mas, simultaneamente é também a força pulsional que impele o Eu à atividade em relação aos estímulos que o atingem. Portanto, o Eu é ativo quando reage aos estímulos e passivo quando recebe estímulos. O Eu é, por definição, ambivalente; sempre servindo a exigências que se manifestam num contínuo jogo de oposições.

Discutir sobre a polaridade atividade – passividade possibilita a Freud destacar os *destinos* a ela vinculados: a masculinidade e a feminilidade. Ulteriormente, no desenvolvimento psíquico, ocorre a fusão entre as polaridades masculino – feminino e ativo – passivo, respectivamente. No momento em que se constitui este amalgamento, então a distinção entre masculino e feminino adquire importância na vida psíquica. O masculino se liga à atividade e o feminino se liga ao que é da ordem da passividade. No entanto, nosso autor revela que tal conjugação está longe de poder ser presumida como exclusiva ou mesmo definitiva na vida psíquica. Nesta afirmação, Freud nos lembra que a plasticidade pulsional é um fator intrínseco e correlato ao seu caráter ambivalente.

Assim, notamos que as três polaridades psíquicas ligam-se umas às outras de maneiras bastante diversificadas. Contudo, a investigação das fases primordiais de desenvolvimento do psiquismo demonstra que há um momento no qual duas das polaridades incorporam-se entre si. Freud nos explica que no início da vida psíquica o Eu está plenamente ocupado pelas pulsões, como um *reservatório* de pulsões. Nesta condição o Eu é capaz de satisfazer as pulsões em si mesmo, autoeroticamente. Como já pudemos destacar, a fase mais primitiva do psiquismo se define pelo estado de narcisismo, no qual a satisfação das pulsões ocorre de maneira autoerótica. Ainda não existe a distinção que institui a polaridade Eu – objeto; aqui o Eu ainda é seu próprio objeto e, portanto, *o Eu coincide com o prazer*.

Contudo, transformações ocorrem nesse Eu narcísico e autoerótico. Pela força das pulsões de autopreservação o Eu paulatinamente passa a reconhecer os objetos do mundo externo que proporcionam satisfação a estas pulsões. Porém, este reconhecimento impossibilita que o Eu continue alheio ao desprazer que surge da percepção do excesso de excitação. É no curso deste processo que o Eu deixa de coincidir com o prazer e passar a ser regido princípio de prazer. Imerso neste princípio, o Eu pode vir a tomar para si os objetos que promovem o prazer, relembrando o antigo estado de narcisismo original. Tal processo, Freud o denomina *introjeção*. Por outro lado, o Eu também pode vir a expulsar tudo que lhe causa desprazer, como se fosse inerente ao mundo externo. Este processo, por sua vez, Freud o denomina *projeção*.

É através destes mecanismos que o Eu se transforma de *Eu-real* que distingue interior de exterior, em *Eu-prazer* guiado pela marca distintiva do prazer. A realidade, agora, passa a ser classificada entre uma porção prazerosa incorporada ao Eu; e uma parte desprazerosa projetada no mundo externo, como se somente este contivesse tudo de estranho que representa perigo ao Eu. Neste ponto, Freud nos apresenta a transformação na polaridade inicial Eu-objeto. A vida psíquica passa a operar por oposições que combinam estas transformações: *Eu-sujeito-prazer* se contrapõe a *mundo externo-objeto-desprazer*.

Percebemos que esta nova conformação deriva nada mais que da inclusão e reconhecimento do objeto externo no estado de narcisismo; no qual, antes, o mundo era apenas percebido como indiferente ao Eu. É neste ponto que podemos situar a antes referida polaridade entre amor e ódio.

O mundo externo vem perturbar o estado narcísico no qual o Eu satisfaz-se de maneira autoerótica. Os estímulos externos impelem o Eu a trabalhar psiquicamente para organizar suas sensações e situá-las na polaridade interno-externo. Há sensações desprazerosas que precisam ser afastadas do Eu, projetadas para que, nostalgicamente, o Eu se mantenha reconhecido narcisicamente. O princípio de prazer vem exercer aí um importante papel. No entanto, também torna muito mais complicadas as dinâmicas das pulsões para alcançar a satisfação e evitar o contínuo desprazer.

Pudemos compreender que o labirinto do princípio de prazer em que se encontra o Eu, constitui o modelo para algumas transformações: do Eu em oposição ao objeto passa ao *Eu-prazer* em oposição ao *mundo externo-desprazer*. Em relação a este último, e pelo princípio de prazer, emerge o sentimento de ódio para com tudo que do mundo externo interfira na coincidência narcísica entre Eu e prazer. A inversão do amor em ódio e do amor em indiferença que ora foi mencionada, deve ser compreendida à luz desta nova polaridade.

Em um momento mais primordial, o objeto é transposto do mundo externo ao Eu pela pressão das pulsões de autopreservação. Freud nos sugere que a origem do ódio está em suas primeiras relações com o mundo externo de onde provém estímulos. Assim, para nosso autor, parece que primordialmente o objeto e o mundo exterior formam um tipo de unidade à qual o ódio vem a ser projetado. No entanto, lembremos que não há fixidez em tais ligações. No curso de um destino de pulsão, pode ser que o objeto antes odiado se torne fonte de prazer, pelos mais variados motivos.

Nesse caso, o ódio se transforma em amor pelo objeto que é, então, introjetado no Eu. Assim, se perpetua a vínculo entre o que é externo e odiado. Na medida em que o Eu introjeta o que é amado, mantém-se o *Eu-prazer* que sempre coincide o ódio com o que é externo. É possível compreender, então, que o par de opostos amor/ódio-indiferença é relativo à polaridade *Eu-objeto*. A oposição amor-ódio reproduz um segundo momento desta polaridade, na qual *Eu-objeto se liga* ao prazer-desprazer. O ódio surge pela *libidinização* da polaridade primordial *Eu-objeto*.

Somente quando o princípio de prazer entra em jogo nos destinos de pulsão, é que podemos falar de amor e ódio em relação aos objetos. Estes sentimentos emergem na consciência pela conjugação do prazer à pulsão de autopreservação.

Assim, as relações do Eu com os objetos passam a ser significadas em termos de prazer e desprazer, de amor ou de ódio. Desse modo se inaugura a fase objetual, na qual o Eu se volta para o mundo externo em busca de objetos que possam satisfazer as exigências pulsionais e gerar o prazer.

#### 4.1.5 A perenidade das ambivalências: as relações entre amor e ódio

Tal é a relevância do amor e do ódio na vida psíquica dos indivíduos, que nosso autor dedica o encerramento de seu artigo sobre os destinos das pulsões à investigação sobre estes dois exemplos. Freud há muito já havia notado a relação de ambivalência que se estabelece entre ambos quando, por exemplo, o amor parece se transformar em ódio quando a relação de objeto é interrompida ou frustrada, sejam quais forem os motivos.

Contudo, nosso autor precisa ir além, superar este tipo de descrição sobre as relações de amor e ódio com os objetos. O intuito de Freud é compreender a gênese destes sentimentos para, assim, compreender de que maneira as pulsões estão implicados neste jogo de contradição que envolve múltiplos elementos: a simultaneidade entre o prazer e a repulsa; entre a incorporação e o aniquilamento; a aproximação e o afastamento; o narcisismo e as relações objetais; entre a sexualidade e a autopreservação do Eu.

Segundo Freud, o amor em relação a um objeto designa, em termos de dinâmica de pulsão, a atração que emana do objeto que proporciona prazer. Na medida em que este é fonte de prazer, emerge uma *tendência* pulsional que impele o Eu a se aproximar do objeto para introjetá-lo, incorporá-lo. Então, ama-se o objeto.

Em contrapartida, se outro objeto – ou o mesmo – se torna fonte de desprazer, então o Eu é impelido a se afastar do objeto repetindo a operação primordial, já por nós conhecida, de fuga em relação a estímulos externos. Então, odeia-se o objeto. O ódio pode se intensificar em tal medida, a ponto de despontar no Eu a tendência à agressão, acompanhada do desejo de exterminar o objeto.

Em relação às dinâmicas presentes nas relações de amor e ódio, é importante destacar que, conforme nos elucida Freud, “amor” e “ódio” são destinos que em nada designam as relações das pulsões com seus objetos. Estes sentimentos mais bem designam as relações do Eu com os objetos, refletindo a

polaridade Eu-objeto *amalgamada ao princípio de prazer*. As pulsões não amam nem odeiam. O que ama e odeia seus objetos é o Eu.

Esta diferenciação nos possibilita elucidar ainda outros elementos. Segundo Freud, os objetos a que se ama recebem essa designação justamente por servirem de maneira especial à conservação do Eu. Por isso, “necessitamos” dos objetos que amamos. Além disso, a partir do princípio de prazer, tais objetos são especialmente vinculados com a pulsão sexual. Mas isso não quer dizer possamos afirmar que a pulsão ama seu objeto, pois esta denominação melhor condiz com a relação do Eu com um tipo específico de objeto, o objeto sexual.

Há ainda outro elemento que caracteriza a relação de amor do Eu com seu objeto sexual: a sua introjeção no Eu. Desse modo, Freud situa na fase narcísica esta etapa de desenvolvimento de pulsão a que o amor se refere. Contudo, quando situados à luz da fase mais primordial de desenvolvimento, ódio e amor se confundem, caracterizando intensa ambivalência. Nosso autor explica que, ao se referir ao narcisismo marcado pelo autoerotismo, o amor advém da capacidade de satisfação e prazer no órgão que, posteriormente, passa a ser vinculada às sensações com os objetos introjetados. A satisfação alcançada pela ligação ao objeto introjetado remete a um *prazer autoerótico*, já que neste processo o objeto coincide com o Eu.

Lembremos que o prazer autoerótico caracteriza uma *satisfação parcial*. Pela sua investigação, Freud identifica processos relativos às pulsões parciais oral e anal-sádica. A introjeção e devoração – pulsão parcial oral – denotam formas de amor que são, contraditoriamente, compatíveis com a inexistência do objeto, já que este foi incorporado ao Eu e não é mais reconhecido como uma parte separada dele. Já o ímpeto de dominação do objeto – pulsão parcial anal-sádica – pode facilmente incidir na agressão ou mesmo no desejo de aniquilação do objeto. Nestes processos se torna perceptível a ambivalência em relação ao objeto, o amor quase não se distingue do ódio. A polaridade entre eles apenas emerge com a confluência das pulsões parciais sob o primado genital, isto é, em momentos ulteriores do desenvolvimento das pulsões sexuais.

Ao analisar o sentimento de ódio, Freud nos explica que neste não está implicada uma relação mais estreita com o prazer sexual, assim como pudemos observar em sua caracterização do amor. Ou seja, para nosso autor, parece que o fator decisivo do ódio é a sensação de *desprazer* que emerge da relação com o

objeto, cujo modelo está na luta do Eu pela própria conservação. A quaisquer objetos que sejam fonte de desprazer, são direcionados os ímpetos destrutivos do Eu, independentemente se isso signifique impedimento às possibilidades de satisfação junto ao objeto.

Assim, notamos que ódio e amor, apesar de representarem uma polaridade, não emergem da divisão de algo originariamente uno. Mas sim apresentam origens diferentes, o que torna as relações entre amor e ódio bastante complexas. Cada um experimentou desenvolvimentos distintos de pulsão, até se conjugarem na conhecida polaridade, após o domínio do princípio de prazer na vida psíquica.

À diferença do amor, a relação de ódio com o objeto é mais *arcaica*. O ódio emerge do repúdio do Eu diante do mundo externo e seus estímulos que causam desprazer. Assim, podemos compreender o ódio como uma *reação* ao desprazer que, portanto, liga-se mais estreitamente às pulsões de autopreservação. A polaridade com o amor somente é possível com a libidinização do Eu pelas pulsões sexuais – movimento que ocorre no narcisismo secundário, com o retorno das pulsões ao Eu.

Mas existe ainda outro destino possível nesta relação. As pulsões do Eu podem ser em tal medida intensificadas, chegando a controlar a sexualidade e outorgar o ódio à meta de pulsão. Contudo, e aí está sua principal distinção em relação ao amor, mesmo quando mesclado a este o ódio reporta às fontes das pulsões de autopreservação do Eu. Daí ser tão fortemente manifesto nas reações de hostilidade contra o objeto.

A modo de conclusão, nosso autor destaca que ao remontar as relações do amor à história de suas origens, frequentemente se localiza um elemento de ódio direcionado ao mesmo objeto de amor. A ambivalência é o aspecto que define e caracteriza este tipo de relação objetal. Para esclarecer esta proposição, podemos lembrar que, conforme nos explica Freud, o ódio emerge das fases preliminares de desenvolvimento de pulsão que não foram totalmente superadas. Por isso o ódio remonta às fases iniciais em que o Eu sente o mundo externo puramente como uma ameaça à sua integridade.

As reações de ódio são pautadas, predominantemente, pelo arcaico modelo de reação ao desprazer originado da relação com o mundo externo, bem como pela satisfação das pulsões parciais. A polaridade amor – ódio é exemplar para

visualizarmos a influência simultânea das outras três polaridades: Eu – objeto (real), prazer – desprazer (econômica, pois se relaciona a aspectos quantitativos), e atividade – passividade. Freud propõe pensar estas três polaridades como as que dominam e regem as dinâmicas da vida psíquica de modo geral.

Contudo, pudemos notar que os elementos de ambivalência e contradição complexificam em muito a compreensão e trabalho de investigação sobre as origens das polaridades pulsionais. Isso se nos parece evidenciar o caráter propriamente obscuro e emblemático do objeto de investigação da psicanálise. Um objeto que é, ao mesmo tempo, submetido a uma ordem biológica que precisa ser ultrapassada e transformada desde a sua origem.

Sugerimos que é mesmo o conceito de pulsão o representante desta necessidade de transformação. Em psicanálise, este conceito designa a marca de um desregramento que se extravasa a partir do âmbito biológico e natural. E pudemos notar que são os fenômenos clínicos mesmos que denunciam isso a Freud. O percurso investigativo de nosso autor parece nos mostrar o seu esforço em compreender, acima de tudo, as origens de fenômenos que, de outra perspectiva, bem poderiam ser tomados como fenômenos encerrados em si mesmos. Mas a psicanálise não se pauta em fatos objetivos, pois a mera constatação limita as possibilidades de questionamento.

A nosso ver, o trabalho de Freud foi levar ao *limite* o questionamento sobre o humano. Parece ser justamente este *limite* que a noção de pulsão vem representar como conceito fundamental. E mais, o limite mesmo representado pelo conceito de pulsão, é o que caracteriza o próprio objeto da psicanálise. Assim, o interesse de Freud voltou-se não aos fatos, mas aos limites na compreensão naturalista e objetivista. Como buscamos demonstrar até o momento, tais limites somente podem ser apreendidos no reconhecimento das ambivalências que continuamente se deslocam nos processos psíquicos. Tais deslocamentos – ou destinos, como gostaríamos de propor – são o que engendram o conceito de pulsão.

## 4.2 O RECALQUE

No primeiro artigo de metapsicologia, *As pulsões e seus destinos* (1915a), Freud comenta que o recalque é um dos destinos para a pulsão. No artigo seguinte, do mesmo ano, sobre o mecanismo de recalque, nosso autor coloca em evidência

que este destino pulsional é marcado pela ambivalência. Esta é inclusive o motor que suscita tal mecanismo psíquico de defesa do Eu.

Freud esclarece que a partir de sua experiência clínica, foi possível notar que a pulsão, cuja satisfação é por definição prazerosa, torna-se também desprazer em certo momento do processo psíquico. Então, ocorre que a mesma pulsão gera prazer num *lugar* e, simultaneamente, desprazer em outro *lugar*. Mas, por qual motivo algo que gera satisfação se torna desprazer suscitando, por isso, o recalque? Acaso não seria mais simples vivenciar o prazer sem elaborar complicações no âmbito psíquico?

Certamente que sim, mas não é isso que Freud observa em sua clínica. O que ali se torna evidente é a existência de um *conflito*. No presente artigo nosso autor explica que, concomitantemente à possibilidade de satisfação de uma pulsão, pode ocorrer também a sua “rejeição baseada no julgamento” (FREUD, 1915b, p. 62). A partir disso, se nos parece destacar algo fundamental para compreendermos o mecanismo de recalque: que ele é produto de uma excitação pulsional que entra em conflito com a censura do Eu. Censura que se volta contra o excesso que emerge do Inconsciente e pressiona no sentido da satisfação, prazer consciente.

É, portanto, da ambivalência entre exigências do Eu e exigências sexuais do Inconsciente que se desvela o recalque como um “meio-termo”, uma *solução intermediária* entre a fuga – um mecanismo instintual – da pressão da pulsão e a sua completa rejeição pelo Eu. Apesar de o recalque estabelecer uma intermediação entre exigências opostas, este mecanismo de defesa se pauta no fato de que o desprazer gerado pela satisfação pulsional prevaleça sobre a possibilidade de satisfação. Isto é, somente sofre o destino de recalque a pulsão na qual o conflito de ambivalência é recalcado com base em certa tendência a atender mais à censura do que à satisfação pulsional. O objetivo do trabalho de recalque é manter algo afastado da consciência, impedindo ali a sua representação.

Freud destaca que, então, não podemos considerar o recalque como um mecanismo psíquico que existe desde a origem. Ele somente se torna possível quando já existe a cisão entre o Eu e o Inconsciente. A separação entre atividade consciente e inconsciente é pré-condição para que o recalque se instaure como a solução intermediária de um conflito psíquico.

Portanto, o recalque é um mecanismo de defesa *a posteriori*. Relativamente a isso, Freud nos lembra que o surgimento do Eu é precedido pelo estado de



narcisismo. Ali, não existe recalque, pois tampouco existe uma organização psíquica correlata ao Eu, dado que este ainda está em formação. O mecanismo de defesa próprio ao estado de narcisismo é aquele que conhecemos como retorno da pulsão ao Eu. Como vimos na *Introdução ao narcisismo* (1914), tal destino parece caracterizar o que nosso autor denominou de narcisismo secundário – já que relativo a um momento posterior do desenvolvimento psíquico. O mesmo foi por ele descrito em termos de dinâmica pulsional e por nós elucidado no item anterior, no qual apresentamos as teses de Freud em *As pulsões e seus destinos* (1915a).

#### 4.2.1 O recalque primário e o recalque secundário

É importante destacar que, enquanto uma solução intermediária, não podemos considerar que o recalque dissolve ou resolve o conflito decorrente da incompatibilidade entre exigências oriundas de lugares psíquicos diferentes – do Eu e do Inconsciente. A ambivalência nunca é anulada, mas destinada a se manter inconsciente pela força do recalque.

Apesar de o recalque confirmar o êxito da censura do Eu sobre a exigência de satisfação pelo Inconsciente, tal mecanismo de defesa parece estar intimamente vinculado às forças inconscientes. É a partir destas forças que o recalque vem a operar psiquicamente enquanto um destino pulsional. Ou seja, a força pulsional é o motor para que o próprio mecanismo de recalque se mantenha. A partir disso, Freud conclui que parece haver dois tipos de recalque que precisam ser distinguidos. Por um lado, há um recalque primário ou primordial, relativo à negação da representação psíquica da pulsão na consciência. Disso decorre a fixação da pulsão a esta representação que permanece, no entanto, *inalterada* no inconsciente.

Por outro lado, o recalque enquanto mecanismo de defesa aqui considerado por Freud, designa um processo posterior. O recalque enquanto tal é secundário e relativo aos representantes psíquicos que, após o recalque primordial, vêm a ser associados à pulsão ou à sua representação no inconsciente. Isto é, o recalque recai sobre os *produtos psíquicos* que, no curso do desenvolvimento do psiquismo, vêm a se associar à representação recalcada primordialmente.

Tais produtos podem se originar tanto do Inconsciente quanto do Consciente e entrarem em relação com a representação psíquica fixada à pulsão que, por ser primordial, será sempre inconsciente. Assim, Freud elucida que o recalque apenas

modifica a relação do *representante pulsional* com o sistema Consciente. Por sua vez, o representante é um produto psíquico que designa uma associação *a posteriori* com a representação da pulsão, aquela que foi recalcada primordialmente. No sistema Inconsciente nada é alterado e a representação da pulsão continua a exercer sua força, impelindo a novas conexões e produzindo novos derivados psíquicos.

Ela [a representação da pulsão] prolifera como que no escuro, e acha formas de manifestação extremas, que, ao serem traduzidas e exibidas para o neurótico, não só lhe parecem inevitavelmente estranhas, mas também o assustam com a imagem de uma extraordinária e perigosa força instintual [pulsional]. Essa ilusória intensidade do instinto [pulsão] é produto de uma desinibida expansão da fantasia e de um represamento devido à satisfação frustrada. O fato de esse acontecimento estar ligado à repressão [recalque] é algo que indica onde devemos buscar a verdadeira significação desta (FREUD, 1915b, p. 64-65).

Freud nos indica que é, pois, no excedente pulsional recalcado que retorna na consciência através de facetas até mesmo fantásticas – como nos sintomas neuróticos – que devemos buscar compreender o mecanismo de recalque. Mas, se é nos sintomas que o recalcado se manifesta, então o seu acesso à consciência não foi completamente barrado, dado que um sintoma é conhecido enquanto tal justamente pela sua manifestação consciente.

Portanto, Freud nota que nem tudo é afastado da consciência pelo recalque. Quanto mais distorcido é um conteúdo, tanto mais está distante da representação primordial na linha associativa que a ele se liga. Assim, se torna permitida a sua manifestação deslocada pela via de um sintoma neurótico, por exemplo. Pela sua aparente falta de relação com a representação primordial, um conteúdo burla o recalque e conquista livre acesso à consciência pela via do sintoma. Por isso Freud tanto relembra a importância da técnica fundamental de associação livre. Esta nada mais significa do que estimular o paciente a produzir livremente, pela palavra, os derivados do processo de recalque.

Ou seja, produzir associações até que um pensamento toque no recalcado e, por consequência, leve o paciente a repetir o processo de recalque com vistas a fortalecê-lo – já que toda suspensão do recalque é provisória e prontamente seguida de seu restabelecimento. A partir daí se abrem as possibilidades para o estabelecimento da transferência, dispositivo clínico que Freud considera como o próprio motor da análise e, portanto, do trabalho do analista.

Com base nisso, podemos compreender que, então, o recalque não é um processo que acontece apenas uma vez, como se tivesse efeito permanente. Muito pelo contrário, Freud observa que o recalque pode até mesmo ser reforçado. A cada aproximação do representante pulsional, ocorre uma quebra na força do recalque. E a cada vez que isso acontece o mecanismo é restabelecido, talvez até com mais força do que antes. Sempre com vistas a manter o representante afastado da consciência. Notamos que mesmo recalcado o representante pulsional exerce pressão *constante* para ultrapassar as barreiras da censura do Eu e tornar-se, enfim, consciente. Por outro lado, da consciência parte uma força proporcional contrária, que visa sempre impedir que a barreira do recalque seja transposta. Esta força designa a *resistência*.

#### 4.2.2 O recalque entre a ideia e o afeto

Freud distingue que uma pulsão pode sofrer o destino de recalque a partir de dois aspectos: a ideia e o afeto. Ambos são representantes pulsionais que se relacionam à representação pulsional e podem sofrer destinos diferentes. Particularmente, o afeto é o que corresponde à pulsão propriamente dita e representa a sua parte que foi *desvinculada* da ideia. O afeto é a expressão consciente do montante afetivo ou quantidade proporcional à pressão da pulsão por satisfação. Ou seja, o afeto expressa a energia pulsional que era ligada à ideia e, por algum motivo, dela se desvinculou.

Por causa desta diferença Freud esclarece que, no que tange ao recalque, é preciso realizar uma dupla análise: uma relativa à parte do recalque resultante da ideia, e outra relativa ao recalque do montante afetivo desvinculado da ideia. Tal diferença é importante, pois o destino do afeto é o mais decisivo para se compreender o mecanismo de recalque. Assim é porque o afeto se relaciona diretamente ao fator da *quantidade* de energia pulsional, sendo relativo, portanto, ao princípio de prazer. Isto é, mesmo que o recalque de uma ideia seja bem-sucedido, todo o processo de recalque é malogrado se não impedir o excesso de quantidade descarregado na forma de afeto.

Freud elucida que o mecanismo de recalque se distingue da formação substitutiva e da formação de sintoma. Os dois últimos não são equivalentes ao processo de recalque, mas sim indicativos do *retorno* do que foi recalcado. Para

exemplificar as diferentes manifestações do recalque, Freud os analisa à luz dos casos de psiconeuroses. Particularmente, a histeria de angústia, a histeria de conversão e a neurose obsessiva.

O caso clínico que Freud apresenta como exemplo de histeria de angústia se refere ao conhecido caso do “Homem dos Lobos” (FREUD, 1918). Para elucidar o mecanismo de recalque aí presente, Freud nos explica que o referido caso se destaca pelo recalque de uma pulsão relativa ao afeto libidinal direcionado ao pai. Com o recalque, o impulso libidinal ao pai é subtraído da consciência. Assim, o pai deixa de ser objeto da libido do homem dos lobos.

Porém, concomitante ao recalque ocorre uma formação substitutiva que caracterizará a fobia do homem dos lobos. Tal formação substitutiva diz respeito ao lobo se tornar objeto da angústia ao invés do pai, o original objeto da libido. Portanto, com este exemplo Freud lança luz ao fato de que na histeria de angústia ocorre uma formação substituta por *deslocamento* – do pai aos lobos.

A irrupção da angústia na forma da fobia de lobos revela que o recalque não recaiu sobre o afeto, pois este continua a operar inconscientemente. Mesmo recalcado, o afeto encontra uma via de acesso à consciência na forma de angústia ante o objeto da fobia. O deslocamento ocorre da reivindicação de amor ao pai para a angústia de lobos. Freud parte do seguinte ponto: que o afeto *desproporcional* ante o objeto da fobia denuncia que ali deva estar um curso um processo de recalque que precisa ser investigado psicanaliticamente.

Assim, compreendemos que o que caracteriza o mecanismo de defesa na histeria de angústia é o recalque relativo apenas à ideia vinculada ao representante pulsional. O afeto não é recalcado, mas distorcido e manifesto como angústia na sua relação com um novo objeto. Assim, o afeto vem a ser liberado na consciência como parte do quadro de fobia. O trabalho de recalque perdura e ocorre repetidamente através das constantes estratégias de fuga do objeto, tendo em vista evitar o surgimento da angústia.

Freud destaca que é diferente o que ocorre na histeria de conversão. Nesta, o recalque recai sobre o afeto – o que se manifesta na “*béllé indifférence*”, ou seja, certo desdém relativo aos próprios sintomas. Porém, o recalque é bem-sucedido também em relação à ideia. Na histeria de conversão, tanto a ideia quanto o afeto são subtraídos da consciência. Esta combinação resulta num interessante quadro clínico: todo o montante de afeto ligado à ideia é condensado em um ou mais locais

do corpo, evidenciando a particularidade desta psiconeurose, a sua manifestação somática.

Segundo Freud, a *condensação* característica da histeria de conversão resulta de uma regressão da libido. Tal regressão vincula-se estreitamente ao caráter somático da manifestação dos sintomas. Em relação a isso, podemos lembrar dos Três Ensaio (1905), onde nosso autor esclarece que o autoerotismo se evidencia pelo caráter erógeno atribuído a determinada parte do corpo. A regressão da libido a esta fase do desenvolvimento sexual é indicativa também de um movimento próprio do narcisismo secundário, segundo pudemos compreender ao destacar o papel da regressão na teoria da libido exposta por Freud na *Introdução ao narcisismo* (1914).

Então, notamos que o que acontece na histeria de conversão é da ordem de uma regressão da libido à fase autoerótica de desenvolvimento sexual. É esta regressão que faz com que, neste caso, o sintoma se manifeste em certas regiões do corpo que concentram todo o montante de libido recalcada. Mas Freud observa ainda uma outra coincidência. Que a parte do corpo à qual regride a libido surge tanto como formação substitutiva quanto como sintoma. O êxito do recalque se localiza justo nesta equivalência, pois assim tal mecanismo não precisa se prolongar e repetir indefinidamente. Ele se instala no corpo e passa a operar nesta relação.

No caso da neurose obsessiva, Freud elucida outro modo para o recalque. Esta psiconeurose é tão fortemente marcada pela ambivalência, que de início, é duvidoso se o recalque recai sobre a tendência libidinal ou sobre a hostilidade contra o objeto. Segundo nosso autor, tal dúvida se instala porque na neurose obsessiva a tendência sádica toma o lugar da tendência afetuosa-libidinal. Ou seja, o recalque é de um impulso hostil para com um objeto libidinal. Podemos notar aí a forte característica de ambivalência na qual diferentes tendências – afeto e hostilidade – são voltadas para o mesmo objeto.

Inicialmente, na neurose obsessiva o êxito do recalque é completo tal como na histeria de conversão – tanto a ideia quanto o afeto são suprimidos da consciência. Porém, em determinado momento, emerge uma formação substitutiva que não pode ser considerada um sintoma, pois ela diz respeito a uma mudança no Eu: a elevação dos escrúpulos da consciência. A formação substituta ocorre pela regressão da libido à fase anal-sádica. Assim, o componente de oposição será fortemente instaurado, revelando a ambivalência. As formas ambivalentes são

justamente o lugar a partir do qual o recalcado irá retornar deslocado sob a forma de afeto de angústia da consciência e autorecrimações. Freud não denomina, mas notamos que tal formação substitutiva parece ser relativa ao que posteriormente será proposto como Supereu. Este designará a instância psíquica interna ao Eu e à qual é atribuído o papel de consciência moral e crítica sobre o Eu.

Portanto, na neurose obsessiva sintoma e formação substitutiva não coincidem. O mecanismo que está na base do recalque neste caso é a regressão da libido à fase anal-sádica e formação substituta que fortalece a oposição Eu-Inconsciente. Desse modo, acompanhando a Freud compreendemos que, aqui, a formação substitutiva coincide não com o sintoma, mas com o próprio recalque. Na neurose obsessiva, o sintoma é cronologicamente posterior.

O fracasso do recalque no caso da neurose obsessiva se desvela na irrupção do afeto por meio tanto da angústia quanto das proibições advindas da formação substitutiva. Por outro lado, a ideia se mantém recalcada, manifestando-se deslocada na consciência através das inibições e impedimentos que emergem como produtos daquela mudança no Eu. Segundo Freud, tal mecanismo revela que, no caso da neurose obsessiva, o recalque “prolonga-se numa luta interminável e sem êxito” (FREUD, 1915b, p. 72).

#### 4.3 O INCONSCIENTE

Em *O Inconsciente* (1915c) Freud dá continuidade à sua investigação sobre a metapsicologia do mecanismo de recalque. Nosso autor destaca que o Inconsciente é um pressuposto derivado das observações clínicas sobre este mecanismo de defesa.

A partir da análise dos fenômenos psiconeuróticos se tornou possível a Freud vislumbrar a existência de dois ou três sistemas psíquicos: Inconsciente (Ics), Pré-consciente (Pcs) e Consciente (Cs) – estes dois últimos estariam como que mesclados um ao outro, apesar de referirem-se a processos um tanto distintos. Particularmente, o processo de recalque acontece na passagem do Inconsciente para o Pré-consciente. Esta passagem consiste na ligação ou tradução do representante inconsciente em linguagem. Ou seja, é no sistema Pcs que uma dada ideia inconsciente é investida libidinalmente como palavra. Neste sistema, o representante pulsional exercerá, pela palavra, sua força no sentido da consciência.

É pela suspensão do recalque pelo trabalho de análise que o representante pulsional antes situado no sistema Inconsciente passa a integrar o sistema Pré-consciente como palavra. Neste, apesar de o representante pulsional ainda manter a sua qualidade inconsciente, adquire também a capacidade de se tornar consciente e integrar o sistema Consciente. Apenas o que se traduziu em palavras pode adquirir a potencialidade de vir a ser consciente.

Notamos que desta complexa explicação, Freud deriva a diferença entre inconsciente e consciente no sentido descritivo; e Inconsciente e Consciente no sentido topológico. Estes últimos referem-se aos 'lugares' psíquicos, enquanto aqueles a estados psíquicas. Assim, entendemos que, por exemplo, o Consciente pode apresentar características inconscientes, sendo estas integrantes de sua parte Pré-consciente.

Podemos compreender com Freud que o recalque é um mecanismo de defesa que se situa na *fronteira* entre Inconsciente e Pré-consciente. No processo de pressão da pulsão no sentido do sistema Consciente, pode ocorrer de uma ideia ou representante ser barrado pela censura do Eu. Assim é que um dado representante pulsional vem a ser recalcado. Isso nada mais significa que seu acesso ao sistema Consciente foi barrado e ele permanecerá inconsciente, mesmo que situado no Pré-consciente.

Contudo, os produtos do recalque revelam que mesmo no sistema Inconsciente a ideia ou representante pulsional continua a operar psiquicamente. Disso nosso autor conclui que, então, o *investimento* da ideia continua o mesmo, ele não é anulado pelo recalque, mas sim conservado no Inconsciente. O papel do recalque é manter um representante pulsional afastado da consciência, e não impedir que produtos psíquicos deste mesmo representante sejam gerados em outros sistemas. Portanto, o recalque não anula o representante pulsional, mas apenas obstrui seu caminho até a consciência. Desse modo, o representante pulsional se mantém no estado inconsciente, exercendo influência e produzindo efeitos que, desde aí, podem se tornar conscientes, mesmo que distorcidos pelo processo de recalque.

Disso surge uma importante diferença: todo recalcado é inconsciente, mas nem tudo que é inconsciente se encontra em estado de recalque. Segundo Freud, o recalcado não envolve todo o inconsciente; pois é relativo apenas a uma parte deste. Contudo, aquilo que é cognoscível na experiência analítica o é somente na

medida em que foi recalcado. Segundo Freud, é através dos rastros e distorções deixados pelo retorno do recalcado na consciência que podemos supor o inconsciente.

Isso quer dizer que um conteúdo inconsciente não o é positivamente, mas pode ser inferido negativamente da observação clínica. Ou seja, para a psicanálise as lacunas nos processos conscientes se tornam elucidadas quando relacionadas ao pressuposto do inconsciente. Entende-se que aquilo que se dá à observação como ‘falhas’ da consciência é motivado por outros atos, os inconscientes. Desse modo, Freud nos ensina que o inconsciente ultrapassa as ações conscientes. Quando inserido na linha associativa, este pressuposto possibilita dotar a inconsistência consciente de um sentido particular. Como bem lembra Freud, até mesmo “nossa experiência cotidiana mais pessoal nos familiariza com pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos, e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece oculta para nós” (FREUD, 1915c, p. 75-76).

Para Freud a consciência não é capaz de explicar tudo que nos ocorre psiquicamente. No entanto, as lacunas nos processos conscientes precisam ser esclarecidas. É na busca pelo sentido ali onde ele parece não existir, que Freud deriva a noção de inconsciente em psicanálise. Este se situa para além da experiência imediata, pois “é uma *pretensão insustentável* exigir que tudo o que sucede na psique teria de se tornar conhecido também para a consciência” (Freud, 1915c, p. 76).

Ora, até aqui já se nos revela a ambivalência que parece fundamentar a noção de inconsciente. Este, apesar de não ser conhecido na consciência, somente se desvela através desta. É justamente na consciência que o inconsciente aparece. Ambos parecem operar simultaneamente e, apesar da barreira da censura, o último manifesta suas influências na consciência através dos deslocamentos, condensações, sintomas, atos falhos, formações substitutas, etc.. Vejamos de que modo Freud explica esta característica.

Primeiramente, nosso autor esclarece que inserir a noção de ‘inconsciente’ implica na *distinção* entre os processos psíquicos. De modo algum tal noção pode ser generalizada, ou seja, não se pode afirmar que todo processo psíquico seja inconsciente. Segundo Freud, por um lado o inconsciente abrange processos latentes – temporariamente inconscientes. Estes, por sua vez, apresentam as mesmas características dos processos conscientes. Por outro lado, há também os



processos recalcados que, ao se manifestarem na consciência, apresentam características que em nada se assemelham aos demais processos conscientes. O recalcado opera na consciência segundo princípios inconscientes.

#### 4.3.1 Os pontos de vista dinâmico e topológico e seu papel nos destinos pulsionais

Notamos que a noção de inconsciente insere certa confusão na interpretação psicanalítica dos processos psíquicos – a premissa do inconsciente a torna mais complexa. Contudo, Freud destaca que o inconsciente é *necessário* para que possamos distinguir os processos psíquicos quanto à sua origem em determinado sistema e caracterizar as suas particularidades.

Isto é, ‘consciente’ e ‘inconsciente’ – com inicial diferencial minúscula – designam características psíquicas que fazem toda diferença ao situarmos a origem de processos como pertencentes a um *sistema* psíquico ou a outro. Aqui, Freud nos apresenta dois sistemas psíquicos, cabe agora reconhecer as particularidades de cada um.

O sistema Consciente ou ‘Cs’ – com inicial diferencial maiúscula – se designa pela sua relação com a censura psíquica e, por consequência, com a organização do Eu. A censura estabelece a diferença entre algo ser inconsciente ou consciente. Freud nos explica que inicialmente um ato psíquico é inconsciente e também pertencente ao sistema Inconsciente. Portanto, é inconsciente nos dois sentidos do termo. Porém, como sabemos, aquilo que é inconsciente e provém do Inconsciente força passagem à consciência, para ali alcançar uma via de escoamento da energia psíquica e obter satisfação pulsional. No entanto, esta passagem não se dá de imediato, sendo neste momento que entra em jogo o papel da *censura*. Esta visa submeter o ato psíquico inconsciente ao exame de realidade. Se nesta primeira etapa do processo o ato psíquico não for aprovado no exame, ele será recalcado e, portanto, mantido inconsciente. Do contrário, alcançará a segunda etapa do processo e integrará o sistema Consciente.

Tudo parece muito simples se não fosse o fato de que situar-se no sistema Consciente não implica em que uma ideia se torne efetivamente dotada da qualidade consciente. De início ela apenas carrega a potencialidade de *vir a ser* consciente. Assim é porque, inicialmente, a ideia integra antes o sistema Pré-consciente, sendo a sua qualidade de *tornar-se consciente* descrita por Freud como

pré-consciente ou 'pcs'. Enquanto um sistema psíquico, o Pré-consciente ou 'Pcs' compartilha de muitas das características do Consciente. Porém, Freud marca que a sutil diferença entre ambos decorre do fato de que se observa que a censura entra em jogo na passagem do Inconsciente para o Pré-consciente. Somente depois de situado neste último é que um ato psíquico pode vir a se tornar propriamente consciente.

Toda esta alternância entre termos escritos em maiúsculas e termos escritos em minúsculas causa, de início, certa confusão. Contudo, a diferenciação sugerida por Freud se esclarece quando nosso autor destaca que, agora, se considera não somente a concepção *dinâmica* sobre os processos psíquicos – esta relativa ao intercurso entre os estados ics, pcs e cs do representante pulsional. Agora nosso autor insere também a dimensão *topológica* que designa os 'lugares' psíquicos nos quais se originam e situam os mais diversos processos – entre os sistemas lcs, Pcs e Cs.

Eis um novo ponto de vista sobre os processos psíquicos. A topologia não anula ou invalida a concepção dinâmica, mas vem somar-se a esta na compreensão profunda sobre a psique. Por exemplo, algo que é inconsciente no sentido dinâmico pode situar-se topologicamente no sistema Pré-consciente. Assim, notamos que o sistema Consciente pode ser integrado por uma parte inconsciente.

A ambivalência forçosamente se mostra a Freud quando nosso autor pensa os sistemas psíquicos em relação ao recalque. Por exemplo, ao comunicar ao paciente a existência de um conteúdo recalcado, o que Freud observa não é a supressão do recalque, mas, pelo contrário, o seu avivamento. Em relação a isso, parece ocorrer que a mesma ideia ou representação pulsional exista em dois lugares psíquicos *ao mesmo tempo*. A ideia, ao avançar do Inconsciente em direção ao Consciente não perde o seu registro no primeiro sistema, mas ganha no segundo um novo registro, representado pelo processo de recalque.

Isto é, não ocorre o apagamento do que antes era inconsciente no sentido dinâmico e topológico. Com a entrada no Pré-consciente parece ocorrer uma sobreposição na qual ambos os registros continuam a operar independentemente, como se um nada soubesse do outro. Ou seja, o mesmo conteúdo psíquico assume formas distintas e mesmo contraditórias nos diferentes sistemas nos quais pode vir a se situar. Em relação a isso, Freud destaca que não ocorre mudança no *estado* do

representante pulsional – ele mantém-se inconsciente. O que muda é o *investimento* recebido por este em cada sistema.

Notemos que ao se referir à oposição consciente – inconsciente Freud remete não às pulsões propriamente, mas sim aos seus produtos, as ideias ou representantes pulsionais. Nosso autor esclarece que uma pulsão jamais chega a ser objeto da consciência. Referir-se a uma “pulsão inconsciente” ou a uma “pulsão recalcada” indica, segundo Freud, nada mais do que uma expressão, um modo de descrever o estado psíquico do representante pulsional.

Contudo, Freud fala de amor e ódio inconscientes. Fala até mesmo da contraditória e ambivalente “consciência de culpa inconsciente”. Nosso autor elucida que tais expressões referem-se aos *destinos* da excitação pulsional – fator quantitativo – pela força do processo de recalque. Ou seja, por um lado o *afeto* é sempre consciente; mas por outro lado, o *impulso afetivo* ao qual impele a pulsão é recalcado pela censura e mantido inconsciente. Toda ideia refere-se a um *investimento* pulsional e todo afeto a uma pressão por *descarga* pulsional – ideia que já vem presente para Freud desde o Projeto de 1895.

Portanto, o que recai sob recalque e permanece inconsciente é o *vínculo associativo* entre a ideia ou representante pulsional do impulso afetivo e a sua descarga como afeto na consciência. Deste processo decorrem, segundo Freud, três destinos para o representante pulsional: ou ele se mantém tal como é; ou se transforma num afeto qualitativamente diferente como angústia ou outro completamente oposto ao impulso afetivo original; ou tem seu desenvolvimento em afeto completamente suprimido, sendo este último o objetivo do recalque.

Todo impulso afetivo que é livrado do recalque pelo trabalho de análise é denominado por Freud como “afeto inconsciente”, expressão que faz referência ao seu anterior estado psíquico. Com base no que há pouco foi esclarecido por Freud, notemos que no processo de descarga do impulso afetivo recalcado não ocorre a anulação de sua manifestação inconsciente. Isso quer dizer que, por exemplo, embora um afeto possa se transformar de “amor inconsciente” em ódio ou angústia conscientes, isso não implica que o afeto de amor tenha deixado de existir.

Segundo Freud, após a quebra do recalque ocorre a liberação ou a descarga por uma via que até então estava impedida. Assim, a via para o Consciente se torna livre e passa a existir simultaneamente à via Inconsciente – o que gera um acréscimo na quantidade de excitação que irá, por sua vez, mobilizar novamente o

processo de recalque. Notamos que a ambivalência persiste e diz respeito à existência simultânea do impulso afetivo em dois sistemas psíquicos – sendo que a manifestação em um deles, no Consciente, estava recalcada. Em cada sistema o impulso segue destinos diferentes, até mesmo contraditórios.

Afirmamos que na repressão [recalque] o afeto se separa de sua ideia, e depois os dois prosseguem para seus diferentes destinos. Em termos descritivos isso é indiscutível; via de regra, porém, o processo real é que um afeto não surge enquanto não é conseguida uma nova representação no sistema Cs (FREUD, 1915c, p. 87).

Até aqui, pudemos compreender que o recalque ocorre entre o sistema Inconsciente e o Pré-consciente. Freud se pergunta, então, de que forma este mecanismo se mantém, já que o investimento por parte do Inconsciente continua a exercer pressão sobre o Pré-consciente – do contrário, não haveriam sintomas neuróticos. Neste ponto Freud insere um novo processo, um que se dá a partir do Pré-consciente para o Inconsciente: é o *contrainvestimento*.

#### 4.3.2 O representante da pulsão entre o investimento e o contrainvestimento: o ponto de vista econômico

Segundo Freud, o contrainvestimento parte do Pré-consciente e ocorre para proteger ou resguardar da iminência do inconsciente na consciência. Como vimos, uma ideia, apesar de manter-se em estado inconsciente, continua exercendo pressão no sentido da consciência. Além deste papel, o contrainvestimento do Pcs garante que o recalque perdure, pois é o único mecanismo do recalque *primordial*. O recalque propriamente dito, aquele posterior, secundário, é o que garante a supressão do *investimento* que a ideia ou representante pulsional recebeu no Pré-consciente.

Certamente isso parece um tanto confuso. É como se o recalque primordial e o secundário ocorressem ao mesmo tempo, parece ocorrer um recalque sobre outro e, além disso, duas censuras. Mas Freud nos esclarece que é isso mesmo que acontece. Na fronteira com o Pcs o inconsciente é recalcado, mas seus derivados podem burlar a censura e se estabelecerem no Pré-consciente, recebendo aí o investimento a partir do qual exercem sua pressão no sentido da consciência.

Na fronteira com o Cs eles tocam na barreira da censura deste sistema, recebendo nova carga de recalque secundário. Portanto, Freud observa que a

primeira censura – relativa ao contrainvestimento – recai sobre o Inconsciente e mantém o recalque primordial. A segunda censura, por sua vez, recai sobre os derivados inconscientes no Pcs, constituindo o recalque secundário.

Para compreendermos este processo, é essencial nos atermos à já referida diferença entre os estados psíquicos – ics, pcs e cs – e a topologia – Ics, Pcs e Cs. Em relação ao recalque, já aprendemos que ele ocorre a partir da investida do Inconsciente no Pré-consciente. Uma vez que os derivados inconscientes tenham atingido o sistema Pcs, o recalque secundário irá recair sobre o investimento recebido neste novo sistema. Ou seja, o derivado ou representante inconsciente se torna investido também no Pcs, mas de outra forma, uma mais próxima às exigências da censura. A partir daí exercerá influência sobre o sistema Cs, do qual partirá a força do recalque secundário para que o que é inconsciente se mantenha enquanto tal.

Uma vez que todo mecanismo de defesa parte do Eu, é por isso que o recalque não recai sobre a ideia ics em si, mas sobre o investimento que esta recebeu no Pré-consciente. É no estado pré-consciente que se torna iminente a possibilidade de um representante pulsional atingir a consciência e ser investido no Consciente – sendo isso que o recalque secundário visa impossibilitar.

O recalque sobre a ideia pré-consciente nada mais significa do que a retirada de seu investimento. Disso Freud deriva três destinos possíveis: que a ideia permaneça latente no Pré-consciente, mas completamente sem investimento; que ela receba investimento do Inconsciente em substituição àquele que foi recalcado; ou que conserve o investimento inconsciente que já tinha e que a “acompanhou” na passagem para o Pré-consciente, passando a operar a partir daí.

Porém, surge a Freud uma complicação. Nosso autor se pergunta por que a ideia recalcada no Pré-consciente não renova sua tentativa de ali tornar-se pré-consciente? Para isso, ela bem poderia fazer uso do investimento inconsciente que manteve ou do investimento que recebeu por acréscimo do Inconsciente após o recalque. É aqui que entra em jogo a censura do Pré-consciente, seu mecanismo de *contrainvestimento*.

Segundo Freud, se não fosse pelo contrainvestimento a libido precisaria ser uma e outra vez retirada da ideia pré-consciente. E isso não caracteriza o trabalho do recalque. Além do mais, seria até mesmo incongruente sustentar a premissa de que a libido seja retirada constantemente do pré-consciente. Isso porque após o

recalque ela se mantém inconsciente, logo não faria sentido retirar um investimento pré-consciente que não chegou a ocorrer. Portanto, Freud esclarece que o contrainvestimento é relativo ao recalque *primordial*.

É o contrainvestimento que garante a continuidade do recalque secundário. É este mecanismo do Pré-consciente que garante que o recalque primordial permaneça enquanto tal, completamente “desinvestido”. O investimento de libido recai sobre os seus produtos, na forma das ideias que poderão vir a ser alvo do recalque secundário. É por causa do recalque primordial que Freud afirma ser impossível conhecer a pulsão, pois somente temos acesso aos seus representantes – os derivados, as ideias – que são investidos no sistema Pcs.

Em termos de “descarga”, “investimento” e “contrainvestimento” libidinal, Freud introduz uma nova perspectiva sobre os processos psíquicos. Aos pontos de vista *dinâmico* e *topológico* conhecidos até o momento, vem se acrescentar o ponto de vista *econômico*. A economia libidinal é relativa aos destinos das quantidades de excitação que chegam ao aparelho psíquico. Juntas, as três perspectivas compõem a metapsicologia dos fenômenos clínicos. Ou seja, uma descrição propriamente metapsicológica irá contemplar a investigação das relações dinâmicas, topológicas e econômicas dos processos psíquicos.

#### 4.3.3 A metapsicologia das psiconeuroses

Para adentrar nesta investigação, nosso autor propõe realizar uma substituição terminológica. Uma vez que tudo a que se tem acesso na clínica provém dos destinos das pulsões sexuais, Freud sugere que passemos a nos referir à energia pulsional como *libido* e não mais como investimento – o que já vem se demarcando desde o artigo sobre o narcisismo. Disso compreendemos que tudo que até o momento foi proposto em termos quantitativos se refere aos destinos da libido nos processos psíquicos. Assim, torna-se mesmo redundante se referir a “investimentos libidinais”. Essa expressão seria mais um pleonasma com vistas a incrementar a ênfase no caráter sexual dos processos psíquicos. Todo o investimento psíquico é libidinal e, portanto, sexual.

Consideramos que o segundo passo na teoria pulsional começa com o narcisismo e sua teoria da libido; e segue com os artigos de metapsicologia. Em *As pulsões e seus destinos* (1915a) Freud descreve a metapsicologia do destino

pulsional de retorno da libido ao Eu e também a reversão da libido no seu contrário. O recalque é o destino pulsional que ganha uma elaboração própria, um artigo dedicado à metapsicologia que caracteriza este mecanismo de defesa tantas vezes observados por Freud na clínica psicanalítica.

Sugerimos que o desfecho deste segundo passo na teoria pulsional se dá com *O inconsciente* (1915c), artigo no qual são elucidados e integrados entre si os pontos de vista dinâmico, topológico e econômico. É neste artigo que Freud retorna ao que já havia elaborado sobre a sexualidade, o narcisismo e o recalque. Enriquecendo e refinando a sua descrição metapsicológica da histeria de angústia, da histeria de conversão e da neurose obsessiva.

Começamos por sua metapsicologia da histeria de angústia. Nesta, Freud supõe haver um impulso de amor Inconsciente que pressiona no sentido do Pré-consciente. Ali, tal impulso recebe investimento Pré-consciente que, no entanto, é rejeitado pelo Consciente. Assim, o investimento Pcs é recalcado, encontrando uma via de escape na repetição do modelo reflexo de fuga ante o objeto da fobia.

Mas na histeria de angústia, a fuga é ante uma ideia, um representante pulsional. Este marca o vínculo de amor ao objeto que, conforme à censura, é mantido inconsciente. Assim, o afeto se desloca do amor à angústia. É na forma de angústia que o afeto encontra descarga na consciência, caracterizando uma distorção e *deslocamento* do impulso de amor recalcado, cujos derivados ganharam investimento no Pré-consciente.

Tal é a caracterização resumida dos destinos que envolvem a formação de sintoma fóbico na histeria de angústia. Por um lado, a ideia inconsciente permanece vinculada ao amor rejeitado e, por outro lado, encontra uma via de descarga na forma de angústia consciente. O sintoma fóbico, apesar de se pautar no mecanismo de recalque, simultaneamente também se afasta deste ao manifestar o substituto por deslocamento do amor recalcado – a angústia ante o objeto da fobia. É justamente aí que podemos constatar que o recalque não foi de todo bem sucedido.

A ideia substituta que então é ligada à angústia assume o papel de contrainvestimento do Cs (Pcs), garantindo que o impulso de amor permaneça inconsciente. O caráter desmedido da angústia ante a insignificância do objeto da fobia é o delator do original caráter inconsciente deste afeto. Freud nos explica que tudo se dá correlativamente nas outras duas psiconeuroses. Porém, na histeria de

conversão a ideia recalçada encontra escoamento no sintoma de conversão. A parte do corpo que manifesta o sintoma é fonte para o contrainvestimento que garante que a ideia recalçada não venha à tona na consciência.

As medidas de proteção e fuga ante o objeto que ocorrem na fobia não acontecem na histeria de conversão. Assim é porque nesta o recalque é duplamente garantido, tanto pelo contrainvestimento, quanto pelo investimento Inconsciente que é condensado na parte do corpo que manifesta o sintoma, garantindo grande medida de satisfação pulsional. Ou seja, não ocorre angústia pela iminência da ideia recalçada na consciência, pois esta já encontra uma via de descarga e satisfação pela condensação no sintoma de conversão.

Segundo Freud, a neurose obsessiva é a psiconeurose que manifesta mais claramente o papel do contrainvestimento. Este, além de se ocupar do recalque primordial, é organizado também como formação reativa – lembremos da semelhança desta com o que virá a ser designado por Freud como Supereu. Portanto, é no próprio contrainvestimento que escapa à ideia recalçada no sintoma obsessivo. Assim como na histeria de angústia, na neurose obsessiva o papel do contrainvestimento predomina sobre a descarga e isso, em outros termos, designa que a ideia predomina sobre a manifestação do afeto. Freud nota que parece ser esta particularidade que faz com que estas duas psiconeuroses revelem um processo de recalque em ruínas. Nelas, sempre se depara com a iminência da ideia recalçada na consciência; o que não ocorre na histeria de conversão onde a condensação garante a solidez do recalque.

Tais descrições metapsicológicas foram aqui resumidas em seus aspectos essenciais. O que nos importa neste momento é marcar a integração entre as análises de Freud do ponto de vista dinâmico, econômico e topológico. Como pudemos aprender, todo destino pulsional é mobilizado segundo a quantidade de excitação à qual responde – seja pelas formações reativas, substitutivas ou sintomas de conversão. Ou seja, o que mobiliza o processo de recalque é o fator econômico relativo a determinado representante pulsional.

Daí decorrem as dinâmicas que podemos observar entre inconsciente, pré-consciente e consciente. O representante pulsional não se modifica na passagem de um estado psíquico a outro. Ele é munido de certo investimento à medida que vai integrando os distintos sistemas psíquicos. Por exemplo, na passagem do sistema



Inconsciente para o Pré-consciente, não ocorre a anulação do que é inconsciente, pois como vimos, este continua a operar e exercer suas influências através de seus derivados. Estes recebem no Pcs um novo investimento que exerce pressão simultaneamente no Cs. Neste ponto entra em jogo a censura relativa a este sistema.

Pudemos notar que o essencial na metapsicologia é compreendê-la à luz da simultaneidade da força da representação pulsional entre os três sistemas psíquicos. Acreditamos ser este o legado de Freud com seus artigos metapsicológicos. Que as forças psíquicas atuam em *coexistência* umas com as outras. Toda dinâmica e economia libidinal persiste entre os sistemas Ics, Pcs e Consciente e entre os estados ics, pcs e cs. É pela compreensão da complexa interdependência entre eles que se torna possível traçar uma metapsicologia das psiconeuroses. Seria mesmo por isso que poderíamos afirmar que só há psicanálise na medida em que há a consideração pela metapsicologia. Ou seja, o reconhecimento desta como o fundamento para tudo aquilo que se desvela na clínica das psiconeuroses.

## 5 TERCEIRO PASSO NA TEORIA PULSIONAL: PULSÃO DE MORTE

O terceiro e último passo de Freud na sua teoria pulsional apresenta algumas mudanças fundamentais. Destacamos que a primeira delas é a retomada do princípio de prazer como ponto fundamental para compreendermos a nova dualidade pulsional – aquela entre pulsões de vida e pulsões de morte, apresentada por Freud em seu texto *Além do princípio de prazer* (1920a).

Em seguida, no artigo sobre o *Eu e o Isso*, de 1923, Freud nos apresenta uma mudança na concepção metapsicológica sobre a neurose. Esta, antes era considerada como resultado ou produto de um conflito entre o Consciente e o Inconsciente. A partir de 1923 nosso autor revela que é preciso repensar esta dualidade e considerar que a neurose é produto de um conflito entre instâncias psíquicas, mais especificamente entre o Eu e o conteúdo recalcado que provém do Isso. Ou seja, o que antes se referia aos sistemas Cs e Pcs, agora é compreendido a partir da instância psíquica do Eu. Aquilo que no artigo sobre o recalque dizia respeito ao inconsciente descritivo ou latente passa a integrar o Eu. Assim, Freud enfatiza um aspecto fundamental da metapsicologia – que mesmo o Eu se constitui de uma parte inconsciente. O Eu não é sinônimo de consciência.

Apesar de há muito considerar e se referir ao Eu como uma instância psíquica, é em 1923 que Freud coloca em evidência o papel do Eu para compreendermos o que realocará suas considerações sobre a metapsicologia. A pulsão de morte encontrará sua grande referência em relação a este conceito, com a posta em cena da discussão sobre os fenômenos de repetição e angústia, bem como sobre a própria formação do Supereu – o elemento metapsicológico que sugerimos considerar como a chave para este terceiro e último passo na teoria pulsional.

O recalque continua sendo o fio condutor para a investigação sobre a dinâmica dos fenômenos psiconeuróticos. No terceiro passo da teoria pulsional é também a partir deste mecanismo de defesa do Eu que Freud elabora e reelabora sua metapsicologia. Dentro desta discussão, se insere a questão da angústia que, apesar de há muito ser evidente a Freud, somente em 1926 ganha uma fundamentação metapsicológica particular. Para elucidar os processos psíquicos relativos à angústia, novamente Freud retoma os exemplos da histeria de angústia, da histeria de conversão e da neurose obsessiva.

Acreditamos que tudo que Freud apresenta sobre a angustia, tornou-se viável principalmente através do que trouxe à tona em *Além do princípio de prazer* (1920a), no artigo sobre o *Eu e o Isso* de 1923, e n' *O problema econômico do masoquismo* (1924). Nestes textos, nosso autor discute as manifestações da pulsão de morte através da compulsão à repetição, no poder do Supereu sobre o Eu, e também a revisão sobre as relações entre sadismo e masoquismo.

## 5.1 ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER

O que faz Freud retomar a discussão sobre o princípio de prazer e sua relação com os mecanismos de defesa e processos psíquicos é a constatação clínica de que há fontes de desprazer que *não* contrariam o princípio de prazer. Esta é a grande problemática que fundamenta o seu artigo sobre aquilo que está para além do princípio de prazer.

Freud inicia sua discussão partindo do ponto em que nos havia deixado em *O inconsciente* (1915c). No artigo de 1920 nosso autor retoma o princípio de prazer para pensar a teoria pulsional. E no texto de 1915, tal princípio encontra seu lugar na metapsicologia a partir do ponto de vista *econômico*. A economia libidinal diz respeito à elevação da tensão psíquica decorrente do contato com determinado estímulo, caracterizando o estado psíquico de excitação ou, em outros termos, de desprazer. Desse modo, o aparelho psíquico trabalha com *quantidades* de excitações, sempre tendo em vista o rebaixamento da tensão, o que, por sua vez, caracterizará o estado de prazer.

Com o ponto de vista econômico, Freud completa o seu paradigma da investigação metapsicológica dos processos psíquicos. Assim, a metapsicologia consiste em analisar os fenômenos a partir das perspectivas dinâmica, topológica e econômica integradas entre si. Portanto, as teses presentes no *Além do princípio de prazer* (1920a) giram em torno das problemáticas relativas à economia libidinal. A partir da correlação entre prazer e desprazer com a diminuição ou o aumento da excitação *não ligada* no aparelho psíquico, Freud nos conduz ao enigma que parece suspender o princípio de prazer.

### 5.1.1 O princípio de prazer e sua relação com as duas fontes principais de desprazer

Apesar de não mencionar diretamente, Freud inicia seu artigo de 1920 discutindo teses que nos parecem retomar o que já havia discutido em seu *Projeto de uma psicologia* (1895). A diferença é que agora Freud o faz a partir de termos propriamente metapsicológicos e não mais naturalistas-neurológicos. Sugerimos pensar esta continuidade com o que foi sendo desenvolvido por Freud desde 1895. Pois, segundo nos parece, o progresso de sua metapsicologia se dá relativamente a uma questão posta pelo princípio de prazer e, portanto, aos processos psíquicos em relação com as quantidades de excitação. É a esta discussão que a teoria pulsional vem dar forma.

Em linhas gerais, podemos afirmar que *Além do princípio de prazer* (1920a) versa sobre a problemática do prazer no desprazer, sempre presente na clínica psicanalítica. Freud retoma a correlação entre desprazer e aumento de excitação, e entre prazer e diminuição da excitação ou quantidade. No entanto, nosso autor desde há muito observa que não é simples a relação de proporção entre ambas as sensações e suas respectivas modificações quantitativas no psiquismo. Ou seja, a relação entre a qualidade psíquica e a quantidade continua sendo uma questão para a psicanálise.

Considerar que o “objetivo” do trabalho psíquico seja conservar a quantidade de excitação no aparelho em nível tão baixo ou constante quanto possível, faz Freud derivar a premissa de que o princípio de prazer reina sobre os processos e fenômenos psíquicos. Assim, princípio de prazer e *princípio de constância* estão fundamentalmente relacionados um ao outro. O segundo atuaria como o indicador de uma disfunção no andamento do princípio de prazer. Isto é, seria pela ação do princípio de constância que o desprazer vem a ser sentido como tal, impelindo ao trabalho psíquico de busca pelo retorno ao estado inicial de baixa excitação.

Contudo, Freud observa que não é possível sustentar que seja o princípio de prazer o regente dos processos psíquicos. Tal assertiva deriva de uma constatação clínica bastante simples: de que a minoria dos processos mentais são acompanhados de prazer. Assim, nosso autor esclarece que, em verdade, há uma forte *tendência* psíquica ao princípio de prazer. O que não implica na sua plena

realização, já que a clínica impõe a constatação de que há inúmeras forças opostas ao prazer, atuando até mesmo como um impedimento a este princípio.

O primeiro caso de inibição do princípio de prazer é relativo à ação do princípio de realidade. Freud nos explica que, de início, o aparelho psíquico é regido por processos primários – excitações não ligadas cuja descarga se dá livremente – que caracterizam o modo de funcionamento do princípio de prazer. Porém, no curso do desenvolvimento psíquico entra em jogo a influência das pulsões de autoconservação do Eu, fazendo com que o princípio de prazer seja substituído pelo *princípio de realidade*. Este não invalida a busca pelo prazer, mas logra instituir um *adiamento* da satisfação pela via dos processos primários.

Pode parecer contraditório, mas Freud revela que é tal como parece: o psiquismo se edifica pela *tolerância* ao desprazer, instaurando muitos desvios para que o prazer seja alcançado. Isso caracteriza o próprio trabalho do processo secundário que é, por definição, derivado da ação do princípio de realidade. No entanto, nosso autor lembra que a tendência ao prazer não é abandonada, mas se mantém *ao fundo* de todo desenvolvimento psíquico, se revelando fundamentalmente na atividade das pulsões sexuais.

Nestas, o princípio de prazer revela e impõe sua força de tal forma que pode chegar a subjugar o princípio de realidade e causar danos à sobrevivência do organismo. O princípio de realidade atua como um “dique” que limita as forças pulsionais sexuais, resguardando o psiquismo do prazer desmedido que poderia levar à sua autodestruição – o prazer “em detrimento de todo o organismo” (FREUD, 1920, p. 124). Mas o princípio de realidade não é o único responsável pelo desprazer. Segundo Freud, a sua outra fonte pode ser situada nos conflitos e cisões psíquicas. As cisões são impostas de modo a que nem toda a influência das pulsões chega a ser investida ao longo do desenvolvimento sexual.

Assim, se tornam barradas ou limitadas as possibilidades de satisfação. Ou seja, parte das pulsões sofre *recalque*, instituindo as conhecidas cisões psíquicas que, como pudemos compreender no capítulo anterior, acabam por possibilitar distinguir a atividade consciente da inconsciente. Porém, de acordo com o que aprendemos, que algo seja recalcado não implica que sua ação seja anulada no psiquismo. É justamente em relação a este ponto que se insere a noção de *conflito*.

Pelo fato de o recalcado continuar a exercer sua força desde o sistema Inconsciente, acaba por manifestar tendências incompatíveis com as exigências do

sistema Consciente do qual parte o recalque. Daí emerge um conflito psíquico, pois parte das metas pulsionais resultam ser incompatíveis com a sua integração no Eu. O prazer fica barrado à consciência.

Mas como Freud sempre destaca, mesmo após o recalque um certo nível de satisfação logra ser alcançado. Lembremos que prazer é diferente de satisfação, esta sempre se realiza em certa medida no psiquismo. Assim, podemos compreender que uma via de satisfação pulsional encontra vazão justamente através dos desvios e adiamentos do prazer, constituindo o que já tivemos a oportunidade de conhecer como *satisfações substitutivas*. Porém, estas, ao se transporem do Inconsciente para o Consciente, acabam por ser sentidas ali como desprazer e não prazer. É por consequência do conflito ora instituído pelo processo de recalque que o princípio de prazer sofre uma ruptura.

Esta ruptura joga nas contas do recalque a transformação do prazer pela satisfação da pulsão em desprazer na consciência. Freud destaca que assim se caracteriza todo o desprazer neurótico: como um prazer que não pode ser experimentado enquanto tal. Em outros termos, a satisfação acontece duplamente – no Inconsciente e no Consciente, mas neste último ela é vivida como desprazer por força da cisão psíquica imposta pelo trabalho de recalque. Notamos que este quiproquó em nada contradiz o princípio de prazer, pelo contrário, ele o garante em certo nível pelas distorções que sofreu e que o possibilitaram aceder à consciência na forma de desprazer.

#### 5.1.2 Uma ruptura no princípio de prazer: a repetição

Freud nos insere na discussão sobre o fator da repetição através de sua análise do caso de neurose traumática. Esta se caracteriza pelo fato de, em sonhos, o paciente sempre retornar à situação traumática. Para nosso autor, é como se o paciente estivesse psiquicamente *fixado* à vivência do trauma, de modo semelhante ao que acontece na formação do sintoma histérico. Tal particularidade observada nos sonhos dos neuróticos traumáticos parece contradizer, à primeira vista, a teoria postulada vários anos antes, em *A interpretação dos sonhos* (1900). Ali Freud nos explica que o sonho figura a realização de um desejo.

Esta é uma das principais premissas em psicanálise e Freud busca um modo de compreender os sonhos traumáticos à luz da realização de desejo. Para

isso, nosso autor levanta a hipótese de que nestes casos a função do sonho deve experimentar uma ruptura que a faz desviar-se dos propósitos do princípio de prazer e aproximar-se das tendências masoquistas do Eu.

Não apenas nos sonhos é possível constatar esta ruptura no princípio de prazer. Para nos exemplificar a amplitude desta tendência, Freud apresenta seu famoso caso de observação conhecido como '*fort da*'. Este termo designa nada mais do que uma brincadeira infantil na qual foi possível a nosso autor notar a manutenção de um mecanismo de repetição já em tenra infância.

O jogo do *fort da*, executado repetidas vezes por uma criança, chamou a atenção de Freud, o qual se prestou à observação deste curioso passatempo. Quando a criança se encontrava sozinha, era de praxe que lançasse para longe de si os mais diversos objetos e brinquedos que dispusesse à mão. Tal atividade era acompanhada de visível prazer pela criança que, ao realizá-la, emitia certa interjeição que soava não só a Freud, mas também à mãe da criança, como '*fort*' ou "ir embora" em alemão. Seu passatempo preferido consistia num jogo de "fazer ir embora".

Quando surpreendida pelo retorno daquilo que fora lançado para longe, a criança emitia um alegre e satisfeito '*da*' ou "está aqui" em sua língua materna. O '*fort*' integrava apenas uma parte da brincadeira que, ao ser tomada pela arguta investigação de Freud, se revelou completa através do componente de reaparição do objeto. Assim, a brincadeira infantil mostrava a repetição incansável entre o fazer desaparecer o objeto e sua reaparição. Apesar de a primeira parte do jogo – o '*fort*' – ser executada como um fim em si mesma, Freud observa que é na reaparição do objeto que a criança experimentava o prazer mais intenso.

A interpretação de nosso autor para o jogo foi a seguinte: que o *fort da* exprimia nada mais do que a *renúncia pulsional* que possibilitou à criança assenhorar-se da experiência de ser deparar com a ausência da mãe. Isto é, o *fort da* manifesta a encenação da passagem da passividade à atividade. Através deste passatempo a criança se torna ativa em relação a uma situação na qual apenas situava-se de maneira passiva – o ver-se só, sem a companhia da mãe.

Segundo Freud, o jogo pode ser compreendido como uma *conquista cultural* pela criança. O prazer experimentado na fase '*da*' integra o prazer à vivência da ausência da mãe que só poderia ter sido desprazerosa em sua origem. Dessa forma, a encenação da dolorosa ausência tornou-se *précondição* para o prazer

experimentado com o reaparecimento. Pela repetição, a criança passou da passividade a um papel ativo em relação à experiência desprazerosa.

O que Freud conclui da interpretação do *fort da* é que a disposição à elaboração psíquica do desprazer através da repetição parece se manifestar *independentemente* do princípio de prazer. Assim, a repetição revela tendências primitivas que se situam para *além* do princípio de prazer. Freud estabelece um interessante vínculo entre o que foi por ele observado no *fort da* e a sua experiência clínica. Durante o trabalho analítico, seus pacientes frequentemente são levados a repetir o que fora recalcado como se fosse uma vivência atual, mas transferida para a figura do analista.

É intrigante a Freud o que motiva a repetição ao invés da recordação da vivência como algo passado. E isso também parece estar além da capacidade de racionalidade por parte dos pacientes. Estes, antes parecem ser impelidos à repetição de vivências fundamentais na relação com o analista, tal como se institui clinicamente. Este conjunto de fatores caracteriza o próprio movimento da transferência analítica. Segundo Freud, quando se institui a repetição na relação com o analista se instaura a passagem da neurose à *neurose de transferência*. A partir daí o analista se depara e precisa enfrentar as mais fortes e proeminentes resistências por parte do paciente em relação à própria cura.

O grande desafio clínico se impõe pela necessidade de manutenção da transferência simultaneamente ao esclarecimento de que esta nada mais caracteriza do que uma repetição do passado, ou seja, apelando para o princípio de realidade. Para Freud, é preciso sustentar a transferência para assegurar que ela encontre, em algum momento, um final. Desse modo, podemos compreender que a *compulsão à repetição* se revela como *resistência ao tratamento*. Resistência esta que parte não do Inconsciente, mas sim do Eu. Constatamos, enfim, a íntima ligação entre o mecanismo de recalque e a resistência. Ambos derivam dos mesmos intentos do Eu para barrar o acesso do Inconsciente na consciência.

Uma vez estabelecido o recalque, a resistência torna-se um dos meios através dos quais o Eu garante que o recalcado se mantenha inconsciente. A resistência vem do Eu, a compulsão à repetição vem da força do recalcado que é inconsciente e continua forçando sua passagem na consciência. É por isso que Freud marca que a repetição e a resistência aí implicada emergem clinicamente



justamente no momento em que o trabalho de análise “afrouxou o recalque” (FREUD, 1920, p. 132).

Com isso notamos que a resistência opera em consonância com o princípio de prazer, já que ela ocorre com vistas a impedir o desprazer que seria gerado com a liberação do recalcado na consciência. Freud lembra que o apelo ao princípio de realidade durante a transferência visa justamente permitir que parte deste desprazer seja tolerado para que possa, enfim, vir a ser superado pelo paciente.

Já a relação do princípio de prazer com a compulsão à repetição impõe um questionamento mais profundo. Tudo que é produto da compulsão à repetição gera desprazer no Eu pelo fato de manifestar impulsos recalcados em si excessivos. Mas Freud nos lembra que tudo que é desprazer para um sistema psíquico acaba por ser satisfação e, portanto, prazer para outro sistema psíquico. Assim é porque parte dos impulsos recalcados vem à tona na repetição. Esse mecanismo se revela, então, como uma via para a satisfação pulsional recalcada. Portanto, deste ponto de vista, a compulsão à repetição não contraria o princípio de prazer.

Mas Freud observa que a repetição ocorre de maneira a reviver experiências que nunca trouxeram prazer, mas sim desprazer. Todo o sentimento de frustração infantil é reavivado na transferência com o analista. É justamente o desprazer que, repetido na compulsão, caracteriza o que nosso autor denomina de “eterno retorno do mesmo” (FREUD, 1920, p. 134). No ápice deste momento clínico, o paciente se queixa que não receber suficiente atenção, que seus relacionamentos sempre encontram o mesmo desfecho mal-sucedido, que é inferior a outras pessoas, que está rodeado de pessoas ingratas, etc. e etc.. Suas reivindicações indicam nada mais do que o intento de se posicionar ativamente em relação ao que fora sofrido passivamente, talvez, durante toda uma vida.

Do ponto de vista da transferência analítica, então, a compulsão à repetição revela-se como um mecanismo de ruptura com o princípio de prazer, situando-se para *além* dos seus desígnios. Segundo Freud, é tão difícil submeter a repetição ao princípio de realidade justamente pela parcela de satisfação que ela proporciona pela liberação de parte do recalcado através deste mecanismo. Portanto, a compulsão à repetição é, talvez, aquilo que personifica a ambivalência na encenação transferencial – por um lado revive o desprazer ao operar com autonomia do princípio de prazer e, por outro lado, dá vazão a uma satisfação há muito recalcada pelo Eu.

A compulsão à repetição caracteriza, portanto, um modo de lidar *retrospectivamente* com o evento no qual emergiu o estímulo gerador de desprazer. Do mesmo modo, revela uma função psíquica tão primitiva que ultrapassa o princípio de prazer, mesmo que opere sem contrariá-lo completamente. Portanto, segundo Freud, a premissa de que todo sonho é a realização de um desejo encontra aí o seu elemento de exceção. Os sonhos dos neuróticos traumáticos mencionados no início deste tópico, ou quaisquer outros sonhos que trazem à tona memórias de traumas infantis, não obedecem ao princípio de prazer, mas sim à compulsão à repetição como tentativa de elaboração psíquica *a posteriori*.

É na compulsão à repetição que observamos de maneira mais patente aquilo que Freud vem afirmando deste o seu Projeto de 1895: que a consciência é apenas uma função dos processos psíquicos e não a sua característica geral. Os processos conscientes são, em grande medida, inundados pelo que ali chega a partir do Inconsciente, e seguem seus destinos manifestando as influências e revelando os traços ali deixados pelos elementos oriundos deste sistema.

### 5.1.3 A pulsão de morte

Freud observa que há duas manifestações distintas para a compulsão à repetição. A primeira delas já conhecemos e se relaciona com as brincadeiras infantis. Quando nos explica sobre o *fort da*, Freud destaca que a primeira fase deste jogo, apesar de parecer ser encenada como um fim em si mesmo é, na verdade, seguida de uma segunda etapa na qual vigora o princípio de prazer. Toda a dinâmica do passatempo infantil observado por Freud gira em torno do esforço da criança em apoderar-se de uma situação que viveu passivamente e que lhe foi significativa.

Ou seja, tal encenação lúdica caracteriza um trabalho do processo secundário, um intento de elaborar psiquicamente uma experiência desprazerosa. É por esta particularidade que no *fort da* a compulsão à repetição é seguida de prazer em sua segunda etapa. Assim, o caráter excessivo das sensações recalcadas é submetido ao princípio de realidade. Pois o referido jogo consiste em nada mais do que a tolerância de certa medida de desprazer para ser, por fim, acompanhado de uma parcela de prazer em sua etapa final.

É distinto o que acontece na vida do adulto neurótico. A *impulsividade* é o que marca as manifestações da compulsão à repetição. Isto significa que ali há predomínio do processo primário, aquele que opera pela descarga direta da excitação, sem passar pelo processo de elaboração psíquica que Freud destaca acontecer nos jogos infantis. A compulsão à repetição caracterizada pela impulsividade é puro ato. Por isso Freud nota que na transferência o paciente repete sem saber por quê nem o quê está repetindo. Suas atitudes revelam algo que está operando para além do princípio de prazer. Como se o paciente estivesse sob o controle de uma força irresistível que o impele à ação à revelia da sua própria vontade.

Já no analisando se torna claro que a compulsão de repetir na transferência episódios de sua infância desconsidera *de todo modo* o princípio de prazer. O doente se comporta infantilmente, mostrando-nos que os traços de lembrança reprimidos [recalcados] de suas experiências primevas são se acham nele presentes em estado ligado, e mesmo não são capazes, em certa medida, de obedecer ao processo secundário. [...] é de supor que o obscuro medo que sentem os não familiarizados com a psicanálise, de despertar algo que em sua opinião deveria ficar dormindo, representa, no fundo, o receio de que surja tal compulsão demoníaca (FREUD, 1920, p. 147).

Mas Freud percebe que tal impulsividade é uma característica geral das pulsões, não sua exceção. Como destacado por nós na introdução deste trabalho, o termo *Trieb* – pulsão – se refere a um impulso, reconhecido em todo organismo vivo como a disposição em buscar restabelecer sua homeostase. Neste sentido, uma pulsão exprime justamente a inércia, a tendência a conservar o estado inicial, presente em toda a vida orgânica. Mas esta descrição não concorda totalmente com o caráter impelente da pulsão. Freud reconhece que é pela força pulsional, a sua pressão, que somos incitados à mudança e ao desenvolvimento. Nosso autor parece estar lançando luz a uma outra faceta sobre as pulsões, uma que expressa a sua natureza conservadora.

Natureza esta que Freud percebe que está presente nos organismos mais elementares, caracterizando, talvez, um dos aspectos mais primitivos da vida orgânica. Por isso nosso autor situa esta *pulsão conservadora* filogeneticamente. Mesmo nos fenômenos embriológicos – caracterizados pela repetição das mesmas fases de desenvolvimento – já é possível constatar aquilo que denomina de “orgânica compulsão de repetir” (FREUD, 1920, p. 148).

Portanto, o ímpeto para a transformação Freud o situa a partir das influências externas que recaem sobre o organismo. É a força das excitações externas que impulsionam que o organismo se modifique e modifique as suas relações com o mundo. Do contrário permaneceria sempre o mesmo, caso as condições externas não apresentassem mudanças.

Nosso autor especula que, então, as pulsões conservadoras concentram todas as mudanças impostas ao longo da vida, preservando-as para empregá-las na repetição. Assim, o que nos parece impulso transformador, nada mais revela do que a repetição dos mesmos processos aplicados às novas exigências. Para se atingir a mesma e velha meta – a homeostase ou constância – se incorre na repetição de antigos métodos, mas por vias inéditas.

Mas Freud observa que o ímpeto de atingir a meta de homeostase deve se referir a um estado já experienciado. Não faria sentido que a natureza conservadora agora destacada se refira a um estado nunca alcançado. Além do mais, isso invalidaria a própria constatação do mecanismo de repetição, pois o que se haveria de repetir em relação a algo que nunca se deu? A partir destes questionamentos, nosso autor conclui que todo esforço que caracteriza a vida se dá em sentido *regressivo*, visando atingir um antigo estado no qual o nível de excitação esteve próximo de zero. Ora, tal estado somente pode ser aproximado daquilo que nos parece definir a morte – a supressão de todos os estímulos que incitam ao movimento que é vida.

Considerada a partir da nova perspectiva que se coloca, a teoria pulsional sofre uma mudança crucial. Freud nos chama a atenção ao fato de que o postulado até então considerado sobre as pulsões de autoconservação – ou pulsões do Eu – se contrapõe ao reconhecimento de que o objetivo fundamental de toda a vida é a morte. Em comparação às pulsões conservadoras, aquelas de autoconservação do Eu parecem ter sua importância metapsicológica rebaixada.

Assim, caberia às pulsões de autoconservação o caráter de serem sempre pulsões parciais. Enquanto tal, se torna seu papel assegurar que o curso em direção à morte seja cumprido, evitando aqueles caminhos não inerentes ao cumprimento deste objetivo. Mas Freud marca que não podemos negligenciar aquilo que desde o início caracterizou as ações das pulsões de autoconservação do Eu: que o organismo segue no empenho de impor-se, mesmo que isso vá de encontro com as forças contrárias das pulsões conservadoras.

Mas há também as pulsões sexuais, de fundamental importância na teoria pulsional e que até o momento não haviam sido consideradas em relação às pulsões conservadoras ou pulsões de morte. Segundo Freud, as pulsões sexuais caracterizam aquilo que não está de todo sujeito à excitação externa. Ou seja, as pulsões sexuais carregam em si uma capacidade de autonomia em relação às mudanças externas que impelem à transformação. Neste sentido, seriam também conservadoras, pois, uma vez que se mantêm mais constantes, estão aptas a proporcionar o retorno a estados anteriores.

O modelo para compreender o que Freud busca destacar como característico das pulsões sexuais é o modelo das células germinativas. Estas, apesar de todo desenvolvimento do organismo, se mantêm em seu estado original. São estas células que carregam a potencialidade de transferir seu legado no encontro com outra célula, pois conservam em si tanto o que foi adquirido quanto o que foi herdado. Assim, os desígnios das pulsões sexuais *ultrapassam* os do organismo individual sendo, portanto, consideradas progressivas. Mas, ao mesmo tempo, também são conservadoras no sentido de que não se modificam ante os estímulos externos e agem de modo a conservar a vida a invés de garantir a morte. Desse modo, impõem uma fundamental oposição em relação às pulsões de morte.

Portanto, é com a inclusão das pulsões sexuais na investigação metapsicológica sobre as pulsões de morte que emerge a grande transformação na teoria pulsional. A dualidade não é mais entre pulsões do Eu e pulsões sexuais. Agora, a investigação impõe a Freud que se estabeleça uma nova oposição, entre as pulsões de vida – que incluem as pulsões sexuais – e o novo grupo formado pelas pulsões de conservação.

É como um ritmo hesitante na vida dos organismos; um grupo de instintos [pulsões] precipita-se para frente, a fim de alcançar a meta final da vida [a morte] o mais rapidamente possível; atingida uma determinada altura desse caminho, o outro corre para trás, a fim de retomá-lo de certo ponto e assim prolongar a jornada. Ainda que a sexualidade e a diferença dos sexos certamente não existissem no começo da vida, é possível que os instintos [pulsões] depois designados como sexuais tenham entrado em atividade desde o princípio, não tendo empreendido somente num instante posterior o seu trabalho contra o jogo dos “instintos [pulsões] do Eu” (FREUD, 1920, p. 151-152).

A metapsicologia agora será pensada a partir desta nova dualidade pulsional. As tendências das pulsões de vida e as tendências das pulsões de morte seguirão lado a lado, como diz Freud, num “ritmo hesitante”. A cada momento em

que ocorre desenvolvimento num lado, há compensação pela regressão do outro lado e, como aprendemos, toda pulsão recalcada não cede jamais de sua busca por completa satisfação. O curso da vida é agora regido pelos dois grandes senhores – Eros e Tânatos.

#### 5.1.4 A teoria da libido à luz da nova dualidade pulsional

O que era pulsão do Eu agora é compreendido por Freud como pulsão de conservação, cujo objetivo é a morte. Em oposição estão as pulsões sexuais que impelem à continuação da vida. O caráter regressivo e de compulsão à repetição, nosso autor atribui somente às pulsões de morte que agora incluem as pulsões de autoconservação do Eu. As pulsões de vida representam a libido e as pulsões sexuais. Estas, apesar de conservarem estados anteriores e primitivos, transcendem esta condição ao se fundamentarem na busca pelo cumprimento de seu objetivo principal: a união entre dois indivíduos para que, assim, o legado seja transmitido às próximas gerações. As pulsões de vida impelem ao encontro com os objetos e a renovação da vida, já as pulsões de morte visam conduzir ao fim da vida.

Certamente esta nova dualidade pulsional requer de Freud uma revisão da teoria da libido proposta em 1914, no artigo sobre o narcisismo. À época ainda não era possível a Freud vislumbrar tal distinção entre as pulsões, a não ser aquela que designava a existência das pulsões sexuais em contraposição às pulsões do Eu, cujos principais representantes eram as pulsões de autoconservação.

Lembremos que em 1914 a teoria da libido é marcada pelo intrincamento entre pulsões sexuais e do Eu no processo psíquico nomeado por Freud como narcisismo. Ali, nosso autor observa ser bastante frequente o movimento de retirada da libido dos objetos para seu retorno ao Eu. Este momento marca a sexualização do Eu para que seja, então, tomado como objeto de satisfação da pulsão. Uma vez a libido re-depositada no Eu, ela se caracteriza como libido narcísica.

Resgatando o que foi compreendido nos Três Ensaios de 1905 sobre as fases de organização da libido, Freud afirma ser o Eu o original ‘reservatório’ do qual parte a libido em direção aos objetos. O que é caracterizado no artigo de 1914 é relativo a seu *retorno* ao Eu, ou seja, a um estado de narcisismo secundário. É neste ponto que Freud encontra uma ambivalência. Já em 1914 nosso autor revela que a

libido narcísica tanto é manifestação das pulsões sexuais quanto expressão das pulsões de autoconservação – denominação proposta à época.

Tal mescla acontece justamente no momento relativo ao narcisismo secundário, pois ali uma parte considerável do Eu é libidinizada, ou seja, que no Eu atuam também as pulsões sexuais, além das de autoconservação. Assim, em 1914, a concepção sobre o conflito psíquico ganha novo status metapsicológico: o palco do conflito pulsional é o Eu, a partir de sua sexualização. Ora, mas em *Além do princípio de prazer* (1920a), Freud nos explica que todas estas conjecturas não são invalidadas pela nova dualidade pulsional figurada pela oposição entre Eros e Tânatos. Em que consistiria então a mudança que tal descoberta vem a implicar na teoria da libido?

Segundo Freud, o que de fundamental se pode extrair de tudo isso é que, agora, a dualidade que fundamenta a teoria da libido deixa de ser considerada como diferença qualitativa para ser relativa a uma distinção *topológica*. Isto é, a diferença não consiste mais em considerar que algumas pulsões são sexuais e outras do Eu. O que Freud propõe considerar é que há pulsões que partem de lugares psíquicos diferentes para virem a se situar em outros lugares. Assim, o Eu não concede caráter qualitativo às pulsões, ele é um dos lugares psíquicos onde atuam *tanto* pulsões de morte *quanto* pulsões de vida. O dualismo e, portanto, a ambivalência persiste na metapsicologia. Os contrários coabitam simultaneamente o mesmo lugar.

E o sadismo é o exemplo clínico que Freud nos apresenta para demonstrar como as pulsões sexuais e as pulsões de morte podem vir a se relacionar. Nosso autor lembra que o sadismo pode ser um componente da pulsão sexual. Pode até mesmo se tornar uma função autônoma e dominar integralmente a tendência sexual. Ou mesmo manifestar-se enquanto pulsão sexual parcial, como no caso da sua dominância na já conhecida fase pré-genital anal sádica.

Todos estes exemplos revelam que uma pulsão sádica, destrutiva, parece contraditoriamente derivar da pulsão sexual, agora pulsão de vida. Mas de que maneira isso pode acontecer? Freud nos explica que a origem do sadismo está na pulsão de morte. Como pudemos aprender, esta não exerce sua influência isoladamente, mas concorre com a pulsão de vida. Assim, a influência da libido narcísica impulsiona a pulsão de morte para *fora* do Eu. Lembremos do artigo de 1915 sobre as pulsões, no qual Freud elucida a dinâmica Eu – objeto que fundamenta a reversão da pulsão no caso do sadismo-masochismo.

Após esta reversão, a ação de pulsão de morte pode ser inferida através da relação objetual tão particular ao sadismo, revelando que ali Tânatos se manifesta através de Eros. No sadismo os desígnios da morte se revelam ao fundo da função sexual, como se operassem à sua disposição quando, na verdade, atuam deslocados de sua função original por conta da concorrente influência da pulsão de vida nos destinos da libido. Assim, Freud propõe que apenas é possível investigar as manifestações da pulsão de morte a partir de sua conjugação com as pulsões de vida.

Tal premissa sustenta a própria noção de conflito psíquico na qual se pauta a psicanálise. Mas por outro lado, tal premissa não pode gozar da mesma certeza relativa aos dois primeiros passos na teoria pulsional – a ampliação da noção de sexualidade e o conceito de narcisismo. Freud reconhece a obscuridade do que agora propõe como pulsão de morte. Segundo o autor, esta exprime uma transposição da observação para a metapsicologia. Disso compreendemos que a pulsão de morte é uma pura negatividade cujos desígnios e manifestações apenas podem ser inferidos a partir daquilo que, apesar de obscuro, já não pode se caracterizar como pulsão de vida.

Tudo isso implica para Freud no mesmo desafio, mas agora sob nova ótica. Mesmo com a introdução de pulsão de morte, nosso autor reconhece que ainda permanece um ponto de indeterminação, aquele sobre a relação entre a repetição e o princípio de prazer. Como vimos, um dos motivadores implícitos da repetição é a busca por ‘ligar’ as pulsões, transpô-las do processo primário ao processo secundário. Ou seja, transformar a energia livre em energia parada ou ‘ligada’.

O curso desta transformação é marcado pelo desprazer que emerge na repetição. Contudo, Freud mesmo destacou que nada disso implica em que o princípio de prazer seja anulado. O que ocorre é que a compulsão à repetição em si desprazerosa parece dar-se a serviço do prazer. Segundo as palavras de nosso autor, a repetição parece ocorrer como ato preparatório para o domínio do princípio de prazer e, portanto, para que impere a tendência a manter o nível de excitação tão baixo quanto possível – o que se alinha ao objetivo da pulsão de morte!

Quanto mais intrincadas entre si as pulsões de morte e as pulsões de vida, tanto mais difícil se torna a circunscrição sobre quais fenômenos respondem às exigências de uma ou de outra. De um lado se parece encontrar a solução para uma determinada questão, de outro emerge uma nova. Em relação a isso, sugerimos que



parece haver um deslocamento da tese que desde muito cedo se impôs a Freud e delineou muito do seu percurso metapsicológico.

Por exemplo, o inconsciente deriva daquilo que parece não “funcionar” muito bem na consciência – ponto no qual se insere a própria noção de sexualidade ampliada que vem a ser conceituada como libido e pulsão sexual. Do mesmo modo, a partir do que fora elucidado por Freud até aqui, a pulsão de morte parece derivar daquilo que no sexual mesmo extrapola os desígnios das pulsões de vida, parecendo operar inclusive em sua oposição.

Parece-nos que aquilo que se observa, portanto, é um deslocamento contínuo ao longo da teoria pulsional. O deslocamento de uma mesma problemática que culmina sempre na questão da ambivalência expressa na forma das dualidades que fundamentam o núcleo do conflito psíquico. Mas isso de forma alguma simplifica a questão da metapsicologia, muito pelo contrário. Foi ao circunscrever a mesma questão que uma e outra vez se impunha a Freud em sua observação clínica, que nosso autor progrediu incomparavelmente. Tamanha questão impunham os fenômenos neuróticos, a ponto de levarem a metapsicologia a encontrar seu ápice de elaboração e complexidade em um conceito tal como o de pulsão de morte.

## 5.2 O EU E O ISSO

Freud remete o artigo sobre o Eu e o Isso diretamente ao *Além do princípio de prazer* escrito três anos antes, como uma continuidade do que fora desenvolvido ali. Uma das diferenças que Freud busca marcar é relativa ao fato de que muito daquilo que em 1920 não lhe era possível esclarecer, foi desenvolvido à base de especulações nas quais nosso autor recorreu à biologia na tentativa de elucidar a novidade metapsicológica que propunha. Já o essencial do presente artigo de 1923 é que Freud situa sua argumentação mais próxima da psicanálise do que da biologia, apresentando-nos mais uma síntese do que uma especulação.

Portanto, o artigo sobre o Eu e o Isso retoma muito do que fora inicialmente descrito a partir da perspectiva biológica de maneira um tanto obscura. Ao se aproximar de temas que até o momento ainda não tinham sido abordados pela psicanálise, Freud destaca o quanto esta, mesmo atingindo o ponto em que chegam outras teorias, continua percebendo e problematizando outras coisas. São outras as questões levantadas pela psicanálise.

### 5.2.1 Da dualidade consciente-inconsciente à dualidade Eu-Isso

Freud retoma a premissa básica da psicanálise, aquela que distingue consciente de inconsciente, para derivar daí a noção de Eu como lugar psíquico no qual se dão os mais variados processos psíquicos. Antes de tudo, nosso autor lembra que a consciência é uma qualidade psíquica que pode se juntar a outras qualidades ou mesmo estar ausente. Ou seja, dizer que algo é consciente tem relação com a percepção imediata dos objetos, caracteriza uma expressão *descritiva*.

Mas uma ideia consciente não o é de forma duradoura, ela deixa de sê-lo tão logo passe o instante da percepção. Contudo, esta ideia pode voltar à consciência se forem produzidas as condições adequadas à sua lembrança. Segundo Freud, o estado no qual se encontra esta ideia poder ser denominado de *latente*, termo empregado por nosso autor para designar a potencialidade de uma ideia voltar a ser consciente.

O conceito de inconsciente, por sua vez, Freud o deriva a partir de uma outra análise. Nosso autor percebe a existência de processos psíquicos inconscientes que emergem na consciência como ideias conscientes. Ou seja, algo inconsciente pode exercer sua influência tal como se fosse consciente. Neste ponto é que surge a psicanálise, pois esta premissa sugere a existência de uma força dinâmica que opera de modo a impedir que certas ideias se tornem conscientes – o que não implica que não exerçam sua influência desde o seu estado inconsciente.

Segundo Freud, se não houvesse a ação de resistência que mantém o recalque, o processo inconsciente que acompanha uma ideia se tornaria prontamente consciente. Portanto, conhecemos duas concepções descritivas sobre o inconsciente: latente e recalcado. No entanto, no sentido *dinâmico* Freud nos apresenta apenas um, o inconsciente recalcado. Deste ponto de vista, o inconsciente coincide com o recalcado.

Sabemos que Freud deriva o conceito de inconsciente da teoria sobre o recalque. Já nos artigos metapsicológicos de 1915 sobre o recalque e sobre o inconsciente, nosso autor esclarece que aquilo que está recalcado é o protótipo do inconsciente em seu sentido dinâmico. Por outro lado, o inconsciente latente coincide com o que é pré-consciente, caracterizando-se pela capacidade de vir a ser consciente. Daí deriva o postulado dos três sistemas psíquicos: Pré-consciente,

Consciente e Inconsciente. O primeiro é o inconsciente latente, o segundo relaciona-se com a percepção e o último é o recalçado.

Estas diferenças propostas por Freud são um tanto confusas e o próprio autor reconhece que não bastam para estabelecer as correlações com a prática clínica. Além disso, o reconhecimento da instância do Eu como uma organização dos processos psíquicos comprova a dificuldade em operar com a diferença entre inconsciente descritivo e dinâmico. Assim é porque Freud nos apresenta o Eu como ligado à consciência. Mas, ao mesmo tempo, é do Eu que parte o recalque – o mecanismo psíquico que opera de modo a afastar da consciência as tendências psíquicas censuradas pelo Eu. Os fenômenos clínicos comprovam que, mesmo após este processo, aquilo que foi recalçado volta-se contra o Eu.

Com isso, Freud busca destacar que há uma parte inconsciente no Eu que não é latente. E ela gera diversos efeitos sem nunca tornar-se consciente. Contudo, o inconsciente no sentido dinâmico não coincide com o recalçado. Isto é, apesar de todo recalçado ser inconsciente, este, por sua vez, não se reduz ao recalçado. O conteúdo sob recalque constitui apenas uma parte do Inconsciente. Tudo isso requer uma mudança na compreensão sobre o conflito psíquico. Para Freud, o reconhecimento da dinâmica acima descrita requer a substituição da oposição consciente-inconsciente pela oposição Eu – recalçado. A perspectiva é de que a neurose seja o produto de um conflito entre o Eu e o conteúdo que dele se separou pelo recalque e que, então, retorna exercendo pressão contra o Eu.

Portanto, a investigação da psicanálise se volta para o recalçado, para aquilo que não está evidente na consciência e faz com que os limites entre consciente e inconsciente sejam ambíguos. Mas como todo conhecimento se liga à consciência, o inconsciente só pode ser conhecido através dela, ou seja, através do Eu. A consciência, é a superfície do aparelho psíquico, situa-se em contato direto com o mundo externo. Constitui, portanto, o ponto de partida da investigação analítica.

Conscientes são todas as percepções que provêm de fora ou de dentro do corpo – tanto sensações quanto sentimentos. No entanto, Freud destaca que devemos distinguir uma ideia inconsciente de outra pré-consciente. A primeira se origina do material que permanece desconhecido, o recalçado. Por outro lado, a segunda se vincula às representações verbais que, por definição, são o que fazem algo se tornar pré-consciente.

As representações verbais são resíduos de memória do que uma vez foi percepção. Há um encadeamento lógico: todo resíduo de memória pode voltar a ser consciente na medida em que foi uma vez percepção consciente. Ou seja, o que caracteriza uma ideia *latente* é o fato de ela já ter sido consciente um dia. Por outro lado, a ideia recalcada que exerce sua pressão na consciência jamais foi consciente, ela precisa antes ser ligada a uma percepção externa. Tal ligação é possível através dos traços de memória e a vinculação destes às representações verbais – as palavras. Assim, o recalcado pode se tornar pré-consciente pelo estabelecimento destes elos intermediários pré-conscientes através do trabalho de análise, desvelando o vínculo entre percepção externa e Eu.

Mas ao aparelho como um todo cabe o tarefa de destinar psiquicamente tanto as impressões das percepções externas quanto das internas. À diferença da percepção externa, as internas provêm de diversas camadas psíquicas, seus processos situam-se mais profundamente no aparelho psíquico. São mais primordiais, o que dificulta o trabalho de inferência. Segundo Freud, o melhor exemplo de percepção interna provém da série prazer – desprazer. Porém, as sensações internas são as mais ambivalentes: vêm de diversos lugares simultaneamente, têm qualidades distintas e mesmo opostas entre si.

Lembremos que o prazer e o desprazer relacionam-se com as quantidades de excitação e, portanto, com a pressão das pulsões. Relativamente ao prazer, Freud afirma que este não tem o caráter de pressão. A premência é característica do desprazer, é o aumento de tensão que pressiona por descarga na consciência. Apesar de o prazer ser sentido na consciência enquanto tal, o mesmo não ocorre com o desprazer que é “algo quantitativa-qualitativamente *outro* no curso psíquico” (FREUD, 1923a, p. 20 grifo nosso). Em relação a isso, Freud assegura que a própria experiência clínica demonstra que o desprazer exerce sua pressão psíquica sem que o Eu se dê conta disso. A tensão que gera o desprazer pode operar em silêncio, ao fundo dos demais processos que acedem à consciência.

Freud elucida que o desprazer se desvela na consciência apenas através dos indícios da resistência do Eu contra a pressão pulsional. Para isso, ocorre a condução do desprazer ao sistema perceptivo através do vínculo com representações de palavra, por meio das quais pode vir a ser consciente como ideia. Então fica claro o papel das representações verbais no processo que leva do estado pré-consciente ao consciente. É por meio delas que processos internos

desconhecidos se transformam em percepções – “todo saber tem origem na percepção externa” (FREUD, 1923a, p. 21). Desse modo, prazer e desprazer são sensações que somente podem ser reconhecidas na consciência.

Assim Freud conclui sua descrição dos processos relativos ao Eu. Esta instância psíquica abrange a passagem do sistema psíquico Pré-consciente até o Consciente, e diz respeito a certa gama de relações entre percepção interna e externa. No entanto, como bem destacou nosso autor, no Eu também existe uma parcela inconsciente que concorre com os processos pré-conscientes e conscientes. O Eu é o lugar da ambivalência, e este é o ponto de partida para que nosso autor nos introduza na questão do papel do *Isso* na sua relação com o Eu.

Segundo Freud, a instância psíquica do *Isso* é a parte da psique que corresponde ao Inconsciente e somente pode ser compreendida na sua relação com o Eu. Para nosso autor, a psicanálise supõe o sujeito como um *Isso* psíquico inconsciente cuja *superfície* é o Eu. Sendo assim, o Eu não envolve o *Isso* completamente, mas só na medida em que o sistema pré-consciente forma a sua superfície.

Ou seja, o Eu é uma parte do *Isso* que se modificou pelo contato imediato com o mundo exterior e que tem no Pré-consciente a sua linha de contato com o *Isso*. Desse modo, compreendemos que o Eu converge com o *Isso* na direção das profundezas do aparelho psíquico. Igualmente, o recalcado também converge com o *Isso*, pois é a sua parte que retorna no Eu. O recalcado se comunica mais diretamente com o *Isso* justamente pelo fato de estar separado do Eu pelas forças da resistência.

Se o Eu é a instância que está em relação direta com as percepções, então cabe ao Eu a tarefa de fazer valer a influência do mundo externo em relação ao *Isso*. É através deste empenho que o Eu faz vigorar o princípio de realidade sobre o princípio de prazer que impera no *Isso*. Deste modo Freud propõe estabelecer uma relação: que a percepção está para o Eu assim como a pulsão está para o *Isso*.

Mas há ainda um importante aspecto a ser considerado. Freud destaca que, dada a sua estreita relação com o mundo externo, a importância funcional do Eu repousa no fato de que ele é quem controla o acesso à reação motora. Assim, o corpo é o outro elemento – o primeiro é a influência da percepção – que manifesta seus efeitos sobre a gênese do Eu em sua diferenciação do *Isso*.

Do corpo partem percepções internas e externas simultaneamente. É por isso que Freud define que o Eu é sempre um Eu *corporal*, uma projeção mental da superfície do corpo. Desta perspectiva, podemos compreender que é na superfície corporal que emergem as percepções que originam as sensações de prazer ou de desprazer no Eu. Portanto, o Eu corporal é uma instância psíquica ambígua por definição. É detentora de qualidades tão conscientes quanto inconscientes, e cuja relação com o recalcado – representante do Isso – se desvela na medida da sua resistência em relação à pressão do Isso.

### 5.2.2 A gênese do Supereu: o papel das identificações nos destinos de pulsão

Ao propor sua tese sobre o Supereu, Freud esclarece que não podemos considerar as relações psíquicas apenas a partir de uma suposta dualidade entre Eu e Isso. No tópico anterior aprendemos que o Eu pode ser definido como uma parte modificada do Isso, uma alteração que aconteceu neste pelo contato imediato com as excitações do mundo externo. Assim, o Eu atuaria como um escudo protetor que resguarda o aparelho psíquico do excesso de excitação que o atinge desde fora.

Desse modo, Freud nos apresenta a instância psíquica do Eu como uma parte do Isso que foi transformada pela relação direta com o mundo externo e que, de certo modo, passou a operar de maneira particular – mas não independente do Isso. Pelo fato de no Eu imperar a influência externa, muitas vezes os processos psíquicos que ali se originam entram em contradição com as exigências de satisfação que provém do Isso, aquela parte mais profunda do psiquismo que manteve as características primitivas.

Freud nos chama a atenção para o fato de que a dinâmica dos processos psíquicos não se encerra na dualidade entre o Eu e o Isso. Nosso autor demonstra que parece haver algo da ordem do que propomos denominar de *exterioridade interna* ao próprio Eu. O Eu é, por definição, uma instância ambivalente na qual entram em jogo diversas exigências pulsionais que se interpõem e se chocam com o seu principal desígnio: fazer valer a realidade externa.

Portanto, segundo Freud haveria uma gradação no Eu, uma distinção do Eu em relação a si mesmo sob a forma de um *ideal*, aquilo que há de mais elevado e que foi internalizado no Eu. Mas nosso autor lembra que este ideal está longe de poder ser considerado consciente. Esta parte diferenciada do Eu sob a forma de

*ideal do Eu* é aquela que menos apresenta relação com a consciência. Apesar de se desvelar no Eu consciente, o ideal se manifesta de maneiras tão obscuras quanto inconscientes – relembrando a sua origem caracteristicamente narcísica.

De modo a enfatizar a sua relação com aquilo que há de mais elevado no Eu, Freud designa o ideal como *Supereu* e remonta a sua gênese ao processo de *identificação*. E mais uma vez a melancolia é o exemplo clínico que Freud nos apresenta para exemplificar elementos de sua tese sobre a teoria pulsional. Em relação ao Supereu, a melancolia fornece o modelo para compreendermos o processo de identificação que está na base da sua diferenciação do Eu. Para acompanhar o percurso de Freud teremos que relembrar do que já fora por ele exposto em sua *Introdução ao Narcisismo* (1914). Ali, particularmente nos interessam as relações pulsionais que se referem ao processo de retorno da libido ao Eu que caracteriza a regressão da libido objetual à libido narcísica.

O processo de identificação que fundamenta a proposição de Freud sobre o Supereu é elucidado na análise do caso de melancolia pelo fato de esta caracterizar o restabelecimento do objeto perdido no Eu. Ou seja, a libido objetual regride ao estado narcísico justamente mediante a identificação do Eu com o objeto. Assim, Freud nos explica que acontece uma dinâmica pulsional regida pela substituição do investimento objetual pela identificação com o Eu. A libido antes investida no objeto não é abandonada, pois a identificação do Eu ao objeto mantém as características do antigo vínculo libidinal. Desse modo, investimento objetual e identificação são simultâneos. A alteração do caráter que forma o Supereu por identificação precede o abandono do objeto. Assim, o Supereu é a prova de que algo sobrevive à relação objetual renunciada. O objeto é substituído pelo Eu conservando a libido relativa ao antigo vínculo.

Portanto, podemos compreender que na identificação a renúncia ao objeto não se dá por completo. O que ocorre é da ordem de uma *permuta* na qual, em termos de satisfação pulsional, tanto faz que o objeto da libido seja externo ou o próprio Eu. No entanto, tal substituição em nada pode ser considerada trivial ou irrelevante, pois ela configura papel de extrema importância no que Freud designa como caráter do Eu. Com isso notamos que a própria constituição do Eu, a conformação de seu caráter manifesto na vida adulta, depende fundamentalmente do modo como se deu esta primordial identificação que irá consolidar e distinguir a

instância do Supereu, caracterizando inclusive as sua influência inconsciente sobre o Eu.

Mas em que se pauta esta primitiva identificação tão relevante para compreendermos a gênese do Supereu e também a formação do próprio Eu? Para responder a esta pergunta, Freud nos guia através das primeiras escolhas objetais. Primeiramente, nosso autor propõe distinguir o processo de introjeção daquele que aqui nos interessa – a identificação. Ambos não são sinônimos, mas podemos compreender que o mecanismo de introjeção tem seu papel no processo de identificação do Eu ao objeto.

Se lembrarmos dos estágios de organização da libido, propostos por Freud nos Três Ensaio de 1905, notamos que a introjeção é o que marca a fase oral de desenvolvimento sexual. Assim, no que toca à dinâmica pulsional na identificação, a introjeção do objeto no Eu designa uma regressão da libido ao mecanismo característica da fase oral. A introjeção facilita ao Eu a tarefa de abandonar o objeto perdido ou impossível para, então, identificar-se a ele. Freud mesmo admite que, talvez, a identificação seja a pré-condição para que o Eu possa abdicar de determinados objetos.

Como vimos, o abandono do objeto e sua identificação ao Eu é seguido de uma alteração que dá forma ao Supereu. Igualmente, toda alteração que sobrevém com a perda do objeto atua na conformação do que Freud denomina de caráter do Eu. Portanto, nosso autor propõe pensar a formação do Eu a partir da história das escolhas de objeto que tiveram de ser abandonadas. Desse modo podemos compreender que as marcas, os traços destes investimentos objetais persistem no Eu sob a forma de um precipitado interno a ele mesmo. O Supereu é este precipitado que do exterior se tornou mais íntimo ao Eu, uma parte dele que, no entanto, exerce influência como se fosse um imperativo vindo de fora.

O que Freud nos explica até este momento é que a origem do ideal do Eu – ou Supereu – remonta às identificações do Eu com seus objetos amados que, no entanto, tiveram de ser abandonados. Em relação a isso, nosso autor revela que na gênese do Supereu evidencia a importância da *primeira* identificação, aquela que parece ter se tornado o protótipo para todas as seguintes. Esta primitiva identificação é considerada a mais importante de todas e remonta à relação com os pais da pré-história pessoal. O Eu é diretamente influenciado por uma história mais antiga que qualquer investimento objetal posterior. Daí provém o que Freud nos



propõe chamar de *identificação primária*, sendo esta relativa às primeiras escolhas objetais entre pai e mãe que caracterizarão o Complexo de Édipo. Ali se desvelam as primeiras manifestações de pulsão sexual investida nos pais.

Mas em relação a isso Freud sinaliza uma particularidade: que o primeiro objeto de amor é a mãe, restando à figura paterna ser assimilada através da identificação. É isto que vai dar corpo ao Complexo de Édipo, pois a identificação com o pai faz emergir a hostilidade que nada mais visa do que manter a mãe enquanto objeto de investimento libidinal.

Apesar de o pai emergir como rival, Freud nos lembra que o mesmo também é investido com amor. O mesmo ocorre com a mãe que, além do amor, também chega a ser investida com hostilidade. Isso faz com que a relação com as figuras parentais seja fundamentalmente ambivalente, característica que se revela apenas quando a hostilidade emerge com a identificação. Ou seja, as marcas de uma identificação sempre revelam a ambivalência que antes estava velada. O Complexo de Édipo se caracteriza pela ênfase numa dada polaridade, sem que o par oposto seja anulado.

Contudo, sabemos que a situação edípica não se sustenta por muito tempo e logo chega o momento em que a mãe deve ser abandonada enquanto objeto libidinal. Assim o Complexo de Édipo erigido vem a ser desfeito. Freud nos explica que este processo pode gerar dois produtos psíquicos: a identificação com a figura da mãe ou um reforço na identificação com a figura do pai. Com a dissolução do Complexo de Édipo é que se forma o precipitado no Eu que caracteriza o que Freud nos propõe pensar como Supereu. Podemos compreender que esta instância diferenciada do Eu surge a partir de um certo “ajuste” entre as duas identificações primárias trazidas à tona durante o Complexo de Édipo. Com a alteração do Eu são, de certa forma, conservadas as posições de destaque dadas a estas identificações. Elas se tornam, então, diferenciadas do Eu e erigem-se diante dele como o seu ideal – o Supereu.

No entanto, Freud observa que a gênese do Supereu sofre uma sobredeterminação, ela se apresenta em duplicidade. O Supereu não consiste apenas no precipitado das primeiras escolhas objetais da pulsão sexual e, portanto, do Isso. Esta instância também se caracteriza por ser uma enérgica reação contra estas mesmas exigências do Isso. E parece ser justamente por isso que o Complexo de Édipo pode chegar a ser desfeito.

Portanto, o Supereu além de ser um precipitado que reproduz o caráter das antigas identificações é também uma *formação reativa* contra elas. Todo imperativo identificatório é acompanhado da sua interdição – ao mesmo tempo em que se “deve ser...” também está proibida a realização deste dever. Eis o que Freud chama de ‘dupla face’ do ideal do Eu: ele teve seu papel no recalque do Complexo de Édipo ao mesmo tempo em que deve a este mesmo Complexo a sua diferenciação do Eu. O Supereu é produto da reviravolta nas forças pulsionais que regem o Complexo de Édipo.

O ideal do Eu é, portanto, herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Id [Isso]. Estabelecendo-o, o Eu assenhorou-se do complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, submeteu-se ao Id [Isso]. Enquanto o Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Super-eu o confronta como advogado do mundo interior, do Id [Isso]. Conflitos entre Eu e ideal refletirão em última instância – agora estamos preparados para isso – a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior (FREUD, 1923a, p. 33).

É da força do recalque – cuja intensidade é proporcional à força do Complexo de Édipo – que o Supereu extrai o seu caráter severo. Este se desvela na forma de um imperativo que reflete a elevada consciência moral e o sentimento de culpa inconsciente que ‘pré-dominam’ a vida psíquica de certos sujeitos. Vale notar que Freud esclarece que este sentimento de culpa inconsciente encarna a *tensão* entre as expectativas da consciência e as possibilidades de realização pelo Eu.

Desse modo se dilui a possibilidade de distinguir nitidamente o Eu do Isso. Assim como o Eu é a parte que se diferenciou do Isso pelo contato imediato com o mundo externo, o Supereu é a parte que se diferenciou do Eu pelo contato imediato com as exigências do mundo interno, das pulsões que emergem do Isso. Esta conformação é o que possibilita que os antigos conflitos entre o Eu e os primeiros investimentos objetais do Isso perdurem de forma deslocada no conflito que se atualiza entre o Eu e o Supereu – “a luta que já se deu nas camadas mais profundas, e que não chegou ao fim mediante rápida sublimação e identificação, prossegue numa região mais elevada” (FREUD, 1923a, p. 36).

Acreditamos que o famoso caso *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* (“o homem dos ratos”), publicado por Freud em 1909, pode nos fornecer um belo exemplo da ação do Supereu na vida psíquica de um sujeito. O paciente de

Freud manifestava uma série de sintomas tão fantásticos quanto incompreensíveis à consciência, apesar dos intentos de racionalização por parte do paciente.

Ali Freud marca algo que se destaca nas manifestações sintomáticas do homem dos ratos. Suas ideias, impulsos e proibições obsessivas apresentam o caráter de um imperativo ao qual o sujeito não pode esquivar-se de responder. E Freud nos descreve claramente a dinâmica da introjeção deste imperativo que, então caracterizará a voz impessoal e autoritária do Supereu.

Um dos principais sintomas manifestos pelo paciente consiste em que este tenha encomendado um pincenê pelo correio. No entanto, quem recebe o produto na agência de correio é outra pessoa. Ao receber a encomenda, um terceiro avisa que o paciente deverá reembolsar o valor a um certo tenente A, que supostamente havia arcado com a despesa para a retirada do produto no correio. A partir daí se desenrola toda uma série de atos em si mesmos absurdos para que o paciente leve a cabo a quitação de sua dívida com o tenente A.

Porém, ao longo de sua apresentação do caso, Freud bem nos lembra que aquilo que marca o caráter obsessivo de um sintoma é que este se desvela como uma via de mão dupla, na qual um segundo ato vem anular o primeiro pela sobreposição a este. Ou seja, ao ser avisado de que deveria pagar certa quantia ao tenente A, o homem dos ratos imediatamente chancela para si que não deve pagar a tal quantia de modo a garantir que a tortura com ratos – outrora descrita por um capitão do exército – não aconteça com aqueles que ama.

Esta sanção elaborada pelo próprio paciente é de pronto acompanhada de um imperativo que contraditoriamente a anula. Então, podemos localizar a lei do Supereu na forma de uma voz impessoal que decreta e impele a que o paciente faça de tudo para devolver a soma em dinheiro, efetuando peripécias que sempre encontram um ponto de impedimento ao cumprimento deste imperativo.

Com este exemplo, cremos ser possível demonstrar que aquilo que adveio como exigência externa – “você deve pagar a quantia ao tenente A” é introjetada no Eu, levando-o à identificação que encontra um fundamento na fantasia do sujeito – que alguém que ama seja torturado. Assim, a lei do Supereu se desvela e passa a atuar como uma voz impessoal – já destacada do objeto “tenente A” – que exerce seu imperativo sobre o próprio sujeito.

O paciente passa a ser o alvo da tortura na forma do seu sintoma obsessivo executado indefinidamente para garantir que o outro da fantasia – que no circuito

pulsional revela ser o próprio paciente – não seja torturado. Eis um caso de sadismo que retorna ao Eu e converte a punição em *autopunição* – da voz ativa à reflexiva média – tal como Freud descreve acontecer com a neurose obsessiva em *As pulsões e seus destinos* de 1915. A pulsão que retornou ao Eu satisfaz-se pela identificação do Eu ao objeto. E isso se explica de maneira clara quando Freud nos diz que

O Super-eu nasceu de uma identificação com o modelo do pai. Toda identificação assim tem o caráter de uma dessexualização ou mesmo sublimação. Parece que também ocorre, numa tal transformação, uma disjunção instintual [pulsional]. O componente erótico não mais tem a força, após a sublimação, de vincular toda a destrutividade a ele combinada, e esta é liberada como pendor à agressão e destruição. Dessa disjunção o ideal tiraria o caráter duro e cruel do imperioso “Ter que” (FREUD, 1923a, p. 52).

Podemos compreender que o homem dos ratos tortura a si mesmo através da ação do seu Supereu. Em sua fantasia, o homem dos ratos é aquele que ama – o seu pai – e que deve ser punido. Assim é porque Freud nos revela, dentre outros fatores da história do paciente, que o pai de seu paciente há muito havia enfrentado uma situação deveras semelhante: devia dinheiro a um amigo e, anos depois, ao procurá-lo, não o encontrou para quitar a dívida.

Desse modo, o homem dos ratos repete consigo mesmo, por identificação e na forma da autopunição promulgada pelo Supereu, o destino que julgava caber ao seu pai. Pelo insulto que cometera contra o pai em pensamento, o paciente de Freud merecia ser castigado – “Isso requeria punição, a qual consistiu na autoimposição de um juramento impossível de ser cumprido, que implicava a obediência literal à admoestação do superior” (FREUD, 1909, p. 54). Para o desenrolar da série de atos obsessivos, a palavra ‘rato’ fora apenas o subterfúgio que reavivou todo um complexo psíquico que desvela o impacto da força do Supereu.

### 5.2.3 As relações entre o Eu e o Isso e a dualidade pulsional

Aqui Freud nos apresenta sua discussão partindo da nova dualidade pulsional proposta três anos antes, no *Além do princípio de prazer* (1920a). Suas análises sobre as relações entre o Eu e o Isso e entre o Eu e o Supereu serão balizadas pela dualidade entre pulsões de vida e pulsões de morte.

O que antes se distinguia entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação agora é compreendido como manifestação das pulsões de vida.

Por outro lado, as pulsões de morte são muito menos acessíveis à observação. Sua manifestação se dá velada nos fenômenos de compulsão à repetição, na pulsão de destruição ou mesmo conjugada às pulsões sexuais, como nos casos de sadismo e masoquismo, onde se identifica mais claramente a disjunção entre as pulsões de vida e de morte.

Conforme ao que Freud nos apresentou em 1920, podemos lembrar que, simplificadamente, as pulsões de vida operam no sentido da perpetuação e conservação da vida, ao passo em que as pulsões de morte operam tendo em vista concretizar o retorno da vida à sua condição inicial, inorgânica. Ambas as classes de pulsão jamais operam isoladamente, mas sim amalgamadas uma à outra. Situa-se aí o desafio de estabelecer a distinção entre ambas, o limite a partir do qual uma vai ao segundo plano para que a pulsão com desígnio oposto leve a cabo certa parcela de satisfação.

Apesar disso, Freud acentua em 1920 e, mais uma vez aqui em 1923, a necessidade de tomar como premissa a dualidade pulsional, pois os produtos psíquicos da ação de uma ou outra pulsão revelam aquilo que é mais particular a cada uma delas. Mas de que forma esta dualidade pode ser compreendida levando-se em conta as dinâmicas entre o Eu e o Isso?

Para responder a este questionamento, Freud nos leva a refletir sobre o papel da *energia deslocável* presente na psique, e quais produtos ela gera ao vagar pelos sistemas e instâncias psíquicas. Primeiramente, nosso autor esclarece que tal energia livre é em si mesma indiferente, ou seja, desprovida de qualidade psíquica. Por outro lado, esta energia psíquica desloca-se tanto no Eu quanto no Isso. O princípio de prazer é o que rege a circulação desta *libido dessexualizada* que visa nada mais do que facilitar as descargas e evitar o represamento da energia. Sendo este o seu objetivo, é indiferente que seja atingido pelo caminho da pulsão de vida ou da pulsão de morte.

Freud destaca que tudo isso pode facilmente ser remetido ao que caracteriza os processos de investimento que ocorrem no Isso: indiferença quanto ao objeto, deslocamentos pelo processo primário. Contudo, a libido dessexualizada circula também no Eu que, por definição, é a instância psíquica na qual tanto o papel do objeto quanto o caminho da descarga adquirem um valor especial no circuito pulsional. Freud esclarece que, uma vez situada no Eu, a libido dessexualizada alinha-se às intenções das pulsões de vida – que regem sobremaneira os processos

no Eu. Portanto, ali ela pode ser descrita como *energia sublimada*, que opera com vistas à unidade através da ligação com os objetos, o que é característico desta instância psíquica.

Portanto, nosso autor explica que a sublimação acontece pela mediação do Eu. Nele é que ocorrem as primeiras relações de objeto que ligam a energia que parte do Isso. Como vimos anteriormente, é também no Eu que ocorre a gênese do Supereu que é relativa à integração da libido dos investimentos objetais no Eu, para sua posterior ligação com aquela alteração que ocorre pela identificação do Eu com os objetos. Origina-se, enfim, o Supereu.

Sendo assim, poderíamos afirmar que o Supereu é a libido do Isso que foi sublimada no Eu. Notemos que através do processo de identificação, o que antes era libido sexual ou de objeto, vinculada aos primeiros objetos de pulsão sexual, converte-se em libido do Eu. Este se oferece como objeto para a satisfação pulsional, mas agora um objeto desprovido da sexualidade que caracteriza propriamente o investimento objetual originário.

Dessexualizada, a libido do Eu pode agora se colocar a serviço de pulsão contrária – a pulsão de morte. Concomitantemente a isso, passa a ter sua parcela nos processos de investimentos objetais do Isso que, como pudemos compreender, caracterizam-se pelo processo primário e certa dose de indiferença quanto ao caminho eleito para a satisfação. A gênese do Supereu situa-se num processo de sublimação e, portanto, dessexualização da libido objetual; convertendo-a em libido do Eu.

Freud nos lembra que tudo isso se relaciona com a teoria do narcisismo. Esta prescreve que, enquanto o Eu ainda está em formação, toda a libido está acumulada no Isso. Neste estágio inicial, parte da libido do Isso é investida nos primeiros objetos sexuais, o que por sua vez fortalece o Eu. Assim, este pode integrar a libido objetual em si através do processo de identificação e se impor ao Isso como objeto de satisfação. Este momento do circuito pulsional corresponde ao narcisismo secundário que Freud propõe como sinônimo do narcisismo do Eu. Em outros termos, caracteriza a dessexualização da libido que abre o caminho para que esta venha a ser escoada, talvez, pelos caminhos de pulsão de morte.

#### 5.2.4 As relações entre o Eu e o Supereu

De acordo com o que até aqui pôde ser elucidado, compreendemos que o Eu é constituído pelas identificações que sobrevêm no lugar dos abandonados investimentos objetivos do Isso. As primeiras identificações levam a uma alteração no Eu, uma modificação que passa a operar internamente e, ao mesmo tempo, em confronto com o Eu. Tal alteração designa, como sabemos, o Supereu – a parte modificada do Eu que se voltou contra ele pelo seu contato imediato com as exigências do Isso.

Assim, o Supereu adquire uma posição diferenciada ante o Eu, o que, segundo Freud, decorre de dois fatores. O primeiro deles é relativo à identificação primordial, o Supereu é fruto da primeira identificação do Eu com seus objetos. O segundo é relativo a que o Supereu seja considerado o herdeiro do complexo de Édipo por integrar os primeiros objetos com força suficiente para originar uma alteração no Eu. Esta alteração – o Supereu – irá operar à revelia do Eu pela incorporação dos primeiros e mais importantes objetos sexuais. Como bem define Freud, o Supereu

Embora acessível a todas as influências posteriores, conserva por toda a vida o caráter que lhe foi dado por sua origem no complexo paterno, ou seja, a capacidade de confrontar o Eu e dominá-lo. É o monumento que recorda a anterior fraqueza e dependência do Eu, e que mantém seu predomínio sobre o Eu maduro. Assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do seu Super-eu (FREUD, 1923a, p. 45-46).

Mas para Freud é digno de nota o fato de que partem do Isso os primeiros investimentos no complexo de Édipo e que se tornam tão significativos ao Supereu. Tal característica não é irrelevante e merece uma apreciação mais detalhada. Segundo nosso autor, isso faz com que o Supereu possa ser definido como o precipitado do Isso no Eu. Portanto, o Supereu situa-se em maior proximidade com o Isso, sendo o seu representante no Eu. Ele está mais distante da consciência do que o Eu justamente por sua imersão no Isso. Então, apesar de representar o que há de mais 'elevado' no Eu, o Supereu manifesta sua influências inconscientemente.

Segundo Freud, é nos fenômenos clínicos que se tornam mais claras as manifestações inconscientes do Supereu. O primeiro exemplo é o da *reação terapêutica negativa*, um comportamento que chama muito a atenção de Freud por ser a evidência da ação de uma força contrária à cura. O paciente reage à sua

própria melhora de maneira reversa, todo movimento no sentido de uma solução é prontamente acompanhado de uma piora que vem anular os efeitos de atenuação do sofrimento. Algo no paciente se impõe contrariamente à cura.

Segundo Freud, este tipo de reação negativa ao tratamento se revela para além das outras formas de resistência que emergem durante o tratamento, tais como a transferência hostil ao analista, a 'muralha' do narcisismo ou o benefício secundário com a doença. O que se passa na reação terapêutica negativa é de outra ordem. Para nosso autor, se manifesta aí o maior empecilho à cura. Contudo, lembremos da importância do papel da satisfação pulsional no psiquismo, pois ela é a grande exigência que se impõe a todo e qualquer processo psíquico. Então, a partir disso, podemos supor que a reação terapêutica negativa deve possibilitar alguma parcela de satisfação, do contrário seria tão fortemente erigida às custas das possibilidades de melhora.

Em uma análise mais profunda sobre este fenômeno clínico, Freud nos revela que a reação terapêutica negativa é relativa ao que nosso autor denomina de "fator moral". Ou seja, há um sentimento de culpa que é satisfeito no próprio sofrimento, atuando de tal forma que o paciente não renuncia à sua autopunição. Mas Freud nos lembra que o neurótico, a princípio, nada sabe sobre isso. Nele se manifesta um *sentimento de culpa inconsciente* que opera ao fundo da resistência imposta pela reação terapêutica negativa.

A única maneira de influir sobre este fenômeno clínico ocorre quando ele se desloca, tornando-se o produto de uma identificação com um objeto sexual cujo investimento teve de ser abandonado – o que acontece, por exemplo, na melancolia e outros casos mais graves como na neurose obsessiva do "homem dos ratos". Tal particularidade revela a Freud que, então, as manifestações do Supereu parecem determinar a intensidade de uma neurose.

No entanto, há particularidades que distinguem a reação terapêutica negativa entre os casos de melancolia e neurose. Segundo Freud, na melancolia o Supereu atua de maneira completamente inconsciente. O Eu do melancólico apenas aceita o castigo através do sofrimento que impõe a si mesmo. Pela identificação com o objeto perdido, o Eu reconhece a si mesmo como culpado. Por outro lado, na neurose obsessiva as manifestações do Supereu se revelam nas formações reativas, os impulsos obsessivos que se mantêm alheios ao Eu. Já na histeria, ocorre uma defesa contra a crítica do Supereu, defesa que se dá pela via do



mecanismo de recalque. Assim, na histeria é trabalho do Eu fazer com que o sentimento de culpa permaneça inconsciente, mantendo-o sempre à distância da consciência.

Para Freud, tanto melancolia, quanto neurose obsessiva e histeria revelam que o Supereu manifesta sua influência independentemente do Eu, à revelia deste. Desta maneira, se mostra que o caráter inconsciente do Supereu é indicativo da sua maior proximidade com o Isso. Porém, devemos lembrar que o Supereu é uma parte modificada do Eu; sendo assim, de que maneira se dá a sua relação com a consciência?

Esta pergunta traz à tona o caráter ambivalente do Supereu. De acordo com nosso autor, apesar da maior intimidade com o Isso, o Supereu tem sua origem determinada pela relação consciente com as representações verbais. Ou seja, aquilo que de fora interpelou o Eu como uma lei ou norma, é internalizado de forma a dar origem à diferenciação que caracterizará o Supereu. A grande particularidade é que aquilo que se torna representação verbal nos primórdios da formação do Eu recebe investimento libidinal a partir do Isso e não da consciência.

Fica assim selado o vínculo entre o Isso e o Supereu, o que concede o caráter inconsciente das suas manifestações no Eu. Assim, se viabiliza o caminho para que a crítica do Supereu recaia sobre o Eu como se estivesse apartado deste. Isso explica como o Supereu pode vir a acosar o Eu de maneira tão sádica e incitar à autodestruição e ao apego ao sofrimento que se revela na reação terapêutica negativa. A partir disso, Freud elucida que aquilo que se manifesta como Supereu nada mais é do que *pura cultura de pulsão de morte*.

E a pulsão de morte recebe destinos variados no Eu. Segundo Freud, ela pode ser tornada inócua na mescla com componentes eróticos, amalgamada com a pulsão sexual; pode ser também desviada para o mundo externo na forma de agressão na relação com os objetos; ou pode, ainda, avançar 'calada' no seu trabalho interior. Esta última, para nosso autor, constitui a maior parcela das atividades de pulsão de morte. O trabalho de Tânatos prossegue, em grande medida, silenciosamente.

Ocorre ainda uma interessante relação entre a agressividade e o imperativo do Supereu. Freud nos explica que é digno de atenção o fato de que quanto mais um sujeito renuncia à agressividade, tanto mais forte e cruel parece se tornar o

caráter do Supereu. Ou seja, o controle da agressividade induz a uma elevação da inclinação agressiva do Supereu para com o Eu.

Segundo nosso autor, esse circuito revela a ocorrência de uma dissociação pulsional que, por sua vez, possibilita o deslocamento da pulsão de morte para o próprio Eu. Uma vez desprovida de seu componente erótico, fornecido pela mescla com a pulsão sexual, a pulsão de morte se torna 'não-ligada', livre para que ocorra sua descarga no mundo externo. Contudo, as exigências culturais morais continuam exercendo sua influência sobre o Eu e podem contribuir para que esta pulsão de morte disjunta seja internalizada. Assim, ela retorna ao Eu e ali se torna ligada na forma do Supereu, como um incremento às suas tendências sádicas contra o Eu.

Assim Freud nos apresenta o Eu como triplamente determinado. O Eu precisa responder às exigências do mundo externo que impõem barreiras à satisfação; deve também responder ao Isso que clama por satisfação, seja por qual destino for; e ainda responder ao Supereu que mede o Eu em relação ao ideal, às exigências do Isso. Desse modo, nosso autor deriva três tipos de angústia cuja sede é sempre o Eu, sendo cada uma delas referente a cada um destes três aspectos. O Eu está numa perpétua encruzilhada entre mundo externo, Isso e Supereu – até que Tânatos prevaleça e realize o seu propósito.

### 5.3 O PROBLEMA ECONÔMICO DO MASOQUISMO

No presente artigo Freud retoma uma problemática que se impõe a ele desde há muito tempo: aquela sobre a relação entre prazer e desprazer. Porém, sugerimos que em Além do princípio de prazer de 1920 e no artigo sobre o Eu e o Isso de 1924, a tese sobre o princípio de prazer se depara com uma premente necessidade de revisão que culmina nas proposições de Freud em *O problema econômico do masoquismo* (1924). A nosso ver, esta reformulação foi incitada principalmente pela alteração fundamental que acontece na teoria pulsional após a inclusão da pulsão de morte, bem como a sua relação com o Supereu. A consideração destes dois elementos metapsicológicos implica numa série de transformações na concepção dinâmica dos processos psíquicos, bem como nas relações entre consciente e inconsciente, entre Eu e Isso.

Mas, como buscaremos demonstrar com a abordagem de Freud no presente texto, a principal contribuição das noções metapsicológicas de pulsão de morte e de

Supereu situa-se em relação ao princípio de prazer, sendo o masoquismo o grande exemplo para elucidar esta revisão aqui proposta por Freud.

### 5.3.1 A revisão do princípio de prazer

No início do seu breve escrito sobre *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud nos revela que as tendências masoquistas tão frequentemente exibidas pelos neuróticos apresentam um enigma no sentido da economia pulsional. A tese do princípio de prazer sempre girou em torno da premissa de que os processos psíquicos são mobilizados pelos objetivos de evitar o desprazer e alcançar o prazer.

O masoquismo subverte o princípio de prazer tão importante para a metapsicologia e, principalmente, para a questão da economia libidinal. Assim é porque as tendências masoquistas revelam ter como objetivo tanto o desprazer quanto a dor, o que se torna inteligível do ponto de vista do princípio de prazer. Ao buscar a decifração para este enigma, Freud revela ser necessário revisar este princípio do funcionamento psíquico à luz da nova dualidade pulsional – aquela entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Primeiramente Freud nos lembra que o princípio de prazer derivou do que ficou conhecido como princípio de constância. Segundo a premissa deste princípio, a tendência do aparelho consiste em anular ou reduzir tanto quanto possível a quantidade de excitação no aparelho psíquico. Desse modo, se estabelece uma relação de coincidência entre o desprazer e a elevação da tensão ou quantidade, e entre o prazer e a diminuição da tensão. Princípio de constância e princípio de prazer significam, portanto, a mesma coisa.

Esta relação é apresentada por Freud em *Além do princípio de prazer* (1920a) como relativa à pulsão de morte. Princípio de prazer e princípio de constância estariam a serviço das pulsões de morte porque estas, conforme a tese do referido texto, visam ao restabelecimento do estado inorgânico. A meta da pulsão de morte encontra no princípio de prazer o seu fundamento, pois impele a conduzir as tensões da vida à um estado plenamente livre de toda e qualquer fonte de excitação. É justamente isso que nosso autor vem questionar com *O problema econômico do masoquismo* (1924).

Segundo Freud, a concepção de 1920 precisa ser revista porque é preciso ter em conta que na própria série de tensões é possível experimentar elevação e diminuição da quantidade de excitação. Não existe um limiar exato a partir do qual se passa do prazer ao desprazer e vice-versa. Além disso, nosso autor destaca a existência da pura ambivalência nesta dinâmica: há distensões desprazerosas e tensões prazerosas – cujo mais claro exemplo é o da excitação sexual.

A partir disso Freud desconstrói a correlação entre princípio de prazer e quantidade de excitação. Apesar de relativas a isso, as sensações de prazer e de desprazer não podem ser referenciadas *unicamente* à diminuição ou elevação da tensão psíquica. Isso não implica em que o fator quantitativo seja desconsiderado, mas sim que é preciso ter em conta o papel de uma de suas características neste processo – designada por Freud de *qualidade* psíquica. É o fator qualitativo que confere a tonalidade prazerosa ou desprazerosa a uma excitação psíquica.

Uma vez dissociado o princípio de constância do princípio de prazer, se torna possível a Freud estabelecer uma nova correlação. Por um lado o princípio de constância se mantém alinhado à pulsão de morte. Por outro lado, o princípio de prazer se revela *derivado* do princípio de constância, uma modificação deste. Ora, desde o artigo sobre o Eu e o Isso de 1923, nos habituamos a esta linha de pensamento desenvolvida por Freud. Ali, nosso autor nos apresenta o Eu como uma modificação do Isso e, do mesmo modo, o Supereu como uma modificação do Eu.

O mesmo ocorre entre princípio de constância e princípio de prazer. Uma vez considerado que o princípio de constância representa as tendências da pulsão de morte, não podemos esquecer que a pulsão de vida concorre com as exigências desta. Segundo Freud, deste embate de forças as tendências da pulsão de vida incitam a uma alteração no princípio de constância. Este se torna princípio de prazer que, por sua vez, irá se tornar o representante das tendências das pulsões de vida.

Notemos que não ocorre uma troca, uma conversão do princípio de constância em princípio de prazer. Correlativamente ao que lembramos acontecer entre Eu e Isso e entre Eu e Supereu, o que Freud nos explica aqui é que uma parte do princípio de constância sofre tamanha influência das forças da pulsão de vida que gera em si uma modificação, mais conforme com as exigências de Eros.

Mas as tensões não cessam de gerar produtos. O princípio de prazer, por sua vez, também sofre uma alteração. Sabemos que prazer e desprazer são

sensações que emergem no Eu. Portanto, ele é o palco onde o princípio de prazer dá indícios de sua atividade no psiquismo.

Por sua vez, o Eu está em contato direto com as influências do mundo externo e, sendo assim, não é indiferente a magnitude da força exercida pela excitação externa. Esta atua de tal forma que promove uma alteração no princípio de prazer, alteração que Freud denomina de *princípio de realidade*. Assim, este princípio designa nada mais do que o princípio de prazer que sucumbiu às exigências do mundo externo e que faz valer a influência externa ante à busca por prazer, impondo limites a esta. Portanto, são três os princípios que regem o funcionamento psíquico. E Freud destaca que em nenhum momento um deles chega a ser posto fora de ação pelo outro. Ocorre uma tripla simultaneidade.

Via de regra, eles sabem tolerar um ao outro, embora ocasionalmente deva levar a conflitos o fato de a meta estabelecida ser, de um lado, a diminuição quantitativa da carga de estímulos, do outro, um caráter qualitativo da mesma, e, por fim, um adiamento da descarga e uma aceitação provisória da tensão devida ao desprazer (FREUD, 1924, p. 168).

Em sua revisão do princípio de prazer Freud nos apresenta-o como representante das tendências libidinais da pulsão de vida – a qualidade psíquica. Ao princípio de constância – relativo à quantidade de excitação – cabe o papel de representante de Tânatos, a pulsão de morte. E o princípio de realidade emerge no Eu como representante das exigências do mundo externo, operando no sentido da tolerância do desprazer no aparelho psíquico.

### 5.3.2 O masoquismo à luz da dissociação entre pulsões de vida e pulsões de morte

Freud nos propõe pensar o masoquismo a partir de suas três manifestações na vida psíquica: masoquismo erógeno, masoquismo feminino e masoquismo moral. O primeiro se caracteriza como um requisito para a excitação e prazer sexual. O segundo expressa o caráter feminino e o terceiro manifesta-se como norma de conduta.

O masoquismo erógeno é considerado por Freud o mais fundamental, pois ele se desvela na conformação dos outros dois tipos de masoquismo. Isto é, masoquismo feminino e masoquismo moral apresentam em suas manifestações os traços característicos do masoquismo erógeno – o prazer na dor. Contudo nosso autor apresenta o masoquismo moral como sendo o mais importante dos três, pois

está na base do sentimento de culpa inconsciente, em grande medida presente nos fenômenos psíquicos da vida dos neuróticos. O masoquismo feminino, por sua vez, é aquele que se revela mais claramente à investigação, pois segundo nosso autor, manifesta suas relações de maneira menos enigmática do que os outros dois tipos de masoquismo.

Propomos acompanhar a Freud a partir da elucidação do masoquismo erógeno. Pelo fato de este manifestar-se na origem do masoquismo feminino e do moral, acreditamos que possa ser mais esclarecedor compreendê-lo primeiro. Segundo o autor, para entendermos o masoquismo erógeno precisamos remeter-nos aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), mais especificamente ao que ali foi desenvolvido sobre as fontes da pulsão sexual. No tocante a isso, nosso autor lembra que uma excitação sexual – prazerosa por definição – se manifesta a partir de vários processos internos, em várias partes do corpo, e se apresenta como um produto secundário à ultrapassagem de certo limiar quantitativo.

Porém, desde o Projeto de 1895 Freud encontra dificuldades para compreender e estabelecer qual seria este limiar, pois é justamente a partir dele que parece emergir o fator *qualitativo*. Infelizmente, até mesmo aqui, em 1924, Freud ainda não pode nos fornecer uma explicação clara sobre este fenômeno que permanece um enigma na metapsicologia até hoje. Voltando aos Três Ensaios, Freud resgata dali a sua concepção sobre a relação entre as fontes da pulsão sexual e o processo de excitação sexual aí desencadeado. Nosso autor assim procede porque este seria o processo em cuja base fisiológica – a fonte que, então, se converte em zona erógena – é erigido posteriormente o masoquismo erógeno.

Mas esta sua tese desenvolvida em 1905 ainda não levava em consideração as relações entre masoquismo e sadismo. Segundo Freud, a partir da análise das pulsões de morte, que apenas agora se torna possível, viabiliza-se a compreensão sobre a íntima relação entre masoquismo e sadismo. Como pudemos aprender em nossa análise do artigo sobre o *Eu e o Isso* (1923a), desde o início da atividade psíquica a libido choca-se com as tendências da pulsão de morte que visam um objetivo fundamentalmente oposto. Ao passo em que a libido visa à agregação, a pulsão de morte se impõe como uma tendência à desintegração.

Neste embate, a libido exerce sua atividade com o intuito de neutralizar as ações da pulsão de morte. Segundo Freud, este trabalho se dá principalmente pelo desvio da pulsão de morte para o mundo externo. Neste deslocamento, a pulsão de

morte se manifesta como pulsão de destruição e de apoderamento. O ponto que aqui mais nos interessa é que parte de pulsão de morte desviada para o exterior é colocada a serviço da libido. Neste processo a pulsão de morte vem assumir seu papel na sexualidade sob a forma de sadismo. Dessa perspectiva podemos entender o sadismo como a manifestação de pulsão de destruição e de apoderamento a serviço da função sexual.

Por outro lado, resta uma parte de pulsão de morte que não sofre deslocamento para o mundo externo, mas permanece represada. Esta parcela de pulsão de morte precisa ser de alguma forma vinculada e, segundo Freud, este trabalho se dá pela via da excitação sexual. Com a elevação da tensão psíquica sexual, a pulsão de morte se torna libidinizada ou ligada a uma função sexual, caracterizando assim o masoquismo erógeno, aquele que nosso autor define como o masoquismo original.

Portanto, masoquismo e sadismo são exemplos da mescla entre pulsões de vida e pulsões de morte. São os exemplos clínicos que atestam a impossibilidade de acessarmos as pulsões em um suposto estado “puro”. O que há é fundamentalmente da ordem de uma associação entre as pulsões opostas que, por sua vez, corresponde à possibilidade de dissociação entre elas. Freud afirma que a pulsão de morte se faz manifesta principalmente através do sadismo original. Assim é porque este é o caso que nos apresenta mais claramente a relação de objeto que sustenta o circuito pulsional característico do sadismo.

Contudo, nosso autor afirma ser o sadismo original idêntico ao masoquismo original. Esta identidade se pauta no fato de o sadismo original ser produto do mesmo montante da pulsão de morte cuja parcela represada torna-se componente da libido. Este resíduo pulsional erige o masoquismo original que oferece o Eu como objeto para a satisfação da parte da pulsão de morte que não foi deslocada na relação com os objetos externos. Sendo assim, Freud nos explica ser o masoquismo a prova da existência de um estágio anterior no qual pulsão de vida e pulsão de morte estiveram mescladas uma à outra. O que se nos apresenta como sadismo e masoquismo nada mais é do que produto da dissociação entre pulsões de vida e pulsões de morte.

Agora podemos retornar ao que Freud expôs na *Introdução ao narcisismo* (1914) sobre o masoquismo original e que foi sustentado desde *As pulsões e seus destinos* (1915a) até aqui. Lembremos que nestes textos nosso autor assume o

sadismo como originário, sendo que o seu retorno em direção ao Eu é que, enfim, caracterizaria o estado de masoquismo. O que Freud nos apresenta agora, à luz da dualidade entre pulsões de vida e pulsões de morte, é que há um estágio inicial no qual ambas estão amalgamadas. Sua posterior dissociação faz com que a parte deslocada para o exterior se manifeste pela via do sadismo e a parte que foi mantida no interior do aparelho psíquico seja investida na forma de masoquismo.

O destino pulsional de retorno da pulsão sádica ao Eu é mantido, mas sofre uma revisão que traz uma alteração na sua definição. Aquilo que Freud nos apresenta em 1914 e 1915 é relativo ao *masoquismo secundário*. Este se junta ao masoquismo original pela reintegração no Eu daquela pulsão de destruição que foi desviada para o mundo externo. Os casos de sadismo e masoquismo nos apresentam o jogo de alternâncias entre associação e dissociação pulsional.

A partir da compreensão sobre este circuito de projeção e introjeção da pulsão de morte, podemos agora entender a referência de Freud ao que foi elucidado nos Três Ensaio sobre as fontes de excitação sexual. Segundo nosso autor, o masoquismo erógeno ou masoquismo original se fundamentam na *regressão* da libido às fases iniciais de desenvolvimento sexual – o que, segundo pudemos compreender, é tornado possível justamente pela dissociação entre as pulsões.

Assim, da fase oral o masoquismo extrai a fantasia de ser devorado; da fase anal extrai o desejo de ser surrado; a fase fálica persiste na fantasia masoquista através do desejo de castração e suas variações; e, por fim, da fase genital o masoquismo extrai o desejo de ser possuído. Agora cremos ter preparado o terreno para apreender as características dos outros dois tipos de masoquismo. Como afirmado pelo próprio Freud, a base destes se encontra no masoquismo erógeno. Portanto, estamos munidos dos conhecimentos necessários para elucidarmos as particularidades do masoquismo feminino e do masoquismo moral.

O masoquismo feminino é assim denominado por Freud para designar o masoquismo cujas fantasias consistem na passividade, tais como: ser amarrado, ser golpeado, ser chicoteado, etc.. Em suma, o masoquismo feminino se caracteriza pelas fantasias pautadas no desejo de ser humilhado e maltratado pelo outro. O ato masoquista tanto pode se manifestar como um fim em si mesmo ou como uma etapa preliminar ao ato sexual.



Segundo Freud, a análise do masoquismo feminino leva à imediata interpretação de que o masoquista se comporta em sua fantasia como uma criança travessa e malcomportada, ou mesmo como uma criança dependente e desamparada. Ou seja, as manifestações destas fantasias masoquistas colocam o sujeito em uma posição feminina – no sentido de passividade. O masoquista feminino deseja ser castrado, ser possuído ou dar à luz em sua fantasia. Este conjunto de fatores define estes casos de masoquismo pela sobreposição entre conteúdos infantis e femininos.

A castração é a grande marca do masoquismo feminino. O que não implica em que este traço se revele às claras. Pelo contrário, Freud nos explica que tais fantasias manifestam um conteúdo negativo em relação à castração. Ou seja, esta se desvela, por exemplo, no desejo de ser vendado ou pela regra de que genitais ou olhos não podem sofrer lesões. O sentimento de culpa também representa seu papel no masoquismo feminino na forma da fantasia de ser castigado e torturado por ter infringido uma lei. Por um lado, a culpa revela o vínculo com a atividade sexual infantil masturbatória e, por outro lado, apresenta os indícios do terceiro tipo de masoquismo citado por Freud: o masoquismo moral.

A terceira e última forma de masoquismo recebe de Freud uma apreciação especial. A particularidade do masoquismo moral reside no fato de que, neste caso, a relação masoquista com a sexualidade é, de certa forma, abrandada ou atenuada. Os outros dois tipos de masoquismo tem como condição que o sofrimento seja infligido por um sujeito – o objeto de investimento libidinal – e seja suportado na medida em que a obediência responda à ordem deste sujeito que, notemos, revela ser o sádico da fantasia masoquista.

Freud observa que isso não acontece no masoquismo moral. Este eleva o próprio sofrimento ao patamar mais elevado da fantasia. Isso significa que é irrelevante ao masoquista moral que a dor infligida parta da pessoa que é objeto de seu amor ou outra qualquer. Inclusive, o sofrimento no masoquismo moral pode vir a ser até mesmo *impessoal*. Sem dúvida, esta particularidade revela que a pulsão de destruição ora dissociada da libido e deslocada para o exterior sofre uma regressão, sendo novamente introjetada no Eu – o grande alvo do sofrimento masoquista moral.

Contudo, Freud desconfia que o masoquismo moral tenha abandonado completamente a relação com o erotismo. Para investigar este ponto de seu

questionamento, nosso autor recorre à análise dos casos mais extremos de masoquismo moral para, então, compreender as formas mais brandas.

A mais saliente manifestação deste tipo de masoquismo consiste no que desde o artigo sobre o Eu e o Isso Freud designa como sentimento de culpa inconsciente. Ali, nosso autor relaciona este sentimento à reação terapêutica negativa que vai contra a possibilidade de cura pelo tratamento. Desse modo, o sentimento de culpa inconsciente e seus derivados são o que mais impõem resistências à análise.

Segundo Freud, é a satisfação desse sentimento de culpa neurótico o grande motor que alimenta e preserva as tendências masoquistas morais. Assim, o sofrimento é perpetuado na inclinação ao prazer masoquista. Além de não ocorrer a renúncia ao sofrimento, nosso autor explica que um suplício pode inclusive ser substituído por outros, como num encadeamento masoquista onde somente importa a satisfação da necessidade de punição.

Para Freud, fica claro que o masoquismo moral é aquele que se manifesta de maneira mais velada e com maior intensidade destrutiva. Mas, de onde parte tamanha força de atração pelo próprio sofrimento, que leva até mesmo à renúncia parcial das relações objetais, chegando a se concentrar tão massivamente sobre o Eu? Para responder a esta questão, Freud propõe analisar o masoquismo moral e sua necessidade de punição à luz das relações entre o Eu e o Supereu. Desde o artigo sobre o Eu e o Isso, publicado um ano antes, nosso autor deixa claro que a tensão entre Eu e Supereu se expressa na forma da consciência de culpa. A culpa gera angústia no Eu impotente ante as exigências da consciência moral às quais é compelido pelo Supereu.

Mas para Freud esta constatação não fornece uma resposta completa ao questionamento que se apresenta. É preciso, ainda, compreender de que modo o Supereu chega a assumir esse papel tão dominador e até mesmo violento para com o Eu que, como consequência, empenha-se numa perpétua busca por sanar as suas divergências com o Supereu. O esclarecimento à esta questão surge pela análise do masoquismo moral à luz da nova dualidade pulsional.

Freud nos lembra que o caráter do Supereu deriva simultaneamente de dois âmbitos. Por um lado, da preservação dessexualizada das características de pai e mãe que alimentaram a identificação nos primórdios da formação do Eu. Por outro

lado, o caráter do Supereu manifesta a força dos impulsos do Isso, do qual é representante no Eu.

Este processo é, segundo nosso autor, tornado possível pela dissociação entre pulsões de vida e pulsões de morte. Tal dissociação é produto da tensão entre a função conciliadora e criadora atuante no Eu pela pulsão de vida, e o impulso à destruição pela pulsão de morte. Como podemos compreender no artigo sobre o Eu e o Isso, uma das maneiras pela qual o Eu busca resolver esta tensão é através do deslocamento da pulsão de morte para o mundo exterior, o que apenas é possível através da sua dissociação da pulsão de vida.

É como se o Eu apostasse tudo o que tem na esperança de que a pulsão de morte encontre um destino no mundo externo. Porém, este impõe regras e limites à satisfação destrutiva a partir de múltiplas origens – desde os pais, até educadores, líderes e a própria cultura. Dada a sua impossibilidade de satisfação, a pulsão de morte é novamente introjetada no Eu por meio das identificações erigidas no lugar das relações externas que, após libidinizadas, tiveram de ser abandonadas.

O que resta, então, ao Eu é fazer-se objeto da pulsão de morte que agora se desvela na forma do Supereu, representante que concentra em si tanto as exigências externas quanto as internas que partem do Isso. O Supereu erige-se a partir de uma dissociação e, curiosamente, se constitui ele mesmo uma dissociação do Eu, passando a operar ali como cultura de pulsão de morte.

as mesmas pessoas que continuam a atuar no Super-eu como instância da consciência moral, após haverem deixado de ser objetos dos impulsos libidinais do Id [Isso], são parte igualmente do mundo externo real. Dele foram retiradas; seu poder, atrás do qual se escondem todas as influências do passado e da tradição, era uma das mais palpáveis manifestações da realidade. Devido a esta coincidência, o Super-eu, o substituto do complexo de Édipo, torna-se também representante do mundo externo real e, assim, modelo para os esforços do Eu (FREUD, 1924, p. 175-176).

Um dos produtos da ininterrupta tensão entre Eu e Supereu se revela no par de oposição sadismo-masiquismo, do qual o masiquismo moral vem a ser o seu exemplo mais agudo. Os casos de masiquismo moral revelam a pulsão de morte operando de maneira mais independente da libido, à revelia das relações objetais. Desse modo, se constitui a busca em satisfazer a necessidade de punição para cumprir com seu objetivo, a morte. Tal conjuntura é observada por Freud nas atitudes de certos pacientes que revelam sofrer excessiva inibição moral, como se fossem hipersensíveis às influências do Supereu.

Mas nosso autor destaca que é preciso reconhecer uma distinção entre a moralidade do Supereu e o que é proposto aqui como masoquismo moral. O primeiro caso realça o sadismo a que Supereu submete o Eu. Já o segundo caso realça o caráter masoquista do próprio Eu que busca punição pelo Supereu ou pelo mundo externo. Portanto, são dois lados de uma mesma moeda relativa às relações entre Eu e Supereu. Em ambos os casos se realiza uma satisfação masoquista moral, porém ora se destaca um dos lados da equação, ora o outro.

Contudo, Freud nota que o masoquismo moral – que provém do Eu – geralmente permanece inconsciente, ao passo em que o sadismo do Supereu se revela mais consciente. Segundo nosso autor, esta condição deriva de que o sentimento de culpa inconsciente que se revela na necessidade de punição remonta a uma *regressão* ao desejo infantil de ser castigado que emerge no complexo de Édipo. Com isso, nosso autor leva a entender que o masoquismo moral nada mais seria do que uma nova sexualização daquilo que outrora foi dessexualizado dando origem ao Supereu. Então, podemos compreender que agora, através da regressão, a sexualização recai sobre o próprio produto do complexo de Édipo: a moralidade e, portanto, o Supereu. A moralidade se torna a via pela qual o Eu pode regredir ao antigo estado edípico.

Portanto, compreendemos que sadismo do Supereu e masoquismo do Eu complementam-se mutuamente. O segundo deriva do recalque da pulsão de destruição que se voltou para o Eu. Freud nos explica que esta regressão ocorre porque a destrutividade encontra uma barreira cultural que impossibilita a sua plena satisfação no mundo externo sendo, portanto, libidinizada no Eu sob a forma de seu masoquismo. Concomitantemente, parte da pulsão destrutiva presente neste mesmo processo é recolhida pelo Supereu o que, por sua vez, incrementa o sadismo do Supereu para com o Eu.

Segundo Freud, isso explica porque o recalque da pulsão destrutiva gera um aumento da severidade do sentimento de culpa em certos pacientes. Quanto mais se renuncia à agressão e violência nas relações com o mundo externo, tanto mais ela é recalcada, retornando ao Eu na forma do masoquismo moral que alimenta a satisfação do sentimento de culpa e de punição. Tais mecanismos demonstram que dentre os três tipos o masoquismo moral é o grande exemplo da mescla entre pulsão de vida e pulsão de morte. Este caso extremo de masoquismo revela que a pulsão de morte pode ser acompanhada de satisfação libidinal no Eu.

## 5.4 INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA

Neste texto Freud se propõe a estabelecer as diferenças clínicas entre os fenômenos de inibição, os sintomas e as manifestações de angústia. Segundo o autor é preciso reconhecer as particularidades de cada um dos casos para que possamos compreender a metapsicologia de cada um deles.

Talvez possamos considerar *Inibição, sintoma e angústia* (1926) como o principal texto no qual Freud nos descreve o caráter das relações entre Eu e Supereu cuja particularidade, segundo buscaremos demonstrar, reside principalmente no caráter da angústia. Neste texto, Freud nos explica que a angústia surge no Eu a partir de seus intentos de defesa ante as mais diversas situações de perigo à autoconservação. Desse modo, se faz necessário distingui-la dos demais mecanismos de defesa conhecidos, tais como as inibições e os sintomas.

Por isso nosso autor nos insere na sua discussão sobre a angústia a partir das análises destes dois outros mecanismo defensivos do Eu. Isso implica em que uma outra vez se atente para os destinos pulsionais implicados na formação dos sintomas e inibições. Aqui, encontraremos uma nova elucidação sobre os mecanismos de defesa sumamente relevantes para pensarmos as psicose, tais como o recalque, a regressão, as formações reativas, etc..

Acompanhando a Freud, iniciemos pela elucidação da primeira diferença que precisa ser estabelecida: aquela entre inibições e sintomas. Pois, apesar de muitas vezes se manifestarem simultaneamente, não dizem respeito aos mesmos processos psíquicos. A metapsicologia que os acompanha merece ser destacada para que se reconheçam as suas particularidades.

### 5.4.1 As inibições e os sintomas

A principal delimitação das inibições se dá relativamente aos sintomas. Ou seja, apesar de muitas vezes figurarem fenômenos clínicos semelhantes, Freud assegura que não se tratam de sinônimos. Inibição e sintoma são conceitos que designam fenômenos com origem psíquica diferente e que, portanto, não podem ser considerados um único e mesmo tipo de manifestação.

A primeira diferença Freud nos apresenta de maneira bastante objetiva. Segundo nosso autor, uma inibição tem relação com determinada *função* e não caracteriza necessariamente um processo patológico. Acontece o contrário em

relação ao sintoma, pois este sim porta os sinais que denunciam a existência de uma neurose.

Desta perspectiva, Freud nos explica que uma inibição pode ser um dos traços que revelam um sintoma; porém, nem todo sintoma consiste em uma inibição e vice-versa. Para definir o que caracteriza uma inibição é preciso voltar a atenção ao elemento que lhe é particular – a função. E nosso autor propõe investigá-la a partir de quatro âmbitos: a sexualidade, a nutrição, a locomoção e o trabalho profissional.

Em relação à função sexual, Freud observa que são geralmente inibições simples as que se manifestam neste âmbito da vida. Seu principal exemplo é a impotência sexual psíquica que pode vir a se manifestar em quaisquer momentos da relação sexual, desde as preliminares até o orgasmo. Mas neste âmbito as inibições se manifestam de maneiras diferentes entre homens e mulheres. Segundo Freud, os homens apresentam inibições tais como a ausência de excitação sexual; a dificuldade de ereção; a ejaculação precoce ou mesmo a ausência da ejaculação ou do prazer durante o orgasmo. Já nas mulheres se apresentam como exemplos de inibição o medo do ato sexual, o nojo e a inclusão de atos obsessivos que revelam ser defesas contra o ato sexual.

Freud propõe situar as particularidades entre homens e mulheres de maneira geral quanto ao tipo de perturbação na função sexual: afastamento do desejo sexual ou inibição pura; impossibilidade de levar a cabo o ato sexual; desvio da função sexual para outras metas – como no fetichismo; imposição de medidas protetoras contra o ato sexual; a interrupção do ato sexual mediante o desencadeamento da angústia; e a reação defensiva *a posteriori* que visa anular o ato sexual – como o nojo.

No que tange à função de nutrição, Freud observa que as inibições acontecem de maneira bastante objetiva. Em relação ao ato de comer a inibição pode se manifestar pela retirada da libido desta função, o que acarreta na persistente falta de vontade de comer. A inibição da função de nutrição também pode se revelar através de um sintoma como, por exemplo, o vômito executado como defesa contra a alimentação. Há também a recusa de comer que caracteriza os estados psicóticos nos quais o paciente é tomado pela angústia ante a possibilidade de ser envenenado.

As inibições da função locomotora se manifestam principalmente através de dois fenômenos. O primeiro deles é relativo à histeria de conversão na qual as inibições motoras ocorrem sem a presença de uma disfunção orgânica. O segundo caso se relaciona às fobias que impõem dificuldades à locomoção com vistas a evitar ou mesmo interromper o desenvolvimento da angústia.

No trabalho as inibições se manifestam pela intensa fadiga que impede a execução do ofício; pela piora no desempenho das atividades; pela impossibilidade de trabalhar em decorrência de paralisias histéricas; ou mesmo pelos atrasos e repetições cujo caráter obsessivo perturba a realização do trabalho. Segundo Freud, é principalmente no âmbito laboral que as inibições se manifestam como uma via para a satisfação da necessidade de autopunição. Os impasses que obstruem o caminho do êxito profissional nada mais são do que renúncias efetuadas pelo Eu para evitar entrar em conflito com o Supereu.

Das particularidades que nos apresenta, Freud destaca o que parece estar presente em todas as inibições – o fato de elas se relacionarem a disfunções do *Eu*. O Eu efetua renúncias às suas funções tendo em vista evitar uma novo recalque. O que se desvela por trás deste objetivo é a busca do Eu para evitar entrar em conflito com o *Isso*, pela sua relação com o Supereu. A partir disso, Freud nos explica que a inibição neurótica é correlata da erotização excessiva do órgão requerido para a execução de uma dada função. Ou seja, a função do Eu é prejudicada quando a sua erogeneidade está, de certo modo, “exagerada”.

Para Freud a compreensão sobre as inibições pode inclusive ser uma chave para compreendermos a melancolia. Tal derivação é produto da análise sobre as inibições mais gerais observadas em três casos particulares: o trabalho de luto; a supressão dos afetos; e a contenção das fantasias sexuais que emergem incessantemente. Nosso autor explica que, nestes casos, a inibição emerge pelo esgotamento da energia do Eu. Ou seja, o grande montante de energia mobilizado pelo luto, pelos afetos – geralmente agressivos – ou pelas fantasias sexuais é fortemente barrado no Eu. No lugar da intensa energia psíquica que busca uma via de descarga, ocorre o esmorecimento do Eu, que pode até mesmo sucumbir à fadiga durante dias. Freud sugere estar aí o ponto que fornece um elemento a mais para se pensar a melancolia. Esta pode ser compreendida como uma inibição das mais graves e que exerce sua influência de maneira generalizada na vida do sujeito.

Portanto, notamos que as inibições ocorrem no Eu tendo em vista evitar entrar em divergência tanto com as exigências do Isso quanto aquelas do Supereu. Este é o ponto que, para Freud, estabelece a sua nítida distinção em relação aos sintomas. Segundo nosso autor, um sintoma não pode ser considerado um processo desencadeado no Eu ou que age sobre o Eu. O essencial quanto ao sintoma é que, apesar de se desvelar no Eu, ele deriva de processos inconscientes.

Quanto aos sintomas, Freud nos apresenta uma definição bastante própria e que se distingue sobremaneira daquela elaborada sobre as inibições. Um sintoma é erigido como *substituto* de uma satisfação pulsional que foi barrada no Eu, ou seja, uma satisfação que sofreu recalque. Lembremos que, segundo o que Freud apresenta em seu artigo de 1915 sobre o recalque, este mecanismo de defesa parte do Eu tendo em vista apartar uma determinada ideia da consciência. A força do recalque vai somente até este ponto, pois a ideia recalçada se mantém represada no Isso e, portanto, conservada como uma formação inconsciente que exerce seus efeitos a partir deste sistema.

É bastante peculiar o destino dado à pulsão cujo impulso de satisfação foi barrado no Eu. Segundo Freud, a influência que o Eu adquire por sua íntima relação com a percepção o capacita a balizar todos os processos segundo o princípio de prazer. Mediante o seu domínio no processo de recalque, o Eu em oposição a certo processo pulsional pode transformar em desprazer o que seria prazer de satisfação.

Freud esclarece que o Eu adquire a energia necessária para efetuar o recalque a partir de sua relação com a percepção. Assim é porque o Eu erige suas defesas contra um processo interior em analogia com as defesas que efetua contra estímulos externos. Ou seja, considerando que o Eu promove a fuga ante um estímulo externo desprazeroso, ele replica este mesmo intento de fuga no psiquismo, mas através do complexo mecanismo de recalque do estímulo pulsional que parte do Isso e encontra no Eu a censura à sua satisfação ou descarga.

Assim, o recalque se caracteriza como algo da ordem de uma tentativa de fuga executada pelo Eu mediante a retirada de libido de uma determinada ideia. Esta libido que foi subtraída não é anulada, mas sim aproveitada pelo Eu na liberação de desprazer ou angústia – sensações que mantêm o recalque ao mesmo tempo em que o denuncia por seus efeitos na consciência. Por isso que, mais além, Freud irá afirmar que o Eu é a sede da angústia. Nenhum investimento se converte



automaticamente em angústia na consciência. Como veremos, a angústia deriva de um processo engendrado no Eu.

Já nos adiantando algo relativo à angústia, Freud esclarece que esta é, assim como a tentativa de fuga do Eu que culmina no recalque, também um intento de reprodução ou repetição. Isto é, com o recalque a angústia é reproduzida como estado afetivo, no lugar do que fora suprimido, a partir de uma ideia que já existia. Nosso autor explica que “Os estados afetivos incorporam-se à psique como precipitados de antiquíssimas vivências traumáticas, e são despertados como símbolos mnêmicos quando situações análogas ocorrem” (FREUD, 1926, p. 16).

O que Freud parece nos dizer é que aquilo com que nos deparamos na experiência clínica sob a forma de sintoma ou produto do recalque revela ser, na verdade, um processo *a posteriori*. O sintoma emerge pela modificação psíquica das tentativas de defesa já efetuadas pelo Eu em relação aos estímulos externos. Ou seja, o Eu cria os meios psíquicos para lidar com as exigências internas cujo caráter tanto se distingue daquelas externas. Contudo, esta estratégia não se sustenta indefinidamente e logo passa a dar indícios de sua ruína, deixando entrever o seu fracasso.

Até aqui podemos notar que, ao nos explicar sobre o sintoma, Freud primeiramente nos remete aos processos relativos ao mecanismo de recalque. E não é sem motivo que nosso autor assim procede, pois a ligação entre recalque e sintoma se revela mais estreita do que possa parecer em uma análise apressada. Segundo Freud o sintoma emerge como produto daquela pulsão cuja satisfação foi barrada no Eu pelo recalque. Ou seja, que o Eu efetue o recalque e destine ao Inconsciente o impulso por satisfação de uma pulsão não é algo com o qual em si mesmo possamos aprender. Nosso autor destaca que somente teremos acesso a este mecanismo na medida em que ele revele o seu fracasso. Assim, se abrem os caminhos para que o sintoma apareça. O recalque somente é acessível através do seu insucesso – o sintoma.

É no sintoma que a estratégia do Eu em transformar prazer em desprazer se revela de maneira mais clara. Freud nos define o sintoma como um substituto “bastante atrofiado, deslocado e inibido” (FREUD, 1926, p. 18). De tão afastado da pulsão e transfigurado pelo recalque, o sintoma já não mais faz reconhecer a satisfação da qual se tornou o representante na consciência. Mas não esqueçamos que um sintoma apenas se mantém e sustenta enquanto tal porque possibilita algo

da ordem de uma satisfação. Mas esta ocorre por uma via bastante contraditória e até mesmo oposta ao princípio de prazer. É isso que Freud parece buscar nos explicar – que a satisfação pela via do sintoma se dá pelo desprazer – pois indica justamente a tolerância de certa parcela do excesso pulsional no interior do aparelho psíquico.

Em relação a isso, Freud destaca que a descarga pelo desprazer é duplamente determinada pela ação do Eu, pois este, ao mesmo tempo em que controla o acesso à consciência, também controla a passagem ao mundo exterior pela ação. Contudo, enquanto instância mediadora, o Eu também luta para atender às exigências do Isso e do Supereu da maneira que lhe é possível: usando os princípios de realidade e de prazer como recurso.

Desse modo, a satisfação pela via do desprazer no sintoma é, digamos, o que de melhor o Eu pôde proporcionar como satisfação às pulsões cujo recalque originou-se tanto da validação do princípio de prazer quanto do princípio de realidade. A constatação *a posteriori* da ocorrência de um recalque revela que, num primeiro momento, quem venceu o embate foi a realidade, as exigências do mundo exterior. Contudo, o sintoma vem mostrar na atualidade clínica, que esta vitória foi apenas provisória e o Isso, muitas vezes, retorna com força ainda mais intensa.

Notemos que o que Freud nos apresenta até aqui propõe uma revisão do que fora por ele declarado em 1923, no artigo sobre o Eu e o Isso. Ali nosso autor revela a extrema dependência e submissão do Eu em relação ao Isso e ao Supereu. Aqui, em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), é revelada a força e o poder do Eu ante as exigências do Isso e do Supereu. O sintoma é a prova de que o Eu fez valer e sustenta o recalque apesar das forças do Isso. Mas Freud nos explica que o sintoma é uma formação inconsciente e, portanto, não deriva do Eu. Além de evidenciar a força do Eu, o sintoma é, ao mesmo tempo, também a prova da sua impotência em realizar as exigências pulsionais. O sintoma denuncia o caráter excessivo de pulsão o qual o Eu não logra barrar por completo, nem permanentemente.

Mas como pode o Eu apresentar esta ambivalência em relação às formações de sintoma? Sobre isso Freud nos lembra que não devemos tomar rigidamente a distinção entre Eu e Isso. O que se revela como ambivalência refere-se a nada mais do que a ênfase ora numa perspectiva, ora n'outra perspectiva sobre a mesma situação psíquica. Desde seu artigo sobre o Eu e Isso Freud nos explica

que ambos são idênticos. O Eu é apenas a parte organizada e diferenciada do Isso, não uma parte que dele se separou.

Nosso autor esclarece que aquilo que se desvela como a diferença entre um e outro deriva justamente do conflito psíquico. É a tensão que possibilita entrever a coexistência de forças que se manifestam no Eu como opostas uma à outra. A diferença entre Eu e Isso, bem como a diferença entre Eu e Supereu, se revela como produto da barreira imposta à sua intercomunicação, instaurando a partir daí um conflito entre as instâncias psíquicas que advém na forma de um sintoma.

Se o ato de repressão [recalque] nos mostra a força do Eu, atesta igualmente a sua impotência e o caráter não influenciável dos impulsos instintuais [pulsionais] do Id [Isso]. Pois o processo transformado em sintoma pela repressão [recalque] afirma então sua existência fora da organização do Eu e independentemente dela, e não apenas ele, mas todos os seus derivados gozam da mesma prerrogativa de “extraterritorialidade”, digamos, e, quando se encontram de forma associativa com partes da organização do Eu, cabe perguntar se não atraem estas para si, expandindo-se com esse ganho obtido à custa do Eu (FREUD, 1926, p. 20).

Com o sintoma o Eu mantém a sua função integradora e conciliatória. Ou seja, diante da sua incapacidade em neutralizar o sintoma e, portanto, as forças do Isso, o Eu busca atenuar esta “extraterritorialidade” do sintoma. Para isso, se empenha na tarefa de vincular e incorporar o sintoma à sua organização psíquica. A busca do Eu pela integração fornece os elementos para que o sintoma adquira a sua configuração final mais “alinhada” ao Eu.

Uma vez integrado ao Eu, o sintoma já não pode ser eliminado facilmente. Resta ao Eu tirar proveito da situação e adaptar-se. É uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que o sintoma se conforma ao Eu, este também se conforma ao sintoma. Daí provém o caráter de imprescindibilidade que o sintoma pode vir a adquirir na vida do sujeito. Segundo Freud, é como se acontecesse uma adaptação do Eu à parte que lhe permanecera alheia até então. E tal adaptação é representada pelo sintoma.

Desta configuração psíquica advém o que Freud denomina de benefício da doença, ou ganho secundário com a neurose. O sintoma se entrelaça ao Eu de tal forma que chega a se tornar indispensável, configurando até mesmo um modo restrito, fixado da pulsão alcançar a satisfação. Para nosso autor, o vínculo que incorpora o sintoma ao Eu configura também as resistências, tornando tão difícil a tarefa de dissolução do sintoma.

#### 5.4.2 O pequeno Hans: a fobia entre a inibição, o sintoma e a angústia

Para esclarecer melhor os aspectos relacionados com a metapsicologia da angústia, Freud interpola a análise de um caso clínico de fobia. Após esclarecer as características dos sintomas e das inibições, nosso autor retoma a discussão com base no caso de fobia do pequeno Hans. Assim, nosso autor irá nos demonstrar de que maneiras se inter-relacionam os fenômenos de inibição, sintoma e angústia. O referido caso clínico foi supervisionado por Freud e, ao ser publicado em 1909, se tornou o exemplo para a compreensão da configuração fóbica, cujas raízes se desvelam na infância. Nosso autor vê no pequeno Hans o exemplo que possibilita revelar que, apesar das diferenças, tanto inibições, quanto angústias e sintomas podem atuar de maneira conjugada, revelando a sobredeterminação psíquica da neurose.

Segundo apresentado por Freud, o particular caso de fobia histérica infantil do pequeno Hans – então, com 5 anos – fornece os elementos para pensar a gênese da formação do sintoma fóbico a partir de três questionamentos: qual pulsão foi recalcada; qual sintoma emergiu em sua substituição; e qual foi o motivo do recalque. O sintoma fóbico que Hans apresenta tem um objeto bastante claro: é uma fobia de cavalos. Mas nenhuma fobia opera em si mesma, ou seja, o sintoma fóbico vem acompanhado de uma gama de fenômenos. No caso do pequeno Hans, seu sintoma é acompanhado de uma inibição manifesta na incapacidade de sair à rua. Freud nos explica que tal inibição consiste numa restrição imposta pelo próprio Eu e realizada tendo em vista evitar que a angústia apareça.

Mas uma fobia de cavalos é bastante geral, constituindo a forma apresentada pelo sintoma na consciência. Deve haver, portanto, uma motivação *a mais* que sustente a permanência deste sintoma. O que Freud percebe é que Hans não teme cavalos em si, mas que o menino não quer sair de casa porque teme ser *mordido* por um cavalo. Este detalhe já possibilita circunscrever de maneira mais particular a fobia de Hans. Os cavalos são o objeto *consciente* da angústia que, desse modo, poderia ser facilmente desencadeada na época, bastando para isso um breve passeio pela cidade. A configuração consciente é o suficiente para o estabelecimento de uma inibição que, lembremos, Freud nos descreve como um processo que ocorre no Eu e, portanto, é relativo à consciência. Se na consciência

Hans teme cavalos, então se torna até mesmo previsível que o menino não queira sequer botar os pés para fora de casa e erija, a partir disso, uma inibição.

Porém, Hans nunca foi mordido por nenhum cavalo. Então nosso autor se pergunta onde se situa a origem desta fobia que, tal qual um sintoma, visa encobrir algo. Deve haver alguma condição que justifique o excesso vivenciado pelo pequeno Hans e que vem à tona no despertar da sua angústia. Freud, então, situa a fobia de Hans em relação ao momento que está vivenciando no período de tempo em que sua fobia emerge como sintoma. O que nosso autor percebe é que o pequeno Hans está às voltas com um conflito psíquico derivado da sua situação edípica. O menino precisa lidar com a ambivalência que emerge na sua relação com o pai. Por um lado Hans ama seu pai que é extremamente afetuoso com ele, mas ao mesmo tempo também sente intenso ciúme e hostilidade para com o pai na relação com a mãe.

São sentimentos profundamente contraditórios se voltados a uma mesma pessoa. Então Freud nota que a fobia de Hans emerge como uma solução para este conflito derivado de dois impulsos: um de amor e outro de ódio, ambos em relação ao pai. Um dos lados que sustenta a ambivalência sucumbe ao recalque e, como nos explica Freud, geralmente é o ódio o sentimento relegado ao inconsciente. Com o recalque da agressividade, fica desobstruída a via para o amor e tudo segue como se o ódio não existisse. Bastante simples – se não fosse pelo surgimento da fobia.

A fobia do pequeno Hans é a prova de que o ódio não foi suprimido, mas sim que continuou a operar no inconsciente. Sendo o impulso hostil recusado na consciência sem que, no entanto, fosse efetivamente anulado, o Eu precisou dar-lhe um destino. A hostilidade que não pôde ser realizada na relação com o pai foi recalcada, introjetada no Eu, o qual encontrou um destino aceitável para ela na consciência sob a forma de uma fobia.

Assim a agressividade encontra uma via de escoamento no mundo externo, mas de maneira distorcida, *deslocada*. Freud nos explica que tal processo de deslocamento é seguido de uma *substituição* e *simbolização* – do pai ao cavalo. Fundamentalmente, é este trabalho de deslocamento que produz o sintoma como solução para o conflito de ambivalência.

Mas Freud nota uma problemática no caso de Hans. Se o que havia antes era da ordem da agressividade – portanto, atividade – voltada ao pai, porque no processo de deslocamento se expressa o medo de ser mordido por cavalos – passividade – ao invés do desejo de, por exemplo, maltratá-los? Parece ser esta

última solução a que realizaria a meta destrutiva ativa que foi originalmente recalçada. Se assim fosse, a neurose do garoto revelaria que o recalque gerou um deslocamento apenas em relação ao objeto – o pai pelo cavalo – ao passo em que manteria o caráter de pulsão agressiva ou de destruição. Freud questiona se, então, não ocorreu algo *a mais* na gênese da fobia de Hans que mobilizou tanto o recalque da agressividade quanto a emergência da angústia no temor passivo de ser mordido por cavalos.

Para responder a este questionamento, Freud se volta para a particularidade da fobia de Hans – o medo de ser mordido pelo cavalo. Este medo, segundo nosso autor, remonta diretamente ao núcleo do complexo de Édipo. O temor de ser devorado indica a *passividade* em relação ao objeto e essa particularidade é que se vinculou ao objeto da fobia do garoto. Esta configuração psíquica é relativa às manifestações da pulsão sexual com meta passiva em relação ao pai. Desde o início da apresentação de Freud, ele destaca o grande afeto de Hans pelo seu pai. A ternura que se presta à observação tão claramente revela os indícios do impulso de ser tomado como objeto de amor pelo pai, segundo o modelo da sexualidade infantil.

Se nos remetermos aos Três Ensaios de 1905, lembramos que a passividade é característica da fase oral de desenvolvimento da libido. A oralidade simboliza as fantasias passivas de ser devorado, mordido, privado de uma parte do corpo, dar à luz, etc.. Todos estes são deslocamentos do *medo da castração* que emerge durante o complexo de Édipo. Situa-se aí o fundamento do temor de ser devorado pelo cavalo e, por conseguinte, da angústia. Este temor se revela como deslocamento caracteristicamente neurótico do medo de ser devorado pelo pai. Mas o que Freud quer nos dizer com esta complicada sobreposição ambivalente entre libido sexual passiva e agressividade?

Nosso autor parece tentar nos explicar que a fobia de Hans experimenta um duplo movimento. A agressividade que foi recalçada deriva de um recalque anterior – o recalque da passividade em relação ao pai. E o motor desta primeiro recalque é o medo da castração, projetado por Hans na figura do pai. O temor de ser castrado impeliu Hans a uma revolta contra a passividade, possibilitando assim a superação da fase oral de desenvolvimento da libido e sua entrada na fase anal-sádica, na qual emerge a agressividade.

Uma vez a libido situada na fase anal e expressa na hostilidade, a pulsão assume o caráter de *atividade* no lugar da passividade indicativa do domínio

psíquico da fase oral. Mas, ao descrever estes processos, notamos que apresentamos algo da ordem de um percurso cronológico das etapas de desenvolvimento psíquico que situam a gênese da fobia de Hans. Para compreendermos esta fobia é preciso que realizemos o percurso inverso, avesso ao da cronologia temporal sugerida pelo desenvolvimento da sexualidade infantil, bem como sua relação com os tempos do complexo de Édipo.

Freud nos indica que a chave para elucidarmos a dinâmica psíquica que sustenta a fobia de Hans é o caráter *regressivo* da pulsão. O elemento 'a mais' sobre o qual nosso autor se pergunta é relativo à regressividade. Ou seja, o temor de ser devorado é a expressão regressiva do impulso terno/passivo que emerge na relação de Hans com seu pai e é relativo à organização *genital* da pulsão sexual. Sendo assim, tal impulso remete ao complexo de Édipo, no qual o garoto situa-se na posição de objeto de amor para o pai.

Mas sabemos que este momento psíquico é acompanhado de intensa ambivalência. Simultaneamente ao afeto, a agressividade também encontra ocasião na relação de Hans com o seu pai. Porém, como nos indica Freud, ela não ganha destaque na neurose do garoto. Enquanto um par ambivalente, a agressividade/atividade e o afeto/passividade devem ser entendidos como dois lados de uma mesma moeda. Sendo assim, de que forma eles se relacionam?

Sobre isso, Freud esclarece que o impulso terno e, portanto, a passividade que emerge na fase genital de organização da libido é o grande alvo do recalque que mobiliza o processo de gênese da fobia de Hans. Mas, como pudemos compreender até aqui, uma pulsão recalcada não deixa de exercer seus efeitos, ela continua operando desde o Inconsciente e gerando seus produtos a partir daí. É neste ponto que a regressão encontra seu papel junto ao recalque na formação do sintoma. O impulso de passividade de Hans regride a uma fase anterior – a anal-sádica – e encontra aí uma possibilidade de satisfação deslocada e que resguarda do perigo da castração que emerge na fase genital.

Desse modo Freud nos mostra que o recalque não é o único mecanismo de defesa que o Eu pode empregar na luta contra as exigências de uma pulsão. A gênese da neurose de Hans nos mostra que a regressão é um mecanismo que opera como uma defesa 'a mais'.

Mas lembremos que ao nos apresentar o caso da fobia de Hans, Freud não chega a destacar a agressividade como elemento preponderante nesta neurose.

Como já podemos destacar, o principal é o medo que Hans sente de cavalos. Mais especificamente de ser mordido por eles. É justamente aí que Freud desvela o componente agressivo, mas regredido. Como se não bastasse um trabalho de regressão, a fobia de Hans revela uma dupla regressão do impulso passivo. O medo de ser mordido encontra seu fundamento quando nosso autor remonta a regressão da libido anal à fase oral de organização.

Recapitulemos: o impulso passivo da fase genital encontra forte resistência do Eu que, ancorado no medo da castração, efetua duas regressões. Primeiramente à fase sádico-anal e, na sequência, à fase oral. Freud esclarece que o segundo destino também é impulsionado pelo temor de castração. Isto é, do mesmo modo que a posição passiva implica imaginariamente na castração, o seu oposto, a agressividade, implica no mesmo temor ante a possibilidade de punição pelo pai. Este complexo trabalho realizado pelo Eu nos dá indícios de sua força ante os impulsos do Isso, pois se é capaz de “levar o instinto [pulsão] à regressão, prejudica-o mais fortemente, no fundo, do que seria possível através do recalque” (FREUD, 1926, p. 28).

Pela regressão o mecanismo de recalque atinge, a cada vez, camadas mais profundas do psiquismo e, de certa forma, incrementa a formação do sintoma. Em Hans, o amor e a passividade genitais regredem à fase sádico-anal onde o afeto emerge sob a forma da hostilidade ao pai. Mas o impulso agressivo também encontra severas barreiras à sua satisfação na consciência. O que resta ao Eu é regredir a pulsão à fase mais primitiva de organização da libido.

No entanto, tamanha força do Eu sucumbe às forças não menores do Isso. Não havendo mais para onde regredir a pulsão, resta ao Eu derivar da fase oral uma fobia que atende simultaneamente as exigências de diversos senhores. Por um lado atende a realidade externa que barra a agressividade contra o pai; por outro ao Supereu que impõe restrições à satisfação pulsional na condição edípica; e por fim atende ao Isso que pressiona por satisfação, puramente. Está consolidada uma “solução de compromisso” cujo núcleo é o sintoma de Hans.

Neste emaranhado de recalques e regressões, não podemos deixar de nos perguntar sobre o papel da mãe de Hans na dinâmica edípica. Segundo Freud, tal qual um exemplo de complexo de Édipo positivo, a libido de Hans está intensamente fixada na figura da mãe. No entanto, o medo da castração que emerge na relação com o pai, pela posição passiva em relação a este, é o grande motor do processo de



recalque. Disso compreendemos que, então, o recalque se dá como uma resposta do Eu para atender, num primeiro momento, à censura do Supereu sobre a situação edípica. A força da censura do Supereu incrementa de tal forma a resistência do Eu à satisfação dos impulsos, que o recalque atinge até mesmo a relação com a mãe de Hans. Assim, o sintoma de fobia emerge como produto de um intenso e generalizado trabalho de recalque.

Trata-se, no caso de Hans [...], de um processo de repressão [recalque] que atinge quase todos os componentes do complexo de Édipo, os impulsos hostil e afetuoso em relação ao pai, e o afetuoso no tocante à mãe. [...]. Em vez de uma única repressão [recalque] deparamos com uma série delas, e além disso lidamos com a regressão. (FREUD, 1926, p. 29-30).

Portanto, Freud nos apresenta o caso de Hans como uma neurose cujo sintoma fóbico deu conta dos principais impulsos sexuais que emergem no complexo de Édipo. O recalque atinge não só a agressividade e passividade com o pai, mas também e simultaneamente o intenso impulso de afeto à mãe. Nosso autor esclarece que não é possível considerar que o motor do recalque foi o impulso terno, pois na consciência é um forte amor o que caracteriza a relação de Hans com o seu pai. Para Freud, se determinado afeto se manifesta com tanta força como se fosse unilateral, é certo que a sua intensidade mascara o afeto oposto que, de algum modo, foi recalcado e continua operando no inconsciente.

Resta decifrar ainda o papel da angústia na fobia de Hans. Como já mencionamos, é o temor da castração que mobiliza o trabalho de recalque pelo Eu. É neste medo que Freud situa a origem da angústia do garoto. Ou seja, a angústia é a base do recalque, pois a fobia revela nada mais do que o medo da castração *inalterado* – “A postura angustiada do Eu é sempre o elemento primário e instigador do recalque. A angústia não provém jamais da libido recalcada” (FREUD, 1926, p. 32). Isso quer dizer que dentre tantas regressões, tantos afetos e posições psíquicas deixados para trás, o recalque fracassou. E a falha é justamente quanto ao principal móbil do recalque – o medo da castração persiste como pura angústia ante um perigo considerado real. Quase como se fosse uma ‘receita’ para a formação de uma fobia.

Por este motivo Freud sugere designar as fobias como histerias de angústia, de modo a distingui-las da histeria de conversão. A principal diferença é que nesta a sensação de desprazer é ausente, ou seja, o Eu se conduz como se não tivesse nenhuma relação com os sintomas. Tal configuração da histeria de conversão revela

a conhecida *bélle indifférence* observada por Freud nestes pacientes. A fobia nada apresenta de indiferença. Pelo contrário, com sua análise do caso Hans, Freud nos ensina que o surgimento da angústia é o que atribui à fobia a sua maior particularidade.

#### 5.4.3 A formação de sintoma como primeiro passo na compreensão da angústia

Da análise do caso de fobia do pequeno Hans, o que Freud nos parece situar como elemento fundamental é o fato de não existir uma relação estrita entre angústia e formação de sintoma. A fobia é o grande exemplo no qual se observa que a angústia escapa ao processo de recalque, manifestando-se para além dos sintomas erigidos como defesa. Sem dúvida é com a investigação sobre a gênese da fobia que Freud nos insere na sua discussão sobre a angústia. Resta agora acompanhar nosso autor para descobrir algo que lhe parece fundamental no tocante a este assunto: a gênese da própria angústia, ou seja, as condições para o seu desenvolvimento.

E para responder a este questionamento, Freud nos conduz, primeiramente, à investigação sobre a formação dos sintomas. Segundo nosso autor, a neurose obsessiva é o grande exemplo clínico no qual podemos encontrar os elementos para compreender as condições que levam ao surgimento da angústia. Uma das principais características da neurose obsessiva – a ambivalência – origina-se dos embates entre o Eu e o Supereu. Estas duas instâncias psíquicas são as mais fundamentais na formação do sintoma obsessivo. Contudo, segundo Freud, o ponto de partida de toda a neurose é o mesmo: a defesa contra as exigências pulsionais do complexo de Édipo.

De início, nosso autor observa que toda neurose obsessiva apresentou sintomas histéricos bastante cedo na vida. Mas esta condição vem a ser modificada pelo que nosso autor denomina como ‘fator constitucional’, e que é decisivo na configuração da neurose obsessiva. Este fator se relaciona à pouca intensidade da libido ao situar-se na fase de organização genital. Já nos primeiros trabalhos de defesa do Eu, a fase genital sofre um recuo até a sua precedente. Ou seja, a neurose obsessiva se caracteriza pela regressão da libido ao estágio sádico-anal. É o primeiro triunfo do Eu sobre as exigências pulsionais.

Segundo Freud, na neurose obsessiva se torna mais evidente que o motor das defesas do Eu é o complexo de castração. O alvo destas defesas recai sobre o complexo de Édipo – tal como analogamente pudemos notar com a análise sobre a gênese da fobia do pequeno Hans. É na situação edípica que emergem as primeiras e mais importantes exigências pulsionais que influenciarão no curso dos processos psíquicos. As neuroses são a prova de que tais pulsões chegam mesmo a exercer influência ao longo de toda a vida do sujeito, sob os mais variados destinos.

Aqui cabe lembrar a diferença que Freud indica existir entre defesa e recalque. Esta é apenas um dos tipos de defesa que o Eu pode erigir, pois há vários outros – a regressão e a formação reativa, por exemplo. Particularmente, estes dois mecanismos de defesa têm, junto ao recalque, papel fundamental na formação dos sintomas na neurose obsessiva. Tudo remonta ao complexo de Édipo ou, mais especificamente, à sua dissolução pelo recalque. Freud nos explica que com a saída do Édipo, advém a consolidação de uma formação reativa cujo papel é bastante relevante na neurose obsessiva: o Supereu. Pela diferenciação desta instância em relação ao Eu, estabelecem-se as barreiras morais e éticas, produtos psíquicos da internalização parental do complexo de Édipo.

Contudo, o trabalho de defesa do Eu na neurose obsessiva não para por aí. A consolidação do Supereu é acompanhada da regressão da pulsão sexual cuja satisfação é rechaçada pelo Eu no complexo de Édipo. Freud esclarece que o Supereu deriva o seu caráter justamente desta regressão libidinal da fase genital à fase sádico-anal. Uma vez a libido regredida à organização anal, o Supereu retira daí as possibilidades de satisfação – pela via do excessivo rigor, autoconsciência, limpeza, severidade e etc.. Segundo nosso autor, estas manifestações revelam nada mais do que o prosseguimento da masturbação infantil outrora recalcada, mas que agora encontra uma possibilidade de *satisfação regressiva*.

Porém, como característico da neurose obsessiva, a ambivalência se revela tão vigorosa quanto deslocada. Isso quer dizer que as vias de satisfação regressiva mantêm-se fundamentalmente contraditórias. Os sintomas obsessivos representam aquilo que da fase genital escapou ao processo de recalque com a dissolução do complexo de Édipo. Por meio das severas restrições impostas ao Eu os sintomas adquirem o caráter de satisfações libidinais *substitutivas*, às custas de muita frustração – o Eu tão restrito se vê forçado a “buscar satisfações nos sintomas” (FREUD, 1926, p. 41).

Por meio deste complexo jogo entre frustração e satisfação libidinal, os fenômenos obsessivos desvelam que foi preservada a ambivalência entre o interesse em manter o caráter masculino-ativo da libido e o rechaço pela sua satisfação na posição feminino-passiva. Esta configuração resulta na conservação do medo da castração – sempre muito iminente na neurose obsessiva – que se revela, por exemplo, nas formações reativas manifestas no excessivo senso de moralidade e escrúpulos. Como bem ressalta Freud,

na neurose obsessiva o conflito é exacerbado em *duas direções*: aquilo que exerce a defesa se torna mais intolerante, aquilo que deve sofrê-la se torna mais insuportável; ambas as coisas por influência do mesmo fator, a regressão libidinal. [...]. [Desse modo] O Super-eu se comporta como se não tivesse havido repressão [recalque], como se o impulso agressivo lhe fosse conhecido em seu teor exato e com seu pleno caráter afetivo, e trata o Eu com base nessa premissa. O Eu, que, por um lado, sabe-se inocente, deve, por outro lado, perceber que tem um sentimento de culpa e carregar uma responsabilidade que não pode explicar para si mesmo. A conduta do Super-eu é inteiramente compreensível, a contradição dentro do Eu apenas demonstra que ele fechou-se para o Id [Isso] mediante a repressão [recalque], enquanto permaneceu totalmente acessível às influências vindas do Super-eu (FREUD, 1926, p. 39-40 grifo nosso).

Com isso, Freud parece nos explicar que existe certa concordância na formação dos sintomas entre as fobias e a neurose, particularmente a neurose obsessiva. Nosso autor ressalta que, em ambas, o início das defesas coincide com o processo de dissolução do complexo de Édipo. Igualmente, o móbil para o recalque é o medo da castração que erige no Eu a forte oposição à realização dos impulsos libidinais emergentes no Édipo.

No entanto, algo marca uma fundamental diferença. Tal como pudemos compreender com a análise do caso Hans, na fobia o medo da castração se revela claramente na angústia ante o objeto fóbico. Isso não acontece na neurose, ao menos, não diretamente. Freud, então, questiona qual o destino dado ao temor de castração que, analogamente à fobia, deve ter seu papel na gênese dos sintomas neuróticos. O que faz com que nas demais neuroses o Eu logre escamotear a angústia?

O primeiro passo no sentido de responder a este questionamento revela uma estratégia já bastante utilizada por Freud em sua investigação: partir de um exemplo extremo para, então, compreender aquilo que é mais generalizado. O mesmo já foi feito na compreensão da formação de sintoma, onde nosso autor parte da fobia para elucidar a neurose obsessiva. Agora Freud nos guia pela sua

investigação sobre a gênese da angústia na neurose traumática para, assim, compreender o seu papel nas demais neuroses.

Até aqui já pudemos compreender que a angústia se fundamenta no temor da castração que emerge durante o complexo de Édipo. No entanto, isso não foi o bastante para elucidarmos de que modo este temor exerce seu papel na gênese da neurose. Apenas sabemos que a formação de sintomas surge como defesa ante o perigo da castração – o que se revela de forma mais clara nos fenômenos psíquicos que acompanham a fobia e a neurose obsessiva.

Para nosso autor, ambas as manifestações clínicas deixam entrever mais nitidamente o jogo de ambivalências que fundamenta o complexo jogo entre recalque, regressão e formação reativa. Assim é porque o Eu tem papel preponderante na fobia e na neurose obsessiva. Por outro lado, na histeria de conversão o Isso é a grande força por trás dos sintomas e demais processos e formações psíquicas. Contudo, nada disso significa que o Isso não exerça influência na neurose obsessiva e fobia, ou que o Eu não tenha papel relevante na histeria de conversão. O que Freud parece querer destacar é que o “palco” da neurose obsessiva é o Eu, ao passo que o da histeria de conversão é o Isso. De certa forma, o retorno do recalado sempre se manifesta no Eu, mesmo que na *bélle indifférence* histérica.

Mas busquemos continuar seguindo o percurso sugerido por Freud. Nosso autor propõe analisar a gênese da angústia a partir da fobia e neurose obsessiva. Em ambas a angústia manifesta sua influência. Na fobia a formação de sintoma remete diretamente à angústia de castração. Já na neurose obsessiva remete à angústia do Eu ante o Supereu, é deste que parte o perigo ao qual o Eu busca subtrair-se por meio dos mecanismos de defesa. Apesar das particularidades, ambos os tipos de angústia são correlatos. Ou seja, a angústia do Supereu nada mais é do que uma continuidade da angústia de castração; mas agora relativa, ou melhor, acrescida de outros aspectos – aqueles sociais e culturais. Assim o Supereu adquire seu caráter impessoal que possibilita o deslocamento da angústia de castração para, por exemplo, as formas de angústia social ou angústia da consciência.

Aqui se interpõe a Freud a necessidade de investigar uma outra neurose não menos relevante, mas que até aqui não havia sido foco de suas análises: a neurose

traumática. É pela sua compreensão que nosso autor inicia seu exame sobre a gênese da angústia e seus distintos tipos.

Como pudemos compreender até o momento, a angústia é uma *reação do Eu* ao perigo (de castração). Ou seja, ela é o *signalizador* de que uma situação de perigo está próxima. Portanto, a angústia é sempre relativa a uma *antecipação* do perigo. Por um lado, o sintoma é erigido com o objetivo de subtrair o Eu à situação de perigo e evitar o surgimento da angústia. Por outro lado, a angústia é a própria reação do Eu ao perigo, seja quando este é apenas iminente, seja quando o perigo está presente.

Mas, inicialmente, a Freud parece que a neurose traumática se apresenta como exceção ao desenvolvimento da angústia como deslocamento do temor da castração. Nesta neurose, os traumas se referem à reação de angústia ante um perigo mortal real, efetivamente vivenciado pelo sujeito – tal é o exemplo observado por Freud nas neuroses de guerra. O que está em jogo na neurose traumática seria a efetiva ameaça à autoconservação, sem que a pulsão sexual exerça influência decisiva na formação dos sintomas.

No entanto, Freud destaca que não podemos nos esquecer da tese sobre o narcisismo. Em 1914, nosso autor esclarece que o investimento libidinal do Eu o situa na mesma categoria dos investimentos objetais. Ou seja, o narcisismo é a prova de que o Eu pode se tornar objeto da pulsão sexual através do destino de retorno da pulsão ao Eu. Se voltarmos nosso olhar para outra perspectiva sobre o mesmo fenômeno, notamos que o narcisismo confirma a natureza libidinal e, portanto, sexual da pulsão de autoconservação do Eu. Uma vez que a própria instância pode ser objeto de satisfação sexual, então seu caráter anteriormente concebido como apenas relativo à autoconservação precisa ser revisto.

Então, a nova dualidade pulsional propõe que autoconservação e sexualidade sejam concebidas como manifestações das pulsões de vida. Em sua contraposição estão as manifestações da pulsão de morte. Freud nos lembra disso para esclarecer que, apesar de fundamentada conscientemente no perigo real à vida, a angústia na neurose traumática não seria exatamente uma exceção às demais angústias destacadas por Freud – de castração e do Supereu.

A angústia traumática é análoga àquela da fobia e da neurose obsessiva. Neste sentido, a angústia da morte se vincula *a posteriori* com a vivência da angústia de castração. Portanto, o diferencial em relação à neurose traumática não

concerne ao tipo de angústia, mas sim às condições para a sua emergência no Eu quando em contato com a situação de perigo.

Ao considerar que toda angústia remete à castração, Freud nos lembra que esta se refere às perdas de objeto pelo Eu. Ou seja, as sucessivas perdas objetais paulatinamente preparam o Eu para a castração. Desse modo, a angústia se caracteriza como uma reação do Eu não a um perigo qualquer, mas ao fundamental perigo da perda ou da separação do objeto. É a partir daí que Freud deriva sua colocação sobre a primeira experiência de angústia derivada da neurose traumática. Para explicá-la, o alicerce de nosso autor é o do *mito do trauma do nascimento*.

Para Freud, a primeira experiência de angústia de todo ser humano remonta ao nascimento, pois este significa a separação entre o bebê e a mãe. De um ponto de vista, a primeira experiência de angústia pode ser considerada relativa à castração da mãe – segundo a antiga equação proposta por Freud: criança = falo. De outro ponto de vista, o nascimento não chega a ser vivenciado como separação, uma vez que a mãe sequer pode ser, ainda, concebida como objeto.

Logo, o mito do trauma do nascimento remete a uma angústia dessubjetivada. Sendo assim, a angústia que aí emerge não significa a perda ou castração. Ela sinaliza um perigo de vida decorrente da separação da mãe, pois o infans é ainda incapaz de prover a satisfação das próprias pulsões. Segundo Freud, as particularidades da neurose traumática derivam da angústia relativa ao trauma do nascimento. Mas, de que maneira isso se relaciona com os demais tipos de angústia que nosso autor apresenta como, por exemplo, aqueles característicos da fobia e da neurose obsessiva?

#### 5.4.4 Os tipos de angústia

Freud percebe que a angústia é um dos temas que mais apresenta contradições. Para elaborar uma concepção geral sobre a angústia, nosso autor propõe defini-la a partir dos distintos aspectos que a caracterizam. Primeiramente, a angústia pode ser definida como um afeto, um estado afetivo cuja manifestação é sempre acompanhada de sensações desprazerosas. Segundo Freud, o *desprazer* é um traço particular da angústia que sempre se relaciona a sensações físicas, particularmente ao funcionamento do aparelho respiratório e do coração.

Portanto, a angústia é um afeto sentido, acima de tudo, corporalmente. Isso a torna o exemplo no qual podemos constatar a participação dos processos de descarga psíquica predominantemente pelas vias motoras. Então, Freud nos propõe compreender as manifestações da angústia em três tempos: emergência do desprazer; reações de descarga por vias motoras *privilegiadas*; e por fim, a percepção consciente destas reações.

Quanto a isso, Freud nota ser a vivência do nascimento o protótipo do estado de excitação da angústia e sua descarga por vias específicas. Ao nascer, o organismo humano precisa preparar a atividade dos pulmões e acelerar o coração para bombear o sangue. Desta perspectiva, a angústia seria a reprodução do trauma do nascimento. Ela surge em resposta a um estado de perigo (de morte) e, então, passa a se repetir sempre que um perigo correlato se apresenta ou para *signalizar* a iminência do perigo.

Com isso Freud deriva duas possibilidades para o surgimento da angústia: uma inapropriada – quando o perigo está presente e, portanto, já não pode ser evitado; e outra apropriada – como sinal para evitar o perigo que pode acontecer. Então, podemos compreender que a angústia se caracteriza fundamentalmente como uma *repetição*, seja como resposta ao perigo ou como antecipação ao perigo. A partir disso nosso autor se questiona o que a repetição da angústia possibilita recordar e reviver psiquicamente. Isto é, o que é elaborado a duras penas através da angústia?

Qual é o núcleo, o significado da situação de perigo? É claramente a avaliação de nossa força em comparação com sua grandeza, a admissão de nosso desamparo em relação a ela: do desamparo material, no caso do perigo real; do desamparo psíquico, no caso do perigo instintual [pulsional]. [...]. Chamemos *traumática* tal situação de desamparo vivida; teremos um bom motivo, então, para distinguir a situação traumática da *situação de perigo*.

Ora, constitui um importante progresso em nossa autopreservação que tal situação traumática de desamparo não seja simplesmente aguardada, mas prevista, esperada. A situação que inclui a condição para tal expectativa pode ser chamada situação de perigo, e nela é dado o sinal para a angústia (FREUD, 1926, p. 86).

Disso Freud nos explica que, a partir das reações do Eu, é preciso distinguir entre trauma e situação de perigo. Quando certa condição remete a uma situação de perigo para o Eu, este reage através da angústia. Nosso autor esclarece que esta é, por um lado, a *expectativa* do trauma e, por outro, uma *repetição* mitigada deste. O que consiste em antecipação ao trauma vincula-se à situação de perigo sofrida pelo



Eu. Já a indeterminação deste perigo, a sua ausência de objeto, se vincula ao trauma do desamparo. São dois lados de uma mesma moeda: o desamparo é antecipado na situação de perigo. É como se o trauma do desamparo fosse elaborado *a posteriori*, por deslocamento na situação de perigo a que o Eu reage com angústia.

A fobia é o exemplo clínico que possibilita entrever outro modelo para compreendermos o que sugerimos denominar como *deslocamento* da angústia, sem alterar suas características afetivas. Aprendemos que, para Freud, a fobia é relativa ao temor de castração que emerge no complexo de Édipo. Sendo assim, a angústia na fobia não se refere *diretamente* ao trauma do nascimento, mas sim a seu deslocamento que o vincula psiquicamente à situação de perigo de castração. Esta distinção insere uma problemática essencial na compreensão sobre o desenvolvimento da angústia. A angústia de castração em seu caráter de repetição seria um deslocamento da experiência de desamparo e completa impotência do infans ante as próprias necessidades e exigências pulsionais.

Por um lado, Freud nos define a angústia primordial como uma reação à separação da mãe no nascimento – reação marcada pela ausência de conteúdo psíquico ligado ao trauma do nascimento. Já a angústia de castração seria uma reação à incapacidade do infans em prover para si o objeto de suas necessidades – na falta do objeto-mãe, emerge a angústia. Desse modo, podemos compreender que a angústia de castração marca uma transição fundamental: o perigo vivenciado economicamente no excesso de tensão pela separação no nascimento passa a ser significado por seu *conteúdo psíquico*. Assim, a percepção do perigo se desprende, em certa medida, da ligação com um perigo à autoconservação. Porém, de que forma ocorre este deslocamento da angústia primordial à angústia de castração?

Primordialmente a condição do infans é de completa dependência da mãe ou de quem exerce esta função. Cabe a ela responder às necessidades do bebê. O que Freud parece nos explicar é que, neste caso, a angústia emerge como reação à falta da mãe, pois somente ela pode responder aos anseios do bebê – “Se o bebê exige ter a percepção da mãe, isso ocorre porque sabe, por experiência, que ela satisfaz rapidamente todas as suas necessidades” (FREUD, 1926, p. 58).

Nesta relação o perigo emerge quando a insatisfação se faz presente. Ou seja, quando a tensão gerada pela necessidade do infans aumenta sem que a mãe se faça presente para satisfazê-lo. Uma vez que é completamente dependente, o

infans reage ao desprazer pela via motora. Isto é, sendo ainda desprovido da autonomia para lidar com suas necessidades vitais, a única resposta possível a um infans é o desenvolvimento da angústia através da descarga do desprazer pelas vias motoras correlatas às do momento do nascimento – alterações nos batimentos cardíacos e na respiração.

Tendo-se constatado que um objeto externo apreensível pela percepção pode pôr fim à situação perigosa que lembra o nascimento, o teor do perigo se desloca da situação econômica para sua condição, a perda do objeto. A falta da mãe torna-se o perigo; tão logo este surge, o bebê dá o sinal de angústia, ainda antes que se instale a temida situação econômica. Essa transformação constitui um primeiro grande avanço no desvelo pela autoconservação, e ao mesmo tempo compreende a transição do automático e involuntário ressurgimento da angústia para a sua deliberada reprodução como sinal de perigo (FREUD, 1926, p. 59).

Assim, podemos compreender que a angústia de castração é um deslocamento da angústia relativa ao trauma do nascimento. Como Freud busca destacar, não se tratam de angústia diferentes entre si, como se fossem relativas a experiências antagônicas. O traço diferencial consiste em que a angústia de castração é uma repetição e, de certa forma, uma *elaboração* do trauma do nascimento, dotando-o de elementos psíquicos simbólicos. Como bem destaca Freud, ocorre uma passagem da angústia de separação da mãe para algo da ordem da sua simbolização na perda objetual. Do desamparo biológico se vai ao desamparo psíquico. Da angústia de separação à angústia pela perda do objeto.

Se [o infans] perde a mãe de vista um momento, age como se nunca mais fosse vê-la, e são necessárias repetidas experiências contrárias, consoladoras, até que ele aprenda que a mãe sempre costuma reaparecer. [...]. A situação em que ele sente a falta da mãe não é, para ele, uma situação de perigo, mas sim traumática [...]. Portanto, a primeira condição para a angústia, que o próprio Eu introduz, é a da perda da percepção [do objeto], que é equiparada à da perda do objeto. [...]. A situação traumática da falta da mãe difere num ponto decisivo da situação traumática do nascimento. Neste não havia objeto que pudesse fazer falta. A angústia era a única reação a ocorrer. Desde então, repetidas situações de satisfação *criam* o objeto que é a mãe (FREUD, 1926, p. 89-90 grifo nosso).

O que nos parece possível entender desta dinâmica de deslocamentos da angústia explicada por Freud, é que uma vez significada psiquicamente, a experiência do trauma do nascimento sofre uma modificação. É a partir desta transformação que a angústia de castração tem suas manifestações distanciadas do conteúdo da experiência do nascimento. Este distanciamento implica em que a angústia de castração já não se refira *diretamente* às condições da angústia

primordial. Resta-nos, então, compreender o caráter das condições psíquicas a que o surgimento da angústia de castração se refere.

Como já pudemos compreender a partir das análises de Freud sobre o desenvolvimento da fobia, a angústia de castração emerge no seio do complexo de Édipo. Aqui, a perda do objeto como premissa para o desenvolvimento da angústia tem, segundo Freud, um alcance maior. O temor da castração também se refere a uma angústia ante a perda ou separação do objeto. Contudo, o fato deste medo emergir no momento edípico regido pela fase fálica, implica já numa subjetivação ou simbolização da angústia de separação. Ela se torna angústia de separação de uma parte do corpo, particularmente os genitais – o perigo é o da castração.

Sabemos que o momento do complexo de Édipo é marcado por um intenso desenvolvimento psíquico infantil. O aparelho psíquico se diferencia em instâncias psíquicas que, certamente, vêm desempenhar o seu papel tanto na trajetória edípica quanto no conteúdo do perigo a que a angústia se refere. A primeira influência psíquica recai justamente sobre o deslocamento da angústia: da perda do objeto materno ao temor da castração – o medo de perder uma parte do próprio corpo. Mas as influências do desenvolvimento psíquico sobre a angústia não param por aí. Freud destaca que é preciso lançar luz sobre o papel do principal derivado do complexo de Édipo: o Supereu. A sua influência não pode ser ignorada, pois se revela o motor para tantos destinos pulsionais sumamente relevantes na compreensão sobre o desenvolvimento da neurose.

Segundo Freud, a força do Supereu também é responsável por um deslocamento no conteúdo da angústia. Assim é porque a angústia de castração vem a adquirir certo grau de impessoalidade que é uma das principais características legadas pelo Supereu. É desse modo que o perigo a que a angústia se refere torna-se cada vez mais indeterminado. Ou seja, da angústia de castração aos seus deslocamentos posteriores pelo Supereu – na angústia social, na angústia de consciência, etc.. – se revela cada vez mais difícil e complexo identificar qual é exatamente o teor da angústia, qual o perigo que impulsiona o seu surgimento no Eu. Tais manifestações chegam a dar, até mesmo, a impressão de uma angústia pela angústia, tamanho grau de indeterminação e impessoalidade que apresenta.

Sugerimos que o que aí se revela é um traço essencial que nos remete diretamente ao poder do Supereu sobre o desenvolvimento dos afetos e demais formações psíquicas. Com a impessoalização da instância parental no complexo de

Édipo, torna-se possível desenvolver tamanho grau de abstração que faz com que as manifestações psíquicas mais variadas – desde a inibição e os sintomas, até a angústia – sofram deslocamentos a ponto de adquirirem o caráter de um enigma que compele à decifração.

Expresso de maneira mais geral, é a raiva, o castigo do Super-eu, a perda do amor deste, que o Eu avalia como perigo e a que responde com o sinal de angústia. Pareceu-me que a variante final dessa angústia ante o Super-eu é a angústia diante da morte (pela vida), o medo da projeção do Super-eu nos poderes do destino (FREUD, 1926, p. 61).

De tudo isso, Freud deriva certa constatação que merece destaque: o Eu é a sede da angústia. Esta é um afeto que somente pode ser sentido no Eu. Disso depreendemos que não há angústia no Isso, pois este não é uma organização psíquica tal como é o Eu. Pela sua proximidade com o mundo externo, somente ao Eu cabe avaliar as situações de perigo e reagir em prol da autoconservação.

Por outro lado, apesar de não haver angústia no Isso, devemos lembrar que a angústia é um processo relativo à elevação ou aumento da tensão psíquica. O fator quantitativo é um dos elementos principais na compreensão sobre o surgimento da angústia no Eu. Esta instância, ao mesmo tempo em que está em contato direto com o mundo externo, também está em contato com o mundo interno. As exigências pulsionais que emergem do Isso podem, em si mesmas, remeter o Eu a uma situação de perigo e fazer com que reaja ao Isso através do desenvolvimento da angústia.

Mas, por sua vez, o Isso também pode levar ao desenvolvimento da angústia de maneira mais direta, sem que o Eu realize seu trabalho de avaliação da situação de perigo. Segundo Freud, esta segunda possibilidade de surgimento da angústia, pela relação do Eu com o Isso, é aquela que se relaciona com o que nosso autor denomina de angústia despropositada ou inapropriada.

Este tipo de angústia surge quando já não é possível evitar o perigo, sendo característica das neuroses traumáticas. Aqui se apresenta uma diferença fundamental quanto à angústia psiconeurótica, pois esta opera como um sinal, uma *antecipação* à situação de perigo para o Eu. Portanto, o que Freud nos ensina é que há uma estreita relação entre o efeito da situação de perigo para o Eu e a neurose posterior. Cada tipo de angústia remete a distintas fases do desenvolvimento sexual infantil. O desamparo psíquico como *sinal* para o surgimento da angústia remonta à condição de impotência e dependência do infans. O perigo da perda do objeto

remonta à angústia de castração que emerge na fase fálica. Por fim, a angústia do Supereu remete à fase de latência, de dissolução do complexo de Édipo – momento no qual esta instância se diferencia do Eu.

No entanto, nosso autor destaca que os diferentes tipos de angústia podem subsistir uns aos outros. Não são excludentes as relações entre as condições para o surgimento da angústia. Cada angústia tanto pode coexistir simultaneamente com as outras, quanto caracterizar uma reação particular do Eu à situação psíquica que enfrenta.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso de investigação sobre os três passos na teoria pulsional nos revelou certas peculiaridades relativas ao conceito de pulsão ao longo da obra de Freud. Primeiramente, a noção de pulsão pode ser lida como mesclada a certa proposição sobre a sexualidade ampliada. Neste primeiro passo, o que se evidenciou sobre o conceito de pulsão foi seu caráter desmedido, excessivo e sintomático. Posteriormente, no segundo passo, entrou em jogo a fundamental cisão que precisamos ter em mente quando nos referimos àquilo que é de ordem pulsional. E tal cisão é o que sobreleva o caráter ambivalente das manifestações pulsionais no contínuo intercurso libidinal do Eu aos objetos e destes novamente para o Eu. Surge o narcisismo como conceito que faz reconhecer e sustentar continuamente a tensão entre o prazer autoerótico e a satisfação pela via da identificação com o Ideal do Eu, do mais primitivo ao mais sublime e vice-versa.

A um passo disso estava o surgimento da instância do Supereu, cujas realizações mesclam-se com aquilo que está para além do princípio de prazer: a pulsão de morte. O caráter ampliado da sexualidade, proposto no primeiro passo, ganhou um novo contorno à luz da nova dualidade pulsional entre Eros e Tânatos. E tal empreendimento foi possibilitado justamente pelo que a noção de narcisismo proporcionou desvelar: a cisão e, portanto, também a ambivalência. Assim notamos que o ponto do qual partimos – buscar destacar os elementos de ambivalência como aqueles que revelam o essencial ao conceito de pulsão – a ele fomos novamente remetidos ao final da teoria pulsional, no seu terceiro passo.

Partindo de um ponto nos foi possível, a partir de determinados textos, compreender como se deu o destino do conceito de pulsão na obra de Freud. Contudo, sabemos que os textos aqui abordados não esgotam nem limitam a compreensão sobre a teoria pulsional, dado que a obra de Freud é vastíssima. O que buscamos apresentar com esta dissertação foi um percurso de investigação que, tal como todo percurso, diz da particularidade do olhar daquele que se propõe o trabalho de investigação.

E a busca pelo destino do conceito de pulsão na obra do Freud nos guiou por determinados caminhos. Em um dos derradeiros textos metapsicológicos encontramos uma indicação sobre qual percurso seguir: os três passos na teoria

pulsional, mencionados por Freud em *Além do Princípio de Prazer* (1920) – a sexualidade, o narcisismo e a pulsão de morte.

As origens da noção de sexualidade ‘ampliada’, fomos buscá-la nos textos cronologicamente mais iniciais que, conforme sugerimos com esta dissertação, já integravam algo da ordem de uma metapsicologia. Ali, encontramos Freud num movimento de revisão e mesmo desvelamento dos limites do saber médico-naturalista de sua época. Voltando o foco de sua atenção para os fenômenos histéricos, nosso autor propõe em 1895 com seu *Projeto de uma Psicologia*, uma particular concepção sobre a estrutura do aparelho psíquico – ou aparelho nervoso, conforme ainda denominava. Tal aparelho opera conforme certa noção quantitativa que relaciona investimento, desinvestimento e superinvestimento psíquico. É relativamente a este último que a noção de sexualidade, pautada numa sintomatologia propriamente neurótica, começa a ser esboçada para ganhar seu contorno psicanalítico pioneiro em 1905, com os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

Neste texto nos deparamos prontamente com a noção de sexualidade como relativa àquilo que excede o âmbito biológico, segundo pautado no seu objetivo propriamente reprodutivo. Os Três ensaios nos serviram para delinear e compreender o que, desde o Projeto, Freud vinha buscando realçar e delimitar como um campo de investigação particular, que exigia certa ampliação da noção de sexualidade considerada até então. Para além da dimensão teórica, tal sexualidade se tornou propriamente psicanalítica a partir de sua relação com uma proposta clínica que vinha, paulatinamente, se instaurando em sua diferença – até mesmo avessa – ao saber médico.

A marca da noção de sexualidade ‘ampliada’ está principalmente, segundo nos parece, no que Freud define em 1905 como ‘zonas erógenas’. Estas designam as partes ou órgãos corporais que, num determinado momento e em certa medida, tiveram seu funcionamento biológico-fisiológico ultrapassado por aquilo que, de ordem pulsional, veio a designar o sexual para a psicanálise. As zonas erógenas são os traços que representam um corpo já todo marcado pelo psiquismo e sua capacidade de simbolização. E a sexualidade ampliada relacionada ao particular funcionamento das zonas erógenas nos apresenta uma outra noção fundamental a este momento da teoria pulsional: o autoerotismo.

O autoerotismo foi o que demarcou a transição para o próximo passo na teoria pulsional, aquele que Freud nos apresenta em 1914 como relativo ao narcisismo. O conceito de narcisismo possibilitou revelar algo da ordem de uma conjugação entre autoerotismo e os ideais – entre o que é mais primitivo e o que é mais ‘elevado’, conforme a designação que o próprio Freud empregou muitas vezes. Contudo, a teoria sobre o narcisismo nos revelou que, para além desta conjugação, ela é também relativa a uma cisão fundamental que marca a existência de um elemento não idêntico a si mesmo. É a partir daí que Freud pensa a própria gênese do psiquismo humano, a gênese da organização psíquica que denominou como *Eu*.

O segundo passo na teoria pulsional se mostrou fundamentalmente amparado na teoria da libido. Ali, o conceito de narcisismo designou o momento psíquico no qual é possível ao Eu se tornar objeto de satisfação das próprias pulsões. E os reveses da libido entre exterior e interior somente se tornaram inteligíveis pelo pressuposto fundamental da cisão que origina o Eu. Ou seja, somente na ruptura que o estado de narcisismo pôde vir a ser alcançado para, tão logo, ser novamente perdido e voltar a constituir o ideal. O segundo passo na teoria pulsional nos revelou, então, de maneira mais clara – mesmo que tão enigmática – que os limites entre exterior e interior são tênues. É preciso reconhecer e manter a perspectiva de que há sempre algo da ordem de uma fundamental ambivalência se se deseja compreender profundamente sobre o que constitui os destinos das pulsões no complexo jogo de idas e vindas da libido.

A tese sobre o narcisismo foi seguida dos artigos metapsicológicos. Dentre estes, foram abordados nesta dissertação aqueles que consideramos fundamentais para compreender o que sugerimos como elemento de passagem do segundo passo para o terceiro passo na teoria pulsional. Foi da análise de *As pulsões e seus destinos* (1915a), que derivamos nossa proposição de pensar a noção de destino em relação ao conceito fundamental ele mesmo. Ali também encontramos a composição metapsicológica de Freud sobre o narcisismo como destino pulsional – o retorno da pulsão em direção ao Eu.

Nos artigos seguintes, sobre o mecanismo de recalque e o conceito de inconsciente em psicanálise – ambos fundamentais para compreendermos a clínica psicanalítica – encontramos uma minuciosa caracterização metapsicológica do referido mecanismo de defesa, bem como das relações dinâmicas, topológicas e econômicas que envolvem a noção de inconsciente. Além disso, algo da ordem do



que viria a ser designado como Supereu – caracterizando uma dinâmica que sobreleva a força da constituição psíquica inconsciente na consciência – já começava a ganhar um contorno metapsicológico que viria constituir um dos alicerces do terceiro passo na teoria pulsional.

Por fim, iniciamos o último passo na teoria pulsional a partir da proposição da pulsão de morte em *Além do princípio de prazer*. E tal proposição culminou na revisão da própria dualidade pulsional que representava o esteio da metapsicologia. Foi no terceiro passo que se consolidou uma guinada, ou mesmo o que poderíamos sugerir como um salto metapsicológico, que vinha se delineando desde o segundo passo na teoria pulsional. Da dualidade entre pulsões sexuais e pulsões do Eu ou de autoconservação, Freud passou à dualidade entre pulsões de vida e pulsões de morte. As primeiras contemplam as manifestações das pulsões de autoconservação, da libido e das pulsões sexuais, ao passo em que as segundas compreendem os fenômenos de compulsão à repetição.

Pudemos notar que a noção de narcisismo foi o elemento chave para compreendermos o terceiro passo na teoria pulsional. Pois foi justamente a libido narcísica que possibilitou entrever o que Freud denominou de ‘amalgamento’ entre as pulsões com desígnios tão contraditórios entre si. Ou seja, o estado de narcisismo expressa tanto manifestações das pulsões sexuais quanto manifestações das pulsões de conservação ou pulsões de morte. O mais exemplar modelo desta mescla estava no par ambivalente masoquismo-sadismo, bem como no mecanismo de repetição. Em ambos os casos se revelou de maneira tão clara quanto obscura e mesmo sinistra, algo da ordem de uma suspensão do princípio de prazer que manifestava, portanto, aquilo que está *para além* deste princípio.

A nova dualidade pulsional implicou também na revisão da dualidade inconsciente-consciente até então considerada. Freud sugeriu que passemos a pensar a dinâmica pulsional em termos de relações entre o *Eu* e o *Isso*. Tal mudança implicou em que a ambivalência fosse reconhecida e levada ao limite, ou seja, reconhecida e sustentada a premissa de que no Eu tanto operam forças conscientes quanto inconscientes. A sua faceta inconsciente que manifesta os mais sublimes efeitos psíquicos, bem como os mais atrozes, é aquela que Freud nos apresentou como o Supereu. Este, nosso autor o elevou à categoria de instância psíquica, juntamente com o Eu e o Isso. O Supereu é a parte do Eu que se diferenciou pelo contato direto com as exigências do Isso, o que o caracteriza como

“advogado” do Isso perante o Eu. Por esta relação o Supereu foi considerado uma parte fundamentalmente inconsciente do Eu, mas que, no entanto, manifesta seus efeitos sob as máscaras da consciência – autopunição, autorecriminações, elevada autoconsciência, etc.. Dessa forma o Supereu se tornou o modelo através do qual o Eu é constantemente medido, para que se torne o seu próprio ideal. Podemos situar aí o elemento fundamentalmente narcisista que constitui a gênese da nova instância psíquica, e que, ao mesmo tempo, também revela ser a base para os mais ferozes efeitos da pulsão de morte.

Na sequência, abordamos as consequências da nova dualidade pulsional sobre o sadismo e, principalmente, sobre o masoquismo. No *Problema econômico do masoquismo*, Freud nos apresentou este fenômeno clínico de base essencialmente narcísica, como o grande exemplo no qual podemos observar a mescla entre pulsões de vida e pulsões de morte. Sua derivação entre os três tipos – masoquismo erógeno, feminino e moral – revelou as características da cisão fundamental que sustenta o conflito de ambivalência entre as exigências pulsionais contrárias.

Diferentemente do que supunha n’*As pulsões e seus destinos*, aqui Freud esclareceu que o masoquismo é originário e não secundário ao sadismo. E seu estado original deriva da pulsão de morte libidinizada, ou seja, já operando amalgamada com a pulsão sexual. A teoria da libido foi aqui fundamental, pois tudo que viemos a reconhecer como masoquismo e sadismo provém do intercurso da libido entre exterior e entre interior. Tais casos foram exemplares, inclusive, para compreendermos os mecanismos de introjeção, regressão e projeção da libido.

Por exemplo, o caráter erógeno do masoquismo derivou da libido empregada com vistas a neutralizar as ações da pulsão de morte que, uma vez projetada na relação com os objetos, pôde ser reconhecida como pulsão de destruição. Tendo esta última sofrido regressão e sendo introjetada no Eu – num movimento caracteristicamente narcísico secundário – ela passou a ser empregada a serviço da função sexual. Portanto, o par ambivalente masoquismo-sadismo revelou algo fundamental para compreendermos as manifestações e mesmo a característica essencial da pulsão de morte: que ela somente pode ser reconhecida na cisão, no jogo entre fusão e desfusão com as pulsões de vida. As pulsões de morte revelam seus desígnios no limite da pura ambivalência e conflito.

Por fim, encerramos o terceiro passo na teoria pulsional com a incursão clínico-metapsicológica de Freud em *Inibição, sintoma e angústia* (1926). A diferença entre inibição e sintoma revelou-se a partir da fundamental cisão entre o Eu e o Isso. Ou seja, ao passo em que inibições estão relacionadas a funções do Eu, os sintomas revelam a força do Isso que rompe a barreira da censura e consegue exercer influência sobre o Eu. E ambos relacionam-se com a angústia no sentido de que esta acompanha, muitas vezes – senão sempre –, as manifestações de inibição e também os sintomas.

Contudo, a análise da angústia se mostrou um tanto mais complexa, porque mobiliza essencialmente as forças da pulsão de morte. Aqui o seu caráter de compulsão à repetição se tornou mais evidente, porque a angústia se revelou como caracteristicamente a repetição de uma experiência ou vivência traumática, tudo isso à revelia da consciência. Por outro lado, a angústia também trouxe novamente ao foco da investigação o caráter fronteiro da pulsão. Freud nos explicou que a angústia é um afeto corporal intimamente relacionado com sensações cardíacas e respiratórias, ao mesmo tempo em que designa um intento de simbolização do trauma através da sua repetição enquanto afeto desprazeroso.

E as vivências traumáticas a que angústia pode remeter são três: o trauma do desamparo, o medo da castração e o medo do Supereu. Entre os três, pudemos notar algo da ordem de uma elaboração psíquica, como se da primeira experiência de desamparo ocorresse uma remodelação psíquica que culmina na forma do medo simbólico da castração. Este, emergido no complexo de Édipo, se revelou a base sob a qual se erigia o medo do Supereu – o ápice da abstração a que uma angústia pode remeter, revelando seu caráter puramente impessoal, sem objeto, como se fosse a angústia pela angústia. É particularmente neste terceiro tipo de angústia que pudemos reconhecer de maneira mais clara aquilo que Freud designou no artigo sobre o Eu e o Isso, relativamente ao caráter do Supereu: que tal instância se revela como pura cultura de pulsão de morte.

Assim, então, dispomos nosso trabalho de investigação sobre o conceito de pulsão em psicanálise. Desta empreitada, derivamos certo destino para o conceito ele mesmo; destino este que foi revelado paulatinamente pelos elementos que vieram a ser elucidados e destacados em cada um dos passos de Freud na teoria pulsional. Para além da elucidação de muitos dos questionamentos sobre o desenvolvimento da metapsicologia, emergiu desta dissertação uma importante

constatação. Pudemos notar que, seguindo a Freud, da sexualidade fomos guiados até a pulsão de morte, passando pelo narcisismo como elemento intermediário entre um passo e outro na teoria pulsional. A partir disso, revelou-se o narcisismo como um pilar fundamental à compreensão da metapsicologia e do conceito de pulsão, particularmente. Talvez seja este o principal legado que pudemos extrair pessoalmente deste trabalho de pesquisa que por tantas vezes se revelou tão complexo e mesmo difícil. Mas, porém, igualmente fascinante.

## REFERÊNCIAS

ASSOUN, P-L. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

CLÉMENT, C. Destin. **Encyclopædia Universalis France** [en ligne]. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/destin/>>. Acesso em: 25 novembro 2015.

DORT, B.; MOREL, J.; VERNANT, J-P. Tragédie. **Encyclopædia Universalis France** [en ligne]. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/tragedie/>>. Acesso em: 8 dezembro 2015.

FONSECA, E. R. **Psiquismo e vida**: sobre a noção de pulsão nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche. Curitiba: Ed. da UFPR, 2012.

FREUD, S. (1893). **Estudios sobre la histeria**. Buenos Aires: Amorrortu, v. 2: 1893-1895, 1992.

FREUD, S. (1895). **Projeto de uma psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos**: volume 1. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, S. (1905). **Tres ensayos de teoría sexual**. Buenos Aires: Amorrortu, v. 7: 1901-1905, 1992.

FREUD, S. (1909). **Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o homem dos ratos”)**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 9: 1909-1910, 2013. *E-book*.

FREUD, S. (1910). **Sobre o sentido antitético das palavras primitivas**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 9: 1909-1910, 2013. *E-book*.

FREUD, S. (1914). **Introdução ao narcisismo**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12: 1914-1916, 2010. *E-book*.

FREUD, S. (1918). **História de uma neurose infantil** [“O homem dos lobos”]. São Paulo: Companhia das Letras, v. 14: 1917-1920, 2010. *E-book*.

FREUD, S. (1915a). **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FREUD, S. (1915b). **A repressão**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12: 1914-1916, 2010. *E-book*.

FREUD, S. (1915c). **O inconsciente**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12: 1914-1916, 2010. *E-book*.

FREUD, S. (1917). **Luto e Melancolia**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12: 1914-1916, 2010. *E-book*.

FREUD, S. (1919). **O inquietante**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 14: 1917-1920, 2010. *E-book*.

FREUD, S. (1920a). **Além do princípio do prazer**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 14: 1917-1920, 2010. *E-book*.

FREUD, S. (1920b). **Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 15: 1920-1923, 2011. *E-book*.

FREUD, S. (1923a). **O eu e o id**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 16: 1923-1925, 2011. *E-book*.

FREUD, S. (1923b). **A organização genital infantil**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 16: 1923-1925, 2011. *E-book*.

FREUD, S. (1924). **O problema econômico do masoquismo**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 16: 1923-1925, 2011. *E-book*.

FREUD, S. (1926). **Inibição, sintoma e angústia**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 17: 1926-1929, 2014. *E-book*.

FREUD, S. (1927). **O futuro de uma ilusão**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 17: 1926-1929, 2014. *E-book*.

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise**: uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MICHAELIS dicionário. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 26 julho 2017.

PRIBERAM dicionário. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>>. Acesso em: 26 julho 2017.

ROMILLY, J de. **A tragédia grega**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ROSSET, C. **La filosofía trágica**. Argentina, Buenos Aires: El cuenco de plata, 2010.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAFATLE, V. A teoria lacaniana de pulsão como ontologia negativa. **Discurso**, n. 36, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38076>>. Acesso em: 5 julho 2016.

SIMANKE, R. O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 12, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v12n1/04.pdf>>. Acesso em: 6 julho 2016.

TAVARES, P. H. Sobre a tradução do vocábulo *Trieb*. In: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

VERNANT, J-P. **Mito y tragédia en la Grecia antigua**. Espanha, Madri: Paidós Ibérica, 2002.